



*Um homem em busca de
vingança. Uma mulher
buscando sobreviver.*

Rede de **MENTIRAS**

AUTORA DA TRILOGIA OS MONTENEGRO
J A S S I L V A





CONHECENDO A DOR

*Toda a infelicidade dos homens
provém da esperança.*

Albert Camus.

MAITÊ

Afastei-me do quarto em que Otávio estava internado, sentindo-me despedaçar. Outra vez. A lembrança de nossa última discussão e de todas aquelas palavras cruéis era pior do que punhais rasgando a carne. Como uma infeliz conhecedora do assunto, eu sabia que a dor, quando física, sanava. O que me preocupava, no momento, era a dor que fugia do controle e se infiltrava dentro da alma. Que se espalhava pelo corpo como o pior dos venenos. Esse tipo de dor não desaparecia de uma hora para a outra. Às vezes, nem mesmo com o tempo. Não era à toa que eu vinha tentando me curar há nove anos.

Levei a mão, ainda trêmula, até o rosto cansado e enxuguei as lágrimas que deslizavam pela pele pálida. A visão turva, agindo como um empecilho para que eu

NACIONAIS - ACHERON

assimilasse o que acontecia à minha volta. Após passar horas sentada em uma mesma posição, adiando o inevitável, eu me encontrava dormente. Esse era o efeito que Otávio tinha sobre mim. Causando-me sempre uma sensação que ia além do desconforto. Foram anos para aprender que suas palavras possuíam a capacidade de ferir bem mais intensamente do que, por exemplo, um tapa dado em algum momento de raiva.

Dessa vez, eu não podia apagá-las da minha mente. Dias se passaram, e eu ainda era capaz de escutá-las. Como sussurros venenosos que se esgueiravam para dentro da minha mente a qualquer momento. Não importava a hora ou o lugar em que estivesse. Elas simplesmente apareciam... arrasando com tudo. Toda a raiva que meu marido passou a alimentar por mim ao longo do nosso casamento só poderia ser fruto de sua própria consciência pesada, ponderei, sem conseguir me desligar do passado.

Aceitar o fato de que Vicente nunca voltou atrás em sua decisão, sequer questionou o que vira naquela manhã, ainda me dilacerava. O homem que amei apenas saiu, deixando-me sozinha para lidar com a obsessão de seu irmão por todos esses anos.

Todo o amor que Otávio disse sentir por mim, a

NACIONAIS - ACHERON

preocupação que demonstrou no momento mais crítico da minha vida... a sua devoção nos primeiros meses de casamento. Tudo se perdeu conforme ele se dava conta de que eu nunca o amaria como amei Vicente. Que tudo o que conseguia sentir, por mais encantador e atencioso que ele se mostrasse na época, era um carinho que logo se transformou em ódio. *Em medo*. Otávio me culpava por não o amar e por não lhe dar filhos. Culpava-me por estremecer a cada vez que insistia em me tocar. Culpava-me até mesmo por Vicente nunca ter voltado para casa. Na cabeça doente do meu marido, *eu* era o problema. O motivo pelo qual seu irmão caçula era incapaz de perdoá-lo.

As acusações despejadas por ele, por vezes, eram tão cruéis e repetitivas, que durante a noite, quando eu deitava a cabeça em meu travesseiro, me questionava se elas não eram mesmo verdade. Se eu não era realmente a culpada de todos os pecados dos quais ele me acusava. Ou se, de alguma maneira, sem perceber, não incentivei o seu amor. Causando toda essa confusão.

Não, eu não havia feito isso.

Qualquer pessoa dentro daquela casa sabia que eu só tinha olhos para um único homem. E que esse homem era o

Vicente. Nós nos amávamos, éramos felizes. E, de repente, tudo desmoronou.

Vicente desapareceu de nossas vidas após a cena trágica que presenciou na casa de seu pai. *Sumiu do mapa*. E mesmo sob os constantes protestos de Otávio, eu ainda tentei encontrá-lo. Fui várias vezes até o prédio em que passou a morar após a perda de sua mãe, apenas para descobrir que ele havia mesmo trancado tudo e partido. Segundo meu marido, nunca houve quaisquer pistas a respeito de seu paradeiro, e, quando indaguei o porquê de ele não parecer preocupado com o irmão, a resposta que obtive foi a de que *Vicente era filho do mundo, desajustado, inquieto... que tinha levado até muito tempo antes de fazer uma estupidez como aquela*.

Desesperada, eu escrevi por semanas, despejei em cada carta todo o meu amor. Rezando pelo dia em que ele retornaria ao apartamento e as leria. Mas Vicente não voltou, e eu nunca descobri o que fora feito delas. As cartas, assim como o meu amor, cessaram meses depois, quando meu mundo desmoronou pela segunda vez e eu perdi uma parte da gente. Uma parte minha.

Com a respiração entrecortada, eu me obriguei a não pensar no que havia se passado. Trazer à tona essa dor seria

demais para mim. O sentimento de impotência era suficiente, e eu não precisava de mais munição para tornar esse momento insuportável.

Será que algum dia eu conseguiria pensar em tudo sem ter vontade de vomitar? Sem sentir o chão se abrir sob os meus pés?

Por todo o caminho até o carro eu permaneci cabisbaixa. Evitando contato visual com quem quer que fosse. Os saltos altos forçando-me a andar mais lento do que eu na verdade gostaria. Após uma noite mal dormida, passada em sua maior parte revirando-me nos lençóis enquanto refletia sobre o meu casamento e o estado de saúde de Otávio, que, após um acidente vascular e uma cirurgia de emergência, se encontrava sedado, eu me sentia vazia. Fingir para os outros que eu me importava com o meu marido era... degradante. Tentei não pensar no tipo de mulher que eu me tornei por desejar me ver livre do homem acamado em um dos quartos desse hospital. Do quão insensível isso me fazia. Mas o ódio que passei a alimentar acumulava-se em meu peito, deixando-me tão doente quanto meu marido era.

Fechada em meu próprio mundo, eu toquei os riscos vermelhos entre os meus dedos. Os arranhões causados pelos

espinhos de uma rosa, presente em um dos arranjos de flores que Otávio recebeu, espalhavam-se pelas dobras dos dedos até a palma da mão. Eu não percebi no momento, mas a força com que a segurei foi tamanha que provocou pequenos cortes. *Quem dera que essas fossem minhas únicas feridas*, lamentei, pensando nas marcas ainda visíveis sob a roupa que eu vestia.

Respirando fundo, saí do hospital e caminhei até a calçada, que foi onde avistei duas viaturas policiais atrás do meu carro, assim como alguns guardas espalhados pelo estacionamento. O que não era incomum, dado o nível de importância que alguns dos pacientes desse hospital possuíam.

Como se pressentisse o que estava por vir, um vento gelado me atingiu em plena primavera, e eu, inconscientemente, procurei pela pequena tatuagem em minha nuca, na maioria das vezes escondida pelo cabelo. Vicente, apesar de toda sua impulsividade, sempre foi romântico. E fazer uma tatuagem foi a maneira que ele usou para dizer que seu amor por mim seria para sempre. O símbolo do *oroboro* emaranhado ao do infinito, marcados em seu peito, representavam o eterno de uma maneira que só nós dois

poderíamos entender: *o fim e o começo, tudo em um único lugar.*

E era assim que Vicente enxergava o nosso amor. Um círculo constante, sem fim. Lembro-me tão claramente daquele dia, do quão feliz e emocionada eu fiquei ao ver nosso amor expresso em uma imagem. E mais ainda, uma imagem que estaria para sempre em sua pele. Lembro-me também das semanas que se seguiram comigo insistindo para que ele desenhasse algo especial para mim. Que tivesse o mesmo significado. O resultado da nossa loucura estava agora em minha nuca: duas longas penas sombreadas e curvas, que, unidas, simbolizavam o infinito.

Expulsando a lembrança da mente e sem entender por que meus instintos entravam em alerta, eu ergui o queixo, deparando-me com a visão de um homem parado a poucos metros de onde me encontrava. O casaco escuro cobrindo o seu corpo foi a primeira coisa que chamou a atenção. A segunda, as botas pesadas e robustas que ele usava. Os braços musculosos, a julgar o ajuste de seu casaco, foram mantidos cruzados em frente ao tórax. E o rosto, até então estranho, fixado sinistramente em mim. Como se ele estivesse esse tempo todo lá, apenas me observando.

Não, não podia ser.

Entendimento bateu quando me concentrei em analisar o seu rosto. Os traços firmes, esculpidos como o de um ser sobrenatural. A barba, antes inexistente, mantinha-se agora cheia e selvagem. Os olhos, que sempre amei com fervor, sombrios. Duros. Escondendo por detrás deles uma infinidade de sentimentos dúbios. A expressão, antes tão apaixonada ao se deparar comigo, não era sequer acolhedora agora. O que eu estava vendo na minha frente não era o garoto apaixonado de vinte e poucos anos que amei. E sim um homem maduro... cheio de rancor.

Sem acreditar, eu forcei as minhas vistas, querendo ter certeza do que meus olhos amendoados enxergavam. Vicente havia mudado tanto e ainda assim eu o havia reconhecido. Acho que antes mesmo de vê-lo meu corpo o sentira. Como era possível?

Meu coração, que pensei estar exausto, disparou com violência. A ânsia que sempre sentia ao pensar na gente voltando com força. Não havia um sinal receptivo que fosse vindo de sua direção. E de uma maneira que não compreendia, o homem parecia rigidamente armado contra mim.

Vicente, no passado, me prometeu o mundo. Muitas e muitas vezes. E nada machucava mais do que saber que esse mesmo mundo que me fora prometido também se foi quando ele partiu.

Estudando-o de longe, ainda assombrada, eu lamentei os anos passados. *Odiei-os ainda mais*. Um olhar em sua direção e eu soube que dentro dele havia o mesmo tipo de descrença que agora existia em mim. Eu havia perdido a fé no amor, mas Vicente, eu não sei se algum dia ele chegou sequer a senti-la. Por que, se tivesse, ele teria me escutado, certo? Não teria me deixado para trás como deixou.

Incapaz de lidar com ele e com tudo o que seu retorno significava, eu voltei o olhar para onde meu carro estava. Perguntando-me se Vicente seria capaz de me alcançar antes que eu conseguisse refúgio dentro do veículo.

Nove anos. Foram nove anos sem colocar os olhos sobre esse homem. E para o meu espanto a emoção era tão crua quanto no dia em que ele me deixou gritando e implorando na casa de seu pai. Tão devastadora quanto.

Com a mente em frangalhos e o autocontrole zero, eu tornei a encará-lo. Os braços firmes já não estavam em frente ao seu corpo. E a sua postura, até então neutra, agora era de

NACIONAIS - ACHERON

ataque. Alarmada, me obriguei a tomar uma atitude e comecei a caminhar. Sentindo o coração saltar pela boca a cada passo dado. Eu não queria estar perto de Vicente agora. Ou ouvi-lo e olhar para ele. Não, eu não aguentaria, seria doloroso demais.

Otávio podia ter sido o homem a esmagar os meus sonhos. A comprimi-los feito lixo e destruí-los. Mas Vicente foi o único a me abandonar. *Essa era a verdade.*

Enquanto me afastava, eu questioneei se não seria melhor correr para dentro do hospital em vez de continuar seguindo pela calçada. *Mas não*, a ideia de passar outra hora que fosse na presença de Otávio me enervava. Então, munida de coragem, eu ignorei os arrepios em minha pele e dei a volta no Range Rover, abrindo rapidamente a porta e acionando a trava de segurança. Vacilei por um mísero segundo antes de reerguer o rosto, temendo o que encontraria, e, quando o fiz, meus olhos bateram direto nos seus. Vicente estava perto... perto demais.

Minha respiração falhou ao me encontrar presa à expressão ferina cobrindo seu rosto. *Presa* àqueles olhos tempestivos que me encaravam por detrás do para-brisa. As mãos, que por tantas vezes afagaram o meu corpo, estavam

agora pousadas no capô do Rover de maneira firme e dramática. Entreabri os lábios, ofegando em silêncio, e liguei o carro após desviar meus olhos dos seus. Nada que ele, por ventura, quisesse dizer faria diferença. Era tarde demais para nós dois.

Dando um passo à frente quando acionei a ré do meu carro, eu percebi que Vicente não me deixaria escapar tão fácil. Felizmente a sua atitude intimidadora chamou a atenção dos guardas ao redor, que acabaram por intervir. Observei com atenção o momento em que o abordaram e Vicente retirou uma carteira do bolso, que poderia facilmente ter sido um distintivo. O gesto bastou para que os policiais relaxassem, tratando-o até mesmo com respeito. Um sorriso cínico se formou em seu rosto quando ele se voltou para mim e eu percebi que, se fosse para escapar, teria que ser nesse momento.

Ignorando a todos, eu puxei meu carro para frente, saindo da vaga, e acelerei pela rua estreita. Permitindo que o ronco do motor potente ressoasse em meus ouvidos, abafando os gritos de pesar e saudade que zuniam dentro de mim. Enquanto dirigia eu não olhei para trás, sequer respirei direito. Não quando as perguntas fervilhavam feito teias perversas em

PERIGOSAS

minha cabeça.

*Por que Vicente estava de volta? E quem o havia...
alertado sobre Otávio?*

NACIONAIS - ACHERON

CONHECENDO A RAIVA

*Antes de sair em busca de vingança,
cave duas covas.
Confúcio.*

VICENTE

— Prometa, Vince — Maitê exigiu ávida, comigo ainda enterrado entre as suas pernas após o gozo. As ondas revoltas e castanhas de seu cabelo espalhando-se pelos meus ombros enquanto ela me fitava como se eu fosse o único homem na face da Terra. E, miséria! Eu seria capaz de qualquer coisa para manter esse olhar em seu rosto.

— Eu prometo — disse com sinceridade, ao passo que minhas mãos insaciáveis deslizavam pelas coxas grossas, deliciosamente abertas sobre o meu quadril.

— E o que mais? — Ela sorriu provocante, inclinando-se para ouvir minhas palavras. Os seios, empinados e generosos, como tudo nela, esfregando-se em meu peito de propósito. — Eu quero ouvir tudo.

NACIONAIS - ACHERON

Ela sempre queria, *pensei fascinado*.

— *E que... eu nunca irei deixar de te amar, minha pequena. Eu sou seu — sussurrei em seu ouvido, apreciando a maneira safada com que seu corpo reagiu. Meu membro, antes saciado, ganhou vida novamente. Ficando duro dentro de sua boceta, preenchendo-a inteira.*

— *Assim como eu sou sua, meu amor — ela murmurou de volta, roçando os lábios sensuais em meu pescoço. Cobrindo-nos com mechas e mais mechas de seu cabelo revolto. — Para sempre, Vince. Eu juro. — A voz abafada, rouca de tesão, me enfeitiçou.*

Deixou-me cego para as suas mentiras... concluí ao despertar do pesadelo. As lembranças do que vivemos juntos se misturando ao presente enquanto o som do alarme, ao meu lado, obrigava-me a abrir os olhos. Sem paciência, interrompi o barulho incômodo apenas tocando na tela do celular. O silêncio que se seguiu no quarto do hotel fez com que a memória que havia me assombrado ganhasse vida. Fazendo-me perder a cabeça por ainda ser capaz de sentir o seu cheiro.

Se eu apenas exalasse o ar mais profundamente conseguiria inalar o aroma quente de sua pele. *Febril*. O cheiro de sua carne suada... do seu gozo. Maldição! Não

NACIONAIS - ACHERON

importava o quão longe eu tenha chegado ou as fronteiras que nos tenham separado, o cheiro de Maitê me perseguia. *Provocando-me, chamando-me*. Acabando com a minha paz.

Soquei o travesseiro, sabendo que o momento de arrancar aquela mulher de uma vez por todas da minha vida se aproximava. Depois de todos esses anos eu estava mais do que pronto para dar um fim a essa história.

Foi com essa certeza que pulei da cama e atravessei o quarto. Expondo com desgosto uma ereção de todo o tamanho. Meu pau estava duro, miséria! Enquanto eu, bem, eu estava contrariado por deixar que o tesão provocado pelo sonho causasse *esse tipo* de reação. Eu poderia me aliviar, envolver a extensão do meu pau até extrair cada gota do meu gozo, mas eu me recusava a repetir o erro. Pensar nela enquanto me proporcionava prazer foi algo que fiz muitas vezes, ao longo dos anos, e que sempre me fazia sentir como o maior idiota de todos os tempos. Afinal, eu me masturbava pensando na esposa do meu irmão. Na maldita que havia me traído.

Sentindo-o endurecer ainda mais, empunhei o comprimento grosso por alguns instantes, massageando-o

enquanto a mesma necessidade de sempre percorria as veias saltadas. O desejo violento que pensei ter controlado pareceu ressurgir das cinzas, alastrando-se feito fogo por todo o meu corpo.

Aquela mulher era como uma praga, pensei, correndo o risco de soar patético, e afastei a mão do meu pau. Negando-me o maldito alívio.

Pela primeira vez em bastante tempo permiti que minha mente corresse solta. Nove anos atrás, Maitê foi todo o meu mundo. A única até hoje a me causar uma comoção que ia além da inquietude.

A garota de olhos cor de mel e um sorriso devastador, de tão sensual, foi a razão pela qual permaneci ao redor quando a vontade que sentia era a de jogar uma mochila nas costas e pegar a estrada. Explorar o mundo como todo jovem irrequieto ansiava fazer. Vontade essa que aumentou após o falecimento da Sra. Moraes, minha mãe. Mas por conta de Maitê, eu fiquei. Dediquei-me às aulas de direito e continuei a visitá-la na casa da minha família a cada hora livre que possuía, mesmo que *estar em casa...* fosse a última coisa que desejasse fazer.

Sem paciência, eu me obriguei a focar no presente e

NACIONAIS - ACHERON

relembrei o telefonema do advogado de Otávio. Era quase madrugada quando Marcelo ligou. Quebrando com essa atitude uma *guerra silenciosa* de anos. Reconheci, é claro, o código de área, e antes mesmo de atender, desconfiei de que se tratava de um telefonema trazendo notícias sobre a família que passei os últimos anos fingindo não existir.

A notícia de que meu irmão, o filho da puta que roubou minha mulher, se encontrava em coma, caiu como uma bomba sobre a minha cabeça. Marcelo, por sua vez, justificou o telefonema como sendo um dos últimos pedidos que seu cliente fez antes de entrar na sala de cirurgia. A bem da verdade, nem mesmo o advogado fazia ideia do que ele poderia querer comigo. Tudo o que sabia era que meu irmão exigiu que eu estivesse lá quando ele acordasse. Nenhum dos dois, no entanto, considerou a hipótese de que Otávio talvez não resistisse.

Não vou negar, eu não era alguém que esquecia fácil ou que cresceu acostumado a frear os instintos. Quando sentia algo, eu sentia para caralho. Fosse amor ou ódio. Nada em mim era neutro, meio-termo. Se não fosse para me desafiar por completo, eu nem começava. E por mais que tivesse princípios firmes sobre o que era ou não correto, nos dias de

hoje, eu não pude evitar ser dominado por um único anseio.

Um que, por sinal, eu vinha alimentando há bastante tempo.

Pensar em Otávio me levava a fazer o mesmo em relação a nosso pai. O velho sempre foi um carrasco em relação a mim. Nunca satisfeito. Exigindo-me um comportamento que fugia de quem eu era. Elogiando e gabando-se de meu irmão mais velho e sua prezada subserviência.

Ainda assim, abrir mão de tudo o que conhecia não foi das decisões mais fáceis que tomei na vida. O tempo, senhor de todas as verdades, mostrou que eu estava certo e, um ano após cair no mundo, usando parte da herança deixada por minha mãe, eu dei fim ao meu autoexílio, disposto a colocar Maitê e Otávio contra a parede.

Parte do tempo em que estive fora do país foi gasto questionando os motivos deles. E, juro, eu precisei de cada minuto, cada maldito segundo daqueles dias para colocar a cabeça de volta no lugar. A surra que havia dado em Otávio antes de partir não foi bonita, e eu desconfiava de que, se tivesse pisado na cidade antes de estar preparado, a merda teria ficado feia. Então eu aguardei. Forcei-me a acreditar que estava tendo a aventura da minha vida enquanto tentava

arrancar Maitê do meu coração.

Até que o momento chegou, e eu voltei, apenas para descobrir que a mulher que amava estava casada com o filho da puta a quem eu chamava de irmão. Foi impossível não me sentir traído de novo. Como se a mesma maldita faca rasgasse o mesmo corte. Uma ferida nessa proporção e com essa profundidade não tinha cura. Sequer conserto.

Naquele dia, eu escutei *a verdade* da boca do próprio Otávio. Que contou com um orgulho doentio sobre o seu casamento. Escutei-o falar sobre como a minha garota agora o fazia feliz. E do quanto o meu pai, que sempre se mostrou contrário ao meu envolvimento com Maitê, estava satisfeito com aquela união. O miserável passou a mensagem de que eu não era bem-vindo de uma maneira tão direta e clara, que até um idiota teria entendido.

Com a calma que sempre mostrou ter, Otávio me pediu para esquecer o passado e seguir em frente. Para o meu irmão, não importava se eu estaria ou não de volta à cidade, desde que fosse capaz de entender que Maitê agora era dele. Que nada que eu fizesse mudaria essa realidade. Eu poderia tê-los obrigado a engolir a minha presença, mas, na época, não havia estômago para ver os dois juntos. Muito menos para

bater de frente com o miserável do meu pai.

Então eu saí de cena, decretando-os mortos para mim.

Junto com essa certeza, nasceu a determinação de que só voltaria a pisar em São Paulo obrigado, ou pior, dentro de um caixão. O que para muitos parecia um ato drástico. Até mesmo estúpido. Para mim, que me encontrava atrelado a um redemoinho de emoções destrutivas, foi a única salvação.

Mais maduro do que quando parti na primeira vez, eu transferi o meu curso para outro estado. Vendi o apartamento deixado por minha mãe e não sosseguei até me estabilizar profissionalmente. Estudei, me formei. E meses após ser nomeado delegado federal, eu me juntei à equipe da superintendência de Brasília, que era onde eu atuava, desde então.

Mesmo com a suspeita de que Otávio tivesse mantido um olhar em meu encalço por todos esses anos, eu resisti ao impulso de cometer o mesmo delito, me negando a investigar aqueles que deixei para trás. E até receber a fatídica ligação, a última coisa que planejava era voltar a colocar meus pés nesse inferno de lugar.

Após o telefonema eu levei poucas horas para comunicar

o meu superior de que sairia do estado. Eu estava mesmo fora da ativa no momento, por conta, unicamente, das ameaças que vinha recebendo depois que concluí a operação que resultou na prisão dos principais cabeças de uma quadrilha envolvida com tráfico de drogas e lavagem de dinheiro. Por cautela, fui aconselhado a pegar três meses de licença ou, então, a aguardar até que tudo se normalizasse.

Querendo me armar para o que encontraria *em casa*, eu me inteirei acerca de tudo o que havia ignorado até então. Hoje, Otávio era quem presidia a construtora da família. O que era esperado, dada a sua devoção a EMC¹ desde que assumiu seu primeiro cargo na construtora fundada por nosso pai. O casamento de Maitê com ele era visto como sólido pelos amigos próximos, e fora isso não havia nenhuma informação relevante. Nem sobre o casal, muito menos sobre *ela*. Era como se a garota sempre em busca de atenção, cheia de planos e luz própria houvesse apagado ao lado do meu irmão. *Desaparecido*.

Instantes após desligar o chuveiro e enrolar uma toalha no quadril, eu encarei meu reflexo no espelho. A atenção fixa no que restava da tatuagem parcialmente coberta sobre o peito. Ela havia mudado, assim como os meus

sentimentos. Toquei com raiva o que um dia foi uma prova de amor e franzi a testa ao ser bombardeado, outra vez, pela visão de Maitê parada naquele estacionamento.

Miséria! Pare de se torturar, homem.

Impossível, a voz irada dentro de mim rebateu. *Impossível*.

Foram tantas as vezes em que imaginei o dia em que colocaria meus olhos sobre ela novamente. O que não esperava era me sentir da maneira como senti. Não pensei que o ódio seria substituído por esse sentimento que agora me corroía por dentro. Que me deixava em carne viva.

O cabelo castanho, como se o sol o tivesse banhado, já não era como eu lembrava. Estavam mais curtos e sem as ondas nas quais eu tinha um enorme prazer em me perder... *ou em agarrar e puxar*. O rosto, sempre alegre e convidativo, parecia esgotado. Os traços gentis foram substituídos por linhas finas e sutis. O corpo, ah, o corpo. Ele havia amadurecido, assim como a dona o fizera. Suas curvas salientes e despreocupadas, no entanto, pareciam contidas. Comprimidas por dentro do vestido comportado, que apenas acentuava a lascividade que lhe era natural.

O que evidenciava a diferença entre ela e as mulheres que passaram pela minha cama nos últimos anos, pensei frustrado. Todas excessivamente magras e loiras. Essa foi a maneira que encontrei de não as confundir, de não ser pego gemendo o nome *da desgraçada* no meio do sexo com outra mulher. Eu precisava lembrar que não era Maitê que estava fodendo, mesmo que minha mente insistisse em fazer comparações. A. Cada. Maldita. Vez.

Pensar nela e em sexo, tudo em um mesmo pacote, trazia o velho Vicente à tona. O homem ciumento, explosivo... passional. Foram anos esforçando-me a ignorar o fato de que ela agora pertencia a outro. Mas tentar, por vezes, não era o suficiente. E quando a imagem dela deitada ao lado do meu irmão ressurgia, todo o esforço caía por terra.

Chega! Isso não podia continuar.

Eu faria o que tivesse que fazer e superaria essa merda. O momento de dar o troco havia chegado e, por ora, era tudo o que importava.

ARREPENDIMENTO

Não me deixe ir, posso nunca mais voltar.

Clarice Lispector.

MAITÊ

Escutei o que o médico dizia, absorta demais para realmente estar prestando atenção. Temendo, lá no fundo, captar em meio ao que era dito uma estimativa positiva quanto às chances de Otávio sair do coma em que entrou após a cirurgia. Quatro dias atrás, após passar mal, meu marido deu entrada nesse hospital com fortes dores de cabeça e uma suspeita de AVC. Exames foram feitos e os médicos chegaram à conclusão de que seu o acidente vascular não era dos mais comuns, e sim um hemorrágico. O que o levou para a mesa de cirurgia horas depois. A rapidez com que a equipe médica agiu, no entanto, não impediu que Otávio perdesse a consciência. E era exatamente esse o tema da discussão que estávamos tendo com o neurocirurgião agora.

De tempos em tempos, eu afastava o olhar da estante de
NACIONAIS - ACHERON

livros e observava em silêncio os dois homens sentados ao meu lado. À minha esquerda, estava o advogado do meu marido. E à minha direita, o meu sogro, que de uma maneira que eu ainda não compreendia, mudara da água para o vinho desde que o filho caçula saíra de casa.

Não era segredo que os dois possuíam suas diferenças e que o Sr. Moraes sempre se mostrou contra o nosso envolvimento. Contrariedade essa que prosseguiu em minha relação com o Otávio. Pelo menos a princípio.

Mesmo com sua inabilidade para lidar comigo, o que me fez distante, foi impossível ignorar a maneira lastimável em que meu sogro decaiu. Homero já havia sofrido um golpe duro, anos antes, com a perda da esposa, e a partida impensada de Vicente só o deixou mais vulnerável. Sua angústia se tornou tão tangível, que, por vezes, eu me peguei imaginando se ele não se arrependia da maneira severa com que sempre tratou o filho. Das discussões exacerbadas, das cobranças e comparações absurdas...

Hoje, nossa relação não era esquiva como fora no passado. Eu me compadeci de sua dor ao perceber que ela era semelhante à minha. Assim como meu sogro, eu lamentei a perda de Vicente. Chorei por ele. *Achei que fosse morrer de*

tanta tristeza. Homero, por sua vez, se viu tão abalado, que, semanas após o desaparecimento do filho, sofreu o seu primeiro infarto. O acúmulo de horas excessivas de trabalho junto às perdas e à tensão que havia se instalado dentro daquela casa foram motivos suficientes para que sua saúde ficasse debilitada. O segundo infarto veio meses após o meu casamento. O que levou Otávio a afastá-lo de vez da construtora, deixando os cuidados de seu pai sob minha responsabilidade.

Desgostoso, Homero se viu obrigado a engolir minha presença, que passou a ser constante em sua vida. Até que, por fim, o inaceitável se tornou indispensável. O resultado da nossa convivência *forçada* foi o carinho que passamos a nutrir um pelo outro. Comovida com o pensamento, procurei pela mão do meu sogro e a apertei. Demonstrando o meu apoio.

Nós poderíamos ter desejos diferentes ao que se referia a Otávio, mas isso não significava que eu não compreendia pelo que ele estava passando. Porque eu compreendia. A diferença era que, dessa vez, eu não compartilhava de sua dor.

Sentindo-me culpada, não só pelo pensamento como também por ter escondido do Homero o *meu encontro* com Vicente, no dia anterior, eu afastei meus olhos. Controlando a

vontade que crescia a cada minuto de me levantar e sair porta afora. Como eu iria dar essa notícia a ele? O coração de meu sogro não era dos mais fortes, essa, aliás, era a razão pela qual Otávio permaneceu na casa do pai, em vez de se mudar, após o casamento. Há anos nós vínhamos tomando cuidado para não causar preocupações ao Sr. Moraes. Privando-o de emoções fortes e grandes abalos. Se ele estava aqui agora, sentado ao meu lado, era porque havia sido teimoso em demasia esta manhã.

Não percebi que minha desatenção era aparente aos que estavam na sala até que Marcelo, o advogado e melhor amigo de Otávio, pigarreou do meu outro lado.

— O neurocirurgião precisa de sua assinatura, Maitê. — Assenti de maneira mecânica, pegando a caneta que ele me ofereceu e lendo a autorização de reanimar o paciente, caso fosse necessário.

Por fim, sentindo-me enclausurada, pedi licença aos três homens e me levantei. Eu não precisava escutar os detalhes técnicos para saber quais eram os riscos se meu marido continuasse sem sinais de alteração neurológica. E muito menos escutar garantias, não quando a mera ideia de voltar a compartilhar a cama com Otávio me aterrorizava.

— Maitê — Marcelo chamou atrás de mim, fazendo-me virar antes de seguir rumo ao andar da UTI. — Esse não é um bom momento para que você visite o Otávio.

Eu o observei, querendo entender... até que um buraco se abriu em meu peito ao constatar que só poderia ter sido ele a chamar Vicente. E que meu asqueroso e mentiroso marido, provavelmente, sempre soube onde estava o irmão. A ânsia de vomitar fez com que minha garganta se fechasse. E se antes eu me achava incapaz de sentir remorso por Otávio estar naquela cama, agora, o mínimo de pesar que existia dentro de mim se viu extinto.

— Seu cliente... — Minha voz oscilou, mas eu permaneci de queixo erguido. — Ele é um ser desprezível, Marcelo, assim como você! — despejei nervosa, ainda assimilando o que havia acabado de descobrir.

Meu Deus, foi por isso que ele se manteve tão tranquilo... Otávio não só ignorou a minha dor como também mentiu para mim. Permitiu que eu passasse por todo aquele inferno sozinha.

Tremendo dos pés à cabeça, eu o encarei, quase não contendo o impulso de agredi-lo até ser capaz de transferir para ele a minha própria dor. O canalha na minha frente era

NACIONAIS - ACHERON

próximo do meu marido e tinha acesso a todos os seus segredos. Tanto que foi a única pessoa que Otávio autorizou a entrar em seu quarto antes da cirurgia. Se não fosse o bastante, ele também sabia a respeito das constantes discussões que eu e seu amigo travávamos entre quatro paredes. *Longe dos olhos e ouvidos de todos.*

Eles trabalhavam tão bem juntos, que, na vez em que ousei dar entrada nos papéis de divórcio, ambos me atacaram sem dó. Foram impedimentos atrás de impedimentos, difamações e acusações infundadas. Eu lutei o quanto pude, insisti, convencendo-me de que qualquer coisa era melhor do que o que eu passava nas mãos daquele monstro. Quando achei que finalmente estaria livre, que meu marido não tinha outra opção, que não a de me deixar partir, Otávio colocou a cartada final sobre a mesa.

O desgraçado jogou sujo comigo, dizendo que se eu insistisse na loucura de me separar, ele faria com que Homero descobrisse a verdade por trás do acidente que sofri anos atrás. Que faria com que a única pessoa com quem eu realmente me importava me odiasse. Além, é claro, de arruinar a minha carreira. Ameaçando tudo o que eu mais prezava nessa vida.

— Eu estou apenas fazendo o meu trabalho, Maitê — disse daquele jeito desprezível, forçando uma intimidade que me causava asco.

— Essa sua cara de bom moço já não me engana — rebati com a voz baixa. Nem por isso menos hostil. — E eu espero, do fundo do meu coração, que o desgraçado que você chama de amigo tenha o que ele merece, e que seja rápido...

— Otávio está cercado pelos melhores neurocirurgiões do estado, contenha suas expectativas, sim? — falou confiante, por pouco não me tocando.

Eu odiava sempre ter que me esquivar na sua presença.

— Cirurgião nenhum será capaz de salvá-lo da justiça divina. Talvez o momento dele tenha chegado. — *Era a essa possibilidade que eu me agarrava.*

Antes que pudesse rebater minha resposta malcriada, a porta ao nosso lado foi aberta e o advogado se afastou, reassumindo a postura profissional e olhando por cima dos meus ombros.

— Está tudo bem, querida? — o Sr. Moraes perguntou, colocando-se ao meu lado.

— Sim, eu estava apenas pedindo um favor ao Marcelo

— respondi, com uma calma que não sentia. — Otávio deixou sobre a mesa vários projetos que precisam ser iniciados com urgência, e eu preciso me reunir com o Sr. Álvares e delegar a ele algumas de minhas funções. — Pelo menos parte delas, já que eu não pretendia me afastar da construtora. Não quando meu trabalho era um dos meus refúgios. — Isso, é claro, se o senhor não se importar de voltar antes de mim.

Homero encarou o homem à sua frente por alguns instantes, avaliando-o de maneira firme, e depois se voltou para mim.

— Não se exija tanto, Maitê, porque os próximos dias serão extenuantes. — Reprimi um suspiro, assentindo devagar. — Se reúna com o Sr. Álvares e vá para casa para que eu possa dar uma olhada nesses projetos. Isso irá me distrair e diminuir parte do seu trabalho — ele sugeriu, a voz um pouco mais elevada pela oportunidade de voltar à ativa, mesmo que por poucas horas.

Sem mais o que dizer, Homero tocou minhas costas e se despediu, aconselhando-me a prestar atenção ao trânsito e a não me exceder na velocidade.

Com Marcelo sendo obrigado a acompanhar o Sr. Moraes, eu permaneci por alguns instantes congelada naquele

NACIONAIS - ACHERON

corredor de hospital, enquanto me decidia sobre o que fazer. A bem da verdade, subir até o quarto de Otávio, sabendo que Vicente estaria lá, seria suicídio. Meus pés, no entanto, pareceram ignorar as circunstâncias e tomaram a decisão por mim. Quando me dei conta, estava enfurnada no elevador cheio de enfermeiras, rumo ao quinto andar.

VICENTE

Sentado em uma das poltronas do quarto, eu mantive o olhar fixo no homem ligado a aparelhos sobre o leito, enquanto me inclinava para frente, adotando uma postura rígida. Desde o instante em que passei pela porta, há poucos minutos, meu corpo parecia aprisionado ao passado. A imagem de Otávio na última vez em que o tinha visto penetrou minha memória, trazendo *flashes* de lembranças à margem.

Após fugir de Maitê e dos seus gritos, que imploravam para que eu a escutasse, eu e meu irmão tivemos um pequeno embate. Otávio me seguiu com seu carro até a Nove de Julho², interceptando-me em frente ao meu apartamento, apenas para pedir que eu recuasse. Que desse a Maitê um

NACIONAIS - ACHERON

tempo e não forçasse *a coitada* a tomar qualquer decisão. A única resposta que obtive de mim foram os socos que deixei em sua cara. Eu havia perdido a cabeça, e se não tivessem me segurado e afastado de Otávio, duvido que teria tido controle suficiente para parar.

Com um esforço cavalgar eu respirei fundo e tentei manter as velhas emoções sob controle. *Pense em como seu irmão está...* repeti as palavras com a esperança de que, assim, viesse a lamentar. Ao menos me comover. Marcelo havia conversado comigo esta manhã e explicado quais eram os riscos corridos por seu cliente. Agora veja, quando eu iria imaginar que Otávio, aos 35 anos de idade, passaria por uma merda como esta?

Eu não posso dizer quais são as chances de seu irmão, Sr. Moraes, mas, dada as circunstâncias, meu dever é tentar dissuadi-lo a voltar. Otávio foi categórico em seu pedido... e insiste em vê-lo assim que for possível.

Insiste em vê-lo. Como se Otávio tivesse direito de *insistir* em qualquer merda que fosse. Se eu me encontrava em seu quarto nesse momento, era porque o meu lado mais frio e egoísta me convenceu de que esse era o momento de obter um maldito encerramento.

Sentindo a cabeça pesar, eu me levantei e andei de um lado ao outro pelo quarto. Com a rotina extenuante e imprevisível que tinha ao trabalhar na Delegacia de Repressão e Entorpecentes³, eu era acostumado a estar sob pressão. Estar tenso e em um ambiente pouco amistoso não era novidade para mim. Confesso, até, que ansiava pelo esgotamento que o trabalho oferecia. Manter-me ocupado, focado nas investigações amontoadas sobre a mesa da divisão era parte fundamental da minha vida. Era o que eu havia me tornado.

Os anos trabalhando na minha superintendência e os conselhos de meus superiores acabaram por me tornar um homem observador. Centrado. Eu aprendi a colocar *ordem na casa* e fazer um melhor uso dos meus impulsos. Infelizmente, todo o controle que passei a dominar desaparecia quando se tratava do passado. Tanto que, desde o telefonema de Marcelo, eu havia voltado a me sentir na borda. Rumo à autodestruição. Minhas emoções estavam à flor da pele, e nenhuma delas era o que poderíamos chamar de *boas*.

Pela primeira vez desde que entrei nesse quarto eu me vi sentindo remorso. Acredito que até mesmo culpa. Quando criança, Otávio e eu éramos o que podíamos chamar de inesperáveis. Na época, nossas diferenças não causavam

problemas dentro de casa, éramos apenas dois garotos com o único intuito de se divertirem. Com o passar do tempo, porém, cada diferença que tínhamos foi se tornando um muro alto entre nós dois. E com a preferência clara de nosso pai, o distanciamento foi inevitável. O Sr. Moraes passou a ser condescendente ante as peripécias de Otávio e completamente avesso às minhas. Sempre exigente, meu pai fazia o tipo crítico. Perfeccionista. E, para ele, o meu *temperamento desvairado* era algo inaceitável em sua casa.

Centrado como eu estava em meu irmão e nas lembranças, eu demorei a perceber que duas enfermeiras entravam no quarto. Uma delas caminhando direto para o painel digital que registrava o seu batimento cardíaco e outras informações importantes, enquanto a outra verificava a medicação intravenosa.

— Há quanto tempo ele está assim? — perguntei a uma delas.

— Não completaram 72 horas ainda, o que nos faz ter esperança. Os primeiros dias são... fundamentais para a recuperação neurológica do paciente.

— Você quer dizer que as chances de ele acordar são maiores nesses primeiros dias, certo? — Ela assentiu, com um

NACIONAIS - ACHERON

sorriso ensaiado. Que com certeza dava a muitos familiares.

— Mas não se preocupe, o seu irmão é um homem jovem. A equipe médica está confiante.

Dessa vez, eu fui o único a assentir. Perguntando em seguida a respeito do horário de visitas permitida a UTI. Querendo descobrir por que não havia ninguém, além de mim, o visitando hoje.

— Os horários de visita são bem restritos para pacientes na unidade intensiva. O pai dele costuma vir todos os dias, assim como o advogado. Mas é uma etapa clínica difícil. Muitos não conseguem acompanhar o paciente nesse momento, entende? A esposa dele, por exemplo, ela... tem certa dificuldade em ficar no quarto — confidenciou, sendo descaradamente indiscreta.

— Dificuldade? Por quê? — A auxiliar que segurava o braço do meu irmão levantou o rosto e me encarou, notando a curiosidade nem um pouco velada.

— Não faço ideia, tudo o que sei é que ela passa a maior parte do horário de visita apenas olhando aqui para dentro. — A enfermeira apontou para a janela fechada por persianas. — É um pouco estranho, se o senhor quer saber. Mas quem sou

eu para entender o que se passa na cabeça de cada um, não é mesmo?

Outra vez, eu me vi assentindo, concordando, enquanto questionava os motivos pelos quais, de acordo com a enfermeira, Maitê relutava em estar com o próprio marido.

Fui deixado sozinho com uma montanha de questionamentos e dúvidas que nada tinham a ver comigo. Ou assim tentei me convencer. Após soltar uma longa e frustrada baforada, eu dei uma última olhada no homem sobre a cama e me afastei. Disposto a esquecer a morbidez desse lugar e ir tratar de um outro assunto indesejado: meu pai.

Prevendo a discussão acalorada que teria pela frente, eu reuni a chave e a carteira, jogadas sobre a poltrona, e entreabri a porta, absorto demais em minha própria desordem para não levar um choque ao me deparar com Maitê, estática, em frente à porta.

Fiquei preso ao momento em que ela deu um passo atrás ao me reconhecer, os enormes olhos, tão profundos quanto mel derretido, arregalando-se em choque e uma outra emoção que não conseguia identificar. Cortei a distância, agindo por instinto, e fechei a porta, nem um pouco seguro de minhas intenções. Meu olhar varreu o seu rosto ao mesmo tempo em

NACIONAIS - ACHERON

que eu diminuía a distância entre nós dois, fazendo-a emitir um som muito parecido com o de um ofego. Seus olhos, se possível, abrindo-se ainda mais enquanto ela encolhia os ombros em um gesto defensivo.

Maitê estava com medo de mim?

Exalei o ar pesado que cresceu ao nosso redor e passei os dedos pelos fios do meu cabelo. Vendo-a se abraçar desconfortável, as mãos delicadas apertando sua própria cintura. Foi nesse momento que eu percebi que a maldita usava uma camisa que não deixava muito para a imaginação. De cor branca e com um tecido quase transparente, a blusa seguia alinhada por dentro da saia apertada. Qualquer olhar mais curioso derraparia fácil na indecência que eram as suas curvas e, pior, no contorno nítido que os seus seios, mal cobertos pelo sutiã, formavam sob a transparência.

O nó preso na garganta desceu rasgando ao sentir o desejo fodido dar as caras. O sangue quente concentrando-se principalmente na região da virilha. Franzi a testa, irritado comigo mesmo, ao me dar conta do efeito que essa mulher ainda me causava. Maitê sempre fora uma tentação. O pecado em forma de gente. Recordar esse fato foi o que me fez voltar a enxergá-la como realmente era: o inimigo.

Como se soubesse o teor dos meus pensamentos, ela fechou os olhos por alguns instantes, acho que tentando se acalmar, e, ao abri-los, seus lábios também se separaram. Não sei como me controlei daquele instante em diante, porque a mera visão da sua língua percorrendo o lábio vermelho bastou para que um rosnado baixo, sem qualquer coerência, ecoasse garganta afora.

Na última vez em que a tinha visto, essa infeliz ainda era minha. Não houve despedidas, não houve sequer um *fim*. As tais palavras encerrando o que tínhamos nunca foram ditas. Nunca.

— Vince... — O velho apelido, íntimo para caralho, saindo de sua boca me fez enrijecer.

Havia dor na maneira como ela o pronunciou. Mas também havia raiva em sua forma mais crua e irracional.

— Pare — eu a cortei bruscamente. — Eu não quis escutá-la no passado... e isso não mudou — disse de uma maneira que ninguém além dela pudesse ouvir.

Porra! Eu a odiava por fingir tão bem.

Quem quer que a olhasse, naquele momento, pensaria que o coração quebrado aqui havia sido o *dela*, e não o

contrário.

— Por que você não voltou? — perguntou em um sussurro, enquanto tudo o que eu enxergava à minha frente eram as palavras se formando em sua boca. — Por que nunca...

Por quê?

— Você não pode estar falando sério! — grunhi no mesmo tom de voz que o seu. Lutando, bravamente, contra a vontade de empurrar todo o meu corpo contra o dela. De esmagá-la na parede mais próxima e calar as merdas que saíam de sua boca... com a minha boca.

Maitê sacudiu a cabeça, os olhos perdidos, fixos nos meus. Ciente de que essa era uma batalha perigosa, eu me afastei, passando a mão selvagemente pelo cabelo. Detendo-me de maneira abrupta ao escutar a sua próxima pergunta.

— Você nunca se arrependeu? — Não dei a mínima para o fato de que estávamos atraindo olhares curiosos em nossa direção e, sem compreender a merda que passava por sua cabeça, eu voltei, chegando até ela sem nenhuma polidez.

— Me arrepender? — indaguei, esforçando-me a ignorar os lábios vermelhos, comprimidos em apreensão. — Você

acha que eu tenho algo pelo qual me arrepender? A desgraçada traiçoeira aqui foi você, Maitê, não eu! — Exacerbei minha raiva, não deixando margem para bate-boca.

A mentirosa manteve os olhos arregalados presos aos meus, sem sequer piscar. Seu rosto, mais bonito do que podia me lembrar, assentindo devagar.

Filha da puta, era isso que ela era!

Indo contra o juramento que me fiz, eu eliminei o restante do espaço entre nós dois. Muito perto de cometer a sandice de tocá-la. Não vou negar, eu estava cego de raiva. As emoções exacerbadas. Tanto que foi necessário o dobro do meu autocontrole para manter as mãos afastadas dela.

— Faça um favor a nós dois, Maitê. — Meu tom soou definitivo, sem emoção. — Me poupe das merdas que tem a dizer, será que você consegue manter essa sua boca fechada? Ou irá gritar e espernear como fez da última vez em que nos vimos?

Os olhos cor de mel, semicerrados, passaram a exhibir um brilho duro, que lhes eram incomum. Nenhum de nós dois disse nada e, por longos segundos, minha mente permaneceu no escuro.

Estar cara a cara com a maldita não serviu para aplacar a tempestade tomando forma em meu interior. Pelo contrário, vê-la, ainda mais lasciva do que quando a deixei anos atrás, fez crescer dentro de mim uma vontade de *arrasar com tudo* que se impusesse em meu caminho.

Principalmente, com ela.

PONTO FINAL

*A magia do primeiro amor está em
ignorarmos que pode acabar um dia.*
Benjamin Disraeli.

MAITÊ

*“ ... será que você consegue manter essa sua boca
fechada?”*

Torci os dedos ao redor do volante, engolindo as palavras de Vicente junto com a vontade súbita de gritar. Gritar até que nenhum outro som além do meu grito fosse escutado. Não haveria a voz dele nem mesmo a de Otávio zunindo em minha cabeça. Eu estaria presa em um limbo, onde ninguém me alcançaria. Como nem toda gritaria do mundo me faria atingir esse estado de inconsciência, eu aumentei o sistema de som e afundei o pé no acelerador. Permitindo que o vento entrando pela janela lacerasse a pele do meu rosto, protegida apenas pela armação dos óculos escuros.

NACIONAIS - ACHERON

Minha cabeça estava tão confusa que eu até mesmo ignorei o trânsito louco da Avenida Brigadeiro Faria Lima e a violência comum à cidade, não dando a mínima para o risco em que me colocava ao dirigir com as janelas abertas. Dessa vez, nem o som ensurdecedor provocado pelas buzinas e carros me incomodava. Viver nessa cidade, após ter passado a infância e parte da adolescência no interior do estado, se assemelhava à sensação de estar presa em uma arena infestada de leões famintos. *Desesperados*. Para todo lado que olhasse, havia algo acontecendo. Uma prova incontestável de que São Paulo era mesmo o coração do país, e, como todos sabíamos, corações não param.

A menos que estejam à beira de um colapso.

A bem da verdade, tudo em São Paulo era imprevisível. *Agitado, perigoso*, concluí, em meio a uma ultrapassagem que faria os cabelos grisalhos do Sr. Moraes se arrepiarem.

Ao me aproximar do prédio onde ficava a EMC, eu joguei o carro no acostamento e entrei na garagem subterrânea do edifício. Pela primeira vez, desde que comecei a trabalhar na construtora, eu me vi dominada por uma hesitação sem precedentes. Esse lugar era um dos poucos nos

quais eu ainda era capaz de me sentir como eu mesma. Aqui era possível esquecer, nem que fosse por algumas horas, que eu era uma mulher casada com um louco obsessivo. Aqui, Otávio não podia ignorar a minha posição dentro da construtora, muito menos me atingir com suas maldades.

Se havia algo do qual eu me orgulhava era do trabalho que fazia na Moraes. Do nome que construí para mim e do respeito que adquiri, com muita dificuldade, entre meus colegas de profissão. Ser esposa do diretor-executivo da empresa, por mais respeitado que ele fosse, não me tornou uma pessoa benquista quando assumi o cargo de engenheira júnior, anos atrás.

Mostrar a todos que eu merecia o meu cargo não foi algo que aconteceu do dia para a noite. Tanto que, até hoje, eu era alvo de preconceito. Fosse por parte de alguns funcionários, fosse por parte dos novos clientes, que gostavam de me ver como um enfeite bonito. Impressão, essa, que ia por água abaixo assim que conheciam o meu trabalho e as minhas ideias.

Obrigada a passar pela recepção, por conta de um problema com o elevador particular, eu cumprimentei as recepcionistas e segui rumo ao saguão, ignorando o

burburinho formado atrás de mim. Eu não cheguei a ler qualquer um dos e-mails circulares da construtora nos últimos dias, portanto não fazia ideia do que fora repassado aos funcionários. Mesmo assim, ficou claro que todos estavam inteirados a respeito do estado crítico de Otávio. Caso contrário, eu não estaria recebendo tantos olhares de pesar.

Mordi a ponta da língua, resistindo ao impulso de pedir para que não perdessem tempo sentindo pena de mim. Pena, eles deveriam sentir, se meu asqueroso marido sobrevivesse.

Demorei a notar a intensidade com que as unhas marcavam o meu antebraço até que fosse tarde demais e a dor se tornasse insuportável. Não, eu não era louca por causar dor em mim mesma. Essa era apenas a maneira que encontrei de concentrar meus pensamentos em algo que ia além dos meus problemas. Era tão inofensivo, um hábito ruim que ganhou força sem que eu me desse conta. Devagar, eu afastei as unhas da carne dolorida e me recompus. O painel digital do elevador mostrava que o meu andar era o próximo, e, antes que fosse abordada pela efusividade da minha assistente e melhor amiga, eu precisava estar apresentável.

Acompanhei o letreiro e me preparei para o *furacão Serena* quando as portas foram abertas e uma loira

descomunal me puxou para fora como se eu fosse uma criança perdida.

— Maitê! — Ela me abordou, não me dando tempo sequer de acostumar-me com a luz branca fluorescente do andar. — Eu deveria te matar por não atender minhas ligações, onde já se viu!? — Serena seguiu ao meu lado, enquanto eu acenava para um ou outro funcionário que passava por nós duas, comprimindo os lábios em uma expressão comedida.

Será que eu aparentava estar abalada o suficiente?

O questionamento fez-me sentir nojenta.

Já no corredor, ainda escutando Serena me recriminar por ser uma péssima amiga, eu verifiquei a última sala e novamente hesitei. Em algum momento eu teria que ir até lá e recolher aqueles malditos documentos sobre a mesa de Otávio antes que outra pessoa o fizesse. Esse era um dos motivos pelos quais eu estava aqui hoje, além de repassar parte das minhas obrigações como engenheira sênior para outro projetista, eu também teria que analisar a papelada pendente deixada pelo meu marido antes de entregá-la ao Sr. Álvares, um velho amigo do meu sogro e cofundador da construtora. Seria ele, aliás, quem substituiria Otávio nesse meio tempo.

— Maitê, você não está me escutando — Serena me repreendeu, e eu desviei os olhos da porta preta no final do corredor. Ao me virar em sua direção, percebi que ela aguardava por mim para entrar na sala.

Passei por Serena, compreendendo que minha amiga tinha mesmo o direito de estar chateada, e entrei, deixando para ela a tarefa de trancar a porta atrás da gente.

O esgotamento provocado pelos últimos dias cedeu no instante em que ficamos a sós. Todas as emoções despencando de uma só vez. A voz de Otávio e todos aqueles ruídos ressurgindo dentro da minha cabeça, fazendo-me ter pensamentos indesejados. O som da sua mão batendo contra a minha pele na última vez em que lutei contra ele... ecoando por cada partícula do meu corpo.

— *Se você agisse como minha esposa, se me aceitasse... nada disso estaria acontecendo. — Mordi o meu próprio lábio quando o primeiro tapa me acertou. A verdade era que fazia semanas que Otávio não me forçava a estar com ele, e eu não pretendia que isso mudasse. Esse, aliás, foi o motivo que o deixou tão nervoso. — Você é a culpada, Maitê... você me faz perder a cabeça, me tenta... e depois me nega o que é meu de direito.*

Essas eram sempre as palavras que ele usava para justificar suas agressões. Eu era a culpada. Eu deveria aceitá-lo. Eu que negava o que era dele. A culpa nunca era de Otávio. Sempre era minha.

Pelo bem da minha própria sanidade, eu consegui me livrar dos seus avanços naquele dia. Quando isso não acontecia, no entanto, quando desistia de lutar com ele e perdia, eu simplesmente desligava. Deixava de pensar. Otávio usurpava todos os meus direitos, me chantageava para estar casada com ele. Apossava-se de algo que não lhe pertencia e ainda me fazia sentir culpada, o desgraçado!

Dias haviam se passado desde a última agressão, e eu ainda era capaz de sentir minha pele arder onde a mão dele tocara. Era como se pudesse sentir a dor de novo e de novo... Meu Deus, quando isso iria parar? Quando eu me veria livre?

— Oh, minha querida. — Serena me abraçou por trás ao perceber o que se passava. — Eu sei que é difícil, sei que aquele infeliz merece o que está acontecendo. Mas não fique assim.

— E se ele... — Eu não podia sequer dizer as palavras em voz alta.

— Não pense nisso agora, Maitê. Não sofra antes do tempo. — Minha amiga, que era sempre tão alegre e confiante, sempre murchava ao falarmos sobre Otávio.

Eu a amava por ser leal, por escutar e cuidar de mim sem julgamentos. Ela entendia por que eu ainda permanecia casada. Não aceitava os meus motivos, mas entendia. Serena, assim como eu, havia perdido muito em sua vida. E mesmo com o pé atrás com os homens da *família Moraes*, ela admirava o carinho e amor que eu sentia por Homero.

Serena era uma das poucas pessoas a saber que o meu casamento, na verdade, era uma mentira. A saber que eu não amava o meu marido e que o amor que aquele desgraçado sentia por mim era doentio. Nojento. Foi ela quem me encontrou aqui, nessa mesma sala, após uma de nossas brigas. Serena viu o estado em que me encontrava, sentiu o medo com que eu estava de voltar para casa. Desde então ela parecia se achar no dever de cuidar de mim.

— Vai ficar tudo bem, Mah, você vai ver. — O que ela havia acabado de dizer era tão perturbador. Nós duas sabíamos que, para as coisas ficassem bem, *alguém* teria que morrer.

Com a mão na boca, segurando a ânsia de vômito que o
NACIONAIS - ACHERON

pensamento causou, eu corri até o banheiro, que ficava no canto direito da sala, e coloquei tudo para fora. Essa era a maneira mais fácil que o meu corpo encontrava para expelir a raiva.

O passado, no entanto, parecia impossível de ser expurgado, e enquanto eu vomitava tudo o que havia comido essa manhã, eu me vi sugada pela lembrança de um tempo pelo qual eu daria tudo para voltar. Qualquer. Maldita. Coisa.

— Você está pronta? — Vicente perguntou com um sussurro em meu ouvido.

— Acho... que estou — menti, curiosa demais para admitir que me sentia nervosa.

Desde o instante em que me arrastou até o terraço onde ficava a estufa de flores de sua mãe, Vince se encontrava calado. Como se estivesse pensando em algo realmente sério. O que fosse que o estivesse preocupando, graças a Deus, não o impediu de me livrar do fardo que seria passar outro minuto na festinha que a Sra. Moraes — por quem eu tinha um enorme apreço — organizou para que pudéssemos comemorar o meu aniversário de 18 anos.

Eu bem que me esforcei em ser simpática com todos os convidados e a causar orgulho à família que me acolheu, mas ser o centro das atenções em meio a todos aqueles adultos, olhando-me como se eu ainda fosse a pobre menina órfã, deixava-me desconfortável. E a verdade era que só havia uma única pessoa nesse lugar com quem eu gostaria de dividir o meu dia, e essa pessoa era o Vicente.

— Tem certeza, pequena? — Se eu não estivesse com a venda, que ele me persuadiu a colocar, eu com certeza estaria com os olhos arregalados.

Porque a boca já estava.

Vicente nunca, nunquinha mesmo, havia me chamado de pequena. E enquanto o sentia me rodear, eu só conseguia pensar no que esse momento significava para nossa, até então, amizade.

A sensação inesperada de suas mãos envolvendo meus braços fez-me dar um pequeno salto para trás. Mais de surpresa do que susto. Juro que quase caí dura no chão quando ele me puxou de volta, o calor do seu corpo esquentando o meu.

Senti o toque cuidadoso, quase hesitante, de seus dedos

subindo até chegarem ao meu pescoço. A mão larga espalhando-se pela pele... como se fizesse um reconhecimento. A venda nos meus olhos permaneceu, ao passo que minha respiração entregava a total falta de controle do meu coração apaixonado.

O espertinho fez tudo tão devagar que, quando seu toque chegou em minha bochecha, eu não sabia o que dizer. Ou esperar. Era uma mistura de pânico e expectativa. Não por nunca ter sido beijada, mas por querer muito... ser beijada por ele.

— Você está nervosa — concluiu, com a voz rouca.

— Meu Deus, Vince, me diga logo qual é a surpr... — Primeiro sua boca me calou e seus lábios envolveram os meus com um ímpeto que só Vicente possuía. Depois, a venda foi retirada, deixando-me desorientada em meio ao beijo mais intenso da minha vida.

As mãos que nunca haviam me tocado de maneira íntima se emaranharam em meu cabelo, como se ele tivesse o controle de tudo. Foi tudo tão mágico, tão único. Havia carinho na maneira como a boca de Vicente se movia junto da minha. Mas também havia desejo. A profundidade do beijo... a avidez. A maneira possessiva com que ele me

segurava. Como se nunca mais fosse deixar que eu me afastasse. Como se meu lugar fosse esse: os seus braços.

Droga, eu sabia que teria que me afastar para tomar fôlego, para encará-lo. Mas não queria, não podia.

— Esse, pequena — murmurou contra a minha boca em certo momento —, é o meu presente para você.

Abri meus olhos, me deparando com os dele, que pareciam mais escuros, dilatados, até. Ao ver a expressão de espanto em meu rosto, Vince me deu um daqueles sorrisos preguiçosos. Em que apenas um cantinho de sua boca se erguia. Comovida, eu enlacei o seu pescoço, fazendo-o rir de meu entusiasmo, e lhe tasquei o meu próprio beijo.

O primeiro de muitos.

— Maitê? — Serena chamou baixinho, me fazendo odiá-la por me obrigar a voltar à realidade. Eu não queria estar aqui, curvada nesse banheiro. Eu queria estar lá, com ele.

Nos braços dele.

Com todo o orgulho que eu possuía, permiti que Serena se aproximasse e me ajudasse a levantar. Atenta a cada um dos meus movimentos, ela permaneceu durante o tempo em

que me limpei e joguei água gelada em meu rosto. Minha amiga sabia coisas sobre mim que eu teria vergonha de contar a qualquer outra pessoa. Ela conhecia o meu inferno. Mas não conhecia todo ele.

Como, então, eu iria explicar que o único homem que amei na vida estava de volta, era irmão do meu marido e, possivelmente, me odiava?

VICENTE

Tamborilei os dedos sobre a mesa da pequena cafeteria, na qual Marcelo pediu que eu o encontrasse, já aborrecido com a demora do advogado. O murmurinho incessante ao redor não aplacou a sensação de que eu estava deixando passar algo nessa história. De que uma das tantas peças atiradas aos quatro ventos não se encaixava. A começar pela confiança desmedida desse advogado. Da sua liberdade em tratar dos assuntos de Otávio.

Minha vasta experiência em lidar com esses *doutores*, fosse no contato com meus antigos professores ou no dia a dia com aqueles que se apresentavam arrogantemente na

delegacia, citando casos e leis como se cada agente ali dentro fosse estúpido ou não tivesse passado o mesmo tempo que eles dentro de uma sala de direito constitucional. Eu sabia as artimanhas, os pré-jeitos e toda lábia que grande parte deles possuía. E algo me dizia que Marcelo era um desses advogados que se valiam da esperteza e presunção para se fazerem de entendidos.

Vê-lo se aproximar da mesa enquanto verificava o telefone deu-me tempo de observá-lo melhor. Não era de estranhar que meu irmão e ele fossem amigos. Ambos eram... *pomposos*. Sabe a imagem típica de um paulistano bem-nascido? Era assim que Otávio sempre se mostrara, e era assim que Marcelo se mostrava.

— Sinto pela demora, Sr. Moraes...

— Vicente.

— O quê? — Ele guardou o celular no bolso interno do paletó e me encarou, com uma das sobrancelhas erguidas.

— Eu prefiro que me chame de Vicente, assim como acredito que poderei chamá-lo de Marcelo, estou certo? — Se estava indo lidar com ele, não desejava que houvesse formalidades. Isso mostraria que ninguém aqui era melhor do

que ninguém.

— Sim, claro. Marcelo está ótimo. — O advogado acenou para um dos garçons, fez rapidamente o pedido e voltou a me encarar.

— Pensei que o Sr. Moraes tivesse um motorista — eu disse, analisando o motivo que o levou a dirigir até os Jardins apenas para deixar meu pai em casa.

— E ele tem. Sua cunhada, no entanto, me pediu um favor e não tive como negar. Se é que você me entende. — Ele me dirigiu um maldito sorriso arrogante.

— Não, eu não entendo — respondi, inclinando-me para frente. As mãos cruzadas sobre a mesa, permitindo que ele me explicasse.

— Você, melhor do que ninguém, deve saber o quanto é difícil dizer *não* à sua cunhada. Não é mesmo? — Assimilei suas palavras, a escolha de cada uma delas e assenti. O desgraçado conhecia toda a história, pelo visto. *Maldito!*

— Meu problema nunca foi esse, Marcelo. Talvez tenha sido o do meu irmão, mas não o meu.

— Tenho que dizer que você está certo nesse ponto, Otávio tem certa dificuldade em negar alguns dos pedidos da

esposa. Mas você sabe, ele a ama. Natural que queira agradá-la.

Cerrei o maxilar involuntariamente, era impressão minha ou o filho da puta na minha frente estava tentando me fazer perder a cabeça?

— Do que se trata esse encontro, Marcelo? Por que não vamos direto ao ponto?

— Sim, claro. — Ele limpou a garanta. — Na verdade, eu queria apenas saber como está sua readaptação. Se já esteve com o seu pai, se já se encontrou com... Maitê. Esse tipo de coisa.

— Por quê?

— Como?

— Por que o interesse? Pensei que seu dever se resumia a cuidar dos assuntos de Otávio. No que diz respeito ao restante...

— Mas o meu trabalho se estende ao restante. Principalmente, no que diz respeito à esposa do meu cliente.

— Compreendo. — Marcelo se mostrou aliviado. — Eu ainda não estive com meu pai, se é o que deseja saber. E, sim, já coloquei os olhos sobre a esposa do meu irmão. Duas
NACIONAIS - ACHERON

vezes, aliás.

— Ela pode ser um pouco persuasiva quando quer... —
ele começou a dizer, mas eu o cortei.

— Sério?

— Tenho certeza que você sabe disso.

— Você presume muita coisa, Marcelo. Além disso, o
que aconteceu comigo e aquela mulher já faz muito tempo...

— Mas você ainda não esqueceu — afirmou de maneira
atrevida. — Posso ver em seus olhos, Vicente. Você não está
aqui por instinto fraternal, por se preocupar com o seu irmão.
Assim como acredito que não esteja para perdoar aquela
mulher. Diga-me se estiver passando algum limite, mas essa é
a opinião que tenho. — Percebendo que eu não diria nada,
ele continuou: — Otávio sempre lamentou o que aconteceu...

— Aposto que sim.

— Não estou defendendo a atitude do seu irmão, mas,
talvez, a culpa não tenha sido dele. Como falei, Maitê pode
ser persuasiva. Mulheres, em geral, são assim, você é homem,
Vicente. Pode negar, mas entende o que estou querendo dizer.

Maitê não era um assunto de que eu desejava tratar, fosse
com ele ou com qualquer outra pessoa. O que era da maldita
NACIONAIS - ACHERON

estava guardado. Assim como estava guardado o que era de Otávio. Ele poderia estar preso àquela cama, mas não ficaria lá para sempre. Se Deus era mesmo justo, o meu irmão iria deixar aquele hospital e descobrir que eu não era um homem com quem se brinca.

— Talvez seja você quem não entenda, Marcelo. Mas não me interessa saber se meu irmão lamenta o que fez comigo, ou o quanto a amada esposa dele possa ser persuasiva. Nada dessa merda me interessa. Se estou aqui hoje é porque desejo colocar um ponto final nessa história de uma vez por todas.

Ele assentiu, camuflando o sorriso. Como se estivesse, por fim, satisfeito.

— Acho que sei o que você deseja e não posso culpá-lo, Vicente. Eu, no seu lugar... também não deixaria barato.

Dei de ombros, deixando-o tirar suas próprias conclusões, e recostei contra a cadeira. Agora certo de que o infeliz à minha frente não valia o preço que cobrava.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

DE VOLTA AO LAR

*Onde amamos, é o nosso lar: lar que nossos pés
podem deixar, mas não os nossos corações.*

Oliver Wendell

VICENTE

Traguei a respiração ao estudar sem muito interesse o quadro exibido sobre a lareira da sala de estar da casa em que cresci. Meu pai sempre se mostrou um apreciador energético da boa arte, principalmente a moderna. E para alimentar *essa sua paixão* ele não poupava esforços, o que dirá gastos, pensei, consternado. Outro vício, não tão dispendioso, era o hábito de colecionar charutos, fossem eles importados ou não. Hábito esse que permaneceu firme mesmo sob os protestos incansáveis de minha mãe, que Deus a tenha.

Perdê-la de modo tão repentino para o câncer, como nós a perdemos, desestruturou a frágil harmonia que existia dentro dessa casa. E a relação com meu pai, até então marcada por

desentendimentos e discussões acaloradas, se tornou insuportável após a morte da Sra. Moraes. Confirmando a suspeita de que era graças a ela, com seu jeito doce e sorriso gentil, que essa família permaneceu por tanto tempo unida.

Com o maxilar cerrado, meu olhar varreu o restante do cômodo, cheio de ressentimento. Desprezando as lembranças que essa casa trazia.

— Então, o bom filho à casa torna — Um pigarro, seguido das palavras de meu pai, me fez virar e dar de cara com o homem que tornou a minha presença nessa casa impossível. Não era à toa que eu havia juntado minhas coisas, contrariando a vontade de Maitê, e me mudado para o apartamento na Nove de Julho no instante em que o corpo de minha mãe descansou sob a terra.

Na época eu tentei convencê-la a ir comigo. Mas o Sr. Moraes se mostrou resolutos em nos impedir de cometer tal loucura, usando como desculpa o fato de sermos muito jovens.

Deve ter sido a partir daí que tudo desandou.

Lembro-me claramente da necessidade que Maitê tinha de fazer com que todos gostassem dela. Sempre disposta a

agradar e quase nunca aceitando o fato de que meu pai e irmão não eram seus maiores fãs. Isso sempre a incomodou. Mas, até então, o seu comportamento nunca me foi estranho. Para mim, Maitê era apenas uma garota com medo de ser abandonada. De perder a pouca segurança que possuía. Ela já havia passado por isso uma vez e, talvez, o fantasma de que tudo pudesse se repetir a tenha levado a atender muitas das demandas e exigências de meu pai.

Foi por esse motivo que não dei a devida atenção à amizade que se formou entre ela e o meu irmão, após o falecimento de minha mãe. Na minha cabeça, essa era outra de suas tentativas de ser gentil, de conseguir o carinho e amor da minha família. E não apenas o meu. Apesar da relação estremecida que tinha com Otávio, naquela época, eu ainda confiava nele. Nós éramos irmãos, afinal, não é? Então, não, eu não me importei com o fato de que a cada dia que passava ele e minha garota tivessem mais assuntos em comum. E que o interesse genuíno e entusiasmado de Maitê pela engenharia, curso que meu irmão fizera anos antes, os tivesse aproximado e culminado nessa bagunça.

— Uma pena que tarde demais — meu pai acrescentou ao passar por mim, encaminhando-se até o pequeno umidor

de cedro sobre a lareira.

— O advogado do seu filho entrou em contato comigo, então acho que não tive escolha — rebati, ao vê-lo pegar um dos charutos e cheirá-lo com certo saudosismo.

Meu comentário o fez parar e me encarar diretamente pela primeira vez desde que entrou na sala. Eu o estudei em silêncio, me vendo diante de uma versão bem mais velha de meu pai. Seus olhos já não eram tão críticos quanto eu me lembrava, havia algo mais neles. Uma certa angústia, talvez. Ou então apenas rastros de sua idade.

Eu deveria me importar, mas não conseguia.

Maitê também não ficara imune ao tempo, pensei com desgosto. A diferença era que a beleza dela, uma vez despretensiosa, parecia ferina agora. Uma beleza capaz de fazer com que homens fracos cometessem pecados. Começassem guerras... traíssem seus irmãos.

— As pessoas sempre têm escolhas, Vicente. Acredito que você tenha feito a sua, anos atrás. — Como sempre, era especialidade do meu pai arruinar uma conversa antes que esta tivesse início.

— O senhor sabe que não tive escolha no passado, então

não distorça o que aconteceu — disse, ríspido. — Se não fosse pelo que o Otávio e aquela mulher fizeram, eu nunca teria partido. Eu teria ficado e...

— E se casado com ela, não é mesmo? — ironizou, fazendo pouco caso do sofrimento que aqueles dois infelizes me causaram.

— Ela era minha, pai — cuspi, em voz baixa. A calma cedendo à raiva. — Ela. Era. Minha — repeti. — Não que isso tenha feito diferença para o seu outro filho!

Assim como fazia quando ficava nervoso, eu torci meus dedos nos fios revoltos de meus cabelos e os puxei para trás. Inclinando o rosto junto com o movimento. A bem da verdade, meu pai nunca aceitou essa minha inquietude. Esse meu temperamento explosivo, tão diferente do de Otávio, que, na cabeça distorcida do Sr. Moraes, era o modelo exato de perfeição. Meu pai queria filhos obedientes, dispostos a abraçarem o mesmo sonho que o dele. Bom, ele acertou na primeira tacada, Otávio era tudo o que ele poderia desejar como filho. O mesmo não aconteceu na segunda.

Com visível desgosto, o Sr. Moraes caminhou pela sala com passos lentos, indo ao encontro da poltrona mais próxima, e se sentou. O charuto, para a minha surpresa, ainda

NACIONAIS - ACHERON

apagado em suas mãos.

— Eu sempre soube que Maitê seria um problema. — Ele ergueu o rosto, altivo. — Eu avisei `s sua mãe, mas ela não me escutou. — Deu de ombros. — Você não foi o único a ser atingido, filho. Otávio a quis no instante em que colocou os olhos sobre ela.

Como eu não percebi?, essa foi a miséria de pergunta que me atormentou meses a fio após pegar Maitê e ele juntos. Eu tentei encontrar razões, alguma explicação plausível para justificar o que vi, mas não havia. Pensar o contrário seria tolice.

— Então você partiu, e eles se casaram. — Meu pai me encarou, à espera de alguma reação intempestiva.

— E o senhor permitiu? — exigi saber. — Mesmo depois de todos os discursos ridículos que me fez escutar sobre como estar com Maitê era uma loucura!?

— Não pense que eu não me opus a esse casamento, porque eu o fiz — ele bufou, contrariado. — Mas, infelizmente, parece que meus filhos são dados a fazerem o que querem, sem pensar nas consequências. — Suas palavras soaram como um aviso, seu olhar firme no meu. — Um pai

não deveria viver para ver sua família se desfazendo dessa maneira, Vicente, essa é a verdade. — O Sr. Moraes sacudiu a cabeça, aborrecido. — Eu perdi você anos atrás, não sei se suporto perder o seu irmão também.

Eu não tinha ideia se o seu comentário era com intenção de me fazer sentir culpado, a questão era que descobrir que eu havia sido *enterrado* — *estando vivo* —, não era uma das sensações mais agradáveis. Ou algo que um pai deveria dizer ao próprio filho.

— Você fala como se eu estivesse morto — disse, encarando-o sem misericórdia.

— E não estive? — retrucou com a mesma severidade. — Até onde lembro, eu não o vejo há nove anos, meu filho. Tudo que sei a seu respeito é o que o Otávio divide comigo. — Controlei a decepção ao vê-lo confirmar a minha suspeita a respeito da *vigilância* de Otávio. — Você deu as costas à sua família...

— O senhor não pode estar falando sério, porra! — Cerrei os dentes, movendo-me agitado pela sala, que, de repente, parecia ter se tornado pequena demais.

— Eu não sei o que você viu para que tomasse uma

decisão tão estúpida, Vicente, mas posso imaginar... Otávio se recusou a me contar os detalhes e, bem, Maitê não ficou em condições de dizer qualquer coisa até muito tempo depois que você foi embora. Mas o que está feito, feito está — Homero falou, mas notei que não havia satisfação em sua voz. — Eu só espero que você tenha conseguido o que foi buscar e rezo... para que a esposa de seu irmão não ocupe mais os seus pensamentos.

A esposa de seu irmão.

Será que algum dia eu seria capaz de escutar essa porcaria sem ter vontade de quebrar a cara de alguém?

— Pelo que vejo, Otávio ocultou muita coisa do senhor, meu pai.

— Seu irmão teve a melhor das intenções, Vicente. Após a sua partida eu adoeci, sofri dois infartos em menos de um ano. Acredito que ele tenha tentado apenas me poupar de mais decepções. — Mascarei a surpresa com o que ele tinha acabado de revelar. Otávio não havia contado nada a respeito da saúde do meu pai quando estive em São Paulo na última vez. — Foi só quando percebeu que eu não iria deixar de me preocupar que ele abriu o jogo. Quando me contou que você estava bem, que havia transferido seu curso e estava vivendo

em outro estado, eu percebi que não tinha por que me preocupar.

— Claro que o senhor também sabia o meu paradeiro, por que essa merda não me surpreende?

— Filho...

— Se eu não tivesse reaparecido, será que o senhor algum dia teria entrado em contato comigo? Ou eu continuaria *morto*, pai? — questionei agressivo, sentindo o sangue ferver.

Ele hesitou antes de responder.

— Quando Otávio me contou, ele já estava casado, Vicente. Tudo parecia bem. Trazê-lo de volta, mesmo que em pensamento, teria gerado apenas sofrimento a todos nessa casa. Seu irmão a amava tanto, e eu...

— Ele amava? — Meu pai virou o rosto, como se estivesse com a consciência pesada. — O que eu sentia por aquela mulher era o que, então, Sr. Moraes? Me responda!

— Vicente, eu ainda sou seu pai... não vou admitir que...

— Eu estou pouco me lixando para que o senhor irá ou não admitir! — respondi, abandonando a ideia de soar
NACIONAIS - ACHERON

civilizado.

Sacudindo a cabeça, como se não quisesse ter essa discussão, ele falou:

— Maitê não merece mais sofrimento, Vicente. — Escutar seu nome fez-me congelar. A raiva que fervilhava transformando-se em labaredas densas e escorregadias. Eu odiava a sensação de estar prestes a explodir, e, caralho, eu não me sentia assim há muito tempo. — As coisas têm sido difíceis para ela. — Vendo-me erguer uma sobrancelha em descrença, ele acrescentou: — Não piore tudo.

— O senhor é inacreditável — cuspi enjoado.

— E você ainda está cego pela raiva.

— O que você esperava, pai? Que eu voltasse e o quê? Fingisse que nada aconteceu?

Como se, finalmente, entendesse o motivo de eu estar de volta, ele cerrou os lábios enrugados. Olhando-me com aspereza. Esse era o homem de que eu me lembrava.

— Você nunca será capaz de nos perdoar, não é? Não foi para isso que voltou.

— É bom ver que os anos não o tornaram menos astuto, Sr. Moraes — falei, deixando-o imóvel.

NACIONAIS - ACHERON

— Vicente, eu o estou recebendo de braços abertos hoje. Essa casa é sua, tanto quanto é de Otávio, mas se você está aqui para causar problemas, eu não sentirei o menor remorso em pedir que parta outra vez. A última coisa que Maitê precisa nesse momento é de complicações.

Toda a agitação que sentia cedeu ao baque de vê-lo defender com tanta veemência a sua nora... *pela segunda vez*. A garota que no passado fora um estorvo para ele, de repente, estava sob a sua asa. Sendo arduamente defendida.

Por que eu não estava surpreso? Não era isso que a infeliz sempre desejou?

— Vejo que muita coisa mudou enquanto estive fora — falei, dando-me por vencido.

O que vi e escutei aqui não parecia em nada com a atitude de um pai feliz pelo retorno do filho, e sim de um pai preocupado em defender o galinheiro do outro. O mais velho. Essa casa, as lembranças, tudo era nocivo. Minha visita, no entanto, não foi inútil como pensei que seria, a princípio.

Eu saía dessa casa hoje com a certeza de que havia um *novo elo* no jogo. Um elo que eu não me importaria em quebrar. Mirando Maitê, eu atingiria três alvos de uma única

vez.

Eles saberiam, enfim, o quão *desagradável* era perder aquilo que se amava.

MAITÊ

Passava das 19h quando Serena deu duas batidinhas e colocou o rosto no vão da porta, alertando sobre o fim do expediente. Assim como fez no decorrer do dia, ela lançou outro daqueles seus olhares preocupados, esforçando-se para identificar o meu humor. Mais precisamente, o meu estado emocional. Não era tola, sabia que suas intenções eram as melhores. Mas ao mesmo tempo em que era grata pela atenção, eu não podia deixar de me sentir sufocada.

Quem, em sã consciência, apreciava ser vigiada?

— Está na hora, Sra. Moraes. — Serena entrou, trazendo com ela uma lufada de ar fresco e um sorriso que me convenceu a abandonar as plantas estruturais nas quais estive trabalhando desde que deixei a sala do Sr. Álvares, essa tarde. A reunião não ocorreu como esperado e, mesmo contrariada, eu me vi tendo que abrir mão de mais projetos do que

pretendia, inicialmente.

Dentre os que estavam sob minha responsabilidade, o único pelo qual travei uma batalha, quase fervorosa, foi o que se amontoava agora sobre a prancheta. Meus olhos se ampliaram desde o instante em que o projeto nos foi apresentado, meses atrás. Eu visitei o terreno tantas vezes quanto foi possível, passei noites em claro fazendo anotações e rascunhando ideias aleatórias até conseguir montar um esboço digno de ser mostrado ao nosso cliente.

Acostumada a lidar com obras com limites estreitos de criação, eu agarrei com unhas e dentes a oportunidade de trabalhar na construção de um condomínio sustentável.

Otávio sempre ignorou meus apelos quanto a esse assunto, nas reuniões que tivemos ao longo dos anos sob a possibilidade de mantermos um posicionamento sustentável no mercado, ele se mostrava irredutível. Assim como o Sr. Álvares e o restante de seus gerentes. Esse projeto, no entanto, eles não conseguiram ignorar. A proposta e o lucro eram bons demais para que meu marido e o seu séquito dessem as costas ao desafio.

— Acho que você tem razão — disse, alongando o corpo. A mão massageando a tensão concentrada na área do

NACIONAIS - ACHERON

pescoço. — Eu estou exausta.

— Como foi a reunião com o Sr. Álvares? — perguntou receosa.

Acho que ela havia *identificado* o meu humor, afinal.

— Bom, eu tive que entregar vários dos meus projetos. Sabe o quão irritada eu estou por causa disso? Eu perdi dias nessa sala planejando cada um deles, quebrando minha cabeça, e agora me vejo obrigada a entregar meu trabalho a outro engenheiro... — Ela franziu a testa. — Isso não é justo, Serena. Até mesmo doente, Otávio consegue tirar as coisas que são importantes para mim. — Seu silêncio me incentivou a continuar. — O Sr. Álvares parece pensar que se eu me afastar e me dedicar *exclusivamente* ao meu marido, eu conseguirei curá-lo. Eu tive que morder a língua para não responder que se meu marido dependesse de mim para sobreviver, ele... — Eu finalmente me calei, sacudindo a cabeça.

Eu estava cansada. Isso era tudo.

— Não se sinta culpada, Maitê. — Assenti, sem coragem de olhar em seus olhos.

Serena chegou a dar um passo em minha direção, com

provável intuito de me acolher em um dos seus abraços, mas antes que tivesse a oportunidade, eu recusei. Não que não gostasse de suas demonstrações de carinho, longe disso. A questão era que a dor que carregava comigo hoje não se desfaria com esse simples gesto de afeto. Infelizmente.

Com ela ao meu lado por todo o caminho até a garagem, eu me senti como qualquer mulher na minha idade deveria se sentir ao escutar a melhor amiga contar em detalhes a noite sórdida com o seu mais novo PA, forma como ela carinhosamente chamava os homens com quem saía. Enquanto ouvia suas aventuras escandalosas, eu me perguntei se algum dia voltaria a enxergar a vida, o sexo... tudo... dessa maneira tão despreocupada como ela o fazia.

— Você está me olhando daquela maneira de novo — Serena murmurou, quando já estávamos no térreo.

— Como você conseguiu esquecer, Serena? Como superou? — Serena havia perdido o noivo anos atrás e, ainda assim, esbanjava otimismo. Era uma das pessoas mais alegres que eu conhecia, uma das mais protetoras também.

— Eu não superei — respondeu, com um sorriso doce em seu rosto. — Algumas perdas não são superáveis, Maitê. O máximo que fazemos é aceitar, conviver com a dor. Mas

NACIONAIS - ACHERON

ela nunca deixa de existir. — Eu a fitei, sentindo minha própria garganta fechar. — Eu penso nele todos os dias, isso não mudou. Mas eu tenho que seguir em frente com a minha vida, entende? É isso que ele teria desejado para mim. — Concordei com um leve aceno de cabeça. — É isso que desejo para você, também. No momento você pode achar difícil de acreditar, mas vai chegar um dia em que olhará para trás e verá que eu estava certa. Tudo que Otávio fez perderá a importância, porque você estará feliz demais para se importar com a crueldade daquele monstro.

Ela não fazia ideia de como eu gostaria de acreditar em suas palavras.

— Você é uma das mulheres mais fortes que eu conheço, Mah. Eu mesma sei que, se estivesse em seu lugar... não suportaria. — Ela me abraçou apertado, dessa vez, sem que eu tivesse a chance de escapar. — Não permita que Otávio destrua a pessoa que você é, promete isso para mim? — Eu me vi assentindo, com a certeza de que o que ela me pedia era quase impossível.

Com uma careta no rosto, Serena enfiou a mão na bolsa à procura de suas chaves.

— Você está indo para casa? — perguntou assim que as

NACIONAIS - ACHERON

encontrou, balançando o chaveiro com vários penduricalhos de olho turco na minha frente.

— Eu ainda não sei — respondi com sinceridade.

Não era sempre que eu saía da construtora e seguia para o Jardins, que era onde ficava o condomínio em que morava. Serena conhecia meu segundo destino e, por temer a reação de Otávio, caso ele viesse a descobrir, sempre se mostrou reticente quanto ao tempo que eu passava no Morada, abrigo que acolhia mulheres vítimas de violência doméstica, assim como seus filhos, no qual eu praticamente caí de paraquedas um ano atrás, graças ao Gabriel, um dos psicólogos que trabalhavam incansavelmente por essa causa.

Estar naquele lugar e ouvir as histórias daquelas mulheres era o que eu me propunha a fazer. Doar meu tempo fortalecia a minha busca por justiça. A minha vontade de lutar por mim mesma.

— Certo, pelo menos vai se lembrar de mandar uma mensagem quando chegar em casa? — falou naquele tom de voz que só uma mãe aflita faria.

— Prometo que envio, mamãe, tudo bem? — brinquei, beijando-lhe o rosto e acionando o alarme do meu carro, que

estava mais próximo que o dela.

— Se cuide, Mah! — Serena falou alto quando passei por ela instantes depois.

Como fazia sempre que dirigia, eu liguei o sistema de som, escolhi uma pasta qualquer e descansei as costas no banco de couro. Meu pezinho nervoso se impacientando ao pegar o congestionamento em frente à construtora.

A voz de James Arthur, alta o suficiente, distraíndo-me enquanto eu ia na direção contrária à da minha casa.

*This is my voice
That is my sermon
Give me your heart
Give me your pain
Give me your burden
Cause I can take anything that you can give
Forgiving everything that you did
These are my words
This is my voice
That is my sermon⁴*

Enquanto absorvia a música, eu me peguei conferindo o retrovisor com desconfiança. Mastigando a sensação de estar sendo seguida. A princípio, pensei que fosse apenas besteira da minha cabeça, mas conforme o farol da moto se aproximava, maior se tornava a sensação. Se estivesse certa, o que não tinha dúvida, aquela moto era a mesma que ficou parada na garagem de casa por anos. Encoberta por capas, escondida como uma prova indesejada do jovem que um dia viveu ali.

— *O que essa moto está fazendo aqui, Otávio? — perguntei desesperada ao ver Otávio e o motorista do guincho empurrando a moto de Vicente para dentro da garagem. Vicente nunca se separava dela. — Cadê o Vince? — Terror me assolou. Eu não tinha notícias dele desde que Otávio foi pego em meu quarto, em um horrível mal-entendido.*

— *Ele a deixou para trás. — Deixou para trás? Segui Otávio, que não parecia contente em ter que dar explicações.*

— *Onde Vicente está? Vocês conversaram? — insisti, já tirando o celular do meu bolso e discando os números tão conhecidos. Por que ele não me atendia? Eu só queria que*

me escutasse, um minuto e Vince entenderia tudo.

Como se não aguentasse mais me ver naquele estado, Otávio arrancou o telefone da minha mão e me obrigou a encará-lo.

— Eu não estive com o Vicente, Maitê. — Engoli em seco, decepcionada. — Ele também não atende as minhas ligações, o porteiro do prédio disse que ele não voltou... Que saiu e... — Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, e Otávio a limpou. Fazendo-se da amizade que construímos nos últimos tempos. — Você não sabe como eu estou preocupado, querida, como me arrependo de ter deixado aquilo acontecer...

Eu acreditei no arrependimento de Otávio. Confiei nele.

Naquela época eu o achava incapaz de armar algo tão sórdido como aquele flagrante. Por mais que morássemos juntos, a nossa amizade era algo novo em minha vida. Eu não o conhecia como conhecia agora. Não fazia a menor ideia de que tudo tinha sido armado, que a intenção do meu, agora, marido era me ver longe de Vicente. O que ele conseguiu.

Hoje, mesmo que ainda alegasse me amar, Otávio já não

fazia questão de esconder seu outro lado de mim. Em seus acessos contidos de raiva ele admitia suas falhas. Seus pecados. Deixava-me em carne viva, tanto por dentro quanto por fora, saber que foi tudo premeditado, que a preocupação que mostrou depois que Vicente me deixou foi tudo parte de um plano, me enojava. Fazia com que eu o odiasse. E não, não era um ódio despejado da boca para fora.

Era um ódio que vinha de dentro da minha alma. Que me consumia.

Otávio me estendeu a mão em um dos momentos mais delicados da minha vida. Eu tinha acabado de ser abandonada pelo homem que amava, semanas depois descobri estar grávida, não conseguia falar com Vicente. Não sabia o que fazer. O amor que eu sentia, aos poucos, foi se transformando em ressentimento. Mágoa. Eu dormia e acordava em meio a pesadelos. Chorava de desespero quando percebia que não tinha ideia de onde ele estava ou se algum dia iria voltar para mim.

Apertei com força o volante, ainda inconformada pela maneira como tudo aconteceu: o pedido de casamento de Otávio quando eu sequer tinha forças, ou vontade, para me levantar da cama. A minha imprudência em aceitar. A rapidez

com que ele fez todos os preparativos... a maneira articulada com que convenceu o seu pai de que o bebê que eu esperava era dele, e não de Vicente. Eu o deixei tomar todas as decisões. Fazer o que ele julgava ser o melhor para nós dois. Eu lavei minhas mãos para tudo.

Esse foi o meu erro.

Sacudi a cabeça, um sorriso amargo escapando dos meus lábios enquanto verificava, outra vez, o retrovisor. Sem entender o que Vicente pretendia ao me seguir. *Porque só poderia ser ele, certo?* A menos que eu estivesse ficando louca de vez.

Ignorando as consequências, forcei meu carro e desviei para uma avenida menos movimentada. As placas me alertavam de que eu estava prestes a entrar na interestadual, e, em vez de diminuir a velocidade, como era aconselhado naquele trecho, eu aproveitei a liberdade e acelerei o Rover pela noite fria. Alimentando a esperança de que, assim, conseguiria deixá-lo para trás. Em mais de um sentido.

Vicente, ao contrário do que eu esperava, não recuou. Sequer diminuiu a velocidade. E enquanto me afastava de maneira quase imprudente, eu comecei a sentir as faíscas da velha Maitê me dominando. Merda, isso tudo era um absurdo,

NACIONAIS - ACHERON

eu tinha consciência.

O som alto da buzina da carreta que passou a toda velocidade por mim sobressaiu-se ao som da música em meu carro, arrancando-me do devaneio em que eu tinha me colocado. Em um impulso, eu freei o Rover bruscamente, os pneus fazendo um barulho ensurdecador enquanto eu puxava o ar, recuperando o fôlego. Meus dedos ficaram brancos ao redor do volante e, antes que cenas de um acidente que causei anos atrás voltassem para me torturar, trazendo com elas uma culpa que Otávio alimentou a cada oportunidade que teve, eu saí do carro e andei até a pista.

Não foi nenhuma surpresa encontrar a moto de Vicente parada a metros de distância do meu carro. Chocada, eu ainda o assisti arrancar o capacete e me estudar de maneira inflexível. Não me limitei a devolver o olhar e, em vez de fazer uso do bom senso, eu caminhei até ele.

— O que você quer comigo? — gritei a poucos passos de distância.

Seu corpo se alinhou, e ele sacudiu a cabeça. Encarando-me daquela maneira obtusa. Mesmo que estivéssemos em meio ao nada, foi possível enxergar o brilho alarmante em seus olhos. Um brilho que só uma pessoa sem nada a perder

possuía.

Dei mais alguns passos até ele, o que o fez me lançar um olhar extremamente duro.

— Volte para o carro — exigiu, sem se preocupar em me dar explicações.

— Primeiro eu quero saber por que está me seguindo!

—Maitê... volte para o carro. Agora. — Buzinas foram escutadas, carros e caminhões passando pela outra via a toda velocidade. Esse não era o melhor lugar a se estar. Muito menos se fôssemos ter essa conversa.

Mesmo assim, eu insisti.

— Ou o quê? Você vai se virar e passar mais nove anos sem dar as caras? Vai quebrar o meu coração de novo? É isso que irá fazer? — Cheguei perto, mais perto do que estive em bastante tempo. Vicente não se intimidou e, em vez de me responder, voltou a colocar o capacete, afastando-se, como fez tantos anos atrás.

Sem se importar se eu estava ou não em seu caminho.

A rajada cortante de vento que a moto provocou foi o que ficou para trás quando ele acelerou, deixando-me sozinha na estrada. Virei-me, assistindo-o partir. Os faróis acesos do
NACIONAIS - ACHERON

Rover me permitindo vê-lo retornar e entrar na avenida principal.

Contendo o desespero que senti ao vê-lo se afastar, eu voltei ao carro e, fazendo tudo no automático, peguei a mesma direção que Vicente, passando a próxima hora dirigindo em meio ao caos da cidade. Até que, enfim, reuni coragem de ir para casa.

No momento em que desliguei o carro, na segurança da garagem do condomínio, eu peguei a bolsa no banco de carona, o tubo com as plantas em que estive trabalhando e entrei no lugar que era o meu calvário. Torcendo para que o Sr. Moraes estivesse em seu quarto, eu caminhei pela casa escura como uma ladra soturna. As imensas paredes de vidro que cobriam parte do *hall* e da escada chegavam a ser invasivas, mas isso era algo com o qual todos que aqui viviam aprenderam a lidar. Com uma sensação ruim dentro do peito, um pressentimento, talvez, eu passei pela antessala silenciosa e escancarei a porta dupla que me levaria à sala principal.

O cômodo era grande, uma mistura de tudo que havia de mais moderno em arquitetura e decoração combinado com pequenas antiguidades como quadros de artistas emblemáticos e os artefatos que tinham um valor inestimável

para a família. Em dias frios, esse ambiente se tornava um dos meus preferidos em toda a casa. E se eu tivesse a sorte, poderia observar por horas a chuva cair através da parede de vidro que pegava de fora a fora a parte de trás da estrutura e que dava vista para a piscina.

A casa, construída como um presente à Sra. Moraes, ficava um nível acima da garagem e da área externa, e o último andar era formado, na maior parte, por suítes e quartos de visitas.

Olhando ao redor, eu me surpreendi ao encontrar a lareira acesa. Aproximei-me, sabendo o efeito que um pouco de calor teria em meu corpo, e esfreguei as mãos uma na outra, adiando o momento de subir para o meu quarto.

— Você demorou. — A voz do meu sogro cortou o silêncio e eu permaneci em meu lugar. Desejando ganhar tempo antes que tivesse de me explicar.

— Eu sei. — Virei-me a tempo de vê-lo se sentar em uma das poltronas. Provavelmente, cansado. — E sinto muito, Homero. Eu poderia ter avisado que não viria para casa, mas precisava espairer.

— E conseguiu? — perguntou calmo, mas eu podia jurar

que havia algo por trás da sua voz controlada. Uma desconfiança que há tempos eu não captava.

— Sim. Consegui — menti, dando a volta e me sentando ao seu lado. Não sem antes preparar uma pequena dose de conhaque puro. Uma das bebidas preferidas do meu marido.

Homero não fez nenhum comentário diante do meu comportamento atípico. Mas seu olhar acompanhou cada movimento que eu fiz.

— Você já o viu? — A pergunta veio direta, sem hesitação.

Meus dedos envolveram com mais força a taça, e eu vacilei por um segundo antes de erguer o olhar e encará-lo, temendo que Homero conseguisse enxergar o que se passava dentro de mim. Mas, aí, lembrei-me de todos os anos em que ele acreditou que eu era uma mulher feliz vivendo ao lado de seu filho e cheguei à conclusão de que a percepção do meu sogro ante a verdade era limitada.

— Sim — admiti, virando o restante do líquido âmbar, o alívio instantâneo dando-me coragem para prosseguir. — E o senhor?

Eu sabia a resposta, caso contrário, Vicente não teria

conseguido recuperar sua *tão estimada* moto.

— Ele esteve aqui esta manhã. — O Sr. Moraes fitou-me com mais atenção. — Nós conversamos, mas Vicente já não é o mesmo. — Meus olhos se expandiram em curiosidade, uma reação que não tive como conter. — Ele está mudado. Não acredito que tenha vindo em paz.

Eu tinha a mesma impressão.

— O que o senhor quer dizer? — indaguei mesmo assim, presumindo que, talvez, Homero soubesse mais do que eu sabia no momento.

Fitando-me como se minha curiosidade o incomodasse, ele falou:

— Não importa, querida — desconversou. — Nada disso importa mais. Vicente deverá ficar por apenas alguns dias, acredito que até que ele e o irmão possam conversar.

— Otávio o chamou, não foi? Ele sempre soube... — comecei a dizer, mas parei ao constatar um fato que até então não havia passado pela minha cabeça. — O senhor não parece surpreso com o fato de o seu filho saber onde encontrar o Vicente — verifiquei, temendo o pior.

Se descobrisse que o Sr. Moraes também andou mentido

para mim, eu não o perdoaria. Eu provavelmente faria as minhas malas e deixaria essa casa na mesma hora. Porque um dos motivos para eu ainda estar aqui e por ainda não ter dado um fim ao meu casamento era ele, por todo o carinho que passei a nutrir pelo meu sogro e, claro, pela preocupação que tinha com sua saúde.

Vendo que Homero oscilava, eu respirei fundo e me levantei.

— Eu não sabia o paradeiro de Vicente e muito menos que Otávio mantinha essa informação para ele, se é o que está pensando, Maitê. — Congelei em meu lugar, desejando que Homero estivesse dizendo a verdade.

— O senhor jura? — Eu me volvei, procurando a verdade dentro dos seus olhos.

— Claro, querida, eu juro. — Assenti, meus braços cedendo ao cansaço que logo foi notado pelo Sr. Moraes.

— Eu sei que a sua relação com Otávio tem passado por algumas turbulências, Maitê. — Surpreendi-me, querendo descobrir o que ele sabia sobre as *tais turbulências* do meu casamento. — Mas todo casal tem fases assim, entende? — Por mais que quisesse protegê-lo da decepção de conhecer

Otávio em sua verdadeira face, eu não podia deixar de me sentir decepcionada por ele sequer desconfiar das agressões e torturas psicológicas que eu sofria na mão do seu filho. — Não culpe seu marido por esconder as coisas de você. Ele a ama, e, se fez o que fez, é porque teve seus motivos. — Claro que os tinha, ele me queria sozinha. — Agora suba, que eu pedirei que levem algo para que você possa comer. Não gosto de vê-la dessa maneira. — Ele olhou para a taça vazia e, mesmo sem dizer uma palavra, fez-me sentir repreendida.

Beijei sua testa, tranquilizando-o, e subi. Passando o trinco em minha porta a fim de evitar intromissões pelas próximas horas. Eu não desejava comer nada, se insistisse, acabaria me fazendo mais mal do que bem. Dizer isso ao meu sogro seria estender uma conversa que eu também não desejava ter com ele. Olhei com tristeza o quarto em que passei tantas noites em claro e fui lentamente arrancando minhas roupas, deixando os sapatos e *lingerie* jogados pelo chão gelado enquanto seguia para o banheiro.

O rabo de cavalo do meu cabelo foi desfeito, e eu me dei o pequeno prazer de massagear o couro cabeludo por alguns instantes. Não querendo me privar do alívio que apenas um banho quente traria ao meu corpo, eu abri os dois jatos de

água da banheira e arranquei a calcinha, permitindo que ela deslizesse pelas pernas.

Aguardei até que a banheira enchesse e entrei, recostando a cabeça na borda e mantendo os olhos fechados conforme a pequena dose de álcool que havia tomado essa noite se enveredava pelo meu sangue. Aos poucos, eu fui submergindo na água. Permitindo que ela limpasse a minha mente, assim como fazia com a pele.

— Ela está acordando... — uma voz disse, mas não consegui reconhecê-la. O som de sirenes e pessoas falando ao redor parecia alto demais. Tentei abrir os olhos, e foi inútil. Tudo o que sabia era que fazia frio e minha cabeça doía, principalmente, depois de fazer esforço para lembrar o que havia acontecido. Movi-me agitada, e meu corpo inteiro protestou.

— Não se mova, por favor. Nós iremos tirá-la daí, mas precisamos que seja paciente. — Ignorando o pedido, eu movimentei a mão até conseguir tocar o meu rosto, que parecia molhado. Um líquido denso que me deixou desesperada... eu... eu estava sangrando?

— Se acalme, moça — a mulher segurando o meu braço
NACIONAIS - ACHERON

murmurou.

— Não deixe que ela se mexa. — O aviso veio de algum ponto mais distante.

— Você sofreu um acidente de carro, preciso que coopere e se mantenha calma.

Sangue... acidente?

— Meu... meu bebê... — esforcei-me a dizer, mas não sei se ela foi capaz de escutar, então eu repeti: — Meu bebê — soluzei em meio a todo o barulho. — O meu bebê! — gritei, deslizando a mão para o meu ventre, com a certeza de que não suportaria perder mais nada. Ele era tudo o que eu tinha, tudo o que restou de Vicente na minha vida.

— Onde ela está? — Uma voz conhecida surgiu em meio à confusão ao meu redor. — Ela é minha esposa, deixem-me vê-la. — Essa não era a voz do Vicente, não era a voz do homem que eu amava... do pai do meu filho.

Não era ele que eu queria aqui. Não era.

— Senhor, sua esposa está preocupada com o bebê. — A mulher se distanciou, e eu ainda tentei pedir que ficasse comigo. Que não me deixasse sozinha onde quer que eu estivesse. — Você sabe me dizer com quantas semanas ela

está? — a mulher, que julguei ser a paramédica, perguntou, e eu lentamente abri meus olhos, deparando-me com Otávio e ela conversando. Assim que me viu reagir, Otávio tentou passar por ela. — Senhor? — A paramédica não permitiu.

— Ela... ela está com 21 semanas. Eu não sei ao certo!

— O senhor acha que ela teria motivos para...

Ainda submersa na banheira, eu envolvi os meus braços ao redor do ventre vazio, afastando as palavras da paramédica da minha cabeça. Desejando com todas as forças poder voltar no tempo, mudar todas as decisões que me levaram até aquela estrada naquela noite. Não que eu me lembrasse de como cheguei lá, tudo que acontecera antes era um borrão que Otávio se recusou por muito tempo a me contar.

— Você quer saber o que aconteceu naquela noite? — ele perguntou anos depois, após uma de nossas discussões. *— Eu vou te contar, talvez assim você nunca mais me pergunte nada, Maitê! —* Lembro que ele me encarou, tão nervoso. Tão descontrolado. Tão diferente da maneira como ele se mostrava a todos: sempre calmo e no controle. *— Nós discutimos porque você era incapaz de aceitar o meu toque... não me permitia sequer te beijar. Você saiu quando contei a*
NACIONAIS - ACHERON

verdade, quando disse que Vicente não a amava. Que ele sempre esteve à espera de uma desculpa para te deixar e ir viver a vida dele. Mas você não acreditou! Você disse que era mentira e saiu. Você, minha querida Maitê... provocou aquele acidente. Jogou o seu carro contra aquela árvore... e deu um fim àquela criança.

O grito que dei naquele dia foi o mais agonizante da minha vida. Eu nunca vou conseguir esquecer o som violento que saiu de minha garganta, nem o desespero que senti. E mesmo me recusando a acreditar nas palavras cruéis de Otávio, eu não conseguia deixar de me perguntar: e se fosse verdade? E se eu tivesse mesmo feito aquilo?

Não seja louca, Maitê. Você seria incapaz de algo tão horrível. Tudo o que aquele desgraçado sempre quis foi mexer com sua cabeça. Apenas isso. Tentei me convencer enquanto a voz em meu interior pedia que eu emergisse. Mas por que eu faria isso? Eu não tinha nada a perder, se continuasse debaixo da água.

Eu já havia perdido tudo.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

REVELAÇÕES

*A suspeita sempre persegue a consciência culpada;
o ladrão vê em cada sombra um policial.*

Willian Shakespeare.

VICENTE

Desci da *harley* na manhã seguinte e verifiquei o relógio, dando-me por satisfeito ao chegar ao hospital a tempo do horário de visitas. Essa havia sido outra noite rolando sobre a maldita cama daquele hotel. Sentindo tão fortemente a presença de Maitê ao meu lado, que se tornou impossível dormir, porque cada vez que cometia o erro de fechar os olhos eu me via assombrado pelas risadas, pela voz... pela necessidade que sentia daquela mulher.

Meu tempo em São Paulo era limitado, eu não dispunha de mais do que algumas semanas até que tivesse que voltar ao meu trabalho. Ainda não sabia ao certo como colocaria em prática o que vim fazer, mas esperava estar com toda essa merda resolvida quando entrasse no avião rumo a Brasília.

Com o capacete debaixo do braço, eu segui pelo saguão do hospital e me enfiei no elevador abarrotado de enfermeiras. Enquanto o letreiro avançava com uma lentidão inconcebível, eu me peguei imaginando o que o distinto Luiz Carlos Bezerra, o superintendente da delegacia de Brasília, diria se soubesse o real motivo que me levou a pegar um voo até os confins de São Paulo. O homem, que além de ser o meu mentor e um de meus amigos mais próximos, conhecia toda a minha história. Cada parte fodida dela. E sensato como era, ele com certeza me acusaria de estar à procura de problemas, garantindo que eu provavelmente os encontraria.

Passei os dedos pela extensão da barba cheia e castanha, tentando dissipar a irritação por estar fora da ativa. Como costumava fazer ao me ver em ambientes fechados, varri o pequeno espaço, deparando-me com o olhar faminto de uma das enfermeiras ao meu lado. A mulher não corou ao ser pega em flagrante e sustentou o olhar até que eu mesmo tomei a iniciativa de interrompê-lo. Em qualquer outro momento, eu me mostraria interessado nessa coisinha bonita, talvez, até mesmo desse um jeito de garantir o número de seu telefone e uma noite rápida de sexo, mas esse não era *outro momento*.

A vibração no bolso traseiro da minha calça fez-me

esquecer o fato de que nem mesmo a ideia de ter algum divertimento com outra mulher, que não Maitê, soasse sequer atraente.

“Como está a sua merda, Vicente?”

Curvei a boca em um quase sorriso ao ler justamente a mensagem do Luiz. Toda informação que dei a ele antes de pegar o voo era a de que eu precisava voltar a São Paulo para resolver a minha merda. Nada mais.

“Complicada, cara. Mas eu irei resolver e estarei de volta antes que a licença termine.”

Respondi rapidamente e enfiei o celular no bolso da calça jeans em sincronia com o momento que as portas do elevador foram abertas no quinto andar. Para a minha surpresa, a enfermeira ao meu lado caminhou junto comigo, deixando ainda mais claro o seu interesse. Sem vontade de prosseguir com o flerte, eu me adiantei e segui sozinho em direção ao quarto de Otávio.

Ao virar o corredor, no entanto, eu me detive de maneira abrupta. A visão de Maitê e Marcelo, em uma conversa acalorada, beirando a discussão, fez-me recuar na surdina. De longe, consegui identificar o copo tenso e defensivo da infeliz, assim como as tentativas invasivas do filho da puta de tocar nela. Marcelo não me viu, apesar de estar virado para a minha direção. Tudo nele permanecia centrado na mulher à sua frente. Uma mulher que até poderia não me pertencer, mas que, com toda certeza, também não pertencia a ele.

Quase desisti da ideia de *apenas* observar a interação entre os dois, quando Marcelo conseguiu, enfim, tocar nela. A mandíbula apertou, os dentes cerraram e o meu punho, com a maldita certeza, desejou poder entrar em ação. O ciúme sempre foi um dos meus piores defeitos, pelo menos quando se tratava dessa mulher. Não sei se era o fato de Maitê atrair tanta atenção masculina ou se a sua insistência em agradar a todos, a questão era que eu costumava perder a cabeça com uma facilidade alarmante quando estávamos juntos.

Acho que, depois de tantos anos, a pequena provocadora aprendeu a lição. Porque assim que a mão do advogado encostou em seu braço, ela o repeliu. Escapando da conversa e se protegendo na segurança do quarto de Otávio. Exalei o ar

lentamente, deixando-me fazer visível para o Marcelo, que forçou um sorriso deslavado em seu rosto bem barbeado.

Aproximei-me despreocupado, já que o homem parecia incapaz de se mover, e, ao me colocar ao seu lado, olhei através da divisória de vidro, que hoje tinha as persianas internas abertas. Maitê parecia hesitante ao lado da cama de Otávio, como se por algum motivo temesse se aproximar demais. Olhando-a de onde estava, ela me pareceu tão perturbada, que foi impossível ignorar a sensação ruim que sua imagem me causou.

— O que você e minha cunhada estavam conversando?
— indaguei, ficando preso ao que acontecia dentro do quarto.

— Trivialidades.

— De que tipo? Ela não me parece bem. — Encarei o homem, amaldiçoando todo esse meu protecionismo, essa vontade, que pensei ter exterminado, de resguardar Maitê de todo e qualquer tipo de sofrimento.

— Não se deixe levar tanto pelo que Maitê aparenta, Vicente. Mantenha seus olhos bem abertos no que se trata dela, será melhor para você — falou enigmaticamente.

— Esse é o advogado do meu irmão falando, ou o

homem que não se acha capaz de dizer *não* a ela?

Minhas palavras tiveram efeito imediato, pois Marcelo ficou vermelho. O colarinho da camisa social pareceu sufocar o pobre coitado, que tentava sem muito sucesso afrouxar a gravata.

— Se o senhor me der licença, eu tenho uma reunião agendada com um cliente...

— Pensei que tivéssemos acertado que você se referiria a mim como Vicente. Senhor está no céu, Marcelo — provoquei, deixando-o mais nervoso.

— Claro, foi apenas um descuido.

Nada me tirava mais do sério do que homens que, na presença de outros homens, tornavam-se repentinamente... mansos. Frouxos. Eu vi a maneira como ele tocou, Maitê. Como a subjugou e intimidou. Por que agora bancava o babaca na minha frente?

Um pouco antes de sumir da minha vista, no entanto, Marcelo se deteve.

— Por quanto tempo pretende ficar? — perguntou interessado.

— O tempo que for necessário — disse, mais preocupado

NACIONAIS - ACHERON

em observar Maitê, que permanecia ao lado do leito de Otávio. Imóvel.

— Foi o que imaginei. Só tome cuidado, *Vicente*. O seu irmão tem um apreço alto pela esposa. Ele não irá gostar de saber que você tem planos com ela.

O comentário me fez rir.

— E você, com toda certeza, contaria a ele, não é mesmo?

— É meu dever, como advogado de Otávio, cuidar de seus negócios.

— Maitê não é *um negócio*.

— A julgar pela maneira como você a está olhando, eu diria que ela é, *sim*, um negócio, e um inacabado para você.

Eu o encarei, sério. Não deixando transparecer qualquer emoção.

— Não se preocupe, Vicente. Eu não estou aqui para impedir que você tenha o que veio buscar. Meu único conselho é para que não esqueça... quem ela é e a quem pertence.

Marcelo não demorou a se afastar, eu, no entanto,

permaneci em meu posto. Primeiro, vendo-o partir, amaldiçoando o infeliz em minha cabeça. Depois, observando a garota no outro lado da divisória. O coração sendo dilacerado, outra vez, pela mesma sensação ruim. No passado, nós costumávamos adivinhar, sentir o que o outro sentia. Algo estranhamente raro.

Será que esse sentimento em meu peito vinha dela?

Ao perceber que olhar para Maitê não traria nenhuma resposta, eu me joguei em uma das cadeiras de espera no corredor. O corpo inclinado sobre os joelhos enquanto mantinha a cabeça baixa. Não saberia dizer quantos minutos se passaram até que a porta do quarto de Otávio voltou a ser aberta e os meus olhos, imediatamente, bateram em seus pés, no alto de suas sandálias. Ergui o olhar devagar, absorvendo tudo: as pernas perfeitas e bronzeadas, as coxas macias...

Movi-me desconfortável sobre a cadeira, sentindo o meu pau enrijecer. O maldito era um filho da puta por não ser capaz de se conter. Por não reconhecer que Maitê era nossa inimiga. O nó que desceu goela abaixo arranhou a garganta, enquanto eu acompanhava fascinado as curvas escondidas sob o vestido mostarda, apertado para caralho. Com o comprimento acima dos joelhos, ele mal podia ser

considerado indecente. Mas nesse corpo... acho que tudo ficaria indecente. Maitê era gostosa demais!

Quando cheguei aos seus olhos, eu a peguei me encarando. Encontrando em seu rosto bonito um misto de pavor e raiva que ultrapassava a doçura daqueles olhos cor de mel.

— Esse é o tempo que você destina ao meu irmão? Cinco minutos do seu dia? — perguntei em um esforço para esconder o meu abalo. — Nove anos, e tudo o que você tem a oferecer ao meu irmão é isso?

— Quem você pensa que é para julgar o tempo que passo com Otávio? — a maldita perguntou ao se aproximar.

— Seu marido. — Eu me levantei.

— O quê?

— Ele é o seu marido. Diga isso... diga, *o tempo que passo com o meu marido*. Eu quero escutar essas palavras saindo de sua boca. Quero escutar para que eu não esqueça o tipo de mulher que você é.

Sacudindo a cabeça, incrédula, Maitê, passou por mim. Esbarrando de propósito em meu ombro. Porra, a vontade que senti ao ter seu corpo batendo no meu, mesmo que

minimamente, foi a de puxá-la de volta. Mas o idiota impulsivo aqui... fez algo pior do que simplesmente tocá-la.

Eu a segui.

Enquanto Maitê se afastava apressada, como se fugisse do próprio diabo... eu a segui.

MAITÊ

Como Vicente se transformara nesse homem?

A questão passou pela minha cabeça, fazendo-me comprimir os lábios enquanto afastava a culpa. A suspeita de que todo esse ódio, esse seu ressentimento... fosse culpa minha, não me abandonava. As palavras de Otávio, de repente, conseguindo me atingir. Eu era a culpada. Por cada coisa ruim que aconteceu. Por cada tragédia. Eu era...

Casar-me com Otávio foi um erro. Desistir de Vicente foi um erro. Sair naquela noite fria, chuvosa, outro erro. Aceitar calada tudo o que o monstro do meu marido me fez era um erro. *O que não era um erro em minha vida? O quê?*

Cheguei à escada de emergência, nervosa demais para me aventurar em um elevador lotado. Sem fôlego, me senti

aos poucos enlouquecer. Perder o pouco de razão que possuía. A sensação que me veio ao esbarrar em Vicente não se dissipara, era como se meu corpo inteiro sofresse centenas de descargas elétricas. Flamejando tudo por dentro.

— Por que, meu Deus? — indaguei baixo. — Por que trazer ele de volta? Será que já não sofri o bastante?

A única resposta que tive foi o silêncio, quase assustador, do lugar no qual eu havia me enfiado. O eco de minhas palavras, mesmo que baixas, assombrando-me. Sozinha, busquei apoio em uma das paredes e fechei os olhos com força. Sentindo o bater desatinado do meu coração. Para o meu espanto, a tentativa de colocar todas essas emoções em ordem foi interrompida pela maneira abrupta com que a porta de ferro da escada de emergência foi escancarada.

Droga!

Vicente me encarou, parecendo surpreso ao ver o estado em que me encontrava.

— O que está fazendo aqui? — perguntei baixo, não tendo para onde fugir ao vê-lo se aproximar.

Meu rosto acompanhou o movimento que ele fez com os braços, esticando-os e apoiando a palma de sua mão, uma em

cada lado da parede. Deixando-me encurralada exatamente entre elas. Os olhos castanhos, frios, se mantiveram em mim. De uma maneira que me causou arrepios dos pés à cabeça.

— Qual é a sensação de ver Otávio inconsciente, preso àquela cama? — A voz grave ecoou através dos andares. — Será que isso te faz questionar se acabou com o irmão errado? — Ele riu, de maneira amarga — Não, talvez você tenha terminado com o certo, não é mesmo? Você com certeza receberá muito se ficar viúva...

— Como você ousa? — A ofensa me fez reagir. Endireitar o meu corpo.

— Como eu ousa? *Como você* ousou mentir para mim?! O pior é que... eu teria me casado com você... teria te dado o meu sobrenome, os meus filhos! — Ele me olhou com desprezo. — Miséria! Você tinha apenas que ter mantido as suas pernas fechadas.

Não, ele não tinha falado essa merda para mim. Não mesmo!

— Seu... desgraçado! — Eu o empurrei, nervosa. E teria feito muito mais se Vicente não tivesse gargalhado e me segurado pelo pulso. Empurrando-me de novo contra a

parede. Impondo-se com sua altura e força, enquanto seu cheiro me deixava sem fôlego. Por um segundo, eu me lembrei de como era sentir esse mesmo aroma em minha pele. Como era ser consumida por ele. Marcada.

A maldita lembrança se tornando esmagadora.

— Acho que eu não sou o único aqui. — Suas palavras vieram em um sussurro, não me dando tempo de reagir. Nem para o comentário ácido, muito menos para o que ele planejava fazer.

E foi exatamente por isso que quando a sua boca *quase* tocou a minha, sem qualquer aviso, eu congelei.

Não, não foi um beijo. Foi apenas um leve roçar, uma fagulha. Um gesto tão íntimo que pelos próximos segundos eu respirei o mesmo ar que o dele. Nenhum de nós dois foi corajoso a ponto de se mover. Cada músculo meu permaneceu imóvel, assim como os dele. Nossos olhos se mantiveram fixos nos do outro, nossas bocas entreabertas. Esperando por algo mais. Teria sido menos doloroso se ele tivesse apenas me beijado.

Beijado de verdade.

— Vicente — murmurei contra a sua boca, raspando os

meus lábios nos seus. Controlando-me para não lambe a minha própria boca em busca de um mísero gosto dele. — Se afaste...

Havia um motivo pelo qual eu não o empurrava de novo. E acredito que era o mesmo pelo qual ele continuava com as mãos afastadas. No fundo, nós dois sabíamos que, se avançássemos, não haveria volta.

— Era tudo mentira, não era? A garota por quem me apaixonei nunca existiu, você era uma farsa, Maitê. Você ainda é... uma farsa. A diferença é que agora não é uma garotinha, e sim uma mulher. O que a torna muito mais perigosa.

Vicente disse cada palavra sem afastar nossas bocas. Cada murmúrio atravessando o meu corpo, se emaranhando ao meu coração. Eu não deveria, mas senti tanto a falta de sua voz. Do seu toque, seu cheiro. Senti-los agora, no entanto, só trazia mais dor. Porque eu sabia que não podia. Que era proibido.

— Você está tão errado — obriguei-me a dizer. — Se tivesse ficado, se tivesse ao menos me escutado... Mas não, você nunca olhou para trás...

— Você só pode estar brincando comigo. — A voz, a porcaria da sua voz me desestabilizou.

Essa voz, impaciente e rouca, era a mesma que murmurou coisas indizíveis em meu ouvido enquanto fazíamos amor. A mesma voz que repetiu tantas vezes as palavras: *Eu te amo... eu te amo, pequena. Você é a mulher da minha vida.*

Não teve uma só vez em que Otávio encostou em mim, em que me forçou a estar com ele, que aquelas palavras não voltaram à minha cabeça. Aquele era o lugar no qual eu me escondia quando meu marido tomava o que queria de mim. Aquele era o meu lugar secreto.

— Por que está fazendo isso? — perguntei, por um fio. Sentindo-me desmoronar. — Você desapareceu por nove anos, e agora...

— Eu desapareci? Por que caralho todo mundo nessa merda faz parecer como se o único delito cometido aqui fosse o meu? — Vicente não gritou, mas falou de uma maneira que surtiu o mesmo efeito. — Eu não desapareci, Maitê. Apenas não tive estômago para permanecer aqui e ver você com o meu irmão — disse, fazendo um esforço descomunal a fim de manter calma.

Essa parecia ser a principal diferença entre os dois irmãos.

Enquanto Otávio era calmo em público, educado e dono de um charme capaz de conquistar qualquer pessoa, a sós, ele perdia o controle, se transformava em outro homem. Vicente, não. Vicente era o oposto. Seu temperamento explosivo era constante, porém ele nunca me fez sentir ameaçada. O que Vince tinha de impulsivo, tinha de gentil. Fosse na cama ou fora dela. *Pelo menos era assim que ele costumava ser.*

— Não é como você pensa. O meu casamento não é o que parece, e... eu nunca te traí, Vicente.

— Não minta para mim — grunhiu baixo. — Ou você acha que Otávio não me contou? — *Ah. Meu. Deus!* — Eu ouvi da boca do meu irmão, Maitê. Tudo. Toda a merda que fez comigo. Em como estive confusa... em como te faltou coragem para terminar o que tínhamos. — Sacudi a cabeça, sem acreditar. — Mas sabe o quê? Eu acho que você esteve apenas jogando, que sua intenção nunca foi terminar nada comigo, porque você gostava... de ter a nós dois.

— Isso não é verdade! Eu...

— Mentirosa — sussurrou. — Você tanto mendigou

atenção de Otávio, que acabou na cama dele... Sempre tão carente, tão ávida para que todos gostassem de você. Bem, você conseguiu, não é?

— Vicente, acredite em mim, por favor — pedi, rezando para que, dessa vez, ele o fizesse. Otávio bagunçou tanto nossas mentes, nossas vidas. Não era justo. — Você não fez isso antes, mas eu te peço. Faça isso agora, por favor.

— Eu sei o que vi, Maitê — falou, sem emoção. — Vocês estavam na mesma cama, a mão dele em você.

Cobri meus olhos, envergonhada por tudo o que aconteceu naquele dia. Não querendo ouvir, não querendo lembrar.

— Dói ouvir a verdade, não é mesmo? — Ele afastou as minhas mãos, querendo acesso ao meu rosto.

— Se você não fosse tão estúpido veria que não tive como evitar. Eu não fazia ideia!

— Novamente a culpa é minha. Quando irá assumir que foi você quem fodeu com tudo? — A sua teimosia cega me fez fitá-lo em silêncio. — Eu ouço você falar e falar, mas até agora não a escutei admitir a filha da puta que foi comigo.

— O único filho da puta aqui é você — rebati em um

NACIONAIS - ACHERON

sussurro, desistindo de tentar convencê-lo do contrário.

Meu Deus, como alguém podia mudar dessa maneira?, pensei decepcionada. Como o garoto que me prometeu o mundo pôde se transformar nesse homem dominado pela raiva?

— Eu nunca conseguirei acreditar em nada que saia dessa sua boca perversa. — Vicente encarou os meus lábios. — Acho que aprendi a lição.

A maneira como a mente de Vicente funcionava não era fácil de ser acompanhada. Ele criava suas próprias teorias e conspirações. Acreditava no que bem queria. Julgava sem sequer ouvir o acusado. O homem era inflexível quando incitado, essa era a verdade.

— Sabe o que é pior? — indagou. — Você sequer o ama. — Gelei por completo. — Pode não ter me amado também, mas de uma coisa eu tenho certeza, pequena. Você não ama o meu irmão.

— Vicente...

— Aliás, eu acho que você é incapaz de amar alguém. — Era isso que ele pensava a meu respeito? — Porque, se fosse, não teria aceitado Otávio em sua cama. Teria me respeitado,

teria respeito a porcaria do amor que eu sentia por você.

— Me escute, por favor...

— Que tipo de idiota você pensa que eu sou, Maitê? Me diga! Não sei o que pretende negando o que aconteceu, ou então eu saiba, sim. É desespero, não é? Medo de ficar sozinha? Medo de perder a segurança que tem quando seu marido se for? É isso?

— Vai para o inferno, Vicente! — esbravejei, perdendo a compostura. Eu aguentei a porcaria de Otávio por muito tempo para aceitar o mesmo vindo de Vicente agora.

— Eu vou. — O maldito pressionou o quadril contra o meu abdome. Fazendo-me sentir o seu comprimento inchado. — Mas, dessa vez, não vou sozinho.

Vicente inclinou a cabeça, disposto a me beijar, dessa vez, de verdade. Mas, no último minuto, eu virei o meu rosto. Sua boca ansiosa chocando-se com a minha bochecha enquanto ele soltava um rosnado frustrado.

— Eu aprecio o seu esforço em tentar... se manter leal ao homem com quem é casada. Aprecio de verdade. Pelo visto não fui o único que aprendeu algo, e, ao que parece, você descobriu o quanto pode ser perigoso jogar com dois homens

ao mesmo tempo, não é? — debochou, amargo. — Estou orgulhoso por saber que não é mais a cadela que me apunhalou pelas costas...

O estalo de minha mão em seu rosto foi tão forte que Vicente fechou os olhos por um segundo, antes de se afastar e passar a mão na pele que provavelmente queimava. Quando voltou a abri-los, minha vontade foi de sair correndo, mesmo que por dentro mantivesse a certeza de que o Vicente, aquele que conheci anos atrás, seria incapaz de me machucar.

— Nunca mais me chame assim — falei baixo, com toda firmeza que consegui reunir.

Mostrar fraqueza nunca era bom.

— A verdade machuca, não é? — disse calmo, surpreendendo-me.

Ansiosa para me afastar, eu aproveitei da distância que ele impôs entre a gente e comecei a me mover.

— Fique longe de mim, Vicente... eu estou falando sério. — Avisei-o quando ele estava prestes a me deter.

Por sorte, algo em minha voz o fez recuar. Saí daquele

NACIONAIS - ACHERON

buraco, sem ideia de como consegui tal proeza sem tropeçar em meus próprios pés. Por todo o caminho até o carro, eu rezei para que algo assim não voltasse a acontecer, para que esse fosse o adeus que nenhum dos dois teve a oportunidade de dizer ao outro.

O alívio, no entanto, não foi sentido.

Não com meu coração insistindo em dizer que a cena causada por Vicente era apenas o começo.

DESTINO

O destino baralha as cartas, e nós jogamos.

Arthur Schopenhauer

MAITÊ

Despertei confusa. A movimentação incomum ao redor do quarto fazendo-me sentar sobre a cama. Um olhar para o homem ao meu lado, vestindo a camisa com pressa, e eu imediatamente entrei em desespero. O que Otávio fazia aqui? Lembro-me de ter ficado até tarde da noite conversando com ele, nós passamos a fazer muito isso nos últimos tempos, mas dormir no meu quarto? Isso nunca.

Estudei seu rosto amarrotado enquanto ele passava a abotoar a camisa branca, tendo um péssimo pressentimento.

— Otávio? — sussurrei, vendo-o inclinar o queixo na direção da porta do quarto. Sem proferir uma palavra. Seus olhos estavam vidrados. Assim como os meus ficaram no instante em que me dei conta da presença de Vicente: prostrado impassível no batente da porta.

Meu primeiro impulso foi o de pular da cama e ir até ele. E foi o que fiz. Dando-me conta de que tudo o que eu vestia era uma de suas camisetas. As mesmas que eu usava quando ele passava a noite comigo.

— Vince — eu o chamei antes de vê-lo bater a porta do quarto com violência. A reação tempestiva não me impedindo de correr atrás dele. — Vicente! — gritei seu nome outra vez, já no último degrau da escada, mas ele não parou.

— Vá para o inferno, porra!

Continuei a descer, agora, sim, sentindo o meu coração parar de bater.

— Não é o que parece... Vince, me ouça. Apenas me ouça. — Eu ainda sorri, tamanho absurdo que imaginei passar pela cabeça dele. Percebendo que era a única de nós dois a achar graça, eu o segurei, cravando as unhas em seu braço. Obrigando-o a parar.

Havia muitas coisas nas quais Vicente era bom. Mas lidar com seus sentimentos e emoções nunca foi uma delas.

— Te ouvir? — ele rosnou, virando-se para mim. — Olhe para você, Maitê! Apenas olhe para você! — Seu olhar desceu pelo meu corpo, deixando-me mais do que ciente de

que não havia sutiã por baixo da camiseta velha e que... minhas pernas estavam nuas. O homem que eu amava se aproximou, segurando-me pela cintura. Apalpando-me pelo quadril até que sentiu a ausência da calcinha — Porra, sua...

Ele levantou as duas mãos, passando-as pelo cabelo nervosamente. Afastando-se e se movendo agitado pelo cômodo.

— Não aconteceu nada — falei desesperada, ao ver a situação saindo do controle.

— Deixe-me adivinhar. Eu aposto que não é o que eu estou pensando, certo? — questionou, parando por um segundo. O que me fez assentir freneticamente. — Me diga, então, por que a infeliz que chamo de namorada estava dormindo tão tranquilamente ao lado de outro homem? E não era qualquer homem, miséria, era o meu irmão!

— Vicente, há uma explicação. — A voz de Otávio foi ouvida ainda da escada, fazendo apenas com que Vicente ficasse mais nervoso.

— Claro que há, merda! — Saltei do meu lugar, ao vê-lo chutar o primeiro móvel que encontrou. Derrubando vários objetos com sua explosão. Tentei me aproximar novamente,

com a esperança de que conseguiria acalmá-lo de alguma forma. Mas ao tocar em seu braço, Vicente retrocedeu. — Há quanto tempo isso vem acontecendo? — Ele me encarou furioso. — Há quanto tempo você tem fodido com o meu irmão, Maitê? — Sacudi a cabeça, minha boca trêmula.

— Eu não... eu não tenho... feito isso. — Por um segundo, cheguei a pensar que ele acreditaria em mim. Que me veria como a garota apaixonada que eu era e esqueceria tudo. Mas esse segundo se desfez e ele voltou a me dar as costas. Xingando-me em alto e bom som para que qualquer um dentro da casa pudesse ouvir.

Naquele instante, o pedido de Otávio para que mantivéssemos discrição em relação às nossas conversas deixou de ter importância. Eu não poderia continuar a manter isso para mim. Então segui Vicente pelos outros cômodos até chegarmos à garagem. O som dos passos de Otávio sendo identificados em algum ponto atrás da gente. Ele insistia para que eu mantivesse a calma, para que deixasse toda a explicação por sua conta. Mas eu não podia, não com Vicente alterado e prestes a jogar nossa relação no lixo por causa de um infeliz mal-entendido.

— Porra, você é tão carente que precisou se deitar com

o meu irmão? — ele cuspiu, enquanto eu o seguia. — Essa é a maneira de fazer com que gostem de você? Quem será o próximo, Maitê? Quem?

Ignorei a merda que saiu de sua boca, mesmo que machucasse. Vicente estava nervoso e nunca, realmente, entendeu o meu medo. Muito menos concordou com as constantes tentativas que fiz ao longo dos anos de me aproximar de Otávio e do Sr. Moraes. Sua família era tudo o que eu tinha, eu já havia perdido os meus pais e a Sra. Moraes... tinha me restado tão pouco. Que mal havia tentar fazer com que eles gostassem de mim? Que mal havia em tentar ser querida por outras pessoas além do Vicente?

Eu precisava dessa segurança. Precisava saber que não estaria sozinha se algo acontecesse. Porque sempre acontecia. A vida era imprevisível.

O que aconteceu naquele dia mudou tudo. Lembro-me de ter gritado até a minha garganta doer. De ter me colocado em frente à moto do Vicente sem nenhuma prudência e implorado para que ele não fosse embora antes de nos acertarmos. Era como se pressentisse, de uma maneira bizarra, que não teríamos outra chance. Não em um longo tempo.

O pedido duro para que eu saísse da sua frente permanecia em meu cérebro. Assim como o instante em que Otávio me puxou para os seus braços, confessando que tinha adormecido em meu quarto por descuido e que, quando caiu em si, era tarde demais. Odiei que o retorno de Vicente fosse capaz de trazer o passado à tona. Tudo que lutei para manter guardado estava sendo repetidamente jogado na minha cara desde que me deparei com ele no estacionamento do hospital.

Afastando o livro que vinha segurando, eu me remexi na poltrona e olhei para fora, através da janela. Estar em casa nem sempre era tão calmo a ponto de eu ser capaz de ouvir meus próprios pensamentos. Na maioria das vezes eu estava na companhia do Sr. Moraes, ou escondendo-me da atenção indesejada de Otávio. Mas hoje, não. Hoje, o silêncio ao redor era tamanho, que chegava a ser incômodo.

Horas se passaram desde que deixei o hospital essa manhã. Eu almocei com o meu sogro, como costumava fazer algumas vezes na semana, e, depois, tentei me distrair, inutilmente, com um pouco de trabalho. Até que desisti e peguei um dos tantos livros no escritório, a fim de colocar a leitura em dia. O que também não consegui.

De tempos em tempos, eu me pegava imaginando o que

poderia ter acontecido naquele cubículo se eu tivesse permitido. Vicente teria me beijado, e o quê? Como eu lidaria com *isso* depois?

Como conseguiria esquecer?

— Então ele é um delegado federal? — A voz interessada da Verônica deu fim aos meus pensamentos tolos, atraindo a minha atenção ao vê-la entrar na sala em meio a uma conversa com o meu sogro.

— Sim — Homero respondeu, e eu juro que pude ver em sua expressão certo remorso. Seria culpa?

— O senhor tem muitos motivos para estar orgulhoso dos seus filhos, Sr. Moraes — ela acrescentou com um entusiasmo que me fez nervosa. — Uma pena que o seu caçula não more no estado, não é mesmo?

O Sr. Moraes apenas assentiu, sem paciência para o interminável interrogatório da Verônica, e ergueu o rosto. Olhando para mim.

— Pensei que estivesse descansando — disse, dando uma trégua ao silêncio entre nós dois. Homero parecia distante, pouco falou durante o almoço e no fundo eu desconfiava que esse seu comportamento se devia à ameaça

de ter Vicente de volta.

— Mesmo que estivesse cansada, eu não conseguiria.

O Sr. Moraes anuiu, caminhando pela sala após dispensar Verônica.

— Otávio vai sair dessa. Você sabe, não é? — Assenti no automático. — Quando isso acontecer, tudo voltará ao normal.

Ele não precisava falar por códigos comigo, eu podia ler perfeitamente o significado de suas palavras.

— O que está tentando me dizer é que o Vicente irá sair de nossas vidas de novo. É isso? — indaguei baixo. Confusa. Não entendendo como ele podia agir assim, depois de ter sofrido tanto com o afastamento do filho. Homero não respondeu, o que me fez continuar: — Eu pensei que o senhor estaria feliz por *ele* estar aqui.

— E estou — admitiu, em um tom de voz áspero. — Só não acho que esse seja o momento certo para que *ele* esteja de volta.

— Por quê?

— Você já tem muito com o que se preocupar, para, ainda por cima, ter que lidar com a raiva do meu filho, Maitê.

— Meu sogro colocou as mãos em meu ombro, impedindo-me de decifrar a sua expressão.

— Eu sei me cuidar, Homero. Não sou mais a garota que... Vicente conheceu.

— Eu sei, querida. Mas isso não me impede de ficar preocupado com você.

— O senhor acha que ele seria capaz de tentar algo? — Eu não entendia o porquê dessa minha pergunta quando era, perfeitamente, capaz de imaginar a resposta para ela.

— Vicente é meu filho, Maitê. E por mais vergonhoso que pareça, eu não o conheço a ponto de prever suas atitudes.

— Ele é imprevisível.

— Sim. Por isso tome cuidado, eu não desejo vê-la machucada.

Mais?

Nossa conversa foi interrompida pelo retorno da Verônica, que trouxe com ela café e biscoitos. Meu sogro se sentou ao meu lado, agindo como se tudo em nossas vidas estivesse na mais absoluta normalidade. Falando, insistentemente, a respeito de Otávio, empurrando a lembrança do filho mais velho goela abaixo, até que eu dei

NACIONAIS - ACHERON

um basta.

Ou saía dessa casa, ou me veria louca.

— Aonde você vai? — ele perguntou, quando me levantei.

— Dar uma volta. Prometo que não irei demorar.

— Não sei se é prudente, querida — falou, fazendo-me sentir como uma criança. — Você pode negar, mas vejo que está agitada...

— Eu estou bem. Além disso, será por pouco tempo. Logo estarei em casa, tudo bem? — Não esperei por sua confirmação, ou resposta.

Eu era uma mulher adulta e estava cansada de ser tratada dessa maneira. Como se não fosse confiável.

Então, ignorando os seus protestos, eu fui até o escritório onde tinha estado analisando algumas plantas, horas atrás, peguei a minha bolsa e desci até a garagem. Quando me vi na segurança do meu carro, peguei o meu celular e hesitei antes de enviar uma mensagem a Serena. Àquela hora, minha amiga deveria estar atolada com todo o trabalho que eu havia deixado em suas mãos. Fora que não queria perturbá-la com meus problemas. Não quando a coitada não podia beber

sequer uma taça de vinho para amortecer a merda que eu pretendia jogar sobre ela.

Enquanto olhava para a tela do aparelho, perdida, um tanto indecisa, eu matutei se enviava ou não uma mensagem para o Gabriel. Pensando se valeria a pena ficar exposta ao olhar clínico dele em um momento tão vulnerável como este. *Não que isso importasse.* O que eu precisava agora era de um lugar neutro para estar. Um lugar onde a presença de Otávio e Vicente não pudessem ser sentidas.

“Onde você está? Abrigo ou apartamento?”

Digitei a mensagem e aguardei a resposta. Quando ela veio, instantes depois, eu respirei fundo e dei partida no meu carro. Sabendo exatamente para onde ir.

VICENTE

— O que significa isso, Vicente? — meu pai perguntou ao me ver atravessar o *hall* de sua casa com duas mochilas pesadas de couro no início da noite.

NACIONAIS - ACHERON

— Já que minha presença foi solicitada, e o senhor fez questão de lembrar que essa casa é tão minha quanto de Otávio, eu decidi passar os próximos dias aqui, em vez de no hotel. — Estaquei no primeiro degrau, à espera de algum protesto acalorado.

Eu pagaria para vê-lo retirar as palavras ditas no dia anterior.

— O que você pretende com isso, filho? Por que não avisou antes?

— Estou avisando agora. — Dei de ombros, sério. — Achei que seria o bastante.

— Você está agindo como um garoto petulante...

— Discordo. Primeiro porque não sou um garoto, sou um homem, pai. E segundo porque petulância não é um defeito que carrego. O senhor me conhece melhor do que isso. — Subi outro degrau, sem paciência.

A noite estava quente e a insônia dos últimos dias, para não dizer anos, cobrava o seu preço hoje. Depois de ser deixado por Maitê naquele buraco da escada de emergência, eu não voltei para dentro do hospital. Eu simplesmente saí. Nervoso demais para fazer outra coisa, que não pilotar pela

cidade. Estar com Otávio naquele momento teria me deixado louco. Olhar para o homem, o marido da mulher a quem estive prestes a beijar... não teria sido fácil.

Miséria! Como Maitê era capaz de causar tanta destruição? Tanto tormento?

No decorrer do dia, tentei me lembrar de que nada disso importava. De que em breve eu estaria de volta à minha velha e prezada rotina. Onde as emoções eram controladas. Onde o meu corpo era controlado e o poder louco que essa mulher tinha sobre mim seria apenas uma lembrança.

Talvez nem isso.

— Eu não vou permitir que se imponha no casamento de seu irmão, Vicente — meu pai declarou, contrariando a minha tentativa de pôr um fim à conversa. — Escute bem o que estou te dizendo, eu vi o estado em que o Maitê esteve durante todo o dia, a pobrezinha está nervosa...

— Pobrezinha? — questionei, me voltando para ele na metade da escada.

— Se você realmente a amou, deixe-a em paz, filho.

Não, eu não iria deixá-la em paz. E o motivo era justamente esse: porque eu *realmente* a amei.

— Se o casamento dos dois for tão sólido como o senhor tem se esforçado em me fazer acreditar, ele não será perturbado pela minha presença nessa casa, pai. Tenha um pouco mais de fé — cuspi as palavras, sem me preocupar em esconder o sarcasmo.

O simples pensamento de que Maitê pudesse ser fiel ao meu irmão, quando não foi comigo, era o bastante para me fazer perder as estribeiras. A maneira como ela atuou toda ofendida essa manhã não passou despercebida. A infeliz rejeitou o meu beijo. Rejeitou a minha boca. Se ela pensava que eu deixaria isso por menos, estava muito enganada.

Maitê pode ter resistido a essa primeira tentativa, mas outras tantas viriam. E amando ou não o marido, o que duvidava que acontecesse, em algum momento eu a faria ceder. No que se tratasse do seu caráter, eu sempre manteria um pé atrás. A fé nela, assim como o respeito, já não existia. Ambos foram destruídos há bastante tempo.

Chegando ao meu antigo quarto eu soltei as duas mochilas no chão e percorri o cômodo. Os velhos pôsteres de bandas de *rock* que guardava haviam sido arrancados, os papéis de parede substituídos por outros mais claros, de cor cinza. E vários dos meus objetos pessoais, desaparecido. A

cama, um pouco mais baixa que as de costume e larga o suficiente para caber um pequeno harém, permanecia a mesma.

Perfeito, pensei ao ter a mente invadida por imagens minhas e de Maitê rolando sobre essa mesma cama. Esse quarto abafou tantos dos seus gritos, seus gemidos. No passado, nós fazíamos amor feito dois coelhos no cio. Eu era tarado por ela. Pela sua alma, pelo seu corpo.

— *Faça amor comigo, Vince, eu quero ser sua...* — Rodeei a cama, cerrando a mandíbula. A voz da safada tremulando em meu ouvido como uma praga.

Como fazer essa merda parar? Como deixar de ser assombrado pela maldita?

Joguei-me sobre a cama. As costas largas batendo contra o velho colchão enquanto eu fitava o teto e passava as mãos pelo cabelo. Perdendo a razão *ao quase* ser capaz de sentir o gosto de sua boca. Sabe quando a sensação bate na ponta da língua e logo evapora? Era assim que me sentia agora.

O *quase* me fazendo duro. Faminto por algo que eu não tinha o direito de tomar... Ou será que tinha?

Quarenta e cinco minutos depois, para ser mais preciso,

deixei o quarto preparado para participar da farsa que seria me sentar na sala de jantar ao lado de meu pai e cunhada.

Para minha surpresa, uma não tão agradável, apenas para constar, Verônica, a quem ainda não havia sido oficialmente apresentado, decidiu perambular em frente ao corredor. Esbarrando *acidentalmente* comigo no momento em que me preparava para descer. Em nossa breve conversa, descobri que ela era enfermeira particular do meu pai e que fazia companhia ao velho quando Maitê não podia estar presente.

— Há quanto tempo trabalha nesta casa? — perguntei, mais interessado nas informações que poderia obter do que em sua vida pessoal.

Eu não poderia dizer com exatidão qual era a idade de Verônica, mas podia afirmar que já não era nenhuma garotinha. A maneira provocante com que me olhava atenuava essa certeza. Para infelicidade dela, só existiria um par de pernas enlaçando o meu quadril pelas próximas semanas.

E essas pernas, definitivamente, não seriam as dela.

— Cerca de dois anos. — Piscou afetada, fazendo-me controlar a vontade de revirar os olhos.

— Então você conhece a rotina de todos? — Verônica assentiu. — O que acha da esposa do meu irmão?

— A Sra. Moraes? — perguntou surpresa com o meu interesse. — Nós não temos uma relação próxima. Ela é um pouco reservada. Mas é uma boa patroa. Não interfere em minhas decisões, a menos que esteja visando o que é melhor para o seu pai.

— Uma nora dedicada, então.

— Sim. Ela e o seu pai são bastante próximos.

Chegamos ao corredor principal que nos levaria até a sala de estar e Verônica se mostrou incomodada ao ver que nossa conversa teria fim.

— E quanto ao meu irmão? — sondei, antes de nos separarmos. Movido por uma curiosidade voraz. — Como é a relação da sua patroa com ele? — A pergunta, feita em voz baixa, fez com que Verônica arqueasse a sobrancelha fina. Sua hesitação desaparecendo no instante em que viu minha boca se curvar em um sorriso pretensioso.

— Seu irmão, ele claramente...

A voz alterada de meu pai ecoando da sala de estar interrompeu o que Verônica estava prestes a dizer. Cheguei

até ele em poucos passos, me detendo no batente da porta ao encontrá-lo andando de um lado ao outro com o telefone no ouvido.

— Você prometeu que não iria demorar. — Eu o escutei repreender alguém no outro lado da linha. — Eu fiquei preocupado ao saber que ainda não havia chegado. — Quem não havia chegado? O nome *dela* piscou diante do meu cérebro antes mesmo que a palavra se formasse. Sem se dar conta da minha presença, Homero continuou a falar, enquanto Joana, a empregada mais antiga da casa, o seguia com um copo de água e um comprimido em sua mão. — Certo, eu entendo. Não se esqueça de dirigir com cuidado, querida.

— O que está acontecendo? — perguntei a Joana, que apesar do susto que tomou ao me ver, não demorou a abrir um sorriso. Ela sempre foi gentil e por muitas vezes acobertou as travessuras em que eu me metia quando criança. Fora que, depois da minha mãe, essa mulher foi uma das minhas maiores defensoras nessa casa.

Eu esperava de verdade que isso não tivesse mudado.

— Menino! — Ela se engasgou com as palavras e me deu um abraço apertado. O copo e o remédio que segurava sendo deixados no aparador ao lado do sofá. — Seu pai
NACIONAIS - ACHERON

acabou de me contar que você irá passar alguns dias com a gente. Se eu soubesse antes, teria tido tempo de preparar algo que goste...

— Não precisa se preocupar, Jô. Sabe que tudo o que você faz me agrada.

Isso, sim, era recepção, pensei sorrindo com afeto para ela, que lançou um olhar não muito satisfeito a Verônica, ainda parada ao meu lado. Ignorei a tensão entre as duas mulheres, mais preocupado com o fato de Maitê não estar em casa.

Quando entendeu que eu gostaria de ficar a sós com o seu patrão, Joana arrastou a ruiva com ela para a cozinha. Deixando-me livre para examinar a expressão taciturna no rosto do meu pai.

— Então, onde a fugitiva está? — perguntei, tendo o prazer de me servir de uma dose da primeira bebida que encontrei na bandeja de prata sobre o aparador. O líquido quente descendo tragicamente pela garganta empurrou o nó de apreensão em minha voz.

— Ela não fugiu, Vicente. Apenas precisava de um tempo sozinha.

— Por quê? Pensei que em um momento como este ela gostaria de estar rodeada pela família.

— Os últimos dias foram cansativos demais, é normal que ela queira espairecer — falou, não me convencendo nem por um instante.

Algo não se encaixava na vida de Maitê, havia mistérios demais ao seu redor. A maneira como falavam dela, cada um com uma opinião. Toda essa incerteza me incomodava. Não saber a quem escutar, no que acreditar. Uma sensação que se elevava à décima potência a cada vez que punha os olhos sobre ela. Como delegado, eu era acostumado a seguir meus instintos. O problema, aqui, era que, no momento, o meu instinto e julgamento pareciam estar sendo prejudicados pelo desejo que sentia de tomar aquela mulher para mim.

A noite veio e passou. Eu mal prestando atenção ao que era dito ou servido durante o jantar. Em determinado momento meu pai desistiu de esperar por Maitê e se recolheu em seu quarto. O ponteiro do relógio sobre a lareira chegou a marcar 23h30, e nada da descarada chegar.

Levantei-me irrequieto e caminhei por um tempo pela casa. Havia em mim atualmente aquilo que podíamos chamar de aspereza. Minhas experiências me fizeram um homem

NACIONAIS - ACHERON

duro. Intransigente com os erros dos outros. Frouxidão e amistosidade... não eram atributos presentes naqueles que seguiam carreira federal de qualquer maneira.

Junte essa intolerância à mania de levar tudo ao extremo e aí já viu, coisa boa não saía.

Enquanto percorria os cômodos vazios, cheguei à conclusão de que seria um erro me deitar àquela hora. A última coisa que conseguiria ao bater na cama seria cair no sono, não importava a exaustão ou as horas que passava em claro. Dormir não era algo que fazia com facilidade. Essa não era uma realidade que incomodava, eu podia passar bem com três ou quatro horas ininterruptas de sono por dia. O problema se resumia *em estar aqui*.

Do segundo andar da casa, fui capaz de escutar o ruído forte do motor do Range Rover de Maitê. Os faróis clareando as vidraças inteiriças que seguiam de fora a fora em um dos corredores mais afastados. Aproximei-me devagar, observando-a sair do carro apressada. A roupa que vestia era a mesma desta manhã.

Onde ela havia se enfiado por todo esse tempo? Tensionei ao imaginar. O desgraçado ciumento dentro de mim colocando as garras para fora.

Em determinado momento Maitê olhou para o alto como se sentisse a minha presença. A iluminação amena que vinha da rua não me revelou e eu duvidava que conseguisse enxergar até mesmo alguma sombra lá de baixo. Dei um passo atrás, disposto a confrontá-la antes que fosse para o seu quarto, e andei até a porta em que imaginei ser o ninho de amor dela com meu irmão. contei os segundos, imaginei seus passos, a respiração por baixo do vestido apertado...

Miséria!

O som dos saltos altos no assoalho frio da escada denunciou a aproximação. Ancorei na parede, cruzando os braços, e fitei o final do corredor escuro. Só podendo estar com a cabeça em outro lugar, Maitê não notou a minha presença até que fosse tarde demais e eu a tivesse pressionada contra a parede.

Quando meus olhos bateram nos seus, exigentes e afiados, a infeliz gemeu e engoliu em seco. A pele macia de seu pescoço movendo-se junto com a traqueia, em um gesto que eu tinha visto vezes demais durante a minha carreira para deixar passar batido agora.

Era um gesto de culpa.

PERIGOSAS

— Eu quero que me diga onde esteve, e quero que me diga agora!

NACIONAIS - ACHERON

PROIBIDO

Não peca quem peca por amor.

Oscar Wilde

MAITÊ

Antes que pudesse fazer conta da presença de Vicente, o maldito teimoso esmagou meu corpo na parede com o seu, fazendo-me gemer. O olhar escuro se estreitou conforme ele o deslizou rumo à minha boca entreaberta. A energia densa partindo dele era tão palpável que eu, imediatamente, engoli em seco. E não foi um engolir fácil. Minha garganta estava áspera, em parte pelo susto. Em parte, pelo temor que sentia desse homem.

Não era um temor semelhante ao que experimentava com Otávio. Era diferente. Uma sensação inexplicável. Assim como era inexplicável o pedido do meu coração para que ficasse longe. Alertando-me de que eu não deveria ceder ao seu chamado. Porque era isso que sentia ao olhar para

NACIONAIS - ACHERON

Vicente. *Um chamado*. Um desejo de me aproximar, de tocar no que me era proibido.

Dar um fim a essa saudade.

— Onde você esteve? — ele repetiu a pergunta e, apesar do tom brando com que falou dessa vez, eu não o considerei menos nervoso.

Pressentindo um possível ataque, o homem manteve o corpo musculoso pressionado ao meu. Fechando os dedos longos ao redor da minha cintura. Apertando-a com força. Inspirei com dificuldade, não apenas pela intensidade do toque primitivo, mas também por perceber que estávamos sozinhos em meio ao corredor. A única luz a nos alcançar era a da noite. Ou o pouco dela que escapava através das frestas das cortinas das janelas mais afastadas.

Para o meu espanto, a mão fechada em minha cintura se arrastou possessivamente pelo meu corpo, explorando a parte de cima do meu abdômen, quase chegando aos seios. Quando isso aconteceu, quando ele contornou, suavemente, a linha rígida do bojo do sutiã, eu parei de respirar.

— Qual é o seu problema? — perguntei em um arquejo baixo, queimando por dentro.

— Sou eu quem deveria estar fazendo essa pergunta, não acha? Meu irmão está em coma naquele hospital, enquanto a *querida esposa* dele brinca de se esconder... — grunhiu rouco em meu ouvido. A barba cheia roçando a pele do meu pescoço. E, pelo amor de Deus, a textura dela era exatamente como imaginei que seria. Uma mistura áspera e macia de pelos cheirosos. — Agora me responda, sim? — A vibração da sua voz me alcançou, arrepiando-me inteira. — Onde. Você. Esteve?

— Eu... eu não tenho que te dar explicações, Vicente — rebati. Odiando-o por mexer comigo dessa maneira. — Você não é o meu marido, não é nada meu!

O rosto afundado em meu pescoço se moveu, encarando-me.

— E você acha que eu não sei? — indagou sério. — Acha que consigo esquecer, Maitê? Eu não sou seu marido, porra, porque você... *você* ferrou com tudo!

Oscilei, perturbada ao reconhecer a emoção crua de suas palavras, e me debati em seus braços, querendo fugir do que quer que esse confronto significasse. Eu não era uma covarde. Não importava o quanto Otávio dissesse o contrário, eu não era. Se desejava escapar do Vicente agora era apenas porque

NACIONAIS - ACHERON

conhecia essa história e suspeitava o fim trágico que ela teria.

— Vicente... não — apelei ao sentir o hálito quente me alcançar em lufadas de ar.

— Não? — Parou por um momento. — Vai me dizer que não deseja lembrar qual é a sensação da minha boca devorando a sua? Te engolindo? — Virei o rosto com a esperança de que assim tudo desmaterializasse. Ele, *a sua boca...* o meu desejo. Mas não, a minha reação tornou tudo infinitamente pior. Porque Vicente grudou os lábios grossos na minha orelha, mordendo o lóbulo... e sussurrando em seguida: — Eu duvido que você não esteja agora mesmo se perguntando como seria se eu te pegasse... se te fizesse lembrar como costumávamos ser bons sobre a cama. Embaixo do chuveiro, no chão, mas, principalmente... contra a parede.

— Pare, por favor! — Era uma vergonha, mas, não, eu não precisava dele para me lembrar de nada. Se eu apenas fechasse os olhos, tudo voltaria à minha mente. Cada gemido. Cada estocada. Cada beijo.

— Isso é tudo em que tenho pensado desde que coloquei os olhos em você, Maitê — admitiu, torturando-me com a língua, que escorregava pela orelha conforme ele falava. — Em tudo o que fazíamos. Nesse seu cheiro, nessa sua boca

NACIONAIS - ACHERON

molhada... sempre tão disposta a me agradar.

Por que ele estava fazendo isso comigo? Por quê?

— Pare de me dizer essas coisas... por favor! — Eu o empurrei, afastando meu rosto e procurando pelos seus olhos. Querendo enxergar o que havia por trás de suas palavras. O que ele realmente pretendia. — Eu sou casada com o seu irmão, isso é...

— Esqueça o meu irmão!

Vicente puxou o meu cabelo, como se fosse me afastar, mas fez justamente o contrário. A boca ávida caiu sobre a minha em um rompante que devastou toda a minha resistência. Deixando-me refém do seu desejo. Tomando fôlego em meio ao beijo, ele o tornou mais profundo. Mais intenso.

Juro que, se não estivesse presa entre ele e a maldita parede, eu poderia ter, facilmente, deslizado até o chão, de tão desnorteada que fiquei. A mão segurando o meu cabelo puxava-me de volta a cada tentativa que eu fazia de interromper essa loucura. A língua experiente e sádica se fundia à minha com ainda mais ímpeto enquanto eu me afogava em seu beijo. Sem chance de salvação.

Os grunhidos que esse homem liberava deixavam-me zozona. Excitada. Eram pequenos rosnados ensandecidos. Cheios de tesão. A explosão que todo ele era parecia me golpear da mesma maneira que sua língua o fazia. Enquanto eu era inteira acariciada. Explorada.

As mãos de Vicente pareciam não saber o que tocar, arrastando-se pelo meu corpo de uma maneira tão saudosa, tão ciumenta, que eu sentia o esforço que ele fazia para continuar. Seus dedos hesitavam em deixar determinada parte da minha pele, afundavam na carne, até alcançar outro ponto sensível. A respiração pesada misturando-se à minha própria enquanto nossas bocas pareciam incapazes de se largarem.

De se deixarem ir outra vez.

Cada ofego que dei durante o tempo que durou o beijo foi abafado por Vicente, que tomou tudo de mim. Meus gemidos, meu juízo. Levando tudo para longe. Deixando-me sozinha para lidar com toda a sua necessidade. Ao se dar conta da minha total falta de fôlego, o homem se afastou apenas o suficiente para que eu pudesse respirar com calma. Ele não piscou, sequer desviou seus olhos dos meus. Apenas ficou ali. Calado, me observando enquanto esfregava a barba em meu rosto.

— Não ser capaz de lembrar o seu gosto estava me deixando louco — murmurou, um pouco antes de voltar a me beijar. Como se o que tivéssemos feito até aqui não fosse o suficiente. — Eu passei todo esse tempo tentando arrancar você da minha cabeça, apagar o que vivemos. — Deu pequenas pausas entre um beijo e outro. Desorientando-me. — E tudo o que consegui perder foi o seu gosto. Dá para acreditar? — Vicente se calou, cravando os dentes no meu lábio inferior. Puxando-o para si.

Meu Deus! Fazia tempo demais desde a última vez em que me senti assim: com vontade de ser beijada, tocada... de estar com um homem. *Tempo demais*, lamentei enquanto assistia ao meu desejo ser transformado em nada. E como sempre acontecia quando Otávio surgia na minha cabeça, eu me retraí. Fechei-me para o mundo exterior. E isso incluía Vicente e os seus beijos, que, claro, percebeu a mudança.

De uma maneira quase abrupta, ele se afastou. Como se também caísse em si.

— Por que fez isso? — perguntei, sabendo a dificuldade que seria esquecer o que havia acabado de acontecer. O tanto que doeria.

— Eu fiz? — inquiriu baixo, a sobrancelha escura

NACIONAIS - ACHERON

arqueada. — Se você não quisesse esse beijo não deveria ter respondido da maneira que fez, pequena. Porque, para mim, você parecia faminta. — Eu o olhei, engasgada. Vergonha cobrindo o meu rosto.

Pela segunda vez no mesmo dia eu levantei a mão para ele. A diferença foi que, dessa vez, Vicente me segurou antes que eu lhe desse um tapa. Usei a outra mão para me soltar e, quando consegui, o empurrei. Querendo machucá-lo tanto quanto já haviam feito comigo.

— Pare com isso, merda! Essa é a segunda vez que você levanta a mão para me dar um tapa. — Puxei o braço quando tentou me segurar de novo. Todo o esforço que fiz sendo em vão. — O que aconteceu com você, Maitê? O que te deixou tão agressiva?

O que aconteceu comigo não importava, não mais, pelo menos. O estrago já estava feito.

— Você deveria estar se perguntando o que aconteceu com a gente. Olhe para nós dois, Vince. Olhe para o que a gente se tornou!

Tão transtornado quanto eu estava, Vicente me encarou. Encarou de verdade. Como se enxergasse através do meu

corpo. Da minha pele. Como se chegasse à minha alma e visse toda a sujeira dentro dela. Todos os segredos que eu mantinha escondidos.

— Eu estou olhando, Maitê... e não sei se gosto do que vejo. — Ele recuou, daquele jeito irrequieto. Fazendo meu coração pular uma batida ao ver que não tínhamos mais tempo. Que esse pequeno rompante havia chegado ao fim. E que eu estava novamente sozinha.

Olhei para Vicente, vendo-o se afastar, e quase cometi a sandice de chamá-lo. De pedir que ficasse comigo. Que não me deixasse de novo. Fazer isso parecia tão mais fácil do que encarar a verdade, do que lidar com os meus demônios. Todos eles reais demais para que eu pudesse sentir alívio. Quando finalmente se virou, eu me vi, outra vez, envolvida pelo vazio de sempre. O ar ao redor ficando escasso ao vê-lo caminhar até a porta ao lado da minha.

Antes de entrar, Vicente ainda parou e me olhou uma última vez.

Sem nada a dizer, eu escapei. Trancando-me no quarto que dividia com Otávio. O estrondo alto da porta ao lado sendo fechada com força ecoou pela estrutura da casa. Mas, principalmente, pela estrutura do meu quarto. Mesmo em

NACIONAIS - ACHERON

meio à escuridão eu encarei a parede que dividia com Vicente, imaginando-o andar pelo cômodo. Agitado. Nervoso.

Imaginando tudo em que estaria pensando.

Será que ele sentia esse vazio? O mesmo desespero? Atravessei o quarto, ciente de que esse era um ato estúpido. Sem sentido. E alcancei a parede, recostando-me nela enquanto fechava os olhos. O grito sufocado na garganta transformando-se em lágrimas silenciosas. Mudas.

Assim como a minha dor.

VICENTE

Andei pelo quarto, a adrenalina correndo solta. Assim como o sangue circulando quente pelo corpo. Minha boca... *maldição*, ela parecia em chamas onde os lábios da infeliz haviam tocado. Eu os lambi, sugando os resquícios dela como um doente, querendo mais. Mais do seu gosto. Mais daqueles olhos ferinos sobre mim.

— Porra! — grunhi baixo.

Se soubesse que beijar aquela mulher me poria tão louco, eu não teria encostado um dedo que fosse nela. *Duvido*,
NACIONAIS - ACHERON

minha mente zombou. Não que eu esperasse que fosse ser fácil. Suspeitava mesmo que não seria. Eu só não contava que, além de ter que domar esse desejo antigo, eu também tivesse que lidar com a dor esmagando-me por dentro.

Desista dessa loucura, Vicente, desista enquanto há tempo... a mesma voz de antes murmurou. O primeiro impulso foi o de ignorá-la, mas e se a voz estivesse certa? E se o melhor fosse desistir?

Revidar na mesma moeda o que aqueles dois fizeram comigo talvez fosse realmente um erro. Ou talvez, não. O plano era tão simples que chegava a ser desprezível. Nervoso demais para tomar uma decisão, eu procurei me acalmar, ficando de frente a parede que nesse momento era tudo o que me separava de Maitê.

Droga!

Desistir da vingança seria o mesmo que abrir mão de estar com ela uma última vez. E, não, eu não era um homem tão altruísta assim.

Na manhã seguinte, depois de uma corrida improvisada feita ao redor do condomínio, eu voltei para casa e a encontrei silenciosa da mesma forma que estava quando saí. Jogando a camisa suada por cima do ombro, verifiquei o relógio e me dei conta de que ainda era muito cedo para que os empregados ou até mesmo o meu pai estivessem acordados.

Sedento por um copo de água, eu caminhei até a cozinha e me servi. O líquido gelado refrescou a garganta e o calor que sentia. Por um breve momento, me peguei pensando no que havia acontecido na noite anterior. Eu não havia ficado imune àquele maldito beijo, isso ficou bem claro. Mas também não podia negar que estava furioso por tê-la cedendo à minha investida. Qualquer dúvida quanto a uma possível mudança de caráter se perdeu no instante em que os lábios de Maitê se entreabriram.

Ao chegar à sala, eu me aproximei da vidraça inteiriça a fim de apreciar a vista, em uma tentativa inútil de me distrair, mas, ao olhar para baixo, a primeira coisa que enxerguei foi a causa de toda minha inquietude. Fiquei sem reação ao reconhecer o corpo bronzeado atravessando o raio da piscina. A pele morena realçada pelo maiô branco, que revelava parte da bunda voluptuosa.

Merda, quanto mais eu fugia dessa mulher, mais a sua presença era esfregada na minha cara. Peguei a camisa do ombro e a enrolei no punho, em um movimento inconsciente. Qualquer coisa para me manter ocupado. Maitê continuou a nadar, tão focada e obstinada, que eu me perguntei se o motivo de tanta dedicação era o mesmo que me levou a correr essa manhã: alívio.

Seria uma pena quando ela descobrisse que cansaço algum provocado pelas braçadas incessantes que dava na água sanaria a fome do seu corpo. Porque só poderia ser isso que a descarada tentava esgotar tão avidamente. Eu podia apostar o pouco do que havia restado do meu coração nisso.

— Bom dia! — Uma voz alta e animada ecoou ao meu lado.

Não me virei de imediato, reconhecendo a voz. A última coisa que desejava era me envolver em uma conversa fiada com a mulher que desde que pôs seus olhos em mim não fez a menor questão de esconder seu interesse. Vendo que eu não reagia, que meus olhos continuavam fixos no andar inferior, Verônica se aproximou e também olhou para baixo.

— Oh, é ela.

A abusada roçou o braço no meu, e, por um pequeno instante, eu me virei para encará-la. Irritado.

Verônica sorriu para mim e continuou:

— A Sra. Moraes adora nadar, faz isso todas as manhãs... às vezes até a noite. Quando não consegue dormir.

— Olhei novamente para Maitê, que parecia não cansar.

Será que nós dois sofriamos do mesmo mal?

— O que mais ela gosta de fazer? — perguntei, ainda obcecado com sua visão na piscina.

— Hum... Eu não sei bem — respondeu hesitante. — Normalmente ela está na construtora ou aqui, sentada nessa sala lendo algum livro. Ou então... ela sai, como fez ontem. — Deu de ombros.

— Para onde? — questionei rápido, atraindo a atenção de Verônica, que me olhou desconfiada.

— Eu não sei — disse em voz baixa.

— Você está me dizendo que esses sumiços dela são recorrentes? Será que ela ao menos conta onde está quando isso acontece? — Porque foi isso que ela havia feito na noite passada. Sumido sem dar qualquer explicação.

Deixando o meu pai preocupado. *Deixando-me preocupado.*

— Como disse, eu não sei — respondeu incerta. — A Sra. Moraes é bastante reservada.

— O que meu irmão pensa a respeito dessas *escapadas* dela? — insisti, implacável.

— Bom, eu acho que o Sr. Moraes não gosta. Ele fica um pouco... aborrecido. Mas ele a ama tanto — acrescentou rapidamente. — O tipo de amor que toda mulher sonharia em receber. — Meu silêncio a incentivou a continuar. — Um homem que traz flores para a esposa, às vezes duas, três vezes por semana, que a leva para jantar e que lembra o aniversário de casamento é um homem que realmente se importa. Um caso raro nos dias de hoje. — Suspirou.

Pelo visto meu pai não era o único que considerava esse casamento perfeito, por que, então, eu não levava fé no que todos diziam? Questionei-me sem dar conta de que encarava Verônica. Só percebendo o meu erro ao vê-la sorrir afetada. Uma reação que me fez virar a cabeça e lamentar. Um minuto de distração e eu havia perdido o momento em que Maitê deixara a piscina.

Olhando-a agora, tudo que consegui enxergar era o cabelo molhado caindo sobre o roupão azul marinho. Um roupão que cobria tudo. Cada curva, cada centímetro indecente de pele. *Será que tudo nela continuava tão gostoso quanto no passado?*, indaguei em silêncio, sentindo-me transbordar. *A boca...* eu descobri que continuava. Mas e quanto ao resto?

— A sua cunhada é uma mulher linda, não é? — Verônica insinuou, seus olhos virados para a Maitê. — É uma pena tudo o que está acontecendo, a doença do seu irmão... tem mexido muito com ela.

Naquele momento nada do que Verônica dizia tinha importância. Eu estava interessado mesmo era em ver a minha pequena mentirosa caminhar até o conjunto de esteiras, onde havia uma toalha e um pote de protetor solar jogados.

Ignorei o quão errado era eu estar a observando, principalmente na frente de outra pessoa, mas não pude me impedir. O fascínio que a infeliz tinha sobre mim era algo poderoso. Franzi o cenho ao vê-la fechar os olhos e jogar a cabeça para trás, deixando que o sol batesse em seu rosto.

Maitê não se desfez do roupão, como era esperado que fizesse. O que me deixou intrigado. Ainda mais agitado.

Porque tudo que conseguia pensar no momento era em contemplar cada centímetro dela.

Eu estava ficando duro apenas por me imaginar arrancando aquele maiô do seu corpo. Descendo-o pelo quadril e pernas, enquanto me ajoelhava-me na frente dela...

Os olhos cor de mel se abriram de repente e Maitê olhou para trás. E, outra vez, eu questioneei como ela era capaz de me sentir dessa maneira. De notar o meu desejo mesmo que a distância. Seu semblante manteve-se inalterado, sua atenção passando rapidamente pela enfermeira e se fixando em mim. Como se sua mente estivesse cheia de perguntas... todas elas sem repostas. Sustentei o seu olhar até que ela tomou a iniciativa e virou o rosto. Agindo como que se eu não a afetasse. Cortando com isso a ligação que existia entre nós dois.

MAITÊ

Desliguei o chuveiro e deixei que os últimos pingos de água morna escorressem pela pele antes de me enrolar em uma toalha felpuda e me enxugar. O cabelo molhado, ainda

embaraçado, foi afastado dos ombros enquanto eu deixava o *box* com intenção de ir até o quarto. A *lingerie* havia ficado no outro cômodo, assim como o creme de massagem que costumava passar nas áreas arroxeadas do meu corpo, que, dessa vez, se concentravam no meu quadril e costela.

Antes, porém, eu me detive por um breve instante em frente ao espelho e analisei a minha aparência. Cometendo o erro de questionar o que Vicente enxergava ao olhar para mim.

Massageei a área sombreada abaixo dos olhos, tentando melhorar a circulação. Ciente de que, após a noite passada, era impossível não estar com olheiras como as que cobriam o meu rosto agora. Eu passei boa parte da noite tentando me recompor. Depois, toda a madrugada tendo pesadelos. Com Otávio, com o meu bebê. Mas, principalmente, *com ele*. Era por isso que havia acordado cedo, e era por isso que gastei quase o dobro do meu tempo habitual dentro daquela piscina.

Sacudi a cabeça para a mulher refletida no espelho. Ela parecia exausta. Às vezes, nem eu mesma a reconhecia. O que dirá o Vicente! Eu já não era mais aquela garota espontânea e alegre por quem ele se apaixonou um dia.

Definitivamente, não, pensei, abrindo a porta do banheiro

NACIONAIS - ACHERON

ao perceber que estava, outra vez, me martirizando por algo que não podia mais mudar. Entrando em choque absoluto ao enxergar Vicente sentado sobre a cama. Meu olhar varreu a sua imagem e logo notei que ele também havia acabado de sair do banho. Seu cabelo estava jogado para trás de maneira displicente. A camisa branca, de mangas compridas, destacando os músculos, exibia resquícios de umidade. Como se ele não tivesse tido paciência para se secar e apenas a vestiu.

Respirei fundo ao me aproximar, sentindo o cheiro forte do shampoo masculino se sobressair dentro do cômodo. Aroma nenhum se igualava ao perfume desse homem. Ao cheiro amadeirado que ele carregava em sua pele.

— O que te faz pensar que tem autorização para entrar no meu quarto? — exigi saber, mascarando o choque com a raiva.

Dei um passo à frente, acompanhando o movimento de sua cabeça. Ficando boquiaberta ao reconhecer o pequeno tecido branco em sua mão. Aquela era a minha calcinha. A calcinha que eu tinha separado para vestir.

— Você... só pode... estar perdendo a merda da sua cabeça, Vicente — sussurrei, arrastando as palavras enquanto

NACIONAIS - ACHERON

o homem me fulminava sem clemência.

— Ela tem o seu cheiro... tudo nesse quarto tem o seu cheiro. — Ele apoiou os cotovelos sobre as pernas. Apertando a calcinha entre os dedos, mantendo-a para si.

— Você não deveria estar aqui. — Vicente contraiu o rosto, desgostoso, e o virou na direção dos lençóis. Minha cama estava uma bagunça. Eu havia rolado nela tempo o bastante para desfazer a arrumação de Joana. Meu cobertor grosso estava jogado em um canto enquanto meu sutiã seguia exposto.

— Você sentiu a falta dele na noite passada? — Eu o escutei perguntar. — Quando deitou a cabeça nesse travesseiro, você pensou no meu irmão? — Vicente se levantou, aproximando-se. — Ou pensou em mim? Na minha boca? Nas minhas mãos...

— Você... enlouqueceu! — gaguejei nervosa, sentindo-o me rodear.

— Talvez eu tenha mesmo... mas a culpa é sua. — Vicente não aceitou quando tentei lhe dar as costas e me puxou de volta. Seu olhar descendo tão intimamente pelo meu corpo, que o senti como uma carícia. Quase como se seus

dedos tocassem a minha pele nua.

Tudo o que me protegia dele era a toalha, que eu mais do que depressa abracei, mantendo-a em seu lugar. Juntei minhas coxas, quando ele as encarou com luxúria. Em um ato tipicamente masculino. Os olhos castanhos, afiados, se arrastaram até a ponta dos meus pés. E eu não soube o que fazer. Eu queria me tapar. Esconder-me do seu escrutínio.

Quando voltou a subir, ele o fez sem pressa. Fixando-se no nó apertado que prendia a toalha em meu colo. Mordi o lábio, causando-me dor de propósito, apenas por imaginar a reação que Vicente teria ao ver as marcas cobrindo a minha pele. Otávio vivia repetindo que ninguém acreditaria que elas eram fruto de uma agressão... Aquele desgraçado fazia tudo para que eu perdesse a coragem de denunciá-lo. Como estive as vias de fazer tantas vezes.

— Pare com isso. — Ele se referiu ao dente cravado em meu lábio, que ele mesmo fez questão de separar. Seu dedo permanecendo por ali, no centro da pele agora inchada. — Não gosto da ideia de vê-la machucada.

Estremeci diante do seu comentário. Pensando, seriamente, na possibilidade de escancarar a toalha e expor o meu corpo a Vicente. Esfregar na cara dele cada ferida que

NACIONAIS - ACHERON

Otávio havia deixado em mim. Gritar que um lábio mordido não era nada em comparação ao restante dos meus machucados.

— Saia do meu quarto, por favor. — Desviei o olhar do dele. Enquanto repetia mentalmente: *não... não... e não!* Eu não iria arriscar que Vicente olhasse para mim com mais desprezo do que já fazia. Não suportaria que ele pensasse justamente o que Otávio dizia que todos pensariam ao me ver nua.

— *Faça isso, meu amor. Vá e me denuncie* — Otávio falava com calma. Despreocupado. — *Uma palavra minha ou do meu advogado e todos pensarão que você não passa de uma mulher entediada tentando chamar a atenção do marido rico. Um marido que sempre fez todas as vontades da esposa, inclusive na cama...*

Sacudi a cabeça, sentindo o estômago revirar, e olhei para frente.

— O seu pai... ele quer que eu o acompanhe até o hospital essa manhã e... eu preciso me vestir. — Não sei

como consegui dizer as palavras sem vomitar, sem derramar uma lágrima que fosse.

Eu estava tremendo inteira.

— Meu pai já foi para o hospital — Vicente falou, franzindo as sobrancelhas grossas enquanto deslizava a mão pelo meu braço trêmulo.

— O quê?

— Ele achou melhor não te perturbar. — Deu de ombros. — Não é como se vocês pudessem estar com o meu irmão, de qualquer maneira. Então Verônica o levou.

— Tem dedo seu nisso, não tem? — perguntei, procurando manter a calma. — Você o convenceu a ir sem mim, seu pai nunca...

— Ele nunca te deixaria para trás? — indagou. — Você tem muita fé no meu pai, Maitê. Fé demais, para o meu gosto — murmurou puxando-me para ainda mais perto.

VICENTE

Quando entrei nesse quarto, a última coisa que esperava

encontrar era uma cama impregnada com o cheiro dela. Muito menos a porra da sua calcinha jogada. Livre para ser tomada. O maldito pedaço de pano, que mal podia ser considerado uma calcinha, era minúsculo. Com apenas uma tira de cada lado. Uma tira fina que com certeza afundaria na carne gostosa do seu quadril. Miséria, eu não pensei quando a peguei da cama e muito menos quando a levei ao nariz, inalando o aroma fresco do sabonete.

Eu estava perdendo a cabeça aos poucos, e, se não fosse o bastante, eu ainda tinha que lidar com esse comportamento estranho de Maitê. Esse medo que ela parecia sentir e que não tinha explicação. Não para mim, pelo menos. Minha pequena mentirosa andava assustada demais, arredia.

— Por que está brincando comigo dessa maneira? — questionou brava. — O que você pretende, Vicente? Qual é o seu jogo?

Qual era o meu jogo?, bufei, sacudindo a cabeça

— Não há jogos aqui — respondi o que no fundo ela desejava escutar.

— Você está mentindo! Tudo o que tem feito desde que voltou é me provocar. Me deixar nervosa. Mas por quê?

— Você faz perguntas demais — rebati entre dentes, fitando novamente os seus pés. As unhas pintadas de um vermelho vivo atraindo a minha atenção. Fitei também a tornozeleira dourada que ela usava e depois as coxas nuas. Mal cobertas. Toda ela era uma provocação, pensei ao levantar o rosto. — Quando estiver disposta a responder onde estava ontem, ou, então, onde se enfia toda vez que some sem dar explicações... talvez eu responda a uma de suas perguntas.

— Como você sabe que eu...

— Como sei que desaparece? — eu a cortei, sem humor. Deixando a resposta no ar.

O que ela, claro, logo captou.

— Quantas vezes mais terei que repetir que não te devo explicações? Quantas, pelo amor de Deus? — inquiriu ao perder a calma.

— Você não me deve, mas deve ao meu irmão! — despejei, e ela recuou no mesmo instante.

A verdade era que esse assunto me irritava. Não saber onde ela havia se enfiado na noite passada me deixou preocupado. Não era fácil ter que admitir, mas eu reconhecia

esse sentimento me corroendo por dentro a milhas de distância. Era ciúme. O velho e louco ciúme.

— Você está errado, eu não devo nada ao seu irmão. — A boca da infeliz se curvou em um sorriso, mas era um sorriso forçado. Sem vida. — *Não devo... porque ele já tomou tudo* — ela sussurrou a última parte e se calou.

O repentino silêncio fazendo a minha mandíbula apertar.

— O que Otávio tomou de você? O que essa merda significa? — A resposta não veio. — Maitê!?

— Você não podia ter voltado. — Sacudiu a cabeça, não fazendo sentido. — Não é justo comigo! Não depois de tudo que passei... e não agora! — Engoli em seco quando ela me encarou, os olhos atordoantes parecendo implorar. Pedir por algo que eu não fazia ideia do que era.

— Pequena... — Acaricieei o seu rosto devagar. Querendo ganhar tempo, ver além da sua atitude defensiva.

— Eu não sou mais a sua pequena, Vicente. Eu não sou mais! — gritou, alterando a voz de repente. Recuando um passo atrás do outro... até cair sentada em sua cama. Os olhos pregados em mim.

Pela primeira vez, desde que pus meus pés em São Paulo,
NACIONAIS - ACHERON

eu enxerguei nela a garota por quem um dia fui apaixonado. Enxerguei também a sua dor. O brilho ofuscado em seus olhos era o mesmo de quando ela entrou nessa casa pela primeira vez. O mesmo daquela garotinha que havia perdido tudo. Toda a família. Toda a segurança que possuía.

Caminhei até ela, vendo-a se esforçar para continuar imóvel. Não demonstrar o tanto que eu a perturbava. Seu corpo enrijeceu quando toquei seu cabelo, afagando com cuidado as mechas molhadas enquanto aproximava o seu rosto do meu corpo. Mais precisamente da parte baixa do meu abdômen. Os carinhos continuaram, lentos e suaves, e, aos poucos, eu a senti relaxar. Voltar a respirar.

— Eu não sou mais — repetiu, como se tentasse convencer a si mesma, e não a mim.

— Eu sei. Eu sei, tudo bem? — garanti, desarmado. Indo na contramão do que Maitê dizia e cometendo o erro de pensar nela *como minha*. Pelo menos naquele momento.

Não se envolva demais, Vicente, esse não é o plano, merda, afastei a advertência para longe. Jurando a mim mesmo que esse pequeno deslize seria o único.

Que ele não alteraria nada.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

TEMPESTADE

*Após a tempestade há um momento sublime
de encontro entre o ódio e o amor.*

Jeocaz Lee-Meddi

VICENTE

*“Eu não devo nada ao seu irmão. Não devo... porque ele
já tomou tudo.”*

As palavras de Maitê voltaram à minha mente, deixando-me incomodado. Fazendo-me questionar o que meu irmão poderia ter tomado dela. Otávio sempre foi o mais tranquilo entre nós três, centrado, de poucas palavras. Tão obediente ao meu pai que chegava a ser maçante. O contrário, no entanto, fazia muito mais sentido em minha cabeça. Maitê era o tipo de mulher capaz de destruir um homem. Em todo o sentido da expressão. Ela não o havia feito comigo?

O conselho do advogado de Otávio para que eu me mantivesse alerta ao que minha cunhada dizia ressurgiu, me confundindo ainda mais. *Ok*, eu gostava de charadas e quebra-

cabeças, mas, porra, esse envolvendo Maitê estava indo longe demais para o meu gosto.

Enquanto descia as escadas, pensei na Joana e em tudo que ela deveria saber. Alguém nessa casa, alguém em quem eu confiasse, para começo de conversa, teria que me explicar o que era todo esse mistério. Cheguei à cozinha, encontrando Jô cantando uma música do Roberto Carlos. O som calmo de sua voz alcançando meus ouvidos, trazendo à tona a velha sensação de estar em casa.

*Não adianta nem tentar me esquecer
Durante muito, muito tempo em sua vida
Eu vou viver.
Detalhes tão pequenos de nós dois
São coisas muito grandes para esquecer
E a toda hora vão estar presentes
Você vai ver*

Aproximei-me devagar, vendo-a distraída cortar os legumes sobre o balcão e me fiz notar ao limpar a garganta. A cantoria cessou, e Joana logo me cumprimentou, desejando-me bom dia. A expressão tranquila em seu rosto se alterando no instante em que me olhou.

— O que aprontou dessa vez, Vicente? — perguntou, voltando a atenção para a bancada. — Eu posso ouvir sua cabeça maquinando de onde estou.

Sorri, lembrando o quanto essa mulher me conhecia.

— O que você acha que estou maquinando, Jô?

— Não faço ideia, menino. Mas não estou gostado nem um pouco desse vinco em sua testa. — Fui até ela e me inclinei sobre o balcão, observando a maneira com que cortava com precisão as cenouras.

Joana me permitiu ficar em silêncio. Como se soubesse que eu precisava desse tempo para pôr a cabeça em ordem. Quando voltei a falar, no entanto, ela colocou a faca sobre a tábua, completamente atenta.

— Você sabia sobre eles? Sabia que estavam me traindo?
— Joana me encarou, mas não foi um encarar firme.

— A essa altura eu esperava que tivesse deixado esse assunto de lado, Vicente — ela me repreendeu.

— Sabia, Joana? — insisti.

— Quer saber qual foi o último pedido da sua mãe? — Ela suspirou e desconversou. — *Cuide do meu menino, Jô. Cuide dele, se as coisas ficarem difíceis demais.* A Sr. Moraes
NACIONAIS - ACHERON

não precisou me dizer de qual dos seus dois filhos ela queria que eu cuidasse, porque eu sabia que o único menino que tínhamos era você. Seu irmão sempre foi tão adulto, tão comportado. Ele nunca precisou de mim ou da sua mãe, porque ele nunca fazia nada de errado.

— Você está dizendo que o que ele fez foi certo?

— Não — respondeu surpresa. — Não é isso que estou dizendo.

— O que é então, Joana? Você sabe que não gosto de enrolação, seja direta. — Ela deu outro suspiro. Essa não era a primeira vez que Joana lidava com a minha impaciência, e eu duvidava que fosse a última.

— O que eu quero que você entenda é que as pessoas erram, Vicente. Elas erram muito.

A traição daqueles dois não tinha sido apenas um erro.

— Como eu não percebi, Jô? Isso é o que não entra na minha cabeça, como pude deixar essa merda passar? Como não vi os sinais? — Joana fechou o semblante, mostrando-se séria.

— Talvez porque eles não existiam? — Fiquei em silêncio. Matutando. Tentando me lembrar dos dias anteriores

ao flagrante de Maitê na cama com meu irmão. Não havia sinais. Simplesmente não havia! — Ninguém nessa casa fala sobre o que aconteceu, Vicente. Otávio proibiu a todos de tocar no assunto. Então eu não posso falar pelo passado, mas posso dizer o que vejo agora. Aquela mulher, a que ainda te deixa tão perturbado, eu não acho que ela esteja satisfeita com a maneira como a vida dela está. Eu não a reconheço mais e ela sequer me deixa chegar perto quando tento conversar.

— Por que meu pai parece pensar o contrário? — perguntei desconfiado. — Desde que voltei, tudo o que tenho escutado é o quanto Otávio a ama. Mas toda vez que olho para ela, eu não sei o que pensar, Jô. Maitê... não é a mesma.

— E você é?

— Sabe o que não entendo? — Joana me encarou, compadecida. — Maitê ferrou com todos os planos que fiz para nós dois, mas... eu não consigo deixar de me preocupar com ela. Sabe a angústia que isso me dá?

— Menino...

— Eu a odeio, Jô, odeio aquela mulher. — Respirei fundo, colocando para fora pela primeira vez, em muito tempo, o que eu sentia. — E me odeio ainda mais, porque lá

no fundo...

Eu temia ainda amá-la. Essa era a maldita verdade.

— Vicente, você já pensou na possibilidade da Maitê ser inocente em tudo isso?

Sacudi a cabeça, essa era uma dúvida que passou pelo menos um milhão de vezes pela minha cabeça.

— Você acha que, se essa possibilidade existisse, por menor que fosse, eu teria passado todo esse tempo fora? Eu vi com meus próprios olhos, Jô. Os vi juntos. Eles estão casados, porra! Como isso a torna inocente?

Joana assentiu, tão ou mais angustiada do que eu.

— Cuidado com o que vai fazer, menino. Eu sei como age quando perde a cabeça, mas tome muito cuidado. Eu conheço aquela garota o bastante para saber que ela não vai aguentar ser pressionada. Entende o que estou dizendo? — Ela me olhou preocupada.

— No final, não importa quem errou, não é? Todos irão continuar a defendendo, eu só queria entender como Maitê conseguiu essa proeza. Como fez com que todos ficassem do seu lado.

— Ela ficou, Vicente. Quando você saiu, *ela ficou*.

— Jô... — Joana e eu nos viramos ao mesmo tempo. A conversa morrendo ao ver Maitê entrar na cozinha.

No instante em que se deu conta da minha presença, eu a senti vacilar e, aposto que, se não fosse por Joana, que a persuadiu a se sentar e tomar o café da manhã, Maitê teria se retirado. Fugido de mim.

Em momento algum seu olhar veio ao encontro do meu. Tudo o que ela fez foi... sentar, como uma boa garota, e beber o café que lhe foi servido.

Foi impossível não imaginar se ela estaria usando a calcinha que eu tinha segurado mais cedo. Se aquele pedaço de pano não estaria apertando a sua carne macia agora mesmo enquanto ela ignorava a minha presença. A vontade que sentia era a de arrastá-la para fora dessa cozinha e levantar a saia que vestia. Apenas para tirar a prova.

Afastei a ideia louca da cabeça e, enquanto Maitê tomava seu café, eu me limitei a observá-la. A estudar a maneira como sua boca se movia ao mastigar o pão. Ou como ela chupava os próprios lábios após dar um gole no café quente. Eu sei, eu não estava agindo feio um ser humano normal aqui. Mas quem poderia me culpar?

— Deixe de ser indiscreto. — Joana deu-me um cutucão, me encarando de maneira repreensiva.

Estiquei os braços, até então cruzados, e caminhei até Maitê. Passando por trás dela. Fazendo questão de tocar o seu pescoço e arrastar meus dedos por sua pele aquecida. Levando-a a estremecer em sua cadeira enquanto o estrondo abrupto da sua xícara sendo abandonada sobre a mesa se tornava o último som que escutei ao deixar a cozinha.

Ah, Maitê... você se abala com tão pouco.

MAITÊ

— Vocês estavam falando sobre mim — afirmei, assim que fiquei a sós com Joana. Meu carinho por ela nunca deixou de existir, mesmo que nossa relação já não fosse a mesma de anos atrás. Não era como se eu não quisesse estar perto dela, eu só não conseguia olhar para a mulher que sempre foi tão gentil comigo e fingir estar bem.

Era difícil, porque, até sem me abrir, eu sabia que ela era capaz de enxergar além do que eu demonstrava. Joana só não fazia ideia da profundidade das mentiras que passei a contar,

nem das coisas horríveis que escondia.

— Vicente tem feito perguntas, é normal.

— Não, não é — falei nervosa. — Eu não quero que você discuta a minha vida com ele, Jô. Vicente nunca fez questão de procurar saber nada a meu respeito ou o que ele deixou para trás. Então não vou admitir que chegue agora e coloque a minha vida de pernas para o alto.

— Tem tanta coisa que eu não entendo nessa história, menina. Você nunca se abriu comigo, nunca me deixou saber...

— Porque não há nada para saber.

— Você é feliz com Otávio, Maitê? — Joana perguntou.
— Só me responda isso, você é?

— Eu estou casada com ele, não estou?

— Ah, querida, isso não significa que você tenha que estar feliz. Vicente não é bobo, cedo ou tarde ele vai perceber que tem algo de errado com você e... com esse casamento.

Fitei-a em silêncio, engolindo o nó seco que se formou em minha garganta.

— Eu poderia ter contado as minhas suspeitas a ele, mas,

como sabe, são apenas suspeitas, já que você se recusa a conversar. Enquanto se mantiver fechada dessa forma, será impossível te ajudar...

— Eu não preciso de ajuda — falei, ao me levantar. — E você, Joana, não se atreva a discutir a minha vida com ele. Muito menos dizer algo sobre... o meu acidente. — Eu odiava a sensação de estar sendo rasgada em milhares de pedacinhos a cada vez que pensava sobre esse assunto. — Vicente nunca, em hipótese alguma, deverá saber. Está me entendendo?

Joana me encarou espantada, tapando a boca com a mão como se a ideia da verdadeira paternidade do bebê que perdi passasse pela sua cabeça apenas agora.

— Querida. — Ela me olhou com pena, devastada de verdade, e isso me fez perder a compostura. Eu não precisava de ajuda e definitivamente não precisava da pena de ninguém.

— Eu estou saindo, Joana...

— Maitê, não faça isso. Pare de fugir.

— Eu não estou fugindo, Jô, eu estou tentando sobreviver. É bem diferente.

Não lhe dei ouvidos quando tentou me convencer a ficar

NACIONAIS - ACHERON

e simplesmente saí daquele lugar, daquela casa horrível, o mais rápido que pude, enquanto, silenciosamente, me repreendia por ser tão estúpida.

Entreabri meus olhos, sentindo o frio do ar-condicionado congelar a minha pele. A claridade ao redor deixando-me confusa. Girei a cabeça, forçando as minhas vistas, e me deparei com o vazio do quarto de um hospital.

O que eu estava fazendo aqui? Foi a primeira pergunta que surgiu. A segunda era por que eu me sentia tão dolorida. Como se um trator enorme tivesse me esmagado de dentro para fora. Pisquei algumas vezes, me situando no ambiente até que consegui enxergar Otávio sentado em uma poltrona. Olhando-me em silêncio.

Algo dentro de mim entrou em alerta, eu só não entendi o porquê. As últimas horas... eram apenas um borrão. Uma mistura confusa de vozes e clarões. O estrondo de uma batida... e nada mais. Em um gesto automático, eu toquei o meu abdome, procurando sentir o meu bebê.

Foi esse o momento em que me lembrei do acidente.

A pergunta silenciosa ficou no ar, enquanto eu sacudia a cabeça. Desesperada. Otávio se levantou, acariciando o meu rosto com cuidado enquanto as lágrimas deslizavam. Ele não precisava dizer nada, eu sabia. Eu sentia.

— Eu a perdi, não foi?

— Sinto muito — ele falou, tentando consolar o que não podia ser consolado.

— Por quê? Por que continuo perdendo todos que amo? — eu disse em um ofego, curvando-me sobre a cama. Abrindo mão do seu carinho. — Por que isso continua acontecendo?

— Querida...

— Ela era tudo o que eu tinha, Otávio. Tudo!

— Você sabe que não é verdade. — Eu o ignorei, sem entender por que, de repente, o seu toque me repelia.

— Eu quero o meu bebê, quero a minha garotinha.... Por favor. — Olhei para ele, suplicando. — Por favor. Diga que isso tudo é uma mentira, que eu não a perdi.

— Foi um acidente, querida. Aceite isso.

Aceitar? Como se aceita a perda de um filho?, pensei, olhando para longe, para o vazio lânguido das paredes.

Não sei por quanto tempo chorei nos braços de Otávio, sei que, quanto mais o tempo passava, mais devastada eu ficava. A dor não diminuía, a aceitação não vinha.

— Você consegue se lembrar do que aconteceu antes do acidente? — meu marido perguntou quando eu começava a pegar no sono, desorientada, talvez, pelas medicações.

Neguei, sendo capaz de recordar apenas o barulho do meu carro se chocando contra a árvore e dos paramédicos me socorrendo. Fora isso...

— Nada?

— Nada.

Bati na porta do apartamento de Serena e aguardei enquanto passava a mão pelo pulso, onde unhas nervosas haviam afundado. Dessa vez, com um pouco mais de força. Tudo por causa da... lembrança. Dirigir até o outro lado da cidade não tinha sido uma tarefa muito fácil depois disso. Eu mal prestei atenção à estrada. Eu mal sabia o que estava fazendo.

Tudo o que sabia era que tinha conseguido chegar até o prédio de Serena. Viva e em segurança. Soltei o ar, aliviada,

quando ela abriu a porta, empurrando para longe a antiga memória. Minha amiga não esperou que dissesse nada, não me deu sequer a oportunidade e foi logo me entregando uma taça de vinho branco para que eu bebesse. Meu Deus! Ela estava um desastre. O cabelo despenteado, a face corada e o pijama de algodão do avesso.

— Que tornado te atingiu, Serena? — perguntei, aceitando a taça. Imaginando o que ela pretendia ao me oferecer álcool. Eu nunca gostei do efeito que bebidas alcoólicas tinham sobre mim. A dor, sempre tão abafada, parecia crescer, dominar tudo quando eu bebia. E eu odiava a sensação de vulnerabilidade em que ficava.

A sensação de que todo esse inferno nunca iria passar. De que eu nunca conseguiria esquecer.

— Um homem, Maitê — ela falou enquanto eu provava, relutante, o vinho. — Um homem lindo e gostoso. Assim que você me ligou, eu o coloquei para fora...

— Serena!

— Não esquente com isso, eu peguei o número dele. — A louca piscou, dando-me um sorriso genuíno, e encheu uma taça para ela.

— Você ao menos tomou o café da manhã? — Verifiquei o restante do seu pequeno apartamento, não encontrando qualquer sinal de alimento. Que dirá de café da manhã.

— Tomei... debaixo do chuveiro, será que conta? — Sufoquei uma risada. Relaxando como sempre acontecia na sua presença.

Pouco tempo depois, mais precisamente após virar a sua taça de vinho, Serena avisou que tomaria um banho rápido e me pediu para que me sentisse à vontade em meio à sua bagunça. O que eu fiz, é claro. Tanto que, antes mesmo de me jogar no sofá, descalcei as sandálias que usava e preendi o cabelo em um coque alto.

Assim que me sentei, afastando algumas das tantas almofadas espalhadas, eu apoiei a cabeça no encosto rechonchudo e fitei o teto um pouco aérea. Relaxando, ou, pelo menos, tentando. Serena não demorou a voltar e logo se juntou a mim, sentando-se ao meu lado.

— Ele era bonito? — perguntei, e ela abriu um sorriso de todo o tamanho.

— Perfeito. Acho que o Carlos teria gostado dele — falou tranquilamente.

Ela sempre fazia isso. Sempre falava do Carlos, o ex-noivo, como se ele estivesse presente. Como se assistisse a tudo o que ela aprontava.

— Você é louca, Serena. — Eu a amava, mas ela precisava saber disso.

— Talvez um pouco. — Nós duas rimos, e ela encostou o queixo sobre a mão. Ainda me observando. — O que aconteceu? Além daquele monstro estar em coma, é claro... — Ela revirou os olhos ao falar de Otávio. *Serena era tão direta.*

— Vicente voltou.

— O irmão do seu marido? — Ela sabia muito pouco sobre ele, e, sempre que se mostrava curiosa demais, eu mudava de assunto. A verdade era que Serena conhecia tudo a respeito da minha vida, mas tudo desde o instante em que Otávio começou a me agredir. Do antes, ela não fazia ideia.

— Ele mesmo. — Suspirei.

— Isso é bom ou ruim? — questionou, em dúvida.

— É assustador, Serena. — Ela não entendeu, a princípio, mas conforme eu contei *tudo*, cada mal-entendido e cada detalhe sujo da história, ela compreendeu por que era

assustador. Por que eu estava tão nervosa.

— Você perdeu o bebê dele? — perguntou perplexa, em outra vez, eu me deparei com aquele olhar de pena.

Como eu o odiava.

— Sim — confirmei, esforçando-me para não pensar nas semanas que sonhei com a chegada da minha garotinha ou em como ansiei ver o rostinho dela.

— Mah, por que nunca me contou? Por que guardou isso para você?

Meus dedos procuraram pelos arranhões de mais cedo, enquanto eu reunia forças para continuar.

— Eu não estava pronta, acho que ainda não estou. Mas... precisava contar a alguém, Serena, precisava colocar isso para fora antes de enlouquecer.

— Quando o homem descobrir... isso vai acabar com ele. Vicente se sentirá culpado. — Para mim, ele era culpado. Culpado por tudo.

— Ele não vai descobrir. — Era egoísta da minha parte querer manter essa memória apenas para mim? Era. Mas Vicente não merecia saber. Esse bebê era uma parte minha e eu não iria dividir com ele.

— Mas ele merece saber, já imaginou se descobre por outra pessoa?

Não tinha como ele descobrir, não enquanto Otávio estivesse em coma. Homero e Joana também não teriam coragem de contar, então eu estava segura, pelo menos por enquanto.

— Vicente não vai descobrir — falei confiante, mas ela não pareceu convencida.

— Você ficou mexida? — mudou de assunto. — Como foi estar perto dele depois de todo esse tempo?

— Não foi como você está imaginando, Serena. — Eu a vi se inclinar, curiosa. — Olhar para o Vicente... me dá medo, eu não consigo explicar. É como se voltasse no tempo, sabe? Toda vez que o vejo, tenho a sensação de que ele irá se virar e nunca mais voltar. Que irá partir de novo. Eu sinto a mesma apreensão, a mesma aflição de quando ele me deixou. — Ela afagou o meu cabelo, compreendendo. — Imagine estar cara a cara com o homem que um dia você amou, mas já não é como antes. Ele não me olha com o mesmo amor, nem mesmo com carinho. Ele me olha com raiva. Eu me acostumei com esse sentimento vindo do Otávio, mas quando vem do Vicente...

— Como ele pôde acreditar que você o traiu? Isso que não entendo.

— Vicente é... complicado. Quando ele enfia algo na cabeça, não há santo que o faça mudar de ideia ou pensar o contrário. Fora que ele nos viu, Serena. Ele viu Otávio e eu dormindo na mesma cama, como não pensar que eu o estava enganando?

— Quando penso em tudo que o desgraçado do seu marido já fez a você... Eu juro, Mah, se esse homem sobreviver, se ele sair daquele hospital, eu mesma o mato — ela falou com raiva. A mesma raiva que me consumia dia após dia.

— Eu te ajudo a esconder o corpo. — Fiz uma brincadeira, absolutamente sem graça para o momento. Precisando muito aliviar o clima, pensar em outra coisa.

Não me dando chance de rejeitar o seu *ataque de amor*, Serena envolveu seus braços ao meu redor. Bem apertado.

— Ou nós podemos jogar ele no mar... já imaginou?

— Pare com isso. — Eu ri.

— Seria perfeito — murmurou, deixando um silêncio reconfortante pairar entre nós duas. Até que ela o cortou. —

Sabe qual será a primeira coisa que nós faremos quando você estiver livre do monstro? — Neguei, incentivando-a a continuar. — Nós iremos passar a noite toda em uma balada. Você vai se sentir tão livre... tão dona de si. Do seu corpo, da sua vida... Nós iremos dançar até extravasar cada sentimento ruim, Maitê.

Enquanto sorria, eu me questioneei se esse era o motivo pelo qual ela não parava em casa. Se Serena, por acaso, não usava todas essas baladas as quais frequentava como uma válvula de escape.

— Eu acho que em outra vida nós fomos irmãs — sussurrei.

— Tipo alma gêmeas, não é? Eu concordo — disse pensativa. — E acho ainda que nós fomos pessoas muito, muito, más, porque essa encarnação não está sendo fácil — ela brincou e, eu juro, não consegui segurar a gargalhada que escapou. A primeira em dias.

Passamos o restante do dia nesse clima. Entre o almoço e o filme que estávamos assistindo, ela me atualizou nos projetos da construtora e me contou todas as fofocas que eu precisava saber.

— Na segunda eu estarei de volta. Prometo.

— Você sabe que não precisa, está tudo sob controle — garantiu.

— Eu sei que está, mas não acho justo que você tenha que se sobrecarregar por minha causa. Além disso, o quanto eu puder evitar estar na presença do *você sabe quem*, melhor será.

Ela deu de ombros, despreocupada, e voltou a atenção para o filme passando na TV. Um programa bobo para um sábado à tarde, mas que, sinceramente? Era tudo o que eu precisava.

— Vicente... ele me beijou — confessei depois de algum tempo, em sincronia com o momento que os mocinhos do filme se beijavam pela primeira vez.

— Você está brincando comigo, merda! — Serena praticamente pulou do sofá. Engolindo depressa o montante de pipoca que havia em sua boca. — Ele te beijou! Beijou de verdade?

— Serena, você está parecendo uma criança. E, sim, ele me beijou, e claro que foi de verdade. Foi *muito...* de verdade, se é que você me entende.

Ela me olhou espantada, como se não acreditasse.

— Você gostou? Foi como os beijos de quando estavam juntos?

Eu a encarei, pensando em como explicar que não havia sido como antes.

— Foi... diferente. — Vicente agora era um homem. Sua pegada não era mais a mesma, seu beijo também não. A maneira como ele me empurrou contra a parede naquele corredor na noite passada, como parecia ter todo o controle e ao mesmo tempo... nenhum.

— Diferente bom ou diferente ruim? Seja mais específica, Maitê!

— Serena...

— Meu Deus, você gostou! — concluiu sozinha. — É por isso que está se escondendo aqui hoje, não é? Você está fugindo dele porque gostou!

— Não! E eu também não estou fugindo — menti. — Além disso, eu tenho certeza de que ele não pensou no que estava fazendo.

— Ou então...

— Não há *um então* nessa história. Só consigo ver duas opções: ou Vicente fez por impulso, como faz com tudo nessa vida. Ou me beijou por orgulho, entende? Para provar que mesmo após todos esses anos... ele ainda me afeta.

— Você acha que ele seria capaz?

— Quem sabe? — Dei de ombros.

Do Vicente *de agora* eu podia esperar tudo.

— Mah... — Ela parecia nervosa. — E se ele for a sua salvação?

Minha salvação? Bufei, afundando no sofá. O coração ficando apertado ao pensar no quanto Serena estava equivocada.

EM CHAMAS

*Um fogo devora um outro fogo. Uma dor
de angústia cura-se com outra.*

Willian Shakespeare.

MAITÊ

Segui a sra. Moraes pela área externa de sua casa, escutando com atenção a tudo o que era dito. Pensando no quão bondosa a mulher era por me acolher. A assistente social me garantiu que, se não fosse por ela, eu passaria os próximos dois anos enfiada naquele centro de apoio a crianças e adolescentes. Sem a mínima chance de sair. Não enquanto fosse menor de idade. A assistente também me disse para prestar atenção e não jogar essa oportunidade fora, que os Moraes eram uma família bem estruturada e que me proporcionariam tudo o que eu desejasse.

Observando-a de costas, eu me perguntei por que essa senhora havia ficado tão interessada em mim. O fato de ela e minha mãe terem sido amigas tempos atrás não a tornava necessariamente obrigada a ficar comigo. E, mesmo assim,

sem ter qualquer compromisso com o meu bem-estar e futuro, ela veio à minha procura assim que soube a respeito do acidente. Ela lutou por mim.

Diminuí os passos ao pensar nos meus pais e no meu irmão. A sensação de estar sozinha tornando praticamente impossível continuar a andar. A Sra. Moraes, que já havia me pedido para que eu a chamasse de Elizabeth, notou a ausência de movimento atrás dela e se virou, vindo em meu socorro.

— Eu sei que é difícil, querida, mas prometo que você irá se acostumar. Nós seremos uma família daqui para frente, entende? — Uma família... eu tinha perdido a minha. — Agora venha. — Ela segurou a minha mão. — Eu quero apresentar você aos meus meninos, todos estão ansiosos para te conhecer.

Será que estavam mesmo? Torci para que fosse verdade e, mais ainda, torci para que todos gostassem de mim como ela parecia gostar. Eu não queria perdê-la também, pensei ao passar pelo enorme arco de madeira que contornava a porta da frente. A casa parecia imensa. Monstruosa, percebi, olhando tudo com uma admiração óbvia.

— Homero, venha conhecer a Maitê. — Fui apresentada
NACIONAIS - ACHERON

ao seu marido, que, diferente dela, não tinha a expressão tão acolhedora.

O próximo na fila foi o garoto muitíssimo parecido com o pai. Ele não era tão alto, mas tinha o mesmo tipo clássico e sisudo de beleza. Estendi a mão, mostrando educação, e ele relutou em fazer o mesmo, deixando-me triste, sem graça.

— Maitê, esse é o meu filho mais velho, Otávio. — Ela o olhou irritada, repreendendo-o em silêncio. — Otávio, essa é a juvenzinha de quem tenho falado todos esses dias. — Elizabeth uniu nossas mãos, dando a entender que o seu filho era inofensivo. Ainda assim, a primeira coisa que fiz, quando ela desviou o olhar, foi retirar minha mão do aperto o mais depressa que pude.

O interesse da Sra. Moraes se voltou para a escada curva que levava ao andar superior, e, enquanto eu procurava entender o repentino sorriso em seu rosto, eu me virei, sentindo o meu coração saltar um pulo. Um pulo não, vários pulos. Perdendo completamente o compasso. No meio do caminho, eu avistei o que imaginava ser o seu outro filho. Esse, sim, havia herdado a altura dos pais e o mesmo semblante agradável da mãe. Seu cabelo era de um castanho-escuro, jogado para trás despretensiosamente. Assim como

tudo nele.

Levei um susto ao ser empurrada gentilmente pela Sra. Moraes, que me colocou mais à frente, para que eu pudesse ser vista. Sua atitude me fazendo sentir um frio na barriga nunca antes sentido. Olhei para ela, procurando por auxílio, sem entender o porquê dessa reação tão forte.

Ao ver que Elizabeth continuava sorrindo, eu me virei, notando que o garoto também sorria.

— Querida, esse é o meu filho mais novo... O meu Vicente.

Vicente. Repeti o seu nome em minha cabeça. Esse era um nome tão bonito. Tão forte, pensei, estranhamente encantada. Pela primeira vez em dias, semanas... pela primeira vez desde o acidente dos meus pais, um sorriso aliviado escapou dos meus lábios e eu me senti... em paz. Segura.

O ar quente, abafado, atípico da estação soprou o meu rosto, arrepiando a pele. Os fios soltos esvoaçavam a cada rajada mais intensa. Era madrugada, o auge dela, e eu me encontrava inclinada na sacada do quarto, apreciando a vista

da cidade. Ou o que me era possível apreciar. As luzes distantes piscavam além das árvores que contornavam o condomínio, e mais adiante, havia prédios dos mais variados tamanhos. Milhares de pessoas vivendo neles, milhares de histórias acontecendo ao mesmo tempo.

Vestindo apenas uma regata de malha fina e um short curto, eu desfrutei o momento. Instantes atrás eu havia acordado suada, o corpo inteiro desperto pelas lembranças de um dia longínquo. Era por isso que estava aqui agora, inspirando o pouco de ar puro que restava nessa cidade.

Um suspiro baixo escapou quando olhei por cima do ombro, avistando a piscina mal iluminada. A letargia que apenas a água gelada me proporcionava soando tentadora demais para ser ignorada. Tomada a decisão, eu saí na ponta dos pés e fechei a porta do quarto com cuidado para não acordar ninguém. No caminho, por causa do escuro, eu fiz o possível para não esbarrar nos móveis e fazer algum ruído.

Cheguei à área externa da casa e a primeira coisa que fiz foi me desfazer do robe que havia jogado sobre os ombros. Deixando-o em uma das espreguiçadeiras ao lado das toalhas que Joana mantinha à disposição. Descalça, rodeei a piscina e testei, com a pontinha do pé, a temperatura, sentindo-a

glacial.

— Perfeito — murmurei para mim mesma. Qualquer meio de resfriar o meu corpo seria mais do que bem-vindo.

Parada na borda, reunindo a coragem necessária, eu avistei o fundo da piscina. As estrelas refletindo lindamente na água límpida. Tão reais, tão ofuscantes. Havia algo em nadar e estar submersa que me atraía. Sobretudo à noite. A sensação era única, um gosto de liberdade proibida. Intensa demais para ser explicada.

Contei até três lentamente e mergulhei em um impulso. Como fiz tantas outras vezes. A diferença foi que, dessa vez, após a colisão da pele suada na água fria, eu me permiti ser sugada para o fundo. Eu não era louca, mas havia aprendido a amar esse momento. Mesmo que fugaz. Os instantes sagrados que poderiam mudar tudo, que poderiam separar alguém da vida e da morte.

Não sei por quanto tempo fiquei submersa. Segundos se passaram, talvez mais. Quando meu corpo pareceu pesado demais para forçar um impulso, eu comecei a mover os braços, dando-me conta, tardiamente, de que estava sem fôlego, havia ultrapassado o meu limite. Entrei em pânico e, no mesmo instante, fui atingida pela pressão da água, que me

NACIONAIS - ACHERON

empurrou drasticamente para frente enquanto um braço firme me agarrava pela cintura, deixando-me atônita.

Minhas costas bateram contra o tórax descoberto, fui segurada com força e puxada para cima com uma rapidez impressionante, cuspiendo todo o líquido que engoli ao chegar à borda. Após estar minimamente recuperada, eu lutei para me afastar dos braços, até então, desconhecidos, mas acabei sendo abruptamente virada. Ficando frente a frente com o homem que era o pivô de todo o meu descontrole.

Pisquei ao me dar conta de que Vicente estava nervoso e, inapropriadamente, sem camisa. A pele molhada de seus ombros largos reluzindo bem diante dos meus olhos, agora já não tão focados.

— Me diga que você não estava tentando fazer essa merda... que eu não acabei de vê-la tentando se matar, Maitê!
— Seu grito reverberou, a expressão em seu rosto se tornando feroz.

Levei tempo para me situar. E mais algum até assimilar a gravidade de sua acusação.

— É claro... que eu não estava! — disse sem fôlego, forçando o meu corpo para trás. — O que você pensa que eu

sou? Louca?

— Maitê — ele falou meu nome em tom de ameaça, o que me fez lhe dar as costas.

Sem pensar direito, eu nadei para longe, para onde sua voz não me alcançaria. Mal conseguindo respirar.

Eu precisava ficar sozinha.

— O que pretendia com essa loucura? — Vicente me segurou pelo cotovelo, impedindo-me de prosseguir. Insistindo em ter essa maldita conversa.

Não sabia se era pelo frio, pelo susto ou o fato de ele se mostrar tão nervoso. A questão era que eu tremia inteira enquanto cada pelo do meu corpo se eriçava.

— Eu não... — gaguejei ao ser, inesperadamente, abraçada. Aninhada e mantida imóvel por braços fortes, que, mesmo molhados, surtiram o efeito de um cobertor quente. — Eu não consigo respirar.

— É claro que não consegue. Eu acabei de te tirar do fundo de uma piscina! — Os olhos castanhos se estreitaram ao ver a força que eu fazia para inspirar o ar, enquanto a roupa que me cobria se agarrava desconfortavelmente sobre a minha pele. Gelada demais. — Você, por acaso, imaginou o

que poderia ter acontecido se eu não tivesse te escutado sair do quarto? Se não tivesse visto você cair nesta maldita piscina?

— Eu teria saído sozinha... sem a sua ajuda — falei nervosa. — Eu nunca... teria feito isso de que está me acusando. Nunca, está me ouvindo?

O homem sacudiu a cabeça, parecendo não saber o que fazer comigo. No fundo, acho que nem eu mesma sabia.

— Não sei no que acreditar, Maitê. Quando se trata de você, eu apenas não sei — murmurou, perto demais, e afundou o rosto em meu ombro. Seu coração batendo acelerado, forte.

— Acredite em mim. Só dessa vez — pedi baixo em seu ouvido, sentindo um calafrio me percorrer ao ter a sua barba roçando a minha pele molhada.

Fechei os olhos, apreciando a sensação. Vicente notou o arrepio, o tremor diferente, e, talvez por isso, deslizou os dedos até o meu rosto, obrigando-me a olhar para ele, a fixar aqueles olhos perturbados. Tão ou mais do que os meus próprios.

Estremeci, violentamente, quando sua mão se espalhou

pelo cabelo em um puxão firme e o brilho do seu olhar se tornou ardente. Voraz.

— Diga que isso não é loucura, pequena. Que nós não estamos ficando loucos. — Entreabri a boca, trêmula, prestes a dizer que *sim*, que isso tudo era uma loucura, mas não consegui. Não seria justo com nenhum de nós dois. — Eu preciso escutar da sua boca que beijar você não é errado. Que desejar a esposa do meu irmão... não é um erro.

Sua outra mão se arrastou pelo meu corpo, chegando às minhas coxas, que, por instinto, rodearam o quadril estreito como se reconhecessem o toque desse homem. Como se obedecessem a ele.

Ergui o olhar, procurando pelo dele ao ser comprimida pela ereção dura, sobressaindo-se através do tecido de sua calça. Meu ventre contraiu, assim como a minha fenda, que pulsou entre as minhas pernas, dominada por uma necessidade quase cega.

— Não é — consegui dizer.

— Não?

— Não pode ser. Não tem como ser errado, Vince. Não tem. — Ele anuiu, seu rosto colado ao meu. A boca carnuda,

gostosa, a centímetros de distância da minha.

Encolhi-me em seus braços, desejando ardentemente os seus beijos. A dor gostosa entre as pernas me levando a aumentar a força com que o apertei. Se isso não era um sinal para que Vicente continuasse, para que me tomasse em um longo e faminto beijo, eu não saberia dizer o que mais era.

O agarre firme em meu cabelo fez-me choramingar. O som escapando da garganta, incentivando Vicente. Levando-o a perder todo e qualquer traço de sensatez que pudesse ter. Com um puxão, ele aproximou meu rosto do seu e me beijou. Ele não pediu, não havia necessidade. Também não foi suave, esse não era o momento. Não quando estávamos tão sedentos um do outro.

Os lábios ávidos, sôfregos, se misturaram aos meus. Mordendo e sorvendo o meu gosto. O calor de sua boca me esquentou por dentro, aplacando o frio e derretendo o gelo que vinha de fora. Meu corpo não parou de tremer, longe disso, acho até que sacudia ainda mais, só que, agora, o motivo... era o homem cuja boca se recusava a abandonar a minha.

VICENTE

Maitê seria a minha ruína, essa era a única certeza que eu possuía.

Os ofegos baixos que essa mulher soltava em minha boca me puseram duro. O hálito morno, com gosto de maçã, causando-me um verdadeiro tumulto por dentro. Despertou cada um dos meus desejos, o mais louco e insano deles. Aumentando a minha vontade dela.

As pernas torneadas me apertaram. Estrangulando meu quadril. Segurei com força o seu cabelo castanho enquanto era consumido pela delícia que era a sua boca. A língua atrevida se enroscou à minha em uma batalha quente e molhada. Fazendo o meu sangue ferver.

Parei de pensar no que essa mulher quase havia feito. Na tragédia que poderia ter acontecido caso eu não tivesse pulado nessa maldita piscina a tempo. Maitê jurou que seria incapaz de tal ato... e, porra, eu queria acreditar nela. Eu precisava acreditar.

Com uma ganância desmedida, sufoquei outro dos seus gemidos. Calando-a da única maneira que podia: com a minha

boca. Em um impulso, puxei o seu corpo ensopado contra o meu. Rosnando sem nenhum controle ao ter meu pau provocado. Porque era isso que a maldita estava fazendo, ciente ou não. A maneira como as suas pernas me enlaçavam, como seu pequeno e voluptuoso corpo se contorcia, esfregando-se em mim... *Miséria!* Se isso não fosse tortura suficiente, ainda tinha o fato de que os seus seios, aqueles dois cumes redondos, cheios e pesados, pontudos como o inferno, alfinetavam o meu tórax.

Fazendo crescer em meu âmago uma vontade feroz de esmagá-los com a palma da minha mão. Apertar os mamilos duros e cair de boca neles. Não seria sacrifício algum passar a noite os chupando, mordendo aquelas delícias.

Era oficial... eu estava de joelhos aqui. Se não tivesse essa mulher em minha cama logo, eu com certeza passaria a madrugada inteira saciando com as minhas próprias mãos todo esse desejo. Eu o drenaria para fora de mim até estar seco.

Ofegante, eu me afastei, interrompendo o beijo guloso. Nós dois precisávamos nos acalmar. Pensar, merda! Longe de sua boca, mas com ela inteira colada ao meu corpo, eu fui capaz de sentir o seu coração bater. Um estranho alívio me

preenchendo. Enquanto ele estivesse batendo, eu tinha certeza de que ela estava aqui comigo. Que o pavor que senti instantes antes de me jogar nessa piscina era infundado, que já não tinha por que existir. *Certo?*

— Você sente isso? — perguntei, arrastando uma de suas mãos e a apertando sobre o seu próprio coração. — Sente ele bater? — Ela assentiu, os olhos vidrados pela adrenalina. E eu juro, não sabia se a beijava de novo, silenciando todas as minhas preocupações, ou se prosseguia com a conversa, mesmo desconfiado de que Maitê estava entorpecida demais para prestar atenção ao que eu dizia nesse momento. — Prometa para mim que você não irá fazer outra loucura como esta...

— Por que não pode simplesmente acreditar em mim?

— Eu gostaria que fosse fácil.

— Tente, pelo menos. Faça algum esforço! — Ela reagiu nervosa, comprimindo os lábios inchados. Levemente arroxeados por conta da temperatura baixa.

Esse foi o instante em que comecei a pensar nas consequências, no quão molhada e vulnerável ela estava nessa piscina comigo. Olhei além de Maitê, verificando as

extremidades. Meu olhar varrendo tudo, cada canto. Até chegar ao andar superior, que foi onde avistei um vulto. A sombra de uma pessoa que, rapidamente, se afastou ao notar que fora apanhada.

Maldição!

Recuei no mesmo instante. Franzindo a testa por não ser capaz de reconhecer a pessoa que, até então, tinha observado tudo o que se passou aqui embaixo.

— O que aconteceu? — Maitê também se virou, ainda em meus braços, olhando para a mesma direção.

— Nada.

— Você está mentindo, me diga o que foi. — Da parede inteiriça de vidro, ela olhou para mim. Preocupada. Os olhos cor de mel arregalados, inquietos.

Merda, eu tinha que tirá-la daqui e deixá-la em segurança.

— Acho que vi alguém, não tenho certeza — admiti, por fim, sabendo que ela não sossegaría enquanto eu não falasse a verdade.

— Quem? — Escutei o pavor em sua voz.

— Eu não sei. — Virei o seu rosto em minha direção. — Mas vai ficar tudo bem, ok? Eu irei verificar.

Tirei-a da piscina na mesma hora, seu corpo se mostrando ainda mais gelado do lado de fora da água. *Miséria, como pode ser tão imprudente?*

Calado, entreguei a ela uma das toalhas da espreguiçadeira e me enxuguei o mais rápido que pude. Minha cabeça a mil por hora. Subimos em silêncio, ela na frente, mantendo a toalha ao redor dos seus ombros e o robe preto em suas mãos. Enquanto eu tentava, com muito custo, não cometer a sandice de pegá-la no colo e levá-la eu mesmo para o andar superior. Seu quadril balançava suavemente e, mesmo com toda a casa encoberta pela penumbra da madrugada, eu podia enxergar a maneira obscena com que o pequeno e apertado *baby-doll* se agarrava ao seu corpo.

Desviei o olhar da sua bunda e bufei, sexualmente frustrado.

No instante em que chegamos ao corredor, Maitê se afastou, decidida, disposta a se trancar no interior do seu quarto.

Antes de conseguir, no entanto, eu a segurei. No final,

não importava para qual quarto nós dois iríamos, porque eu iria permanecer ao seu lado sem sombra de dúvida. Nem se ela viesse com a ameaça de um escândalo eu a deixaria sozinha, não depois do que havia acontecido.

— Vá para o meu quarto e me espere, eu farei uma ronda na casa e não demoro. Ok?

Maitê não respondeu, e desconfiei de que sua mente deveria estar pensando mil coisas diferentes. Por isso a hesitação. Esperei, ansioso, devo dizer, e, quando ela pareceu tomar a decisão, meu corpo inteiro relaxou. Porque foi justamente no meu quarto que a descarada entrou.

O que você pensa que está fazendo, Vicente?, questionei em silêncio, as mãos correndo agitadas pelo cabelo, enquanto eu seguia até o corredor em que tinha avistado o vulto... a pessoa, ou a merda que fosse. Encontrei-o vazio, é claro, tudo no mais profundo silêncio. Porra, eu não estava ficando maluco. Tenho certeza de que havia alguém nos observando. Alguém que foi rápido e esperto demais para se afastar assim que se deu conta de que fora pego.

Meu pensamento voltou a Maitê, no estado em que ela se encontrava. Aproximei-me da vidraça, obtendo a mesma vista do observador. Quem quer que tenha estado aqui, conseguiu

NACIONAIS - ACHERON

ver tudo. Nós dois dentro da piscina, completamente agarrados um no outro.

Amaldiçoei nossa sorte e caminhei de volta ao quarto, ciente de que o que estava prestes a acontecer mudaria tudo.

ENTREGUE

*Aquele que se entrega por completo,
jamais retorna inteiro.*

(Autor desconhecido)

MAITÊ

Entrei no antigo quarto de Vicente, fazendo uso do tempo que teria até que ele voltasse. Estar sozinha, mesmo que por poucos instantes, ajudaria a me reorientar. Meu olhar exasperado varreu o quarto com cuidado. Esse era o único cômodo nesta casa no qual evitava entrar. O fato de Otávio tê-lo mantido trancado por todos esses anos ajudou, é claro. Consciente ou não, toda vez que o quarto era aberto, quase sempre em dias de limpeza, eu era estranhamente afetada. Para não dizer assombrada. Nesses dias eu fugia como uma garotinha assustada fugia do bicho papão. Inventando desculpas para não estar por perto.

Paralisada em meu lugar, eu estudei o quarto com certa relutância. A dor silenciosa instalada dentro do meu peito, ganhando voz como em um passe de mágica. Sacudi a cabeça, deixando que um único pensamento se sobressaísse em meio a tantos outros que me invadiam.

O que eu estava fazendo aqui?

Mesmo diante das dúvidas, eu me vi incapaz de me mover. De girar os pés e me esconder na segurança forjada do meu próprio quarto. *Aquele lugar ainda mais atemorizante.* A verdade era que não importava para onde eu escapasse, porque sempre me veria atormentada. Eu tinha apenas que escolher que tortura era a mais suportável.

Vicente... ou Otávio.

Detestando o tremor das minhas pernas e o repentino e incomum desejo, eu afastei a toalha molhada dos meus ombros e a coloquei no chão. Assim como fiz com o robe preto que segurava. Sem nada a me impedir, envolvi os meus braços ao redor da cintura e andei às cegas pelo cômodo. Esforçando-me a não pensar.

O que se mostrou impossível, porque, ao afastar parte das memórias sobre esse lugar, eu me vi dominada pela certeza de que alguém havia nos visto. Vicente titubeou, disse não estar certo, mas sei que era mentira. *Ele tinha certeza.* Caso contrário, não teria se dado ao trabalho de verificar os corredores da casa à procura do observador.

Como se atraída pela familiaridade, eu me aventurei pelo

interior do quarto, alcançando a imensa cama. Larga em comprimento e estranhamente convidativa. O lençol escuro parecia revirado... como resultado de uma noite mal dormida. Eu reconhecia os sinais, pois eles eram os mesmos encontrados em minha própria cama.

Fixei meus olhos, o coração batendo forte, enquanto observava a cama. Centímetro por centímetro dela. Exalei o ar ao redor, tentando captar o cheiro de Vicente. Algum vestígio seu deixado durante a noite. Já estava prestes a me ajoelhar sobre o colchão, em um impulso louco, quando a porta foi aberta e o dono do quarto entrou. Parecendo surpreso, até mesmo aliviado, por me encontrar no mesmo lugar em que havia me deixado.

Pelo tempo que levou para fazer a *ronda*, tudo levava a crer que não houve qualquer descoberta. Ou resolução quanto ao nosso problema. Sem dizer nada, e ainda congelada em meu lugar, eu o assisti atravessar o quarto e pegar uma camiseta de dentro da cômoda. Assim como uma boxer limpa e outra calça de moletom. Bastante parecida com a que ele usava agora. Tentei não olhar, mas o esforço foi inútil, porque meus olhos se fixaram em suas pernas, cobertas pelo tecido molhado que parecia se agarrar aos músculos de sua coxa. O

volume rijo, monstruoso, na parte da frente, fazendo-me engolir em seco. Vicente ainda estava duro, e isso me causou um alvoroço interno sem precedentes.

Gritos de alerta ecoaram por dentro. Exigindo a minha atenção enquanto eu ignorava cada um deles. *Esse não é o momento de ser prudente*, a voz da minha consciência sussurrou. Ela era a única a saber o quão cansada eu estava por fazer sempre o que era correto, o que era esperado de mim. Tinha dias que eu não suportava a farsa que era a perfeição refletida no espelho, suportava menos ainda o peso da preocupação que sentia por todos, mas, principalmente, por meu sogro.

Era tanta responsabilidade que eu me encontrava acorrentada pelas minhas próprias escolhas.

— Não havia ninguém lá fora — ele finalmente disse, cortando o silêncio com a voz áspera. Sombria.

Sua boca tentava me convencer de que estava tudo bem, mas os seus olhos, eles diziam o contrário. Acho até mesmo que esperavam que eu me virasse e corresse a qualquer instante. Eu me sentia, novamente, como a presa.

Obriguei-me a manter a boca fechada e o raciocínio em

ordem. Mas foi impossível, porque o homem, sem a menor cerimônia, desceu a calça de moletom na minha frente. A apenas poucos passos de onde eu me encontrava. Deixando à mostra as coxas peludas, grossas, capazes de manter qualquer mulher amarrada à sua cama.

Absorvi a sua imagem com curiosidade e uma saudade além do considerado normal. Enquanto o fazia, notei que os braços de Vicente estavam maiores. Não exagerados, mas, ainda assim, largos. Fortes. Os contornos em seu abdômen também não me fizeram indiferente. E, confesso, eu mal podia me controlar, tamanho o choque que era presenciar Vicente dessa maneira. Tão despidoradamente à vontade.

Os pelos de seu abdome eram curtos e desciam pela pele trincada. Perdendo-se por dentro da cueca branca que já não era capaz de esconder as evidências da sua excitação. Eu não queria ver, mas podia enxergar com precisão o latejar do seu membro, que empurrava o tecido de algodão a cada pulsar solitário. Empurrei o nó seco em minha garganta e refiz o caminho até o seu rosto, que me recebeu com um sorriso preguiçoso, como se o dono dele apreciasse o fato de eu estar o encarando dessa maneira tão... faminta.

Por que era assim que eu estava, certo? Faminta pelo

prazer que só Vicente foi capaz de me proporcionar. Faminta de saudade... *faminta da gente*.

— Você pode olhar — falou ao se aproximar. — Pode tocar também... se quiser. — Ele entrelaçou os seus dedos nos meus e os levou até o seu peito... que parecia brasa debaixo do meu toque. A temperatura de Vicente sempre se mostrou assim: quente, incendiária. E eu nunca consegui entender o porquê, era como se o homem pegasse fogo 24 horas por dia.

— Você pode fazer o que quiser comigo, Maitê. — Eu o escutei dizer, mas minha atenção estava direcionada às tatuagens cobrindo o local onde meus dedos tocavam. Havia chamuscas sob a minha mão. Chamuscas que cobriam o que um dia foi a prova incontestável do nosso amor. Apertei a pele, cravando as minhas unhas, sendo dominada pela mágoa.

Vicente havia *nos* apagado. Arrancando-me dele.

— Por quê? — perguntei, sem fazer qualquer sentido. Ciente de que não tinha direito de cobrar dele uma explicação para o que os meus olhos viam. — Por que, Vicente? — Eu o encarei, transtornada.

Não encontrar a *nostra tatuagem* fez com que cada mísera

esperança que alimentava, mesmo que fugaz, sofresse um grande abalo. Um abalo descomunal. Quis gritar com ele, arranhá-lo até fazê-lo sangrar. Perguntar por que maldito motivo havia me apagado dele. Mas não me achava capaz de tal ato, não quando cada partícula do meu corpo revirava por dentro.

Enxergando o desespero em meus olhos, Vicente prendeu a respiração e segurou o meu queixo. Cortando o restante de distância que existia entre nós dois.

— Foi a única maneira que encontrei de...

— De me esquecer? De me apagar da sua vida? — Eu não o deixei falar. Sequer me reconheci. Essa, com a voz embargada, sofrida, não podia ser eu.

Suportei coisa muito pior ao longo dos anos e, ainda assim, sofri menos do que sofria ao ver que a prova de amor de Vicente foi substituída por uma imagem qualquer. *Por fogo.*

— Não — respondeu com a voz áspera, retirando a minha mão do seu peito. — Essa foi a maneira que encontrei de seguir em frente.

— E você conseguiu? — perguntei rápido demais,

precisando mais do que tudo saber se ele havia conseguido. Porque se conseguiu... significava que algum dia eu também poderia fazer isso. *Seguir em frente.*

Eu queria e não queria ser capaz de esquecê-lo. Porque, no fundo, temia que, ao tirá-lo de mim, como Vicente parecia ter feito, eu me perderia por completo. Esqueceria quem eu verdadeiramente era.

— O que você acha? — Vicente apertou a mandíbula e arrastou a minha mão até o seu rosto coberto pela barba, que acariciei devagar.

— Por que estou aqui, Vince? — sussurrei enquanto era puxada para mais perto. — Qual o sentido do que estamos fazendo?

— Não há sentido. — Sacudi a cabeça.

— Então eu não deveria estar aqui — falei, começando a ficar agitada. O controle que Otávio tinha sobre a minha mente apavorando-me. — Alguém nos viu, e...

— Nós não sabemos.

— Não faça isso — pedi, em súplica. — Não minta para mim. Você sabe que tinha alguém naquele corredor... eu posso ler a verdade em seus olhos. — Eu me debati

sutilmente ao ser rodeada com mais força pelos seus braços. — Já imaginou se foi o seu pai, Vicente? Se foi, ele irá me odiar e contar tudo ao Otávio. *Eu estou... com medo* — admiti, trêmula, levando-o a cerrar os olhos, sem me compreender.

— Maitê, olhe para mim. — Eu o fiz. — Nós não vamos pensar nisso agora, ok?

Não era de se estranhar a sua calma, não seria ele a sofrer as consequências.

— Você não faz ideia do que está em jogo, não é a sua vida que vai desmoronar...

— Maitê. Agora não — disse com firmeza. — Não vamos falar ou pensar nisso. Está me escutando? — Sua voz soou baixa, como uma carícia em meus ouvidos. Silenciando-me. — Enquanto estivermos neste quarto, você não tem com o que se preocupar.

Isso era o que eu temia. Sentir-me protegida estando aqui era *quase* possível. Mas e quando saísse porta afora e me deparasse com a realidade em que vivia?

Encarei-o enquanto desejava que tudo pudesse ser tão fácil e fechei os olhos, derrotada. Exausta de pensar e ter

medo, de lutar contra ele e o desejo que sentia de me perder em seus braços. Fundir nossos corpos.

— Pare de pensar tanto e... levante os braços para mim.
— Hesitei, ficando boquiaberta ao me dar conta do que Vince pretendia fazer. — Você está encharcada, Maitê — explicou.
—Deixe-me fazer isso antes que pegue um resfriado.

Ele queria arrancar a minha blusa?

— Eu posso fazer isso sozinha — protestei.

— Sei que pode.

Ainda assim, Vicente não esperou que eu o fizesse, sequer pediu uma autorização. Concentrado, ele segurou a borda da blusa do meu pijama e a subiu pelo meu corpo, deixando meus seios, livres de sutiã, caírem livres. Em um único movimento eu me vi *parcialmente* nua. Os mamilos intumescidos e enrugados expostos ao seu olhar cru. Ardente.

— Vicente. — Tentei me esconder do seu escrutínio, passando os braços ao redor dos seios, mas ele os afastou de maneira suave. Fascinado pela minha nudez.

— Passe a noite comigo. — O tom de voz baixo, arrastado, deixou-me frenética.

— Você sabe que...

— Não estou pedindo nada além disso. Apenas que passe a noite aqui. Comigo. Em minha cama, em meus braços — sussurrou a última parte. Fazendo com que minha resistência vacilasse.

Em silêncio, eu o observei afastar o cabelo de meus ombros, permitindo que acariciasse meu pescoço e o contorno dos meus braços. Os olhos castanhos fixos nos dois cumes pesados e redondos, ele se retraiu, absorvendo com ainda mais intensidade cada centímetro de carne exposta.

— Você é linda. Sempre foi.

Estremeci ao sentir o seu toque. O afago suave em meu seio deixou-me nervosa. Receosa, até. Vicente explorou a pele sensível, sem pressa, buscando agora pela minha aprovação. Estudando-me. Quando apertou o mamilo entre os dedos, arrancando de mim um gemido, ele parou. Encarando-me tão profundamente que eu quase implorei para que me beijasse. Para que parasse de me tocar e, simplesmente, me beijasse.

Seus beijos, de alguma forma, possuíam o poder de me acalmar.

— Você está com medo? — Assenti, sem perceber. —

Quer que eu pare? — perguntou preocupado, a palma de sua mão se espalhando pela pele morena. Agora arrepiada. Apertando os bicos duros com um pouco mais de pressão. — Se quiser, eu paro, pequena. Basta pedir.

Havia verdade em seus olhos, e isso me tranquilizou.

— Não.

— Não?

— Não pare, *por favor*. — Joguei a prudência de lado, arriscando mais do que estava disposta a admitir.

Minha resposta foi tudo o que Vicente precisou para me agarrar e beijar. Os dedos cravados em meu seio deslizaram para a minha cintura. Nossos corpos úmidos se chocando. Emaranhando-se, loucamente. Gemi, e Vicente liberou um rosnado feroz. Contorci-me, e ele me apertou em seus braços. Exigindo mais.

Conter os ruídos que imploravam para sair de minha boca foi uma tarefa impossível. Eu estava há tempo demais dormente, ou, então, minha alma apenas se lembrou do quão bom era estar com esse homem. Por isso toda essa ânsia. Essa vontade. Consciente do meu descontrole, Vicente abafou cada gemido e choramingo que me escapou. Enquanto eu me

liquidava em seu domínio.

Nos tornamos uma bagunça ferina. O homem não parava de rosnar, grunhir feito um animal. E eu, eu não conseguia raciocinar. *Apenas sentir.* As mãos firmes, enormes, desceram pelo meu quadril, puxando-me para mais perto, acariciando-me, até chegar ao elástico do *short* grudado ao meu corpo. Tudo aconteceu rápido demais. O que me tornou incapaz de pronunciar, ou lembrar, até mesmo o meu nome. A última coisa em que pensei naquele momento foi nas consequências que viriam ao ficar nua.

Por isso, quando Vicente arrastou o tecido do meu short pelas minhas coxas, se ajoelhando bem na minha frente, o pior aconteceu.

— Que porra é essa, Maitê!? — Despertei com seu rugido e olhei para baixo. *Para ele.* Reconhecendo a expressão assassina em seus olhos.

Recuei, sabendo exatamente o que ele enxergava. Visualizando em minha cabeça a extensão da marca em meu quadril. Meu Deus, como pude ser tão estúpida? Como não previ que isso aconteceria? Estive tão cega pela vontade de sentir alguma coisa, que não dor, que me esqueci e permiti que Vicente colocasse os olhos na monstruosidade que o seu

NACIONAIS - ACHERON

irmão, o homem que dizia me amar, deixou em minha pele.

Dei outro passo para trás, arrependida, mas Vicente não me deixou escapar e me segurou.

— Eu quero ir para o meu quarto — protestei.

— Não mesmo! Não sem me explicar o que é isso... você está machucada, Maitê. — Eu tinha consciência de que ele estava nervoso e de que esse nervosismo não era direcionado a mim. Mesmo assim, foi difícil não me sentir como o seu alvo.

Havia tanta raiva emanando dele que eu me senti contaminada. Meu pobre coração dava pulos dentro do peito, tão agitado, que eu não sabia se ele bateria por muito mais tempo. *Ele podia parar... ele podia parar*, desejei, insanamente, arrependendo-me logo em seguida.

Eu não me transformaria nessa mulher. Recusava-me.

— Eu caí — disse a primeira desculpa que encontrei.

— Caiu? — perguntou, sem acreditar.

— Sim, eu caí e... bati o meu quadril. — Vicente me encarou, franzindo a testa e sacudindo a cabeça.

— Como? — pressionou, segurando-me pelo braço. —

Como você... caiu e acabou com um hematoma de todo o tamanho no quadril? — esbravejou, aturdido.

— Você não vai acreditar em mim... por que eu deveria explicar? — Eu estava tentando parecer firme, mas, por dentro, tremia inteira.

— Como posso acreditar em você, Maitê? Me responda, como? — ele exigiu saber, perdendo a cabeça. Parecido demais com o garoto por quem eu me apaixonei. O mesmo que me deixou.

— Isso tudo foi um erro... estar aqui foi um erro. Eu quero ir para o meu quarto.

— Não! — Ele entrou na minha frente, antes que eu passasse. — Você fica.

— Você não pode me obrigar. — Eu o vi passar a mão pelo cabelo, sem tirar seus olhos de mim nem mesmo por um instante.

— Eu sei — falou exasperado. — Mas preciso... saber o que realmente aconteceu. Preciso da verdade, pequena, você entende isso?

Não, eu não entendia. E odiava esse olhar preocupado em seu rosto. Porque Vicente não se dava conta de que era

tarde demais, que estar preocupado comigo agora não mudaria nada. Não apagaria as marcas do meu corpo. O pensamento barulhento foi afastado ao sentir o toque, agora cuidadoso, em meu quadril. Seu dedo trilhando o hematoma que já não doía. Sua mão aqueceu a pele machucada, fazendo-a formigar enquanto ele respirava com dificuldade. Controlando-se.

O homem parecia perto de uma explosão. E eu não queria estar aqui para presenciar o escarcéu. Por isso, afastei meu corpo do dele, interrompendo o seu toque.

— Eu não entendo, Maitê. — Eu o vi sacudir a cabeça, uma e outra vez. Engolindo em seco, como se o gesto o machucasse. — Me diga que não é o que estou pensando, faça isso...

— Eu caí — repeti teimosamente.

Vicente segurou o meu rosto, olhando-me diretamente. Tentando extrair a verdade dos meus olhos. E, no fundo, eu acho que... ele conseguiu. Porque sua boca veio de encontro à minha com desespero. Com pesar. Fazendo meu coração doer. Percebi o esforço que ele fez, sentindo-o até mesmo tremer, tamanha a tensão que carregava em seus músculos e nervos.

— Não vou discutir com você — murmurou, deslizando o dedo pelo meu rosto. Em um carinho que abrandou meus devaneios. — Não posso fazer isso, não agora. Então, porra, se você quer que eu acredite que você caiu, é nisso que eu irei acreditar. Ok?

Ele esperou pela minha resposta, que não passou de um assentir de cabeça, e voltou a me beijar. Impaciente, ferido e, ainda assim, arrebatador.

VICENTE

Confesso que não fazia ideia de como consegui manter-me no controle após ver o quadril de Maitê. Por fora, eu tentava aparentar algum domínio, mas, por dentro... Miséria, por dentro eu estava acabado. O corpo inteiro rígido, tenso. Afastei a boca da dela, ainda sem acreditar. Buscando por rastros, os *tais sinais*. Encontrando cada um deles. Seu temor, seu comportamento defensivo, sua agressividade... A infeliz era boa em mascarar os sinais. Era muito boa. Mas eu a conhecia, podia ver em seus olhos. E eles me diziam, mesmo que silenciosamente, que os seus hematomas não eram fruto de uma queda, e sim de algo muito pior. Algo que eu não podia ignorar.

Como se esperasse pelo meu próximo passo, ou

NACIONAIS - ACHERON

explosão, Maitê continuou a me encarar. Os olhos cor de mel arregalados, desafiando-me a dizer que ela mentia. Eu deveria fazer isso, pressioná-la até arrancar a maldita verdade de sua boca. Mas eu não desejava assustá-la. Fazer com que se fechasse em sua concha e saísse do meu radar. *Não dessa vez.*

Devagar, eu toquei seu rosto. Absorvendo a maciez dele, enquanto me questionava, furioso, como alguém era capaz de fazer algo assim. De machucar alguém tão vulnerável. Deixei que a desconfiança fizesse ninho em minha cabeça, infiltrando-se dentro de mim. A imagem de Otávio fazendo vacilar meus últimos resquícios de controle. Se essa fosse a verdade, se o infeliz do meu irmão, realmente, ousou tocar em Maitê, eu o mataria com minhas próprias mãos. Juro que o faria. Não importava se ele era sangue do meu sangue, nem se eu acabaria preso. Porque eu o mataria.

Maitê pode ter ferrado com tudo, mas nada no mundo me faria aceitar que a machucassem.

— Vince... — A sua voz me arrastou junto com ela. Se para o inferno ou o paraíso, eu não saberia dizer. — Eu preciso... que me beije.

Se ela precisava, imagine eu?

Atendendo ao seu chamado, eu a peguei no colo e, em um rompante, a beijei. Deixando que a saudade falasse mais alto. Usando a sua boca como meio de apaziguar a minha raiva. Dominá-la, mesmo que por pouco tempo. Ansioso, finquei minhas mãos em seu traseiro, apalpando-a e puxando-a para mim. Chocando a pequena boceta contra o pau rijo, que implorava pelo calor dessa mulher.

Com ela encaixada em meu quadril, eu nos levei até a cama, onde me sentei e a puxei de volta para o meu colo. Espalhando suas coxas, uma em cada lado das minhas pernas. Acaricieei a pele bronzeada, macia, contemplando cada pedaço dela, redescobrando seu corpo e as curvas agora tão maduras. E pensar que... *Não!* Eu não iria deixar me contaminar pelo que Otávio fizera. Nem mesmo tentar compreender que porcaria de culpa era essa, alastrando-se pelo meu sangue feito veneno.

Fechei os olhos e inspirei fundo, procurando me acalmar.

Sem que esperasse, Maitê afastou a minha mão do seu quadril, deixando claro que não desejava ser tocada ali, em especial. Assenti, agora de olhos abertos. E a puxei para outro beijo. Lânguido e impensado. Deslizando os dedos pelo contorno de sua calcinha minúscula. Frágil o suficiente para

ser rasgada. Um filete fino cobria toda a parte de trás, enterrada em sua bunda voluptuosa. A barriga lisa contraiu diante da carícia, como se sentisse por todo seu corpo os efeitos do meu toque sedento. Enquanto ela se movia em apreensão, eu continuei a beijá-la, em busca do mesmo que ela: esquecimento.

Ao apertar um de seus seios e rodeá-lo inteiro, eu a senti se esfregar em meu pau. Como se buscasse alívio. Apertei o outro, dessa vez, levando-a a gemer e fixar seus olhos marejados sobre mim. Não, porra. Eu não suportaria vê-la chorar. Essa era a última coisa que desejava ver. Resistir a Maitê não era algo fácil, nunca foi. Mas resistir ao seu choro e dor... era infinitamente pior. A pressão esquisita em meu peito se intensificou, massacrando qualquer pensamento racional dentro do meu cérebro.

Jogando-me na lona.

— O que eu faço com você? Me diga — sussurrei e puxei o seu cabelo, sem intenção de lhe causar incômodo. — O que eu faço?

A verdade é que eu não sabia. Estava confuso. Excitado. Dominado por uma raiva nunca antes sentida. Raiva que se misturava ao tesão crescente dentro de mim. Tesão dela

NACIONAIS - ACHERON

inteira.

— Apenas... me beije. — Sua resposta soou como um pedido, um aviso de que ela não suportaria, ou desejava, mais do que isso. Havia certa inocência em suas palavras, uma inocência que eu não fazia ideia se realmente existia.

Será que Maitê jogava comigo? A dúvida passou pela cabeça, mas logo a afastei, resistindo à possibilidade de estar sendo enganado. Ludibriado pelos seus encantos.

— Eu quero mais do que te beijar, pequena. Muito mais — admiti, mordiscando seus lábios enquanto movia o seu traseiro em um vai e vem lento sobre o meu membro, que, a essa altura, pingava o líquido pré-ejaculatório no tecido da boxer.

Agindo por impulso, eu afundei os dedos, delicadamente, por dentro de sua calcinha. Observando sua reação enquanto era surpreendido ao encontrar a resposta do seu corpo aos meus beijos. Maitê estava melada e quente. Uma verdadeira tentação. Lambuzei meus dedos ao tocá-la, as dobras molhadas sugando-me descaradamente. Senti os pelos do meu corpo se eriçarem, como se estivesse envolto por centenas de fios elétricos. Toda a energia acumulada sendo descarregada sobre mim de uma única vez. Acaricieei os lábios

escancarados de sua boceta, pensando em como seria gostoso penetrá-la e sentir o mesmo calor e umidade que meus dedos agora sentiam. Mas, por ela, eu detive todos os meus impulsos.

A maneira, ainda insegura, como Maitê correspondia aos meus beijos, fez-me segurar a onda. Dar um passo atrás e diminuir o ritmo.

E se beijar era o que essa mulher desejava, eu iria beijá-la. Eu o faria até que a sua boca estivesse sensível, tão inchada dos meus beijos, que ela imploraria para que eu parasse. Para que a deixasse tomar fôlego. O que começou calmo, no entanto, se transformou em algo selvagem quando Maitê começou a mover, por conta própria, o quadril. Alisando o meu pau. Deixando-o ávido, duro feito pedra.

Agarrei-a pela bunda, tomando o controle de volta. Friccionando sua boceta, ainda protegida pela calcinha, no comprimento longo do meu pau. Subindo e descendo o seu corpo, quase esmagando a minha ereção com a força com que a puxava. Maitê choramingou, procurando pela minha boca a cada ameaça que eu fazia de interromper essa loucura. Senhor, ela queria ser beijada, mas estava adorando a sensação de prazer que os movimentos constantes do seu

quadril proporcionavam.

Os espasmos no interior de suas coxas começaram devagar, e toda vez que ela estremecia, uma mordida era deixada em minha boca. Sua boceta estava tão molhada que aqueceu o meu pau, formando um ninho ao redor dele. Porra, como eu desejava estar dentro dela e comê-la de trás para frente e de dentro para fora.

Cravei os dedos longos em sua carne com ainda mais ímpeto, afastando as polpas que pareciam engolir o tecido de sua calcinha. Massageei a região sensível, sabendo que isso a faria louca, recebendo em resposta a provocação, um empurrão dos seus seios pesados, de tão excitados. Ambos bateram contra o meu tórax, esfregando-se em busca de atenção. Os bicos duros, raspando a pele, fizeram meu coração bater a mil por hora.

Maitê tinha um fraco, e esse fraco eram... os seus seios.

— Você deseja gozar, não deseja? — sussurrei a pergunta em seu ouvido, enquanto as minhas mãos iam ao encontro dos mamilos intumescidos. — É por isso que está esfregando essas duas delícias em mim, não é? Porque... necessita gozar.

Maitê gemeu um *uhum* de maneira tão sensual, que, por pouco, eu não liberei meu sêmen na cueca. Tentei me concentrar em outra coisa, que não no meu prazer, e uni seus seios um contra o outro. Preparando-a para receber a minha língua quente, que, assim que tocou a pele arrepiada, fez com que a mulher chiasse em meu ouvido. Como uma leoa excitada. Sua boceta apertou o meu pau, friccionando-o com mais voracidade enquanto eu a abocanhava.

Maitê perdeu todo o controle quando o prazer a tomou inteira. Drenando seu autocontrole. Meu cabelo foi puxado, fazendo meus dentes rasparem, sem querer, os mamilos vermelhos. O grito abafado, gerado pelo seu gozo, retumbando pelo quarto. Empurrando-a para o colapso de seu corpo: o velho abismo no qual caímos tantas vezes no passado. Dessa vez, eu não gozei. Não que precisasse.

O prazer veio inteiro ao vê-la sucumbir.

— Eu poderia assistir você gozar pelo resto da minha vida — falei, levado pelo momento. Abraçando-a apertado entre os meus braços. — Não tem imagem mais *sexy* do que essa que você acabou de protagonizar para mim.

Maitê envolveu a minha nuca, rendendo-se ao meu abraço. Sua respiração audível, acalmando-se aos poucos.

Sem que nos déssemos conta, ela e eu acabamos deitados sobre a cama. Agarrados fortemente um ao outro. E enquanto eu lutava contra o montante de pensamentos inoportunos e uma ereção dolorosa no meio de minhas pernas, Maitê adormeceu. Sua pequena mão, segurando-me pelo braço como se temesse que eu pudesse escapar. Deixá-la, outra vez. Em questão de horas a minha vida dera um giro de 180°. As certezas que antes possuía já não me pareciam tão... concretas, agora. E isso me desorientava. Observei, ainda mais preocupado, o sono profundo da mulher ao meu lado, inquieto demais para me juntar a ela. A constatação do erro que tínhamos cometido bateu profundamente. Eu estava desarmado, com a guarda baixa, e isso deu espaço às centenas de perguntas infiltradas em meu cérebro, exigindo por respostas que eu não possuía.

"Você está errado, eu não devo nada ao seu irmão. Não devo... porque ele já tomou tudo."

A voz de Maitê ecoou em forma de lembrança. Exasperando-me.

O que você fez com a minha garota, Otávio?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

LIVRE

*O homem nasceu livre e por toda a
parte vive acorrentado.*

Jean-Jacques Rousseau.

MAITÊ

Acordei na manhã seguinte e a primeira coisa da qual me dei conta era de que estava em meu quarto. Na minha cama e coberta pelos meus lençóis. Sentei-me, sem entender, achando impossível que a noite passada tivesse se tratado de um sonho. *Não foi*, uma vozinha sussurrou. *Não foi um sonho*.

Então por que eu estava em meu quarto e, pior, sozinha?

Esfreguei os olhos, sem ideia do que pensar. Olhei para o meu corpo, encontrando-me nua. *Flashes* do que havia acontecido surgiram, os beijos, a reação de Vicente ao meu hematoma. *Será que ele tinha visto o outro?*, questionei-me ao pensar no que eu tinha na costela e, rapidamente, me levantei, indo até o espelho e verificando as minhas costas. O hematoma quase amarelo não havia desaparecido ainda. Ao contrário da dor.

Recriminei-me, severamente, por permitir que Vicente chegasse perto a ponto de colocar seus olhos sobre qualquer um deles. Droga! Eu me sentia uma estúpida agora e o brilho incerto no meu olhar não deveria sequer estar presente. Muito menos essa emoção esquisita espalhando-se em meu interior.

— *Nada mudou, Maitê. Você continua casada com um monstro.*

Sacudi a cabeça em frente ao espelho e passei a mão pela minha boca. Claramente inchada. Acho que se me dessem a chance de eternizar um dia, seria o de ontem. Seriam todas as horas que passei nos braços de Vicente, sendo beijada por ele. Fazia tanto tempo que eu era não simplesmente beijada. Com carinho e cuidado. Parecia toda uma vida, lamentei ao me afastar.

O que eu iria fazer agora? Como poderia olhar para ele... sem desejar mais?

Verifiquei, desinteressada, as opções de roupas arrumadas por cor, em meu closet, tentando substituir o

nervosismo que sentia por ter que descer e me juntar a todos com algo trivial. Uma fuga, talvez. Meus dedos percorreram as calças de linho, os vestidos e camisas. Até que eu me decidi por algo casual, como um bom jeans e suéter. Enquanto me vestia, estranhei o fato de que nem Homero nem Joana haviam procurado saber se eu iria descer para tomar o meu café à mesa ou se o tomaria em meu quarto, como costumava fazer em algumas ocasiões.

Calcei o primeiro par de sapatilhas que avistei e finalmente encontrei a coragem necessária para enfrentar a situação. Temendo, de maneira boba, que todos eles pudessem enxergar estampado em minha testa o que Vicente e eu havíamos feito na noite passada. Assim que cheguei ao andar inferior, no entanto, eu percebi que tudo continuava na mais absoluta paz. Nenhuma bomba fora explodida e o silêncio ao redor, em vez de me acalmar, assustou. Como imaginei, a princípio, meu sogro se encontrava na sala de leitura, com Verônica ao seu lado.

Detive-me ao vê-los, sendo bombardeada pela dúvida. E se tivesse... sido algum deles?

Sendo alvo do olhar de ambos, eu entrei na sala, cumprimentando-os como fazia todas as manhãs. Primeiro,

beijei a testa do meu sogro, desejando-lhe bom dia. Depois, dei um sorriso educado a Verônica, que me olhou sem graça. Não passou despercebido que Homero manteve as sobrancelhas unidas, ao se dirigir a mim, e que o sorriso fraco em seus lábios enrugados não pareceu verdadeiro. O que, aliás, vinha se tornando um hábito. Um que eu não conseguia compreender.

— Você não desceu para nadar essa manhã — meu sogro comentou, voltando sua atenção ao jornal que lia.

— Acordei um pouco indisposta — menti.

— Estranho, a senhora não é de se sentir mal — Verônica acrescentou, de um jeito tranquilo. Sua figura magra era discreta, apesar do longo cabelo pintado de vermelho. E pela primeira vez desde que chegou a essa casa, eu me resenti de sua presença. Não por estar sendo indiscreta, mas por ser uma mulher desimpedida e sem quaisquer amarras.

— Pode ter sido algo que comi ontem, ou então seja apenas cansaço — justifiquei.

— Você tem dormido pouco, Maitê — Homero lembrou, sem me encarar diretamente.

— Isso é verdade — a voz sebosa da enfermeira ecoou

pela sala, fazendo-me revirar os olhos.

Sem disposição e paciência para ficar na mira dos dois, eu desisti da ideia de sentar e me preparei para sair, iludindo-me ao acreditar que um bom café forte me faria sentir melhor essa manhã. O que seria impossível, porque depois do que havia acontecido na noite passada e da forma como Vicente e eu nos emaranhamos em sua cama, eu duvidava que voltaria a me sentir como eu mesma. Café, trabalho... nada conseguiria apagar a sensação do seu toque em minha pele.

— Verônica, peça a Joana que traga o café da manhã de Maitê, por favor — Homero pediu antes que eu tivesse a oportunidade de me retirar. — Agora venha até aqui. — Ele olhou para mim. — E se sente ao meu lado, querida, você não precisa tomar seu desjejum sozinha.

A negativa estava na ponta da língua, e era o que eu teria feito, se não estivesse tão aterrorizada.

— Não é do seu costume acordar tão tarde — ele insistiu enquanto eu me sentava na poltrona ao seu lado.

— Tudo tem uma primeira vez, certo?

— Sim, claro. — Assentiu, sorrindo. — Não estou te repreendendo, Maitê. Você não é nenhuma garota e eu tenho

plena consciência desse fato. Se interfiro em sua vida, é porque me preocupo.

Homero falou, mas eu não consegui arrancar meus olhos da janela inteiriça. Dos pingos fracos que começavam a cair e das nuvens cinza encobrendo o sol. Por algum motivo, eu amava tempestades. Os raios rasgando o céu eram tão trágicos, vê-los atravessar as nuvens pesadas me enchia de uma tranquilidade impossível de ser explicada, enquanto os sons altos dos trovões ecoavam como os gritos que eu era incapaz de emitir. As tempestades eram... como a minha alma. Sangrando raios, gritando suas dores, derramando sobre nossas cabeças rios de lágrimas. *Eu invejava o poder que elas possuíam.*

— Me escutou, Maitê? — o Sr. Moraes chamou a minha atenção.

— Desculpe, eu estava distraída.

— Perguntei se você pretende visitar o Otávio hoje.

— Não! — falei rápido demais. Veemente demais.

Talvez fosse sangue-frio, mas eu não planejava estragar a lembrança dos beijos de Vicente com uma visita ao hospital. Mesmo que essa sensação preenchendo o vazio do meu peito

fosse errada e estúpida, eu gostaria de me agarrar a ela por pelo menos algumas horas. Nada mais do que isso.

— Todos já tomaram café? — perguntei, de repente. Querendo saber onde Vicente se encontrava e descobrir o motivo pelo qual me fez acordar sozinha, deixando-me sem qualquer explicação.

— Sim, todos — meu sogro respondeu prontamente. — O que me lembra de que nós teremos um convidado a mais no almoço de hoje. Marcelo telefonou agora há pouco, perguntando se poderia vir até aqui, acredito que gostaria de falar com nós dois.

— Sobre o quê? — perguntei, desconfiada.

— Como sabe, alguns dos contratos da Moraes passam previamente por ele, então acredito que seja essa a razão. Apenas trabalho, nada com que deva se preocupar.

Em pleno domingo?, questionei, intimamente, não acreditando nem por um segundo que pudesse ser apenas essa a razão.

— Fiz errado? — Homero inquiriu.

— Não... está tudo bem.

Mas não estava. Marcelo aqui, nessa casa, não
NACIONAIS - ACHERON

significava coisa boa. Eu conhecia o infeliz e, mais ainda, conhecia o seu caráter.

Passei a próxima hora em busca de algo no que concentrar minhas energias. Como nadar estava fora de cogitação, peguei alguns projetos com prazos indeterminados e rascunhei algumas ideias. Mesmo sem estar envolvida diretamente em nenhum deles, eu poderia repassar aos responsáveis os rascunhos na próxima reunião de planejamento. O Sr. Moraes se manteve ao meu lado durante parte do tempo, sempre fazendo comentários oportunos, mostrando sua satisfação com o meu trabalho e me auxiliando quando surgia algum impasse na planta.

Nesses momentos, eu me sentia realizada. Não apenas por ter me tornado uma excelente engenheira, mas também por ter conquistado o afeto do meu sogro. Feito com que ele me aceitasse em sua vida. Elizabeth, sua esposa, sempre me pediu paciência, alegando que o Sr. Moraes era um homem avesso a mudanças, justificando seu comportamento reservado em relação a mim. Não era segredo para ninguém que ela faleceu com a esperança de que algum dia todos os *seus meninos* me aceitariam nessa casa.

— O que pretende fazer em relação ao convite dos

Meireles? — Homero questionou, o que me fez parar de mover o lápis.

Havia tanto em minha cabeça atualmente, que o convite para a inauguração do empreendimento que acompanhei desde a planta fora jogado de escanteio. Perdido dentro de minha mente. Fabrício e Ângela Meireles eram um casal cuja fortuna girava em torno dos hotéis e *resorts* que possuíam espalhados ao redor do país. Monte alto era um desses empreendimentos e, correndo o risco de parecer exagerada, um dos meus projetos concluídos favoritos.

A ideia do casal de construir um *resort* aconchegante e luxuosa no alto das montanhas de Campos do Jordão não era inédita. Mas a personalidade dos dois, além das referências de arquitetura e decoração que trouxeram da última viagem que fizeram à Áustria, tornou o projeto um charme. Em uma das tantas reuniões que tivemos, os Meireles me disseram o que desejavam e eu dei vida ao sonho deles.

— Eu terei que recusar, Homero. Com Otávio internado...

— Não sei se recusar seria uma boa ideia. — Surpreendi-me com sua opinião. — Esse é um momento crítico para a construtora. As ações tendem a cair quando imprevistos

NACIONAIS - ACHERON

acontecem, sei que temos uma equipe financeira preparada para lidar com as especulações do mercado, mas não acho que devemos nos ausentar completamente. Você deveria ir.

Olhei para o Homero, incerta quanto à ideia de fazer essa viagem. Mordi a ponta do lápis, voltando a rascunhar o projeto, até que entendi qual era o propósito do meu sogro. O que ele desejava era me ver longe de Vicente. Só podia ser isso. Não que a ideia de ficar alguns dias afastada fosse de todo ruim. Talvez esse distanciamento fosse justamente o que eu precisava.

— Temos que mostrar alguma normalidade, querida. A equipe médica garantiu que as chances de Otávio são bem maiores do que outros pacientes com as mesmas complicações que a dele. Tudo o que nós precisamos é aguardar, porque ele irá reagir. — Meu sogro segurou a minha mão ao dizer, soando esperançoso.

— Você já pensou nas consequências que esse AVC pode ter na vida do Otávio? — perguntei, o trazendo à realidade. — A recuperação não será simples, nem de um dia para o outro, e o seu filho é um homem orgulhoso. Não irá aceitar passar o resto da vida acometido por alguma sequela...

Homero me encarou antes de se pronunciar.

— Nessas horas eu lamento que vocês dois não tenham tentado outras vezes. Você é tão nova, querida. Deveria ter enchido essa casa de crianças. — Afastei a minha mão, o corpo inteiro enrijecendo. — Espero que quando o meu filho sair daquele hospital, porque ele vai — disse firme —, vocês dois se empenhem em me dar um neto. Você tem que perder esse medo... o que aconteceu no passado não irá se repetir.

Senti-me revirar inteira por dentro.

Homero não fazia ideia do quanto esse assunto mexia comigo. Muito menos do quanto eu teria que ser louca em considerar trazer uma criança para o inferno em que vivia. Por mais que me sentisse sozinha, por mais que ansiasse ser mãe, segurar um filho em meus braços e carregá-lo dentro de mim até o fim, eu não teria coragem. Convencer Otávio de que eu não estava pronta sempre foi difícil. Foram tantas mentiras, tantas brigas pelo mesmo motivo. O infeliz queria que eu lhe desse um filho, mas jurei que nunca lhe daria. Jurei a mim mesma que essa era a única escolha que aquele monstro não me arrancaria.

O som de um engasgo, mais precisamente, um limpar de garganta, fez-me perceber que Marcelo e Vicente escutaram a conversa. Ou parte dela. Olhei de relance para os dois,

perguntando-me o que faziam juntos, sem saber se deveria ou não ficar aliviada por não encontrar qualquer indício de confronto.

— Se me permite a intromissão, eu tenho que concordar com você, Sr. Moraes — o advogado falou, com um enorme e desprezível sorriso em seu rosto. — Posso garantir que, se dependesse apenas da vontade do meu cliente, o senhor já teria os seus tão almejados netos. Otávio nunca escondeu que o motivo da ausência de crianças nessa casa se dava ao... temor de Maitê.

Quem ele pensava que era para dizer essas coisas? Para me pintar como a errada da história?

— Bom, acho que depois do susto que tomamos com Otávio, Maitê não perderá tempo em me providenciar um neto, não é mesmo, querida? — Permaneci imóvel, desconfiada de que o clima chato pairando sobre a sala era exatamente o que Marcelo pretendia causar. Evitei a todo custo me virar para o Vicente, podendo sentir daqui a agitação que o assunto lhe causava. — Quando tudo voltar ao normal, meu filho merece receber essa felicidade. Nós todos merecemos. — Homero se levantou, satisfeito.

Enquanto afundava na cadeira, eu deixei de lado o
NACIONAIS - ACHERON

projeto e a planta em que estive trabalhando. Depois dessa conversa, não havia ânimo em continuar. A resposta de que *não, eu não colocaria crianças nessa casa de maneira alguma* estava na ponta da língua. Coçando para sair. Para ser cuspidada fora. Mas, para o meu próprio bem, eu a contive. Era triste enxergar o resultado das constantes agressões de Otávio em pequenas fatias que eu deixava soltas por aí. Mais triste ainda era ver que eu não era mais a garota valente que fui um dia, que aquele monstro arruinou tudo, causando-me medo, me tornando uma mulher dominada pela incerteza.

Não saber quando o próprio ataque viria... não saber que comportamento meu ele iria reprimir quando ficássemos a sós. Inspirei fundo e guardei o material sobre a prancheta móvel no estojo. Meus dedos tremiam, enquanto a vontade de fincar as unhas no meu braço se tornava abrasadora. Eu queria me machucar... só assim essa sensação de angústia deixaria o meu corpo em paz.

— Maitê — meu sogro chamou, levando-me a encará-lo — Eu terei uma conversa rápida com o Marcelo. Se Joana aparecer, diga a ela que o almoço poderá ser servido, sim? — disse e, um pouco antes de sair da sala, deu um leve aceno ao filho caçula. Como se apenas agora lhe fizesse conta de sua

presença.

Sabendo que se ninguém fosse até a cozinha avisar Joana, o almoço atrasaria, eu me dispus a realizar a tarefa. Procurando fugir do escrutínio visceral de Vicente.

— Que merda é essa que o meu pai disse sobre ter um filho? — Ele me seguiu pelo corredor, claro. — Você não está pensando em...

— E se eu estiver, Vicente? — Eu me virei, irritada pela forma com que ele estava falando comigo. E ainda mais irritada por ter sido deixada sozinha em meu quarto essa manhã sem nenhuma explicação. Como se a noite passada não tivesse significado nada.

— Vocês fizeram tentativas? Eu escutei a conversa... escutei tudo o que o meu pai falou.

Sacudi a cabeça, cansada.

— Você poderia, por favor, me deixar em paz? Assim como fez esta manhã?

— Eu tive motivos para te levar para o seu quarto...

— Não me interessa. — Obriguei-me a soar indiferente e lhe dei as costas. O que não o impediu de continuar atrás de mim.

— Não pense que esqueci o que aconteceu na noite passada, Maitê. Muito menos as marcas que encontrei em seu corpo, e quer saber? Acho improvável que o hematoma em sua pele tenha sido causado por uma queda...

— Pare! — pedi, estacando na metade do caminho. Outra vez. — Apenas pare, Vicente! Meu corpo já não é da sua conta, nada na minha vida é! — Tomei fôlego antes de continuar. — Se caí ou não, se irei engravidar ou não. Tudo isso só diz respeito a mim... e ao meu marido.

Vicente não gostou que eu usasse a palavra *marido*. Sendo bem sincera, nem mesmo eu gostava. Ela saía da minha boca tão amarga. Tão... forjada. Eu a odiava.

— Talvez você tenha razão — respondeu, com visível amargura.

Ótimo!

Quem sabe assim ele me deixasse em paz?

Encarando-me com desprezo e a mesma raiva não disfarçada, Vicente me deu as costas e desapareceu corredor afora. A mão se emaranhando em seu cabelo enquanto ele desaparecia da minha vista. Doía-me tanto vê-lo caminhar

para longe, e isso, por mais cruel que fosse, parecia uma sina em nossas vidas.

Vicente estava sempre partindo.

Ao entrar na cozinha, instantes depois, deparei-me com Joana e Verônica em meio a cochichos indiscretos. Pelo visto a cozinha se transformara em uma zona de fofocas. Paciente, esperei que Verônica se tocasse, quando não o fez, eu lhe perguntei se não havia nada de melhor com que ocupar o seu tempo de folga em vez de atrapalhar o serviço da Joana. Ela, claro, não gostou do puxão de orelha e ficou roxa de vergonha.

Joana riu ao ver a enfermeira sair com o rabo entre as pernas, enquanto eu me sentava em uma das banquetas altas da bancada, observando-a fazer os últimos preparativos para o almoço. Houve um tempo em que eu adorava passar minhas horas nesta cozinha. Quando me sentia sozinha, após a morte da Sra. Moraes e a mudança de Vicente, era aqui que me escondia.

— Essa mulher não me desce — confidenciei, surpreendendo Joana.

— Nem a mim, menina.

— O que ela queria? — sondei ao me inclinar e roubar um pedacinho de cenoura cortada.

— Veio comentar sobre o fato de você ter levantado tarde. Dizendo ser *muito* estranho. — Joana me encarou, possivelmente, pensando o mesmo.

— Que dissimulada. Acredita que a sonsa fez o mesmo comentário na frente do Sr. Moraes? — Ela assentiu, agora com um sorriso emocionado em seu rosto. — O que foi?

— Sabe há quanto tempo você não se senta aqui comigo? Quero dizer, você vem, toma o seu café, mas às vezes está tão perdida, tão álea, que é como se esquecesse que estou aqui, Maitê.

A maneira magoada com que disse essas palavras fez meu coração apertar.

— Jô, eu...

— Eu sei que você é uma menina crescida agora. Que tem todas as suas responsabilidades, mas depois que o Vicente se foi e a Elizabeth faleceu, essa casa ficou tão vazia. Tudo mudou.

— Eu sei, Jô. E sinto tanto.

Nunca foi a minha intenção me afastar, mas como estar

NACIONAIS - ACHERON

ao lado dela e não dizer nada? No fundo eu temia acabar dando com a língua nos dentes, e isso não ajudaria. Acho até que Otávio seria capaz de demiti-la, caso Joana descobrisse a respeito das agressões e do abuso.

— Não precisa se explicar. Eu que sou uma velha boba.

— Você não é velha, muito menos boba. — Levantei e fiz algo que não fazia há bastante tempo. Eu a abracei.

Desejando que tudo pudesse ser diferente.

Quando voltei à sala, deparei-me com três pares de olhos dirigidos a mim. Cada um deles com uma emoção diferente. Homero, como sempre, parecia indiferente ao que acontecia ao seu redor e não notou a maneira nojenta e invasiva com que o advogado me encarava. Vicente, não. Ele notou, e, pela expressão em seu rosto, temi que acabasse pulando no pescoço do infeliz na primeira oportunidade que surgisse.

Não demorou e nós quatro nos reunimos na sala de jantar. Vicente sentado de maneira protetora e arredia ao meu lado, Marcelo à nossa frente e o meu sogro na cabeceira da mesa. O almoço foi servido, a conversa mantida em temas brandos até que Marcelo pressionou.

— Como é viver em Brasília, Vicente? O tempo seco não

o incomoda?

— Eu já me acostumei.

— Claro, nove anos, não é? Aposto que tem toda uma vida à sua espera. Amigos... talvez uma namorada?

Vicente encarou o advogado com a sobrancelha arqueada, sem responder à sua pergunta, esperando que continuasse o que fosse que estivesse tentando fazer. *Ou provocar.*

— Bem, eu pergunto por que é o natural. Seu irmão está casado, em algum momento você seguirá pelo mesmo caminho. Estou certo?

— Talvez não — ele declarou firme, e só então eu percebi que meu talher se encontrava no meio do caminho entre a minha boca e o prato. Minha mão estática no ar.

— Uma pena, não é, Sr. Moraes? Tenho certeza de que seu maior desejo é ver os seus filhos encaminhados. Com boas esposas, lhe dando netos... como o senhor mesmo afirmou.

Peguei um vislumbre da reação que essa conversa estava tendo em Vicente e eu poderia garantir que ele não parecia confortável diante do assunto. Assim como eu também não

estava. Dando-me por satisfeita, eu pedi licença aos três no instante em que o almoço terminou. Marcelo, no entanto, me lembrou de que não havíamos conversado e insistiu para que eu o acompanhasse até o escritório, a fim de termos privacidade.

Segui na sua frente, um tanto incomodada, mais do que disposta a fazer com que essa conversa ocorresse o mais depressa possível. Quando a porta do escritório foi fechada atrás de mim, um pequeno estrondo foi ouvido. Virei-me, ficando cara a cara com o advogado. Suspeitando em meu âmago de que eu não iria gostar nem um pouco do motivo que o trouxe até essa casa hoje.

— Seu cunhado telefonou esta manhã, fazendo algumas perguntas. — *Claro que ele fez.*

— Que tipo de perguntas? — Fiz-me de desentendida.

— Perguntas sobre o irmão, sobre o seu casamento. Assuntos que ele não deveria estar questionando. Concorde comigo?

— Não posso controlar o que Vicente faz, Marcelo. Além disso, não fui eu que o trouxe de volta. Foi?

Bufando, ele continuou:

— Espero de verdade que você não esteja enchendo a cabeça de seu cunhado com porcarias, Maitê. Lembre-se de que você tem mais a perder se o fizer do que qualquer um de nós.

— Isso é no que você e Otávio querem que eu acredite, não é? — Cruzei os braços em frente ao corpo e o encarei.

Marcelo não gostou do meu tom de voz e atacou.

— Imagine comigo o inferno que seria *para você* se o seu sogro, ou pior, se o Vicente descobrisse que você interrompeu aquela gravidez. Que fez tudo de caso pensado. — Sacudi a cabeça, estupefata. — Eu posso estar enganado, mas acho que *você* seria escorraçada dessa casa. Homero dificilmente a perdoaria. Vicente, então? Todos nós sabemos o quão difícil ele pode ser... quando crê em algo.

— Não foi assim! Eu não planejei aquele acidente... Quando irão entender isso e me deixar em paz?

— Nós recebemos o laudo pericial do acidente, Maitê.

— Então... há provas? — gaguejei. — Na época estive tão abalada que não procurei saber. Sequer pensei na possibilidade de ter acesso a esses laudos. — Por que nunca me mostraram?

— Faça essa pergunta ao seu marido, quando ele acordar.

— E se ele nunca acordar? — rebati furiosa.

— Ele vai, Maitê. — Marcelo caminhou tranquilo pelo escritório, rodeando-me. — Agora me diga, o que você e Vicente andaram conversando? O que contou a ele?

— Eu não contei nada. — Ele não acreditou. Marcelo poderia ser um filho da puta, mas era um filho da puta... esperto. Ou assim ele gostava de pensar. Não era de estranhar que ele e Otávio fossem tão amigos.

— Você consegue se lembrar daquela noite? Lembra-se do que a fez jogar o carro contra aquela árvore?

Apertei meus braços ao redor do corpo, fechando-me para a sua tentativa de me atingir. Odiando não ser capaz de lembrar nada relacionado àquele dia. Tudo o que sabia era que acordei em um quarto de hospital, com Otávio ao meu lado dizendo que eu havia perdido o meu bebê. Somente isso.

— Eu irei dar entrada no divórcio. E, dessa vez, não ligo se tiver que travar uma batalha com o Otávio — ameacei, ciente de que após a noite passada eu não desejava ser tocada por meu marido. Não queria as mãos violentas dele apagando os rastros dos carinhos deixados por Vicente. Eu... eu não

suportaria. — O meu casamento com o seu cliente acabou — disse em um sussurro aflito, temendo que essa fagulha insistente de esperança de algum dia me ver livre de Otávio acabasse detonada como foi tantas outras vezes.

— Experimente fazer isso para ver o que acontece — rebateu, sem pestanejar. — Se você acha que é injusta a maneira como Vicente a abandonou, imagine como será quando ele descobrir que você matou o filho dele, ou, então, como gosta de apanhar.

— Seu... seu monstro! Você é como ele, você não presta! — As palavras doíam ao deixar a minha boca. Como se arranhassem por dentro.

— Seria terrível, não é mesmo? — Seu sorriso cínico me deixou enjoada.

— Saia da... minha casa! Saia agora! — gritei, perdendo a paciência.

— Eu sou um convidado do seu sogro, então se controle! — Ele me deteve, quando tentei atacá-lo.

— Essa casa é tão minha quanto do Homero. Então, se estou exigindo que saia... você tem de sair! — Naquele momento eu não me importei com as consequências. Tudo o

que queria era vê-lo o mais distante possível desse lugar.

Ao ver que não se movia nem soltava o meu pulso, eu me debati, praticamente o empurrando.

— Não pense que aceitarei seus ataques, sua... — rosnou entre dentes, prestes a me ofender com alguma palavra baixa, quando, de repente, a porta do escritório foi aberta.

— O que está acontecendo...? — As palavras de Vicente morreram quando ele viu a mão de Marcelo em mim. — Seu filho da puta! — Em um rompante, ele avançou sobre o advogado, segurando-o pelo colarinho e o empurrando até a parede mais próxima. A lateral do seu braço pressionando o pescoço do maldito.

Deixando-o sem ar.

— Não volte a tocar nela, seu infeliz! Está me escutando? — Ele forçou um pouco mais o seu braço, e Marcelo engasgou. Absolutamente vermelho.

— Eu estava apenas acalmando a sua cunhada, Vicente.

— Com as mãos sobre ela? — exigiu saber, transtornado.

— Foi necessário — Marcelo teve a ousadia de dizer. — Maitê não anda bem, ela tem ficado nervosa... confusa.

— Isso é mentira! — eu me defendi, olhando para os dois homens no fundo do escritório.

— Ela não está bem, Vicente — insistiu, dessa vez em um tom de voz sério e baixo, olhando diretamente para o homem que o segurava. Eu o odiei por isso, odiei, não acreditando que agora ele iria me retratar como se eu estivesse perdendo a cabeça.

Sem dizer nada, Vicente o soltou. O punho cerrado, a mandíbula apertada e todo o corpo rígido. Eram provas incontestáveis do esforço feito para não surrar o covarde. Uma palavra dita a mais e eu tinha certeza de que Marcelo acabaria no chão.

— Para fora, seu miserável! Agora! — Vicente ordenou, o empurrando de maneira violenta.

Recuei quando o primeiro passou por mim, encarando-me como quem diz: *você me paga*. O segundo, por sua vez, deixou claro que se eu movesse um dedo fora do meu lugar, ele me caçaria por toda a casa.

VICENTE

Marcelo manteve-se calado até a saída. O que tornou difícil entender qual era a desse filho da puta. Quando não tentava me convencer de que Maitê não valia nada, ele colocava em dúvida o seu autocontrole. Seu juízo. Cerrei o punho, me recusando a acreditar que qualquer uma dessas acusações pudesse ser verdadeira. Mas após a noite passada, de arrancá-la daquela piscina...

Ela jurou, Vicente. Jurou que não tentou fazer essa merda.

— Eu pretendo dizer uma única vez, Marcelo, e espero que me escute. Fique longe da Maitê e, por tudo o que é mais sagrado, não se atreva a colocar as suas mãos imundas nela de novo! — grunhi. — Essa não é a primeira vez que te pego tentando intimidá-la, nem sei a merda que você acredita estar fazendo, mas isso acaba aqui, fui claro?

— Seu irmão não vai gostar de saber que você anda... territorial com a esposa dele — o desgraçado declarou, distante demais para que eu pudesse, enfim, socar a sua cara.

Meus dedos, coitados, coçavam para dar a ele o que realmente merecia. Uma boa surra. *Uma* que o deixaria sem colocar essa cara presunçosa na rua por pelo menos um mês.

— O que é de Otávio está guardado, não se preocupe. O meu recado dessa vez foi para você!

Marcelo me encarou, todo empertigado, e fez um último comentário mal-intencionado antes de entrar em seu carro.

— Boa sorte, Vicente. No que se refere a essa mulher... você vai precisar.

O advogado não se demorou. Temendo um possível descontrole e mais ainda: o peso da palma da minha mão. Diante de um homem, o miserável não era tão corajoso, não era mesmo? O fato de ele ter corrido para o seu carro, quando ameacei um passo em sua direção, deixou claro que o merdinha era um covarde de marca maior.

Voltei ao escritório como um furacão, trancando-o assim que passei pela porta pesada de madeira. Para a minha surpresa, Maitê permaneceu no lugar em que eu a tinha deixado. Como se fosse incapaz de mover seus músculos. Detive meus olhos nos dela, podendo sentir toda a sua apreensão, mas, principalmente, o alívio em me ver entrar.

— O que foi tudo isso, Maitê? — Ela não me respondeu, mas apertou um pouco mais os braços ao redor do corpo. Um hábito que parecia fazer sempre que ficava na defensiva. — O

que Marcelo queria com você? — insisti, dessa vez, em um tom de voz comedido.

— Falar sobre os contratos da construtora — mentiu, descaradamente.

— Sei que não foi isso, então diga a verdade para mim pelo menos uma vez, miséria! Não me deixe no escuro aqui, toda essa história está ferrada demais para que eu possa entender sozinho. — Eu me aproximei, sem certeza se a repreendia ou, simplesmente, a puxava para os meus braços.

A noite passada foi... *merda*, não havia palavras para definir o que foi a noite passada. Nunca imaginei que estar com Maitê novamente fosse ser tão doloroso. O mais louco e absurdo era que, se me fizessem escolher, eu escolheria sentir essa dor pelo resto da minha vida. Tudo para estar com ela uma última vez.

— O seu pai não vai gostar de nos ver aqui. Sozinhos — desconversou ao recuar.

— Você acha que dou a mínima para o que meu pai pensa?

— Você pode não dar, mas eu dou, Vicente. No final, quando você pegar as suas malas e sair dessa casa, sou eu que

ficarei para lidar com toda a bagunça que está fazendo em nossas vidas. Você não se importa com as consequências, você apenas... faz o que quer.

— Não é bem assim.

— Não? Então por que me tirou do seu quarto? Por que telefonou para o Marcelo o enchendo de perguntas? — Era isso que o desgraçado queria então, ponderei. — Por que está nesse escritório, trancado comigo, quando sabe que não deveria?

Reconhecer a mágoa em sua voz fez-me deixar de lado a prudência e segurar o seu rosto atormentado entre as mãos.

— Tudo o que eu quero é que converse comigo. Você não para de mentir, é uma mentira atrás da outra. Você não me traiu, você caiu de uma escada. Esse casamento... essa merda de casamento é uma mentira! A maior delas. E, Maitê, o que você tentou fazer ontem...

— Eu não tentei fazer nada! — ela gritou.

— Você tem se machucado, pequena. Quando não é o lábio, são os braços. Não ache que eu não presto atenção em você, porque presto. — Era mais forte do que eu, meus olhos eram atraídos para onde quer que ela estivesse. Seus gestos,

suas reações. Tudo era assimilado pela minha cabeça. — Tem algo de errado acontecendo com você e eu não vou sossegar até descobrir o que é.

— Não acha que é tarde demais para que esteja preocupado comigo?

Acho que nunca seria. Não importava o tamanho da minha raiva, eu sempre, sempre me preocuparia com essa mulher. Essa certeza era um empecilho para a minha paz? Era, mas o que eu podia fazer?

— Tudo o que quero é te ajudar.

— Não, você não quer. Você me odeia, Vicente, eu posso ver isso pela maneira como me olha. Você nunca vai conseguir me perdoar. Nunca vai conseguir esquecer o que aconteceu, ou o que você acredita que aconteceu.

— Isso não tem nada a ver com o passado.

— Isso tem tudo a ver com o passado! — esbravejou nervosa, decidida a sair da minha frente.

— Por que não abre o jogo comigo? — Eu a segurei. — Por que não me diz o que tem de errado com você?

— Por que não há nada de errado comigo. E, mesmo se tivesse, eu não diria... porque você não merece saber. Não

NACIONAIS - ACHERON

depois de tantos anos sem dar notícias, sem ter a decência de me telefonar. De me dizer se estava ou não vivo!

— Eu voltei, Maitê. — Ela empalideceu.

— O quê?

— Um ano depois que deixei o país eu voltei a São Paulo. Infelizmente, ou felizmente... — Dei de ombros. — ... eu fui obrigado a escutar a verdade da boca de Otávio.

— Ele nunca... me disse nada.

— Em menos de um ano você estava casada com o meu irmão. Dormindo com ele e com a porra do anel dele em seu dedo!

Maitê sacudiu a cabeça, incrédula. Seus olhos se encontravam marejados e a emoção tomando o seu rosto era muito parecida com a de dor.

— Por que não me procurou? — Sua voz saiu em um chiado agudo.

— Otávio pediu para não interferir na sua felicidade...

— E você aceitou?

— O que esperava que eu fizesse? Que lutasse por você?

— A gente se amava, Vicente!

— Você tem uma concepção muito errada sobre amor, pequena. Porque quem ama não trai — murmurei de maneira ressentida. — Não no mundo em que eu vivo.

— Me deixe passar — pediu, desistindo de me escutar. — Nada disso faz sentido, nós não estamos indo a lugar nenhum, percebe? Eu só... quero ser deixada em paz.

— E se eu não quiser deixá-la em paz? — Maitê se espantou quando o meu polegar tocou a sua bochecha. — Se eu não conseguir?

— Você está me deixando confusa — admitiu, segurando o meu braço. Prestes a afastá-lo. — E isso não é justo.

— O que é justo nessa vida, Maitê? Me diga uma coisa que seja, que eu te deixo em paz. Recuo nesse mesmo instante. — Ela não conseguiu dizer. — Está vendo? Não há.

A pequena mão me segurou com mais força quando eu a puxei para perto e beijei sua boca gostosa bem devagar. Provando um pouco mais dela, ignorando, outra vez, o risco que corríamos. Maitê não protestou, não a princípio. E o que para mim deveria ser apenas uma provocação, uma maneira de perturbar essa mulher tanto quanto ela fez comigo no

passado, saiu do controle, se transformou em algo que eu não estava pronto para aceitar. Sequer admitir.

— Eu não sou livre, Vince. — Ela me olhou ao dizer. A boca molhada do meu beijo.

— E você acha que eu sou?

Posso ter compartilhado a cama com dezenas de outras mulheres, feito um esforço descomunal para permanecer com algumas delas por mais do que duas ou três semanas, mas eu nunca, realmente, me senti livre. Meu corpo era, porém, não o meu maldito meu coração.

Estar *em casa*, próximo de Maitê e das sensações desvairadas que a infeliz me despertava, só confirmou o que temi descobrir por todo esse tempo: que uma parte de mim sempre seria dela. Não importava o quanto eu tentasse escapar.

CEGUEIRA

*Fito-te - E o teu silêncio
é uma cegueira minha.*
Fernando Pessoa.

VICENTE

Andei pelo corredor da construtora, distraído. Incapaz de lembrar qual foi a última vez em que coloquei o pé neste lugar. Não que tivesse sentido falta. A Moraes sempre foi um sonho do meu pai e do seu sócio, o Sr. Álvares. Um sonho a que ele dedicou cada minuto de seu tempo enquanto Otávio e eu crescíamos. Para o seu desgosto, eu não tinha nenhum apreço pelo seu legado. A repressão que recebi ao longo da vida fez-me rejeitar suas conquistas. Seus méritos.

Os homens dessa família, pelo visto, eram todos lobos em pele de cordeiro. A cada minuto na presença de meu pai, observando a maneira gentil e amorosa com que tratava a nora, mais certeza possuía. Não foram poucas as vezes em que me perguntei onde fora parar o homem crítico e severo

com quem convivi, que máscara era essa que ele usava agora. O que pretendia ao agir assim?

Com um objetivo definido em mente, caminhei rumo à sala de Maitê. A razão de estar aqui hoje era apenas uma: atualizar-me acerca das mudanças que Otávio fez nos últimos anos. Ver com meus próprios olhos no que ele transformara a construtora da qual algum dia eu herdaria uma boa fração.

— Ei, o senhor foi anunciado? — Fui detido por uma loira de longas e belas pernas. — A Sra. Moraes está em reunião nesse momento, não posso permitir que entre, a menos que tenha sido anunciado ou solicitado...

— Sim, claro. Como faço para ser anunciado?

— Falando comigo. — Ela sorriu e estendeu a mão, educada. — Eu sou Serena, a assistente da Maitê. — *Ótimo!*

— Me anuncie, então.

— Hum, não tenho certeza se poderei fazer isso exatamente agora. Não fui comunicada de que teríamos... — Ela me olhou dos pés à cabeça, acredito que gostando do que via. — ... um integrante a mais. Mas se o senhor desejar esperar o fim da reunião, não tem problema. Assim que a Sra. Moraes ficar disponível, eu o anuncio.

Serena me acompanhou até um conjunto de poltronas que ficava em frente à sua mesa e voltou ao seu trabalho. Olhando de soslaio em minha direção de tempos em tempos, quando percebeu que eu também a observava, ela indagou:

— Qual é o seu nome, mesmo? Acho que não anotei.

— Vicente. Cunhado da Sra. Moraes.

— Oh, sim! — O rosto da mulher ficou branco. — Isso vai ser interessante — disse para si mesma, quase ao ponto de não ser escutada. Mas eu escutei.

— Como?

— Eu acho que ela vai... ficar surpresa, apenas isso. — Sorriu de maneira enigmática, ainda me avaliando.

— Você trabalha para ela há muito tempo? — sondei.

Parecia que isso era tudo o que fazia ultimamente. Sondar a vida de Maitê.

— Sim. — Ela parou de digitar em seu computador, dando-me total atenção agora. — Tempo o bastante para saber *tudo* sobre você.

Então, além de funcionária, ela também era amiga de Maitê. Isso era bom.

— Aposto que sim. — Sorri ao ver a expressão engraçada em seu rosto.

— O que o senhor deseja com ela?

— Não entendi.

— Eu sei toda a história — falou baixo, inclinando-se sobre a mesa. — Por isso pergunto, o que o senhor deseja com ela? Por que está aqui?

— Não precisa ficar preocupada, Serena, eu vim em paz — garanti.

— Você não me parece um homem à procura de paz, senhor Moraes. E é por isso que te darei um aviso: se ousar machucar a minha amiga, irá se ver comigo, entendeu? Maitê não precisa de você chegando aqui e bagunçando a cabeça dela. O seu querido irmão já fez o suficiente. Então...

— Serena — Maitê a chamou, de repente. Seus braços cruzados em frente ao corpo rígido e um olhar assassino em seu rosto, totalmente direcionado à amiga. Endireitei-me na poltrona e observei dois homens deixarem a sua sala logo atrás dela.

— Se não voltarmos a nos ver antes de sua viagem, já lhe desejo que tudo corra bem, Sra. Moraes. Tenho certeza que a

inauguração será um sucesso — o mais novo deles comentou, despedindo-se de Maitê e acenando com a cabeça.

Quando ficamos a sós, os três, Serena pediu desculpas baixinho a Maitê e a seguiu para dentro do escritório. A porta foi fechada com força e eu imaginei que a loira bonita deveria estar recebendo uma reprimenda da chefe. A conversa entre as duas não levou mais do que cinco minutos e, quando Serena voltou, dessa vez com uma postura profissional que não enganava ninguém, ela me autorizou a entrar.

— Eu não retiro nada do que disse — sussurrou para que apenas eu a escutasse.

Recado entendido, pensei sem conseguir deixar de achar graça da mulher maluca que Maitê mantinha como assistente.

MAITÊ

O que Vicente pretendia aparecendo em meu ambiente de trabalho? *Esse lugar era sagrado para mim*, pensei em silêncio, assistindo-o entrar. A camisa flanelada e de mangas compridas, ajustada ao corpo, fez-me engolir seco. A ideia de que eu sabia exatamente o que ela escondia por baixo e onde

cada músculo se encontrava me deixou nervosa. Eu estava tão acostumada a conviver com homens engravatados no meu dia a dia que não podia deixar de apreciar a maneira como Vicente se vestia. Acho que eu não conseguia deixar de apreciar nada nele, se fosse para ser bem, bem sincera.

— Isso está saindo do controle — falei, após me recuperar do impacto de sua presença.

— O que está saindo do controle?

— Essa sua perseguição! O que passou pela sua cabeça ao vir ao meu local de trabalho, Vicente?

— O seu local de trabalho... pertence ao meu pai.

— Você nunca se interessou em nada que tivesse a ver com essa construtora — grasnei, nervosa. — Não acredito que seu desinteresse tenha deixado de existir.

— Não deixou. O que não significa que eu devo fechar os olhos para o que acontece aqui dentro. Otávio está há quanto tempo comandando este lugar? Cinco, seis anos?

— Oito.

— Oito anos? — Ele assoviou, surpreso. — E quem está no comando neste momento?

— O... Sr. Álvares tem cuidado dos assuntos mais importantes. Não é do interesse dele presidir a construtora, nunca foi, mas na ausência do Otávio... — Dei de ombros. — Enquanto seu irmão não se recuperar, ele e Marcelo têm trabalhado em cima dos contratos mais urgentes.

— Claro. Por que isso não me surpreende?

— Aonde quer chegar? — rebati.

— A lugar nenhum, Maitê. Só estou tentando entender a extensão dessa bagunça.

— Se isso é tudo... eu gostaria de voltar ao meu trabalho — disse, impaciente.

Os últimos dois dias foram uma verdadeira tortura. Para cada lado que eu olhava, Vicente parecia estar. O olhar dele nunca me abandonava, e, por mais que não tivéssemos voltado a ficar juntos, eu o sentia. Sentia com todo o meu corpo. E isso me deixava louca. O pouco de paz que possuía fora completamente arrancado de mim.

— Essa viagem que comentaram lá fora, do que se trata?
— Parei o que fazia para encará-lo. Vicente não iria por esse caminho comigo.

— Trabalho — respondi lacônica.

— Que tipo de trabalho, Maitê? Seja mais clara, por favor.

— É a inauguração... de um empreendimento que projetei. Otávio iria me acompanhar, estava tudo acertado, mas com ele no hospital...

— Eu vou — ele disse, de repente.

— Como? — Engasguei com a minha própria saliva, se é que isso era possível.

— Você terá que ir, estou certo? — Não respondi tamanho o choque. — Então o problema de companhia está resolvido. Eu tomarei o lugar do meu irmão.

Se Vicente imaginasse o quando eu desejava que suas palavras fossem verdadeiras, que ele, realmente, tomasse o lugar de Otávio. Em tudo. Não apenas em uma simples viagem, mas... em minha vida. Desde o seu retorno eu vinha lutando comigo mesma. Forçando-me a não sentir nem criar esperanças, não imaginando que rejeitar a possibilidade de ainda amar este homem fosse uma das coisas mais difíceis que teria de fazer.

— Você está louco. — O desgraçado deu de ombros enquanto eu tentava raciocinar direito. — Seu pai nunca

permitiria que nós dois fôssemos juntos. Além disso...

Além disso... seria estranho tê-lo por perto. Meu corpo não suportaria a proximidade sem fraquejar. Meu coração não aguentaria. Agitada em minha cadeira, eu me levantei, reassumindo o controle, e apoiei as mãos sobre a mesa de madeira escura, encarando com severidade o homem.

— Não faça isso comigo... Não me force a lidar com você. — Porque eu não saberia como me defender, pensei em silêncio.

— Se meu pai for todo o empecilho, o impasse está resolvido. — Ele pareceu não me escutar, se escutou, preferiu ignorar o meu apelo.

— Vicente, essa é a última vez que farei essa pergunta e espero que me responda com sinceridade — alertei, sentindo-me esgotada. — O que pretende me impondo a sua presença?

Ele sacudiu a cabeça, os olhos nebulosos detendo-se por um ou dois segundos nos meus. Até que um sorriso largo e endiabrado se formou em seu rosto. Um sorriso que me causou arrepio em todos os lugares errados do corpo.

— Não acho que você gostaria da resposta a essa pergunta, então... — Ele deu de ombros, aproximando-se da

mesa e ficando na mesma posição em que eu me encontrava.

Suas mãos se sobrepuseram às minhas enquanto eu permanecia imóvel, vendo-o se inclinar cada vez mais perto.

— Confie em mim — ele disse, segurando meu rosto para que não me afastasse.

— Como pode esperar que confie em você quando cada um dos meus instintos exige que eu me mantenha longe? — indaguei em um murmúrio. — Todos os radares de alerta estão zunindo agora mesmo em minha cabeça. Você não é mais o... Vicente que conheci, e isso me devasta. Porque eu não sei se posso acreditar ou me apoiar em você como fiz no passado. Toda a certeza que tenho nesse momento é a de que sairei machucada, se você continuar a insistir e me cercar como tem feito.

— Eu nunca... te machucaria!

Vicente afastou a mão, como se as palavras ditas fossem cruéis e o ferissem. Prendi a respiração ao vê-lo sacudir a cabeça, nervoso comigo e consigo mesmo. — Eu nunca colocaria as mãos em você da maneira que... o meu irmão fez. Eu não sou esse tipo de homem. E você sabe disso!

— Eu não estou falando de feridas externas, Vicente. E

sim as da minha alma... do meu coração.

Isso o deixou sem palavras. E o que fosse que ele tivesse entendido, o fez disparar porta afora sem olhar para trás. Sentei-me na poltrona de couro, buscando me acalmar depois de ter permitido ser vista tão vulnerável. Meu olhar permaneceu perdido, assim como cada pensamento coerente dentro da minha cabeça. O alerta de perigo, porém, não diminuiu após a saída de Vicente. Pelo contrário, fez-me temer ainda mais o jogo para o qual esse homem estava me arrastando.

Temer que ele acabasse por me destruir... definitivamente.

— Não fique chateada comigo, Mah — Serena disse em um tom de voz baixo, assim que nos acomodamos na mesa do restaurante no qual costumávamos almoçar. — Eu só estava tentando ajudar.

— Ameaçando o Vicente? — Ela sorriu, sem demonstrar um pinga de culpa. Que dirá arrependimento.

— Aquele homem precisa saber que você tem quem a proteja. Isso aqui não é circo para ele chegar, gostoso daquele jeito, deixar você louca e achar que vai ficar por isso mesmo.

— Gostoso? — perguntei, achando graça.

— Você sabe que ele é, sua espertinha. Por que não compartilhou esse fato comigo? Eu sou sua melhor amiga, merecia saber que o primeiro amor da sua vida é um deus! — Quando percebeu que eu continuaria em silêncio, ela acrescentou: — E devo acrescentar que esse deus está muito, muito interessado em você.

— Você está errada.

— E você, cega! — Olhei de soslaio para ela, tentando permanecer séria. Mas o esforço foi inútil.

— O que seria de mim sem você, Serena?

— Digo o mesmo, sua boba. Nós duas nos ajudamos, pode ter certeza.

Fizemos os pedidos, incluindo uma sobremesa bem açucarada porque, convenhamos, nós merecíamos. Apesar de estar sempre preocupada com as calorias extras que consumia, eu não era o tipo que me privava do que era gostoso. Quando sentia vontade, comia sem culpa. Claro que depois

intensificava nos exercícios. Meu corpo era tipicamente brasileiro, quadril largo e bunda grande. A minha sorte era que nadar ia além do que um meio de me deixar em forma, nadar me acalmava.

Ao voltarmos para a Moraes, o assunto da viagem surgiu, deixando-me decepcionada ao descobrir que Serena não teria como me acompanhar. A afirmação segura de Vicente voltou à minha memória, enquanto eu me obrigava a esquecê-la. Seria muita loucura se ele, realmente, falasse com o Homero sobre essa possibilidade. Além de ser insano, acarretaria desconfianças em todos.

— Sinto muito que eu não possa ir, meus pais me matariam se eu faltasse ao aniversário deles de casamento. — A família de Serena era de São Sebastião, e a sua presença havia sido *decretada*, dessa vez. Não que minha amiga fosse uma filha ausente, ela só não gostava das lembranças que a sua cidade natal lhe trazia.

— Eu entendo, não precisa pedir desculpas por ficar com sua família. Além disso, existe uma pequena possibilidade de que... Vicente me acompanhe — revelei, suspeitando de que ela surtaria quando soubesse a verdade.

— Ele não está interessado, não é? Imagine se estivesse.

— Ela revirou os olhos.

— Serena, você sabe que o que ele está fazendo é uma loucura.

— Não, minha querida. Loucura é você continuar lutando contra o inevitável. O monstro do seu marido está em coma, pagando pelo mal que te fez. Se eu tenho um único conselho a te dar, nessa vida, é que o esqueça durante essa viagem. Fui clara? Aproveite esses dias de reclusão nas montanhas e se jogue nos braços desse homem delicioso, faça o que quiser com ele... Se tudo der errado, pelo menos você terá tido alguns bons orgasmos.

Se tudo desse errado. *Qual a probabilidade de não dar?*

— Isso me leva a uma questão muito importante, Maitê.
— Ergui a sobrancelha, esperando que ela continuasse. — Como anda o seu estoque de *lingerie*? Vicente tem jeito de que aprecia algo um pouco mais... lascivo, não tem?

Balancei a cabeça, decretando, definitivamente, que Serena era louca. Maluca de pedra.

— Vamos, Maitê, me diga como ele é no sexo. Eu vou morrer se não descobrir — a maluca falou caminhando atrás de mim na calçada, enquanto eu fingia não conhecê-la.

As pessoas que passavam ao nosso lado, no momento que ela falou, nos olharam com interesse, deixando-me ainda mais mortificada.

— Às vezes eu acho que você tem 15 anos, em vez de 30.

— Tudo bem, não está aqui quem abriu a boca. — Ela fez como se fechasse os lábios com um zíper e não voltou a me perturbar.

Quando entrei em casa, naquela noite, eu antecipei o efeito relaxante que somente uma banheira com água escaldante teria sobre a minha pele. Eu estava exausta. Fazer essa viagem exigiria a resolução rápida de vários dos meus projetos atuais, e, por conta do excesso de trabalho, eu havia excedido o horário normal de meu expediente. Confesso que não esperava chegar e me deparar com nada fora do normal, por isso a discussão acalorada acontecendo entre Vicente e Homero me pegou completamente desprevenida.

Na ponta dos pés, eu me aproximei de onde era possível escutar as vozes e me detive. Não querendo ser vista.

— Não há nada de errado com ela, Vicente. — *Ela?*

— Como não há, pai? Qualquer um pode ver!

Eles estavam falando sobre mim? Dei um passo atrás, ouvindo apenas uma e outra palavra. Os dois diminuíram o tom de voz, passando a falar baixo, e nada que fizesse sentido para mim. Se o assunto fosse o que eu supunha, significava que Vicente continuava a fazer perguntas a meu respeito. A se intrometer onde não era chamado. Fora que o simples fato de ele insistir que havia algo de errado comigo me deixava nervosa. *Por que o infeliz não podia simplesmente parar?*

Horas mais tarde, após avisar a Joana que eu não me juntaria ao meu sogro no jantar, escutei uma batida fraca na porta e a voz de Homero no outro lado. Pedi que entrasse e, quando ele o fez, notei o semblante consternado que exibia. Fechei o livro que lia, um dos tantos romances eróticos que Serena amava e que havia jogado sobre a minha mesa essa tarde. Antes que tivesse a oportunidade de dizer algo, ela foi sucinta: *Se depois de ler esse livro você não sentir vontade de dar para aquele homem gostoso, você é um caso perdido, amiga.*

Se a bendita soubesse que não era preciso de livro ou incentivo algum para que eu sentisse essa vontade, ela nunca me deixaria em paz. Eu tinha certeza.

— Atrapalho? — Homero perguntou, aproximando-se e beijando a minha testa.

— Não.

— A sua ausência durante as refeições tem se mostrado comum, querida. Eu deveria me preocupar?

Meu sogro estava certo. Eu vinha mesmo fugindo das refeições que costumeiramente fazíamos juntos. Em parte, porque estava em um momento da minha vida que preferia ficar sozinha, com meus próprios pensamentos. E também porque estar cara a cara com Vicente, a todo momento, me fazia sentir como uma adolescente boba. Tolamente arrebatada.

— Não, claro que não. Eu só tenho... tentado manter distância do Vicente, Homero. Ainda é estranho estar perto dele, entende? — Fui sincera, reconhecendo que era a melhor abordagem.

— E ainda assim vocês irão viajar juntos. — Vicente foi rápido, pensei aborrecida. — Não acho que essa seja uma boa ideia, tentei persuadir o meu filho, mas com Vicente não há conversa. Ele é um... — O Sr. Moraes se interrompeu ao perceber que estava prestes a falar algo de que poderia vir a se

arrepender depois. — Meu filho é teimoso.

— Por mim eu nem mesmo faria essa viagem — falei a verdade. — Se não fosse pela sua insistência...

Homero me avaliou.

— Não vejo como Vicente pode vir a te ajudar. — A maneira como disse fez-me lembrar de todos aqueles anos em que sobrecarregou Vicente de críticas e exigências. Eu não gostava daquele Homero, e ele também não era o meu maior fã. — Ele não entende nada sobre o negócio da família, nunca mostrou interesse. Se está querendo ir é somente para me irritar. Além, é claro, de deixá-la nervosa. Você o tem evitado, e meu filho não aceita ser ignorado.

Nenhum deles aceitava.

— Diga a ele para não ir, então. — Deus, como isso era confuso.

Eu não queria que Vicente me acompanhasse, mas a ideia de ir sozinha, depois de ter essa possibilidade jogada em meu colo, também não me agradava.

— Eu tentei, mas foi inútil — disse inconformado, olhando-me com ressalva. — Vicente não me ouve. Nem quando falei que Otávio não iria gostar, ao descobrir, ele foi

capaz de mudar de ideia. E você conhece o seu marido, querida, ele a ama mais do que a própria vida. Nunca iria permitir...

Eu não queria ser amada dessa maneira.

— Otávio não está aqui. E sinto dizer, Homero, mas enquanto seu filho estiver naquele hospital, a opinião dele não conta.

Homero me encarou, incrédulo, acredito eu, e, por fim, aquiesceu, derrotado. Conversamos um pouco mais, ele ainda desconfortável, até que nos despedimos e eu me vi sozinha de novo. Respirei aliviada, surpresa com a facilidade com que *essa conversa* ocorreu. Sem pensar duas vezes, voltei a atenção ao livro, passando o restante da noite em meio à história quente e erótica que minha amiga indicou.

A VIAGEM

*Porque metade de mim é partida,
mas a outra é saudade.*
Oswaldo Montenegro.

MAITÊ

A viagem até Campos do Jordão levou aproximadamente três horas. Isso porque Vicente insistiu para que parássemos em São José dos Campos, a fim de tomar o segundo café da manhã, já que o primeiro ele havia tomado pouco antes de sairmos de casa. Pelo visto, o seu extraordinário apetite continuava o mesmo. Sentado ao meu lado, ele não se importou com o fato de que eu era a única na direção. Pelo contrário, isso pareceu agradá-lo. Vicente nunca foi um fã do congestionamento de São Paulo, e foi exatamente isso que pegamos ao entrar na Presidente Dutra: uma aglomeração sem fim de automóveis.

O que era de se esperar, já que deixávamos a cidade em plena sexta-feira.

NACIONAIS - ACHERON

— Por que meu pai não gostou de saber que você seria a motorista? — Vicente comentou em determinado ponto da viagem. Surpreendendo-me pela maneira com que sempre se atinha aos detalhes, por menores que fossem.

— Seu pai se preocupa comigo — respondi, envolvendo os dedos ao redor do volante.

— Um pouco exagerada essa preocupação, não acha? — rebateu, movendo-se inquieto. Vicente não era um homem pequeno, o Rover também não. Então poderia supor que ele começava a perder a paciência por ser obrigado a ficar tanto tempo preso dentro de um carro.

— Não, eu não acho — falei, tranquila.

— É incrível como ele agora parece gostar de você, sendo que há alguns anos...

— Por que você tem que ser sempre tão desagradável?

— Só estou curioso, Maitê — disse, soando sincero.

— Certo, e se virássemos o jogo? Que tal eu começar a fazer algumas perguntas a você? — Ele sorriu, o infeliz bonito sorriu.

Eu não sabia o que era pior, ter a sua raiva dirigida diretamente a mim ou ser alvo desses sorrisos charmosos que
NACIONAIS - ACHERON

arrancavam sem piedade uma parte do meu coração. De qualquer forma, eu me sentia acuada.

Obrigada a caminhar sobre uma corda tragicamente bamba.

— O que você deseja saber, pequena? — Respirei fundo ao escutar a maneira como a sua voz se transformou.

Passando de tranquila a rouca em questão de segundos.

— Você tem... alguém à sua espera? — Foi a primeira pergunta que surgiu em minha cabeça.

E, sendo bem sincera, tudo o que eu desejava saber.

— Além do meu superintendente? Não, ninguém.

— Ninguém? — insisti, espantada.

— Se você quer saber se tenho algum relacionamento, Maitê, basta perguntar. Não sou celibatário, você me conhece bem o suficiente para saber como aprecio sexo.

Sim, eu sabia. Vicente era um homem altamente sexual. Ele gostava de sexo, do ato em si e de toda a luxúria envolvida, e o fazia de maneira... apaixonada. Intensa.

— Você tem algum relacionamento? — perguntei, direta.

— Não. Mas como disse... não me privo de fazer o que

gosto. — Assenti devagar, engolindo em seco ao imaginá-lo com outras mulheres. Dando a elas o que um dia foi meu.

— Então... você tem mulheres com quem faz sexo ocasionalmente. — Não foi uma pergunta, até porque eu sabia a resposta.

— Sim. — Meus dedos ficaram brancos ao circundar o couro do volante com ainda mais força.

Droga, eu não podia culpá-lo por seguir em frente, por conhecer e se deitar com outras mulheres. Seria ingenuidade esperar o contrário, até porque, Vicente era um *homão*, no sentido real da palavra. Difícil de passar despercebido. Ainda assim, foi praticamente impossível não me sentir traída. *Deixada para trás, de alguma maneira.*

— Como é o seu trabalho? — mudei de assunto. — Lembro-me da sua indecisão na época da faculdade, a incerteza do que fazer após se formar.

Vicente era um homem inteligente, com a mente ágil e esperta. Ele tinha um defeito, porém, que era o de ser inquieto demais. Incapaz de se concentrar em apenas um ponto, um único caminho.

— Foi ao acaso — falou, confortável com o tema. — Eu

assisti à palestra de um ex-agente federal, que hoje ministra em faculdades. Ele falou com tanta satisfação sobre o trabalho que prestou ao judiciário, das operações de que participou. Tive sorte em ter sido apresentado a ele no final do seminário por um dos meus professores, acabou que nós conversamos e mantivemos contato depois. Uma coisa levou a outra e eu me enveredei pelo mesmo caminho.

— Quando terá de voltar? — Não sei ao certo por que me vi questionando esse ponto em específico, mas de repente o tempo que teria com ele passou a importar. Como se um cronômetro tivesse sido acionado, *e ele não corria devagar*.

Vicente, ao contrário do que imaginei, não me respondeu. Apenas deu de ombros e olhou para fora da janela. Distraído. Passamos vários minutos em um silêncio absoluto. O aroma do chiclete que ele mascava impregnando todo o carro. Agora eu entendia de onde vinha esse gosto de canela que senti em sua boca quando nos beijamos.

Ah, o beijo...

— E você, pequena? Me diga como é ser engenheira sênior de uma grande construtora. Aposto que você deve ser o orgulho do meu pai, não é mesmo?

— O apito de *desagradável* está soando novamente... — Ele riu. Melhor dizendo, gargalhou. E por um segundo inteiro eu me vi desviando a atenção da estrada e olhando para aqueles dentes brancos e para as ruguinhas mínimas que se formavam ao redor de seus olhos. Não suportando descobrir o quanto dele eu havia perdido.

— Desculpe, acho que é força do hábito — disse por fim. Ainda sorrindo. — O meu ambiente de trabalho exige que eu seja... *desagradável* em muitos momentos. Acho que esse lado da minha personalidade apenas... ficou.

Passei o restante da viagem, mais precisamente os próximos vinte minutos do que restavam dela, tentando não me distrair com os constantes movimentos que Vicente fazia ao meu lado. O homem não parava quieto, merda. O que me fazia sentir inquieta também. Escutei o tamborilar dos seus dedos no painel do carro. O som das suas bufadas, que servia apenas para esfregar na minha cara o seu hálito gostoso.

O cúmulo, para mim, foi quando ele começou a alongar os braços de tempos em tempos. Torcer os nós dos dedos e olhar na minha direção. Como se me estudasse, como se... apreciasse o que via. O meio de minhas pernas esquentou ao sentir o olhar dele descer, detendo-se nas minhas coxas,

comprimidas pela calça jeans que eu usava.

— Pare de olhar para mim, qual é o problema com você?

— Não estou acostumado a ficar tanto tempo parado, ok?

Para a felicidade e alívio de Vicente, não demorou até que avistássemos o *resort*. A estrada curta, de blocos, ficava de frente para a sede no alto da montanha encoberta pela cerração. Senti o homem se esticar ao meu lado e inspirar o ar, impressionado. O empreendimento era, realmente, incrível, e, apesar da dedicação e trabalho duro que dei nesse projeto, eu não podia levar todo o crédito. Além da equipe que auxiliou em cada etapa, havia o fato de a localização e o clima serem perfeitos.

Fomos recebidos pelo gerente do resort, que me acompanhou até o escritório do Sr. Meireles enquanto Vicente pegava a chave do chalé em que ficaríamos. Todos os outros espaços foram ocupados pelos convidados do casal, em sua maioria, empresários que Otávio, com certeza, enxergaria como possíveis clientes. Esses eram os motivos pelos quais a minha presença era necessária: prospectar novos clientes e representar a construtora.

— Espero que goste das acomodações, Sra. Moraes.

Ângela e eu escolhemos o melhor para que você e Otávio pudessem ter uma boa estadia, é uma pena o que tenha acontecido — ele lamentou. — Por isso fico imensamente satisfeito em saber que pôde comparecer.

— Tenho certeza de que irei apreciar, Fabrício. Obrigada, aliás, pelas flores que enviou para Otávio. Foi muito gentil de sua parte.

A Sra. Meireles se juntou a nós dois, e, assim que os cumprimentos foram feitos, eu pedi licença, alegando estar cansada. Na rápida conversa que se seguiu, eles me atualizaram a respeito da *agenda* dos próximos dias, garantindo que essa seria uma oportunidade excelente para que eu esparecesse e voltasse revigorada para o lado do meu marido. contei a eles, é claro, a respeito da presença de última hora do meu cunhado, e nenhum dos dois estranhou o fato de que eu passaria quatro dias presa em um chalé com outro homem, que não Otávio.

Quando voltei à recepção, encontrei Vicente à minha espera. De costas, ele parecia tão imponente, seguro de si. Cometi a imprudência de observá-lo detalhadamente ao me aproximar. Confusa demais a respeito de nós dois. O mensageiro do *resort* fez questão de nos acompanhar, nos

acomodando em um daqueles carrinhos de golfe, muito usados também em hotéis e propriedades de luxo. Peguei a maneira zombeteira em que Vince me olhou ao se dar conta da pomposidade do lugar.

Eu, no entanto, adorei.

VICENTE

Permiti que Maitê entrasse antes de mim, acompanhada do mensageiro que carregava nossas malas enquanto eu ficava para trás, estudando com cuidado o chalé. Miséria! Eu não esperava ter um local como *este* apenas para nós dois durante... o quê? Quatro dias inteiros?

Até o final desses quatro dias eu estaria louco. Certeza.

Entrei no chalé, escutando ao longe o funcionário conversar com Maitê. As malas dela sendo levadas até o quarto, enquanto as minhas permaneciam ao lado do sofá em frente à lareira. Precisava admitir, esse lugar se assemelhava a um *ninho de amor*. E, nesse momento, eu estava imaginando exatamente onde pegaria Maitê e a faria gritar o meu nome. O chão, porra, eu a pegaria no chão. Faria amor com ela

próximo à lareira, deixaria o fogo incendiar os nossos corpos com o suor que nos envolveria.

— Vicente? — Eu me virei, um tanto atordado. — Você se importa de dormir no sofá? O gerente do hotel não imaginou que você viria, nem eu mesma pensei que *só teríamos um quarto* — ela sussurrou a última parte.

— Eu posso me virar no sofá, pequena. Sem problemas. — Encarei-a, perguntando-me se dentro daquela cabecinha rondava o mesmo tipo obsceno de pensamentos que passavam pela minha. Todos eles envolvendo-a nua.

— Certo, eu vou... desfazer as minhas malas. — Maitê correu para o quarto, talvez a descarada não estivesse pensando o mesmo que eu, mas aposto que desconfiava a merda louca a atormentar minha cabeça.

Olhei ao redor, outra vez, e me sentei por um minuto inteiro no sofá, procurando me acalmar. Quando percebi que não poderia ficar longe, eu me dirigi até o quarto.

— Qual é a nossa programação? — perguntei ao entrar no cômodo, ficando surpreso com o que encontrei.

A cama, que poderia facilmente abrigar cinco pessoas, estava coberta por lençóis beges e uma manta de pelo

sintético que soava tentadora. As horas que passei dentro daquele maldito carro, obrigado a sentir o cheiro de Maitê tão de perto, não me fizeram nada bem. Eu podia ver agora, porque, ao olhar para a cama, tudo que conseguia pensar era no que eu gostaria de fazer com essa mulher pelo restante do dia.

— Jantar essa noite. — Assenti, prestando pouca atenção. — Cerimônia de lançamento amanhã, e o restante do tempo será livre para que os convidados conheçam o *resort*. No domingo teremos uma confraternização de encerramento.

Eu a observei, vendo a maneira como Maitê desfazia as malas. Indo e vindo até o armário. Os pés descalços no piso de madeira frio e o cabelo cheiroso puxado no alto de sua cabeça. A calça jeans apertava a bunda gostosa e destacava o seu quadril largo, evidenciando a cintura fina enquanto os seios fartos balançavam suavemente conforme ela andava.

— Então nós teremos quatro dias... apenas para gente?
— Soei mais rouco do que pretendia. O que a fez parar os movimentos repetidos e me encarar.

— Vicente. — Não consegui manter distância, após escutar o meu nome saindo de sua boca, e me aproximei.
Decidido.

— Não diga nada. Apenas me escute, ok? — Tirei o vestido que ela segurava de suas mãos e o coloquei sobre a cama. — Eu sei que o que está acontecendo é confuso, que não deveríamos, mas o que são quatro dias, Maitê? — Ela abriu a boca, porém, antes de ela dizer algo, eu continuei: — Me dê esses dias, seja minha por esse tempo. Não importa o que nos espera quando voltarmos, não importa se você é... casada. — Passei o dedo pela aliança grossa em seu dedo, cometendo a loucura de arrancá-la. — Vamos esquecer todo o resto.

— Esquecer? — perguntou perplexa.

— Você consegue? Porque tudo que estou pedindo são esses poucos dias. — Maitê prendeu a respiração, sem desviar seus olhos dos meus. Eu podia enxergar a sua incerteza, e isso me matava.

— E depois? O que nós faremos depois, Vince? Eu não posso...

— Não vamos pensar no depois. Diga apenas que, durante o tempo que estivemos aqui, ninguém, nenhuma lembrança se colocará entre nós dois. Meu pai, Otávio... o passado. Nada disso irá existir.

Maitê permaneceu em silêncio, seu olhar deslizando até o anel que eu ainda segurava. Não sei como era possível, mas eu o odiava. Odiava aquele pedaço de metal... porque ele não era o que havia escolhido para ela. Não era o que mantive comigo por todos esses anos, enterrado no fundo de uma gaveta qualquer, como uma lembrança do quão idiota eu fui em acreditar que um dia ela o usaria.

Como se adivinhasse a loucura que eu e sua nora estávamos prestes a cometer, ou, nesse caso, concordar, o Sr. Moraes telefonou. Seu rosto aparecendo no visor do aparelho de Maitê, jogado sobre a cama.

— Atenda, ele deve estar querendo saber se chegamos bem — falei, dando-lhe privacidade.

Deixei o quarto, girando o anel entre os meus dedos, e caminhei até a cozinha, sendo surpreendido ao encontrá-la abastecida com vinho, cervejas e sobremesas geladas. Tudo o que Maitê gostava. Servi-me de um copo de água, esperando que o líquido gelado acalmasse o calor do meu corpo, ou que, pelo menos, diminuísse parte do desejo ensandecido que percorria as minhas veias. A água, no entanto, não teve qualquer efeito, porque continuei excitado e a pensar naquela mulher. Céus, como era possível que sentisse tanta raiva e,

PERIGOSAS

ainda assim, fosse tarado por ela?

NACIONAIS - ACHERON

NOSSO TEMPO

*Eles dizem que é impossível encontrar
o amor sem perder a razão.*

Charlie Brown Jr.

MAITÊ

Puxei o zíper do vestido, enquanto repassava o pedido de Vicente em minha cabeça. Era noite, e eu ainda não havia lido nenhuma resposta. Não por não desejar estar com ele, porque, em meu íntimo... eu desejava. A maneira com que meu corpo se aquecia ao estar diante dele era a prova viva disso. A ausência de resposta se dava por outro motivo, melhor dizendo, por todos os motivos e consequências que o nosso *pequeno e nada inocente ato* poderia causar a nós dois.

Além disso, havia o sexo. Sexo real, diferente do que Otávio e eu compartilhamos até então. Eu não era nenhuma garotinha, que dirá virgem, mas era assim que me sentia nesse exato momento: despreparada. Beijar Vicente e deixá-lo me acariciar não chegava perto do que seria... fazer amor com

ele. Do que seria entregar o controle do meu corpo.

Ceder era algo que me assustava.

Serena aconselhou a não pensar demais. A me deixar levar pelo momento e pelas *mãos de Vicente, que ela acreditava serem mágicas*. Angustiada, acertei a alça do vestido e dei uma conferida rápida, apreciando a maneira como o *bandage* valorizava meu corpo. A cor discreta, um tom bonito de rosa claro, fazia contraste com a minha cor de pele. E o comprimento até a altura dos joelhos proporcionava a elegância exigida para a ocasião.

Após ficar satisfeita com o que meu reflexo mostrava, reuni coragem e me juntei ao Vicente na sala, que, a essa altura, subia pelas paredes por conta do meu *pequeno* atraso. A princípio, o homem não revelou nada, ao me ver, diferente do seu olhar, que expressou mais do que qualquer palavra teria feito. Os olhos ardentes deslizaram pelas curvas ladeira abaixo, tão devagar e intensamente que eu me senti nua sob o seu escrutínio. Adorei vê-lo chocado, sem fala, principalmente porque, quando voltou a me encarar... tudo o que enxerguei em sua expressão foi desejo.

Um sorriso sacana se formou no canto de sua boca, enquanto seus olhos permaneceram com aquele brilho

selvagem. Cheio de promessas. Aproveitei que estávamos cara a cara e fiz o meu próprio exame. Ficando boquiaberta com o espécime masculino prostrado à minha frente. Os fios castanhos foram penteados para trás, e a barba, aparada. Nada que arrancasse essa expressão feroz de *hipster malvado* do seu rosto.

— Manter os olhos longe de você... será impossível esta noite — murmurou próximo ao meu ouvido, as palavras lhe escapando como um rosnado que fez cada pelo do meu corpo eriçar.

— Faça um esforço — sussurrei de volta, deixando-me levar pelo seu charme. Perdendo o fôlego ao inalar o seu cheiro, assim, tão de perto.

Vicente estava vestido de maneira impecável, eu tinha que admitir. A calça de alfaiataria *skinny* deixava claro a quem quisesse ver que ele não era um homem a ser ignorado. Que havia músculos espalhados por todo seu corpo e que esses músculos eram potentes. A camisa social, dobrada até o meio de seu braço, pareceu ter sido feita sob medida, tamanha a perfeição que ficou. Eu podia ver os braços fortes, cobertos por pelos, assim como podia ver o comecinho de seu tórax, revelado pelo botão aberto do colarinho.

Vicente era a definição extrema do pecado.

Ao chegarmos ao salão de festas em que aconteceria o jantar, os Meireles se mostraram à nossa espera. Apresentei Vicente ao casal, que se mostrou satisfeito com a presença de outro representante da família Moraes. Fabrício e Ângela ficaram animados ao descobrir a área em que o filho mais novo de Homero atuava.

Vicente foi o único descontente em se encontrar na mira da curiosidade alheia. Não julguei o casal e até fiquei impressionada ao escutar as histórias que confirmavam que o *meu* Vince, aquele por quem me apaixonei, se tornara um homem justo e defensor da lei.

Durante a noite, conversei com potenciais clientes. Forçando-me a manter a expressão serena em meu rosto, que fraquejou a cada vez que os dedos de Vicente acariciaram minhas costas. Às vezes, dependendo da atenção masculina que recebia, seu toque se mostrou, excessivamente, territorial. Peguei-me tendo que afastar a sua mão, impor alguma distância antes de pegar fogo, bem ali, no meio de um salão lotado de contatos importantes. Vicente não teve piedade e me provocou a cada oportunidade surgida, seu toque tornando-se mais íntimo e letal.

Apesar da provocação, a noite prosseguiu sem imprevistos. Vicente e eu nos juntamos aos convidados na mesa dos anfitriões, e quando o jantar terminou, eu me destinei a observar os casais que se reuniam no centro do salão. Dançando, despreocupadamente, ao som dos arranjos de *jazz* que a banda tocava.

— Então você é a responsável por todo esse empreendimento — Vicente comentou ao se aproximar, após uma breve separação.

— No que diz respeito ao projeto, sim. Quanto ao restante, preciso dizer que tive inúmeros profissionais me auxiliando. O sucesso de um empreendimento desse porte vai além do que o engenheiro projeta, Vicente. E para que o meu trabalho dê certo, eu dependo do empenho de cada funcionário envolvido...

— Você falou como o meu pai agora. — Ele sorriu, mas não foi um sorriso honesto. — Imagino o orgulho que ele deve sentir da sua pupila...

— Pensei que iríamos deixá-lo de fora do nosso fim de semana — eu o lembrei, baixinho.

— Nós iremos, a partir do momento que você me der

uma resposta. — Tomei um gole do espumante que peguei ao circular o salão, instantes antes, e umedeci meus lábios, com intuito de diminuir a secura de minha garganta.

— Você é muito ansioso.

— E você está me matando, pequena. Apenas diga o que desejo ouvir. — Fui pega de surpresa quando Vicente colou a boca em meu ouvido. Exigindo uma resposta. Descrevendo em detalhes o que pretendia fazer comigo, caso eu dissesse... *sim*.

Estiquei-me para longe do seu alcance, sentindo minhas pernas bambearem sobre os saltos altos. Não olhei para trás, mas pude escutá-lo rir. Um som tão provocante quanto sensual. Droga, eu não sabia se conseguiria jogar o mesmo jogo que Vicente. Não sem saber quais eram as suas regras.

Vinte longos minutos depois, o homem voltou a me interceptar. Dessa vez, sem a menor paciência.

— Quanto tempo mais até que possamos sair sem chamar a atenção? — ele perguntou, e eu conferi ao redor, notando todos distraídos demais para perceberem uma possível ausência. Dei de ombros e deixei claro que, se quiséssemos sair naquele momento, nada nos impediria.

VICENTE

Por algum motivo insano, Maitê fez questão de voltar ao chalé a pé, alegando apreciar caminhadas ao ar livre. De uma maneira que apenas as mulheres conseguiam, ela andou por todo o caminho de blocos com uma precisão incrível no alto de seus saltos. Conversamos amenidades enquanto engolia a vontade de jogá-la em minhas costas e dar um fim àquela maldita tortura.

O que me impediu de agir como homem das cavernas foi o fato de que ela parecia relaxada ao meu lado. Sorrindo e mostrando-se permissiva ao meu toque. Como um *gentleman*, eu empurrei a porta ao chegarmos, imprensando o meu corpo ao de Maitê e abandonando qualquer traço cavalheiresco, ao me ver a sós com ela.

— Então? — questionei em seu ouvido. O comprimento do meu pau apertando a sua bunda gostosa.

— Tem tanta coisa em jogo se eu disser sim, Vicente...

Eu sabia que tinha. Mas o meu desejo por essa mulher era mais forte do que qualquer consequência. Mais forte até

do que o iminente arrependimento.

— Nós não estamos fazendo nada de errado, Maitê. Você era minha antes de se casar com Otávio — eu a lembrei, sentindo seu corpo retrair. — Antes de toda essa merda acontecer, éramos apenas nós dois.

— Eu sei. — Quase não ouvi a sua voz, não com ela se virando e me atingindo com aqueles olhos que chamuscavam feito fogo, por conta da iluminação oriunda da lareira. O que tornava a sua pele morena, aveludada. Com aparência apetitosa.

— Serão apenas quatro dias. — E que se dane o depois! O que eu pensava a seu respeito, a vontade que tinha de matar Otávio por ousar machucá-la. E mais ainda, por me roubar a mulher que um dia amei com todas as minhas forças.

Inconsciente da tempestade que se alastrava em meu interior, Maitê assentiu, fazendo com que uma parte ínfima da minha inquietude se dissipasse.

— Eu te dou... quatro dias. — Seu lábio estremeceu ao dizer.

— Você não vai se arrepender, pequena. — Pela primeira vez desde que voltei a São Paulo, eu me envergonhei por ter

que mentir.

Porque, sendo sincero, eu achava impossível que nós dois saíssemos desse lugar sem arrependimentos. Sem nos deixar arrasar pelo caminho.

Com um meio sorriso, eu a beijei profundamente. Um gesto lento que nos fez ofegar, comprimir nossos corpos no do outro até perdemos o fôlego. Afastei-me devagar, deixando-a respirar, e fui até o aparelho de som, conectando-o ao meu *iPhone* enquanto estudava o seu rosto bonito. Vendendo-a ali, parada no meio da sala, à minha espera.

— Eu gosto desta — Maitê falou, de repente, quando uma música sensual começou a tocar. A voz rouca da cantora latina ecoou pelo chalé, assim como a batida lentas dos instrumentos, que proporcionaram o efeito esperado. Meu sangue ferveu no mesmo ritmo que a canção, enquanto fitava, vidrado, a *beleza sexy* à minha frente.

Caminhei até ela, afastando a mecha de cabelo caída em seu rosto, e a tirei do caminho. Meu dedo deslizou, vagorosamente, pela pele morna. Levando-me a circular sua bochecha e escorregá-lo para dentro de sua boca, forçando os lábios pintados de vermelho-sangue a se abrirem. Tomado por um tesão irracional, eu espalhei a maldita cor ao redor do

contorno voluptuoso, apenas para lamber tudo depois.

Espantada com minha loucura, Maitê gemeu quando eu a puxei pelo quadril, chocando o meu corpo ao seu sem delicadeza. Espalmei a sua bunda, apertando a carne macia enquanto procurava por sua calcinha. Sacudi a cabeça, atordado para caralho, ao constatar o filete de tecido que afundava em seu quadril e se perdia no seu traseiro.

— Dança comigo? — pedi em um sussurro, pegando-a desprevenida, outra vez. — Eu gostaria de tê-la tirado para dançar naquele salão, mas sabia que, se tivesse feito, acabaria por envergonhar a nós dois.

Maitê sorriu em resposta, perfurando, definitivamente, o meu coração.

Com os dedos cravados em sua pele, eu a movi no mesmo ritmo que o meu. Impondo o joelho entre as coxas apertadas pelo vestido, indecentemente colado ao seu corpo. Sentindo-a se mover junto comigo, o quadril balançando com o incentivo de minhas mãos, eu não suportei a espera e a beijei, encaixando nossos lábios em uma dança sincronizada. Sensual. O beijo intenso explodiu, consumindo-nos enquanto eu passava a beijá-la como se o ar do universo estivesse presente no céu de sua boca, enroscado em sua língua. Vaguei

NACIONAIS - ACHERON

meus dedos pelo corpo curvilíneo, tocando-a freneticamente enquanto subia a barra de seu vestido por suas pernas. Deixando as coxas morenas em exibição, livres para roçar o tecido grosso de minha calça. Dançamos em um ritmo lento, a princípio, até que Maitê passou a se mover por conta própria. Sexy para caralho. Deixando-me excitado ao perceber que a descarada apreciava o que estávamos fazendo, e que os seios redondos despontavam sob o tecido, em resposta ao prazer que ela sentia.

Maitê os esfregou em mim, empurrando os mamilos intumescidos para que eu os sentisse, levando-me a sucumbir aos seus encantos.

— Você tem ideia do que está fazendo comigo, não tem?
— Enrolei um punhado de seu cabelo em meu punho, atraindo o seu olhar. — Está me provocando de propósito. — Continuamos a dançar. Nossas peles ficando quentes, levemente suadas. — O que deseja é me ver perdendo a cabeça... — grunhi antes de morder a sua boca e apertá-la em meus braços com ainda mais força.

A música tocando embalou nossos corpos. Assim como a loucura que estávamos a um passo de cometer.

Com um único puxão eu embolei a saia de seu vestido

NACIONAIS - ACHERON

até a metade de sua cintura, tomando fôlego ao visualizar a fenda coberta pelo que eu, dificilmente, chamaria de calcinha. Maitê estendeu os braços de maneira *quase submissa* para que eu retirasse o vestido, e eu atendi o seu pedido silencioso, arrancando-o de uma só vez e o jogando longe.

— Porra, Maitê. Isso não se faz! — Não com um homem insano de tesão, pensei ao olhar para as pernas que pareciam ainda mais gostosas sobre o salto e que, de tão grossas, roçavam uma na outra. O quadril generoso se assemelhava a uma curva perigosa, em que o caminho final era o paraíso... não importasse a via que se decidisse pegar. A *lingerie* que a safada usava, então... deveria ser considerada proibida. — Você é perfeita pra caralho, pequena. — Puxei-a pela lateral da calcinha, batendo o seu corpo trêmulo em meu peitoral, e voltei a beijá-la. Dessa vez, esfomeado.

Uma fome interminável.

Os dedos atrapalhados da provocadora desabotoaram a minha camisa, botão por botão. Suas mãos espalhando-se por dentro do tecido, arranhando de leve a pele quente. Enquanto Maitê explorava o meu corpo, eu desafivelei o cinto e o joguei na mesma direção que seu vestido. Decidida a me pôr louco, a infeliz desceu a pequena e bem-cuidada mão,

provocando-me sem dó ao segurar a extensão grossa do meu pau, pegando-o inteiro e o puxando para fora da cueca. Gememos juntos, ela por senti-lo latejar entre os seus dedos. E eu, pelo prazer que era senti-la me agarrar desta maneira. Cheia de vontade.

— Vire de costas — pedi, ciente de que, se ela continuasse a massagear o meu pau daquela maneira nada inocente, eu não iria durar e acabaria gozando em suas mãos. O problema aqui não era a falta de sexo, o problema *era ela* e todo o desejo que mantive encarcerado durante tantos anos. Um desejo com o qual eu lutei dezenas de batalhas. — Sente isso? — perguntei, pressionando o meu pau em sua bunda. — Sente o quanto eu a desejo? O quanto preciso de você...

Ela choramingou, inclinando a cabeça para que eu pudesse beijar o seu pescoço e ombros nus. O que eu fiz enquanto a empurrava até a parede mais próxima.

— Ponha as mãos para cima — falei firme, sentindo-a hesitar até o instante em que o tesão falou mais alto e ela se rendeu, estendendo os braços e empinando o traseiro bonito.

Atipicamente ansioso, já que apreciava e reconhecia o valor de uma boa preliminar, eu afastei o cabelo de suas costas, procurando pela tatuagem em sua nuca. Uma emoção

NACIONAIS - ACHERON

primitiva se apossou de mim ao notar que ela permanecia em sua pele. Diferente do que aconteceu à minha, a prova de amor de Maitê existia para quem quisesse ver. O pensamento de que Otávio era obrigado a vê-la... a cada vez que...

— Porra! — grunhi, calando o pensamento ao beijar a sua tatuagem. Minha boca e dentes devorando o pequeno pedaço de pele.

Afastei a imagem imunda que se formou em minha cabeça, sem que pudesse detê-la. Não, eu não queria imaginar Maitê tendo sexo com outro homem!

A intensidade com que beijei sua nuca, com que a devorei, fez com que o corpo excitado de Maitê se contraísse. Ofegos altos escapando do fundo de sua garganta. Ofegos que eu não tinha a intenção de abafar. Eu queria escutá-la gritar. Gritar por sentir prazer em estar... *comigo*.

— Diga que você quer que isso aconteça, que me deseje tanto quanto *eu*... a desejo — exigi que falasse. — Vamos, pequena, faça isso. Eu preciso ouvi-la.

— Sim... é claro que sim! — murmurou sôfrega, não se aguentando em si.

— Porra, mulher! Como senti a sua falta. — As palavras

escaparam, e esse foi todo o sinal que precisei para saber que estava perdendo o controle de minhas emoções. Se em algum momento acreditei que conseguiria estar com ela sem me destruir, eu me enganei. Enganei-me profundamente. — O quão louco isso me faz, Maitê? O quão?

Almejei ouvir de sua boca que eu não era o único maluco aqui. Que desejá-la como o fazia não me tornava insano. Almejei ouvir que o tesão a me atormentar era o mesmo que ela também sentia. E que cada vez... que estive nos braços daquele miserável, foi em mim que pensou.

Apenas em mim.

Virei-a abruptamente, chocando a minha boca na sua com força. Embracando nossas línguas enquanto saboreava o seu gosto e registrava em minha mente o seu cheiro. Nós mal havíamos começado, e eu já sentia as velhas correntes aprisionando-me outra vez. Prendendo-me a esse estranho sentimento que parecia inesgotável.

MAITÊ

A maneira implacável com que Vicente me olhou

deixou-me aterrorizada. Eu estava inteira derretida, entregue ao toque de suas mãos. E mais ainda, aos beijos que roubavam as minhas forças, arrancando o chão sob meus pés. Imagine uma pena leve... incapaz de ser arrastada pelo vento, porque permanece presa a um tornado. Era assim que eu me sentia.

Sem ar, joguei a cabeça para trás enquanto os dedos experientes de Vicente desciam o bojo do meu sutiã, revelando os bicos duros dos meus seios. As mãos firmes, ásperas, apertaram a pele sensível, coberta por terminações nervosas. Apertando os seios um no outro. Seu membro rijo, orgulhosamente apontado para cima, latejou em minha barriga. Quente e grosso. Quis segurá-lo um pouco mais, mas a cada tentativa, Vicente afastou minha mão, sussurrando um rouco *não* em meu ouvido.

Sem alternativa, concentrei-me nas carícias que o homem me fez. Comprimindo os lábios com força quando ele, de repente, deslizou a própria mão até a minha calcinha. Em busca do meu clitóris, que foi beliscado e massageado com uma precisão que me levou a revirar os olhos e apertar uma coxa na outra. O prazer agudo explodindo por todo o meu corpo... era como uma prévia do orgasmo que, em breve,

Vicente me proporcionaria.

— Isso não é... justo — gemi, arqueando as costas. — Por que não posso tocá-lo também?

— Tudo em seu tempo, pequena — disse ao pé do meu ouvido. Seus dedos espalhando-se pelas dobras de minha boceta. Lambuzando-se com os fluídos que escorriam de mim. — Você continua reagindo desse jeitinho, não é? Ficando toda molhada, pingando em pé.

— Vicente... — murmurei.

— Sei que é errado, que não deveria pedir algo assim, mas, Maitê... — Eu o encarei, sentindo o tesão se acumular em meu baixo-ventre. — Eu preciso ouvi-la dizer que sou o único homem a te deixar excitada dessa maneira.

Esse não era um pedido difícil, não era sequer uma mentira.

— Você é. — Dei a ele o que pedia. — Você é o único, Vince.

O homem afastou os dedos da minha boceta, que, até então, esfregavam as dobras molhadas em um vai e vem incansável, e com o olhar carregado de desejo, levou o polegar à boca. Provando meu gosto diretamente do seu dedo,

compartilhando-o comigo ao friccioná-lo em meus lábios. Afetada com o gesto, eu envolvi a boca ao redor do polegar e suguei a umidade contida nele, devagar. Lambendo-o, cobrindo a aspereza de sua pele com desejo verdadeiro.

Primitivo.

— Enquanto estivemos aqui... eu acreditarei em tudo que você disser.

Fechei os olhos com força, seu comentário, fazendo-me lembrar o motivo pelo qual estávamos trancafiados nesse chalé. Além da razão pela qual *nós dois* não seguiríamos adiante ao deixarmos este lugar. Por um segundo inteiro, pensei em interromper essa loucura. Mas como convencer meu corpo e coração de que não o teríamos mais? As batidas em meu peito eram tão frenéticas, tão... saudosas e cheias de expectativas, que eu sabia que estaria decepcionando a mim mesma, caso parasse.

— Não diga essas coisas. — Ele beijou o lábio em que havia espalhado o meu gosto. — Se quiser continuar... você precisa parar, me ouviu?

Ele me encarou, sem responder, e com um único movimento me pegou no colo. Inundando-me com outro de seus beijos enquanto me empurrava contra a parede. Minhas

pernas foram puxadas para o alto. Envolvendo-o. Vicente grunhiu ao sentir o salto de minhas sandálias arranharem sua bunda e coxas, mas não se importou. Acho até que gostou. Ofegante, observei seus movimentos, ficando estática ao vê-lo afastar minha calcinha para o lado e pincelar a cabeça vermelha do seu pau pela boceta encharcada, que pulsava ante a provocação, como se desejasse engoli-lo inteiro.

Ia acontecer, concluí, sentindo-o empurrar o membro para dentro de mim. Esperei, apreensiva, e quando o senti me preencher, alargando-me sem dó, pensei que fosse morrer tamanho o meu nervosismo. Apertei os olhos, mal podendo respirar. Enquanto o homem inteiro me rasgava ao meio com seu comprimento, eu o apertei em meu interior, palpitando, ao mesmo tempo em que me reacostumava ao seu tamanho.

Preocupado, Vicente afastou a boca da minha e segurou o meu queixo.

— Relaxe, amor. — Fraquejei ao escutá-lo me chamar de *amor*, meu coração praticamente saltando pela boca. Era como se ele soubesse que parte do tremor que sentia se dava por motivos que iam além da excitação. Eu o queria, tanto que doía, mas nesse momento o medo ameaçava me paralisar. — Eu nunca... a machucaria — Vicente garantiu, e um brilho

assassino atravessou o seu olhar. Se ele não tinha certeza a respeito da extensão das agressões de Otávio, desconfiava. — Eu nunca... faria isso. Nunca — repetiu até me acalmar.

Sua mão deslizou pelo meu corpo até chegar à pele marcada, o ponto exato em que Otávio me feriu. Sua boca veio de encontro à minha e, dessa vez, de maneira suave. Solucei ao senti-lo entrar e sair de mim com tanto carinho que meus olhos se encheram de lágrimas. O prazer das estocadas vagarosas fizeram-me relaxar, me abrir para recebê-lo enquanto nosso beijo se transformava em uma mistura ardente de tesão e necessidade. Gemi em meio aos beijos, choramingando de prazer e arranhando o seu peito. As estocadas lentas tornando-se ferozes.

A vontade de gozar cresceu lentamente, contraindo o meu ventre e fazendo com que minhas pernas afrouxassem em seu quadril, o que me fez segurar Vicente pelo pescoço e cravar as unhas em sua nuca. Enquanto o homem se movia, eu perdi o fôlego. O som selvagem e cru de nossos corpos batendo um contra o outro se infiltrou em minha mente. Era um som gostoso... o som de duas pessoas se amando. Desejando-se mutuamente. Quanto mais profundo ele empurrava o seu membro, mais desesperada eu ficava. O

êxtase cresceu, assim como a sensação de estar sendo partida em milhares de pedaços. Pedaços, esses, que seriam colados peça a peça, assim que eu gozasse.

Entregar-me a Vicente era como ser quebrada de dentro para fora, apenas para ser reconstruída por suas mãos. As mesmas mãos que, nesse momento, me agarravam com mais força, puxando-me de encontro ao seu pau de tal modo, que eu não sabia onde começava o seu corpo e onde terminava o meu.

— Você é tão gostosa, meu amor. Tão... quente — rosnou em meu ouvido, empurrando-me para o abismo. Em questão de segundos eu explodi em um orgasmo devastador, não sei se por tê-lo me chamando de *amor* com essa voz rouca e arrastada, ou porque seu pau inchou dentro de mim, latejando e gozando em meio a espasmos que me inundaram com seu sêmen.

O líquido grosso e espesso fluindo com tanta força que eu me vi encharcada. Cheia dele. Fechei os olhos, ainda capaz de nos sentir estremecer em meio ao suor que agora cobria nossos corpos.

Vicente beijou meu pescoço, arrastando a barba áspera pela minha pele. Seu coração batendo tão forte em seu peito

NACIONAIS - ACHERON

que eu podia escutar cada batida. Cada movimento. Fechei os meus olhos, esperando que minha respiração acalmasse, assim como a dele. Mas parecia impossível relaxar. Não com a consciência do erro que tínhamos acabado de cometer.

Eu poderia não querer lidar com o fato agora, mas sabia a verdade.

Vicente também.

— O que nós fizemos, Maitê? — indagou, atordado. — Eu tenho tentado arrancá-la da minha vida por anos, e agora... — Vicente me encarou, segurando o meu rosto entre as suas mãos. — Eu me acho incapaz de algum dia te esquecer. O pior é que eu deveria estar arrependido... sentindo culpa pelo que acabei de fazer. Mas não consigo — disse, com raiva. — Tem uma voz em minha cabeça dizendo que estar com você... é o certo. Como isso é possível? Como?

— Eu não sei. — Sacudi a cabeça, aflita.

Entorpecida demais pelo prazer para ser capaz de raciocinar com clareza.

— Se fosse certo, por que tivemos que sofrer tanto? Por que passar por tudo o que passamos?

— Vicente... eu não sei.

— Mas deveria saber, pequena. Alguém nessa merda de história deveria saber por que as coisas aconteceram dessa maneira com a gente. Por que tive que te perder... por que...

Não suportei escutá-lo dizer mais nada. Por isso coleí a minha boca na dele. Silenciando-o. Interrompendo suas dúvidas e conflitos. Será que ele achava que eu nunca busquei entender? Que nunca questioneí o nosso destino?

Eu o tinha feito. Mas em nenhuma das vezes recebi a resposta que procurava.

UTOPIA

*De sonhar ninguém se cansa,
porque sonhar é esquecer.*

Fernando Pessoa.

MAITÊ

Meu corpo reagiu quando os músculos quentes de Vicente se sobrepuseram a mim. Aquecendo-me no meio do que eu acreditava ser a madrugada. Ainda sonolenta, de olhos fechados, eu gemi ao sentir o toque da sua boca em meu ombro. Os lábios grossos, arrastando-se em direção ao meu pescoço. Pelo visto, isso não era um sonho, pensei ao abrir os meus olhos. Sendo pega desprevenida pelo rompante de sua boca, que me atacou em meio à escuridão do quarto, procurando pela minha com uma sofreguidão impulsiva.

Fui acometida pelos tremores em meu corpo e percebi, mesmo com a moleza gostosa em que estava, que eu não era a única a ter os músculos do corpo trêmulos.

— Não consigo dormir... porque não paro de pensar em você — Vince sussurrou, afastando as minhas pernas com seu

joelho, seu membro se posicionando entre elas enquanto eu era saqueada por sua língua, que se movia em minha boca de maneira quase desesperada. — Ou de querer você.

Afundi no colchão, apreciando o prazer preguiçoso que se espalhou por todo o meu corpo. Vicente não parecia afoito ou com pressa. Ele apenas queria estar dentro de mim, eu sabia, porque não foram uma ou duas vezes em que acordei no meio da madrugada com esse homem buscando carinho ou o calor no meio de minhas coxas. Foram intermináveis vezes.

— Preciso prová-la de novo, pequena. Ter certeza de que isso aqui não é um sonho. — *Eu também queria.*

— Ah... meu Deus — gemi, arqueando os seios, assim que o senti afundar em minha boceta. — Vince! — Um grito abafado escapou da garganta, quando ele saiu inteiro e voltou a me penetrar. Seu pau esquentando-me por dentro, como fogo, enquanto suas mãos delineavam minhas curvas, deixando clara a sua necessidade de me tocar. De ver que eu era mesmo real.

— Diga o meu nome, pequena. Diga alto... enquanto eu mato a minha saudade. Enquanto me perco dentro de você. — Eu fiz. Eu chamei o nome dele. Tantas e tantas vezes que me senti ficar rouca.

— Está gostoso, amor? — perguntou, torturando-me ao parar de se mover. — Quer que eu vá mais devagar?

— Não... por favor, não. — Eu queria rápido, queria gozar. Expurgar essa onda de prazer alastrando-se por todo o meu corpo.

— Goze comigo, pequena — Vicente exigiu, puxando minhas coxas, envolvendo-as com mais força ao redor de sua cintura enquanto as acariciava. Seus dedos gelados subindo e descendo pela pele arrepiada. — Aperte o meu pau com sua boceta, arranque tudo de mim... da maneira que só você sabe fazer.

Tive meu cabelo puxado com força, enquanto sucumbia ao seu pedido. O latejar de seu membro causando-me um espasmo atrás do outro. Foi tão intenso e intuitivo, que, quando terminou, nenhum dos dois se moveu. Vicente continuou a respirar pesadamente sobre mim. Sua boca atada à minha.

— Eu estou pesado? — murmurou, enquanto eu bocejava ainda mais sonolenta.

— Não. — Não que eu fosse capaz de sentir. Meu corpo estava saciado demais para prestar atenção ao peso de Vicente

nesse momento.

— Ótimo, porque pretendo dormir dentro de você. Então, se te incomodar... basta montar em mim.

Não consegui dizer nada. Não podia. Escutar isso de Vicente foi o mesmo que ser arrastada ao passado. À sua cama, aos seus braços. O homem, por sua vez, não demorou a cair no sono, e, enquanto o sentia respirar, eu acariciei o seu cabelo bagunçado. Dando vazão às lágrimas que escorreram pelo meu rosto, ocultas pela escuridão.

VICENTE

Sentado sobre a cama, observei Maitê dormir serenamente. O cobertor cobrindo suas curvas inteiramente nuas deixava à mostra apenas as pernas morenas. O rosto bonito, adormecido, mantinha-se oculto no travesseiro, e o cabelo, agora selvagem, espalhado para o alto, revelava parte de sua nuca. Invejei a capacidade que ela tinha de dormir por tantas horas seguidas, porque eu, mesmo com o corpo exausto e saciado, não conseguia manter os olhos fechados por mais tempo. A adrenalina gerada pelo sexo que fizemos, horas

atrás, ainda corria solta pelas veias, deixando-me desperto.

Enquanto a contemplava, lembrei-me do exato momento em que o segundo orgasmo da noite a atingiu. Maitê gritou meu nome ao bater sobre o colchão, tão arrebatada que o juízo do qual tanto me orgulhava se viu extinto, estilhaçado pelo som extasiado que escapou de sua boca. Na hora a pele suada brilhou diante dos meus olhos enquanto eu era drenado e apertado por sua boceta. Foi inevitável, eu a enchi, outra vez, com o meu gozo. Sentindo o líquido transbordar entre nossos corpos pelo tempo que me recusei a sair de dentro dela.

Afastei a lembrança em um manejar de cabeça e, incentivado por um forte impulso, acariciei a delicada tatuagem gravada em sua pele. O polegar circulou o símbolo e uma sensação esmagadora tomou conta do meu corpo.

Maitê se mexeu, ainda adormecida, e eu recrimei a maneira passional e inflamada como reagi a ela. Ciente de que nenhuma dessas reações poderia ser considerada saudável. Horas atrás, com ela em meus braços, eu senti como se estivesse preso a essa mulher, no entanto, livre para tomar o que era meu. O sexo foi... guloso da parte dela, e ganancioso da minha.

Você está perdendo a cabeça, homem, pensei incomodado com o fato de que toda a loucura que havíamos feito não diminuiu nem uma gota do tesão que passou a me consumir tão ardentemente. Não era por menos que o sentia mais forte agora. Sabe a velha história do fruto proibido e a queda do homem? Eu estava me sentindo como Adão nesse momento. A diferença era que o fruto proibido, aquele que me arruinaria, não era uma fruta, e sim a mulher deitada ao meu lado.

Cada passo que dava em sua direção me deixava mais próximo da ruína. E pensar que, se não fosse pelas decisões erradas que Maitê tomou, nós, provavelmente, estaríamos juntos até hoje. Porque tinha certeza, eu nunca a teria deixado se não tivesse visto com meus próprios olhos a descarada na cama com o meu irmão.

Agora eu precisava lidar não apenas com a suspeita de que não conseguiria superar essa mulher e a nossa história tão facilmente como imaginei, mas também, controlar a raiva indistinta que chegava ao meu âmago toda vez que pensava em Maitê apanhando de Otávio. Sofrendo nas mãos daquele filho da puta.

Interrompi o contato, como se não tivesse o direito de

NACIONAIS - ACHERON

tocá-la. Sentindo arder a ponta dos meus dedos. Em um sobressalto, pulei da cama *King Size* e segui até a varanda que interligava o quarto e a sala, assistindo, impressionado, ao nascer do sol. A cerração cobria as montanhas, deixando o piso de madeira do deque gelado. Quase úmido. Com a mente a mil por hora, soltei o ar dos meus pulmões, inspirando de volta o exterior puro, gélido das montanhas, contendo cada um dos pensamentos que se amontoavam em minha cabeça, naquele momento.

Pensamentos que iam desde voltar para a cama e acordar Maitê, outra vez, com beijos por todo o seu corpo, até o de assassinar o maldito que a havia machucado. Quebrar a cara de Otávio a ponto de fazer com que o infeliz aprendesse a lição... de uma vez por todas.

Deixei o chuveiro, horas depois, acreditando que encontraria Maitê ainda na cama. O que não aconteceu. Descalço, vestindo apenas uma calça folgada de moletom, eu caminhei até o lado de fora do quarto e oscilei ao me deparar com ela sentada no sofá de frente a uma bandeja recheada de *croissants*, pães franceses, geleias, frutas e, claro, café preto.

Notei logo que o roupão felpudo com o qual se cobria podia facilmente esconder duas dela.

De soslaio, a mulher me olhou e mastigou sem pudor o que parecia ser um pedaço suculento de morango. Atraído feito um ímã, eu me servi de uma xícara de café e sentei ao seu lado. Assistindo-a comer morango atrás de morango com um apetite voraz.

— Acordou com fome? — indaguei, um tanto fascinado.

— Você não? — a safada rebateu a pergunta, prestes a levar outro morango à boca.

Esse, porém, eu interceptei antes que chegasse ao seu destino. Pegando-o para mim e provando a fruta apenas para obter a prova de que ela era tão gostosa quanto Maitê fez parecer. Com as pernas cruzadas sobre o estofado, ela se aconchegou no encosto e sorriu, ainda sonolenta. Se o sorriso lindo estampado em seu rosto era ou não um convite, eu não dei a mínima e simplesmente a beijei. A boca inteira, cada pedaço carnudo dela.

Sorvendo diretamente dos seus lábios o gosto doce da fruta.

— Delícia — murmurei.

— Eu também achei... — Ela olhou para o morango.

Sacudi a cabeça, um pequeno sorriso se formando em meus lábios.

— Eu estou falando de você, pequena. — Segurei o queixo delicado, o trazendo para mais perto e beijando-a um pouco mais. Até que uma coisa levou a outra e Maitê acabou sentada em meu colo, as pernas abertas, uma de cada lado do meu quadril.

Não demorei a descobrir a ausência de sua calcinha, o que ficou evidente no momento em que apertei seu traseiro gostoso entre os meus dedos. Ficamos nessa posição por um tempo interminável, apenas nos beijando. *Respirando o ar um do outro*. Cheguei a abrir o roupão que a cobria, mas meus olhos se detiveram mesmo foi na pequena cicatriz, quase imperceptível, abaixo do seu seio. Maitê estava com a guarda baixa, proposital ou não, isso a deixava exposta.

Toquei com cuidado a extensão da cicatriz, sentindo raiva ao imaginar o que poderia tê-la causado.

— Existe mais alguma? — Ela arregalou os olhos, como se apenas agora se desse conta do descuido. — Existe, Maitê?

— Nada que deva te preocupar. — Forçou um sorriso.

— Quantas mais? E onde?

— Vicente... não faça isso. Não estrague o que estamos vivendo. Você me pediu para esquecer o seu irmão enquanto estivéssemos aqui e... é isso que estou tentando fazer.

— Apenas me mostre onde elas estão. — insisti, ficando surpreso ao ter a minha mão arrastada até a parte de trás da sua cabeça. Mais precisamente entre os seus fios. Um outro corte, já cicatrizado, dessa vez, um pouco maior.

Foi assim com o próximo também. Igualmente escondido. Miséria! Não podia ser coincidência que o descontrole de Otávio fosse tão bem arquitetado a ponto de feri-la sempre em lugares aos quais ninguém, além dele, tinha acesso.

— Eu quero matar o filho da puta que fez isso com você!

MAITÊ

Olhei assustada para Vicente, temendo que ele, realmente, fizesse o que ameaçava. Soltei sua mão, deixando-a cair em minha perna enquanto o abraçava, sem dizer nada. Meu peito parecia querer explodir por dentro, enquanto a voz

NACIONAIS - ACHERON

dentro de mim implorava silenciosamente por ajuda.

— Vicente... eu...

— Há quanto tempo Otávio tem agredido você, Maitê?

— ele me cortou, fazendo-me apertá-lo com mais força.

— Eu não quero falar sobre isso.

Não queria falar, sequer relembrar. Trazer o passado à tona... as agressões e os gritos. Não, eu não podia.

Foram anos escapando dos avanços de Otávio e, por vezes, perdendo o meu poder de escolha. Eu poderia lembrar a última agressão, ocorrida antes do meu marido ser internado. Mas me negava a lembrar a última vez em que o monstro havia me tocado intimamente. Feito sexo comigo. Esse dia fora apagado da minha mente de propósito, assim como tantos outros. E não seria agora, quase um mês depois, que eu permitiria que as imagens voltassem para me assombrar.

Reagindo à falta de resposta, Vicente emitiu um som rasgado. Doloroso. E sem que eu esperasse, beijou a cicatriz abaixo do meu seio enquanto respirava com dificuldade. Será que ele conseguia enxergar que o estrago feito pelo seu irmão era além do externo? Que era profundo a ponto de me

paralisar?

— O meu pai sabe? — Vicente perguntou, afastando os meus pensamentos. — Ele sabe, Maitê?

— Não! — neguei energicamente. — Homero não sabe, ninguém sabe. Agora, por favor, vamos parar de falar sobre esse assunto. Eu não gosto... *me faz mal*. — Fechei o roupão e tentei sair do seu colo, mas fui impedida.

— Por que continua naquela casa? — A pergunta veio em forma de acusação. — Porra, por que nunca o denunciou? Por que permaneceu ao lado dele, Maitê?

Era triste, mas eu, praticamente, podia imaginar as coisas horríveis passando por sua cabeça, o julgamento precipitado, as dúvidas. A incerteza se o que eu dizia era mesmo verdade.

Sei que o mais certo seria lhe dizer tudo. Mas poderia, com Otávio e o filho da puta do Marcelo me ameaçando a todo instante? Vince me odiaria se soubesse sobre o nosso bebê, e aquela noite, a noite do acidente, ainda era um mistério para mim. E se ele exigisse uma explicação sobre o que aconteceu, eu nem ao menos poderia lhe dar... porque não fazia ideia do que havia feito.

— Maitê?

— Esqueça tudo, por favor.

— Como espera que eu esqueça... quando mal posso olhar para você sem me lembrar do que meu irmão te fez? — Engoli em seco, sentindo a bile subir. — O único motivo pelo qual eu ainda não encostei um dedo em Otávio é porque ele está em coma naquele hospital, caso contrário, Maitê, eu já o teria matado. Quebrado cada dente maldito dele!

— E perderia tudo... toda a sua vida. Justamente por não pensar antes de agir. Otávio não vale a sua liberdade, Vicente. Ele não... vale.

— Você não entende — disse, afastando-me do seu colo. Nervoso. — Otávio destruiu as nossas vidas ao colocar as mãos em você. Acabou comigo! E tudo para quê? Para te ferir? Para te submeter a esse inferno?

Desviei o meu olhar, não querendo ter essa conversa.

— Eu só não entendo o que a fez ficar por todo esse tempo, Maitê. O que te prende a ele! — Vicente me encarou, sério. — Isso não é algo que me dirá, não é? — Permaneci em silêncio. — Você pode não querer falar sobre esse assunto, só não espere que eu faça o mesmo e finja estar tudo bem. Porque não farei, eu me recuso a tapar o sol com a peneira!

Entendeu?

Vicente se afastou por conta própria, o que me fez boquiaberta, muda de pavor.

Sentada, eu o assisti caminhar para longe, deixando o chalé pela primeira vez em horas. As respostas que Vicente ansiava obter estavam na ponta da língua, coçando para sair. Para serem colocadas para fora. Expurgadas. Tumultuando tanto o meu corpo quanto a minha alma.

Não vou negar, uma pequena parte de mim desejava que ele me salvasse desse inferno e me arrancasse daquela casa. Que me desse o mundo que me prometeu no passado e, principalmente, o amor que jurou sentir uma vez.

PESADELO

*Os pequenos detalhes são
sempre os mais importantes.*

Sherlock Holmes

VICENTE

Eu precisava me afastar. Colocar espaço entre mim e Maitê antes que acabasse por dizer algo do qual poderia me arrepender. Porque *fazer...* eu já estava fazendo. Estar perto dela me cegava, deixava-me fraco. E essa era a razão de eu ter pegado a chave do seu Range Rover e me afastado do *resort*, adentrando a pequena cidade mais próxima. Dirigi por algum tempo, até que encontrei uma ruela movimentada. Uma feira, com um montante de barracas e pessoas ao redor.

Caminhei por um tempo, a fim de arejar a cabeça, até que uma das barracas me chamou atenção. Uma com uma variedade de correntes e patuás. Com as mãos protegidas dentro da calça, eu soprei o ar frio, que saiu em forma de vapor. A vendedora sorriu para mim ao notar o meu interesse e acabou por me mostrar sua mercadoria. Um único pingente

chamou a minha atenção e, na mesma hora, eu soube a quem ele iria pertencer.

O caminho de volta até o *resort* não durou mais do que alguns minutos. Eu continuava nervoso por tudo que sabia sobre Maitê e Otávio, nervoso por sentir suas cicatrizes e enxergar a maneira como ela parecia... conformada com as agressões. Como se tivesse desistido de lutar contra quem as fez. Isso foi o que me enfureceu. Ainda assim, eu não podia negar a ansiedade latente que sentia de chegar ao *nosso chalé* e estar com ela. Beijar aquela garota até perder o fôlego.

Subi os degraus da frente com pressa, indo ao seu encontro. Foi uma surpresa encontrá-la inclinada sobre a sacada da varanda, seus olhos fechados enquanto o ar frio atingia a sua pele. Aproximei-me devagar e a abracei.

— Me desculpe pela maneira que saí, eu precisava... espairer. — Maitê suspirou, se mostrando cansada. — Sei que não apaga a discussão que tivemos, nem melhora as coisas, mas eu trouxe algo para você. — Retirei o fio transparente do bolso do meu casaco e o coloquei em seu pescoço.

Maitê levou a mão até o pingente e sorriu ao identificá-lo. Era um pássaro. Um animal que nasceu para ser livre, mas

NACIONAIS - ACHERON

que nem sempre conseguia, graças à imprudência do ser humano, à vontade que tínhamos de aprisionar o que era belo.

— Você é esse pássaro, pequena. Pode estar presa agora, mas juro... que terá a sua liberdade.

Ela puxou o pingente, desejando vê-lo.

— É lindo, Vince... lindo. — Sua voz saiu embargada.

— Assim como você. — Beijei sua bochecha, me redimindo enquanto inspirava o perfume adocicado de sua pele. Sem conseguir deixar de imaginar o *depois*.

Em tudo o que aconteceria quando deixássemos esse chalé.

MAITÊ

— O que foi? — perguntei baixo, incomodada com a maneira territorial com que Vicente me rodeou desde o início da noite.

A inauguração do *resort* Monte Alto fora um sucesso. E agora, minutos após a minha apresentação, eu me encontrava sozinha com Vicente em uma enorme sacada iluminada por

tochas altas e românticas, que me permitiam apreciar a vista que tinha do salão. De onde estávamos, dava-se para observar tudo: as pessoas dançando, rindo... *sendo felizes*.

— Você mudou — Vicente disse após algum tempo, o vinco de sua testa franzindo. — Observar nunca foi o seu forte... se bem me lembro. Se havia uma festa, você dançava até seus pés doerem. Se viajávamos, era sempre a mais animada. Estava sempre sorrindo, se não com a boca, com os olhos...

— Aonde pretende chegar com esse comentário? — indaguei, tentando parecer desinteressada.

Vicente sacudiu a cabeça.

— A nenhum lugar, Maitê. Estou apenas constatando um fato.

— As pessoas crescem, Vicente. Eu já não posso ser comparada à garota que você conheceu. Até porque, *aquela garota* não existe mais.

— E você acha que eu não sei? — Olhei nervosa para ele.

— Nós vamos começar de novo? Você sendo desagradável e eu ficando na defensiva?

Ele voltou a sacudir a cabeça e, dessa vez, sorriu.

— Eu sou um cabeça dura, não sou? — Fiquei surpresa ao ser puxada para os seus braços e olhei ao redor, querendo a certeza de que ninguém nos observava.

— Vicente, as pessoas...

— Ninguém aqui nos conhece, não realmente. Então os esqueça.

— É fácil para você pedir isso...

— Acredite em mim, pequena. Não tem nada de fácil no que estamos fazendo. Ouso dizer até que... estar com você nesse momento é um dos riscos mais altos que corro em minha vida. — Sua voz soou inapropriadamente rouca enquanto ele me segurava pela mão, arrastando-me para dentro. Mais precisamente para o aglomerado de casais que dançavam ao som da música romântica. — Chega de conversa, pequena. Acho que devo uma dança à mulher que... você se tornou.

— Deve? — perguntei, sentindo o meu rosto queimar como o de uma garotinha envergonhada. *Ou pior, apaixonada.*

— Devo. — Ele me girou ao som da música, um sorriso

genuíno se formando em seu rosto. Um sorriso que me fez sorrir também.

Passava da meia-noite quando voltamos ao chalé. Mas ao contrário da noite anterior, Vicente e eu não corremos para o seu interior a fim de sanar o desejo desenfreado de nossos corpos. Não, dessa vez, ele me puxou até os degraus da entrada e me fez sentar, cobrindo-me com seu paletó. Retirei as sandálias altas e as coloquei em um canto à minha esquerda, passando a observar a noite enquanto Vicente dobrava a camisa branca de linho até a metade de seus braços.

Estava frio aqui fora, mas tenho certeza de que ele não era capaz de sentir. Não com sua temperatura naturalmente quente.

Sentado ao meu lado, o homem olhou para o céu parcialmente estrelado. Era difícil enxergar as estrelas daqui. A cerração e o grande número de nuvens atrapalhavam a visão e, ainda assim, tornavam a experiência única. Todo esse lugar era incrível. Como uma pequena parte do paraíso esquecida na Terra. Ancorando-se no corrimão dos degraus, Vicente puxou um de meus pés para o seu colo e começou a

NACIONAIS - ACHERON

massageá-lo, ainda em silêncio. Fiz o mesmo que ele e apoiei as minhas costas.

Encolhendo-me dentro do paletó aquecido.

— No que está pensando? — perguntei ao observar a maneira experiente com que ele usava as mãos. Em como apertava os pontos certos, fazendo-me ofegar baixinho.

— Em você... em nós. Acho que em tudo. — Encarei seu rosto, mas ele não retribuiu, concentrado demais no que fazia.

— Está passando rápido.

— Sim, está.

— O que faremos, Vicente? Depois que voltarmos... como... lidaremos com o que aconteceu aqui? — Vince ergueu o rosto. Seu corpo másculo aproximando-se do meu enquanto o dedo brincava com minha tornozeleira.

— Eu tenho tentado não pensar nisso.

— Mas...

— Mas nada, Maitê... mas nada. — Fui beijada, meu lábio estremecendo diante do calor da boca desse homem. — Olhe para mim — pediu com suavidade. — Não sei se fui

claro antes, mas você esteve incrível esta noite. E, porra, eu senti um orgulho disgramado de você. — Ele me fez sorrir. — Você cresceu, pequena. Conquistou o que disse que conquistaria. Eu só lamento... não ter estado aqui para vê-la se tornar a mulher que é hoje.

— Obrigada — disse com sinceridade. — Obrigada por esses dias, Vince. Fazia tempo que eu não me sentia assim... você... — *Trouxe-me à vida*, pensei comigo mesma.

Sem saber como lidar com o fato de que estive praticamente morta por todos esses anos e que os beijos deste homem me arrancaram do fundo do poço em que fui jogada.

— *Shhh* — murmurou ao ver as lágrimas se formarem em meus olhos. — Não chore, amor. Não suporto vê-la assim, e você sabe. — Não pude me conter, doía demais escutar a palavra *amor* deixando a sua boca.

— Eu não quero que o nosso tempo termine, Vicente. Faça com que ele não termine, por favor, eu te imploro.

— Pequena...

Fui fortemente abraçada, mas não recebi nada. Nenhuma garantia. Nada que soasse como uma promessa de que nós ficaríamos juntos quando isso terminasse. Vicente apenas me

segurou, beijando meu rosto de tempos em tempos. Mantendo para si os seus pensamentos. De alguma maneira, eu soube que não teríamos volta, que tudo o que estávamos vivendo terminaria em breve.

DESPEDIDA

*Se me esqueceres, só uma coisa,
esquece-me bem devagarinho.*

Mario Quintana.

MAITÊ

— Venha comigo, Maitê! — Otávio entrou no quarto de Vicente, puxando-me pelo braço. Não dando oportunidade de me explicar. — Essa é a última vez que você chora pelo meu irmão, está me escutando? Acabou! — Ele me empurrou em direção ao nosso quarto, me deixando assustada, porque nunca havia me tratado dessa maneira antes. Nosso casamento, o pouco dele que era real, não poderia ser comparado aos casamentos motivados por amor. Mas, ainda assim, existia carinho nele. Afeto.

Por isso não entendia a sua raiva.

— Otávio... você está me machucando. Pare, por favor — pedi ao ser jogada na cama. Caindo sentada, eu protegi o meu bebê instintivamente, temendo o comportamento de Otávio.

— Esse quarto aqui é o seu lugar! Não o quarto daquele

miserável que te abandonou, que te arrancou da vida dele sem pensar duas vezes... — Eu odiava quando Otávio me lembrava desse fato, o qual, na maioria das vezes era jogado na minha cara quando ele ficava de mau humor. Às vezes, as palavras amargas vinham em forma de sussurros, indiretas aqui e ali, mas sempre surtiam o mesmo efeito, deixando-me arrasada.

— Você está passando dos limites, Otávio.

— Você não me viu passar dos limites ainda, querida esposa. Mas para me fazer entendido, eu quero que saiba que mandarei tacar fogo nas tralhas de Vicente. Queimar tudo o que ele deixou para trás.

— Não! — protestei, levantando-me. — Você não pode fazer isso!

— Quer apostar?

— Por que está agindo assim? — Aquele não era o Otávio que eu conhecia.

— Eu estou cansado de chegar do trabalho e te encontrar enfurnada naquele maldito quarto. Chorando por um homem que não merece o seu amor, enquanto eu... não posso sequer te tocar. Sequer beijar a minha mulher. — Para

o meu espanto, Otávio me agarrou, forçando a sua boca na minha. Beijando-me contra a minha vontade.

Não foi o primeiro beijo que demos, mas esse não tinha nada de paciente ou afetuoso. Nenhum rastro do carinho que ele dizia sentir por mim.

— Pare — pedi, tentando me afastar, mas ele não permitiu. — Otávio, eu mandei você parar! — Mordi sua boca com força, recebendo um tapa de volta.

Assustada, levei a mão ao rosto e segurei as lágrimas. Otávio deu um passo à frente, vindo em minha direção, mas eu corri para fora do quarto, da casa. Corri dele. Até chegar à segurança do meu carro e me trancar. Mal podendo respirar.

Mal conseguindo pensar.

O meu marido... o homem em quem eu confiava, a quem entreguei a minha vida depois de ser destruída pela ausência do Vicente, ele... havia acabado de me dar um tapa, e eu não entendia o porquê. Como ele pôde?

Engoli em seco ao vê-lo aparecer na garagem e se aproximar do carro devagar. Apavorada e com os dedos trêmulos, eu virei a chave e acelerei condomínio afora.

Acordei suada e confusa por conta dos *flashes* de uma noite que, até então, eu não recordava. Duvidei a princípio se havia sido um pesadelo causado pelo medo que sentia de voltar para casa, ou se haviam sido lembranças reais do dia que ocorreu o meu acidente. Mas por que agora? Foram anos tentando lembrar, esforçando-me a descobrir por que a minha mente permanecia apagada... e nada. Tudo o que possuía era a narrativa cruel de Otávio, que sempre que podia me lembrava do resultado de minha imprudência.

Ao menos agora eu compreendia o medo, na época, injustificado, que senti ao acordar no hospital e encontrar meu marido ao meu lado. E mais ainda, do porquê de nossa relação ter se deteriorado após a perda do meu bebê. Otávio não voltou a me agredir em um longo tempo. Agiu como se nada tivesse acontecido. Deixando-me no escuro por todos esses anos.

Precisando colocar a mente em ordem, e ainda assombrada pelo sonho, eu olhei para o lado de fora da janela e percebi que amanhecia. Para a minha surpresa, não havia sinal de Vicente no quarto, o que tornou a minha decisão de levantar mais fácil. Sentindo-me pegajosa por conta do suor,

fui até a varanda anexa e, assim que o encontrei, me apoiei no batente da porta, observando com curiosidade o homem de pés descalços que caminhava de um lado ao outro enquanto conversava ao telefone.

Permaneci em silêncio, não querendo atrapalhar. Cheguei, inclusive, a ter dúvidas se me fazia ou não ser notada, ou se lhe dava privacidade. Mas o receio de voltar para a cama sozinha me fez desejar sua companhia. Mesmo que a distância.

— Quanto tempo eu tenho? — Vicente indagou ao afundar os dedos no cabelo bagunçado. — Certo, eu posso resolver tudo antes. Não... você sabe que não tem nada que me prenda a São Paulo.

Uau!, pensei um pouco zozza. Incapaz de negar o quanto machucava escutar a verdade. Não era como se eu quisesse ser lembrada de que tínhamos prazo de validade, não após passarmos outra madrugada fazendo amor. Entranhados um ao outro. Abalada, eu voltei ao quarto, sentando-me no centro da cama e abraçando as pernas enquanto mil coisas diferentes passavam pela minha cabeça.

O tique-taque inaudível ecoando através das paredes. Fazendo-me ciente de que o nosso tempo era escasso e de que

NACIONAIS - ACHERON

eu estava certa. Nada havia mudado.

Vicente retornou ao quarto instantes depois, a expressão em seu rosto mais carrancuda do que a de costume. Sem dizer nada, ele me puxou para o seu lado da cama, forçando-me a deitar em seus braços, e fechou os olhos, raspando em um afago a barba em minha pele.

— Está cedo ainda, pequena. Durma um pouco mais.

VICENTE

— Eu não aguento mais! — Maitê gritou, parando na metade do caminho. A trilha de corrida que seguíamos ficava em uma área afastada da parte principal do *resort*. O que nos proporcionou privacidade. Depois do mau humor em que acordou, achei melhor convidar Maitê para correr comigo. Um pouco de atividade física, além do sexo, é claro, talvez fosse justamente o que precisávamos. — Não posso nem respirar. — Ofegou, fazendo-me rir e ir até ela.

Seu corpo curvado fez força ao sugar o ar para dentro de seus pulmões, enquanto o seu rosto se mostrava vermelho, suado. Fora quase uma hora de corrida, parando de tempos

NACIONAIS - ACHERON

em tempos para que ela tomasse fôlego.

— Deixe de moleza, Maitê. Você nada há anos — eu a lembrei.

— Eu sei... mas é diferente.

— Não tem nada de diferente, pequena. A natação mexe muitos dos músculos que a corrida trabalha, além de melhorar o condicionamento físico de uma maneira geral. Então suponho que você esteja com preguiça, e não cansada.

Ela me encarou, cerrando os olhos de maneira conspiratória.

— Eu não... consigo mais! Você é um instrutor muito exigente, e não se esqueça de que nós quase não dormimos a noite passada.

Desviei o meu olhar da tentação que era ver uma das partes mais gostosas do seu corpo comprimida pela calça branca de ginástica. E, sem que ela esperasse, a joguei em meus ombros, escutando-a gritar ainda mais alto.

— Sua safada! Então quer dizer que está cansada pelo que fizemos? — Antes de acordar, retraída, esgueirando-se pelos cantos do chalé sozinha, Maitê havia passado parte da madrugada montada em mim, deixando-me louco com seus

gemidos e movimentos. Quando não estava por cima, estava de quatro. As pernas bambas pelas estocadas que lhe dei. Maldição, só de lembrar eu ficava duro.

— Me solte, Vicente. Você enlouqueceu? — ela protestou ao ser carregada.

— Nem um pouco, estou apenas poupando as suas pernas. Você não disse que está cansada?

— Sim... mas eu posso andar.

— Eu sei que pode. Mas, agora, quem não quer que você se esforce sou eu. Tenho planos mais tarde e, para isso, eu preciso que esteja... bem.

— Planos, Vicente? Eu estou... exausta. Como você aguenta?

Eu não iria responder. Recusava-me a admitir que o que me deixava dessa maneira, constantemente excitado, era ela. Maitê tinha poder demais sobre mim e a última coisa que ela precisava era de mais munição.

Assim que chegarmos ao chalé, eu puxei Maitê pela cintura, apreciando o calor que emanava do seu corpo suado. Fazia frio lá fora, mas a atividade física havia nos deixado aquecidos. Como imaginei, qualquer traço do seu mau humor

se dissipou após o exercício, assim como as minhas preocupações. O telefonema de Luiz, alertando-me de que precisaria voltar em breve, não me caiu bem. Deixou-me inquieto.

— Preciso de uma ducha, vem comigo? — sugeri, querendo aproveitar o restante do tempo que ainda tínhamos.

— Vai na frente? — ela tentou negociar, esquivando-se.

— Prefiro esperar por você — falei, surpreendendo Maitê, que permaneceu estática, enquanto eu me servia de água gelada. Dei um longo gole no líquido cristalino, encarando-a por detrás do copo.

Os olhos cor de mel pareciam me avaliar. E o teriam feito, se o seu celular não tivesse tocado, levando-a a correr até o quarto que dividíamos.

MAITÊ

Eu não estava segura de que *tapar o sol com a peneira* e me deixar levar pelos encantos de Vicente era o mais adequado no momento. Nunca estive em meus planos me envolver a esse ponto. Droga, se eu tivesse seguido o

conselho de Serena, sem me desviar, teria focado apenas no sexo. Sem amarras. Mas, não, eu tive que fazer exatamente o contrário. Permitir que Vicente se infiltrasse na minha vida.

Arruinando todo o meu juízo.

Disposta a atender o telefonema, corri até o quarto e não me surpreendi ao ver o rosto do meu sogro na tela do aparelho.

— Oi! — respondi, ofegante.

— Estou tentando falar com você há vários minutos, querida. Onde esteve?

— Hum, ocupada. O senhor sabe que Fabrício organizou vários eventos ao longo do fim de semana... — Vi-me obrigada a mentir.

Homero ficou por algum tempo em silêncio, assimilando a minha desculpa esfarrapada, até que limpou a garganta e continuou:

— Bom, eu telefonei porque acabei de chegar do hospital.

— Sim? — Esse era o pior momento para termos essa conversa, pensei enquanto sentava na cama.

— Os médicos aconselharam esperar algum tempo antes de ficar animado, porém eu não consigo. Nós estamos esperando por essa notícia há dias, não seria justo privá-la dela.

— Que notícia, Homero? — perguntei, apreensiva.

— Meu filho, Maitê, ele apresentou uma melhora nesse tempo em que você está aí. Tudo leva a crer que nos próximos dias, até mesmo nas próximas horas, ele possa acordar e voltar para a gente, querida. — Foi automático, o celular escorregou da minha mão, deslizando até cair de encontro ao tapete.

Fiquei imóvel, apenas escutando o eco da voz do meu sogro perguntado se eu estava bem. Se havia acontecido algo.

Otávio.... Ele estava voltando, pensei ao colocar a mão sobre o peito enquanto sentia as batidas apreensivas do meu coração. O que seria de mim, meu Deus? O que seria?

Vicente escolheu esse momento para entrar no quarto, notando logo que o meu estado.

— Ei, o que está acontecendo? — perguntou baixo, só se dando conta do telefone caído ao se aproximar.

Assisti ao momento em que ele se ajoelhou e levou o

NACIONAIS - ACHERON

aparelho ao ouvido, contornando a situação e inventando, rapidamente, uma desculpa para o pai. A conversa entre os dois prosseguiu, o que me fez ainda mais nervosa.

— SÉRIO? — Vicente indagou entre dentes, evidenciando a sua raiva. — Sim, Sr. Moraes. É claro que eu entendo... nós voltaremos hoje. Não se preocupe.

Não! Sacudi a cabeça, alarmada.

Eu não desejava voltar, eu não queria voltar! Não ainda.

— Eu direi a ela, pai. Claro que escutei, o senhor não precisa se dar ao trabalho de repetir, miséria!

Assim que encerrou o telefonema, Vicente jogou o corpo para trás. Sentando-se no chão à minha frente. Os braços fortes apoiados sobre as pernas arqueadas. Essa foi a primeira vez que ele se mostrou neutro e isso me preocupou. Porque se havia algo que Vince não conseguia esconder eram as suas emoções. Elas eram sempre tão tempestivas, tão agitadas e transparentes, que se tornava impossível não decifrá-las.

VICENTE

“A primeira pessoa que seu irmão desejará ver ao
NACIONAIS - ACHERON

acordar será a esposa, Vicente. Então a traga de volta e, por favor, não a deixe dirigir.”

As palavras de meu pai reverberavam em minha cabeça mesmo após o término da ligação, o que me fez ter vontade de despejar sobre ele a merda que o seu precioso filho havia feito com Maitê. Eu estava furioso. Como um animal selvagem fica quando é enjaulado. Sentia-me atado e assim permaneceria até que eu colocasse as mãos em Otávio. *Miséria, como essa situação chegou a esse ponto?*, questionei-me sem conseguir desviar os olhos de Maitê.

— Eu não quero voltar — sussurrou, apavorada. — Não estou pronta ainda.

Eu também não estava, mas a ideia nunca foi dar continuidade... a essa insensatez. Além disso, eu tinha uma vida estável em Brasília. A repartição, apartamento, amigos. Era àquele lugar que eu pertencia. *Não a esse aqui*. A verdade era que, no fundo, eu sabia que no instante em que colocasse meus pés no avião, tudo estaria acabado. Aceitar o fato não estava sendo fácil como imaginei que seria.

— Meu pai espera pela gente — disse a contragosto. — Fora que... eu não abro mão de estar naquele hospital quando o desgraçado do seu marido acordar.

Maitê arregalou seus olhos.

— Você não fará nada.

— Não? — perguntei, incrédulo.

Essa mulher me conhecia, merda. E era claro que eu faria algo.

— Olha... eu entendo que esteja furioso, louco para colocar Otávio contra a parede, mas isso não lhe dá o direito de se meter no meu casamento.

— Colocar Otávio contra a parede é pouco perto do que pretendo fazer, Maitê. Eu vou...

— Você não vai anda! — Sua reação me deixou surpreso.

— O que isso significa? Não me diga que pretende continuar casada com aquele miserável!?

Maitê se levantou da poltrona, desviando o seu olhar.

— Não faço ideia do que você planeja fazer, Maitê, mas eu não irei permitir que aquele filho da mãe volte a encostar em você. Fui claro? Esse casamento, minha pequena, ele acabou!

Ela soltou o lábio, que havia mordido com força.

— Eu não vou admitir que se intrometa na minha vida e cause um desastre. Seu irmão é problema meu, um que eu pretendo resolver.

— Como? E quando? — Ela não respondeu. — Ou você pretende esperar até a próxima surra? Até a próxima vez que ele perder a cabeça e te bater?

Eu a vi engolir em seco e me odiei por isso. A última coisa que desejava era machucar essa mulher.

— Otávio não pode saber o que aconteceu aqui, por favor, ele não pode.

— Por que não? — Eu não entendia. — O que tem escondido de mim? Por que não pode ser sincera ao menos uma vez, porra?

— Por que eu deveria? — contra-atacou, revoltada. — Na primeira oportunidade que surgir você irá voltar para Brasília e me esquecer... esquecer a todos nós! Será como se nada tivesse acontecido, você não ficará para ver o resultado da sua intromissão, nem ao menos sairá afetado, Vicente!

— O que...

— Eu escutei a sua conversa. Você irá embora... São Paulo não é o seu lugar. Não há nada o prendendo aqui, não é

mesmo? — Porra. — Procure se lembrar desse pequeno detalhe antes de se achar no direito de destruir a minha vida outra vez!

— Destruir a sua vida? Outra vez?

— Quem você acha... que ficará aqui para lidar com a fúria de Otávio, Vicente? Eu serei a única a sofrer as consequências...

— Se a sua preocupação for essa, eu estou disposto a cuidar de tudo antes de partir.

— Que generoso da sua parte — disse com sarcasmo, sacudindo a cabeça. — O que parece não entender, senhor delegado, é que eu não preciso que você *cuide* de nada. Eu venho fazendo o meu melhor há nove anos...

— Você só pode estar de brincadeira comigo, caralho! Você vem fazendo o seu melhor? — Ela me fitou horrorizada após o meu grito. — Olhe para você, Maitê, para a vida que leva. Você é uma sombra da garota que eu conheci... Está presa em um casamento abusivo, tão afundada em autopiedade que não é capaz de deixar o miserável que a agride!

— Eu te odeio — desse com mágoa, afastando as minhas

mãos, que tremiam. — Odeio que tenha me deixado para trás, que tenha permitido que Otávio entrasse em minha vida. Eu. Te. Odeio... por tudo o que passei depois que foi embora. Odeio, Vicente! Odeio! — Maitê se debateu, socando o meu peito em um esforço inútil.

— Pare com essa merda! — ralhei, nervoso. — O que acha que eu sinto quando penso que... era para ter sido a gente? Que a nossa vida... deveria *ser essa*. Você e eu. Casados! Deveria ter sido a gente, Maitê...

Mas acima de tudo, deveria ser o meu anel no dedo dela. O meu, e não o de Otávio!, pensei, puxando-a de volta e a beijando com desespero. Meus dedos enrolando um punhado de seu cabelo enquanto eu explodia de raiva por dentro.

— Eu te odeio... — Eu a escutei dizer em meio ao beijo coberto de lágrimas.

Quando dei por mim, nós dois estávamos debaixo do chuveiro, completamente nus. Nossas roupas sendo tiradas com impaciência, nunca afastando a boca um do outro. Vapor quente cobriu nossos corpos, assim como a rajada de água escorrendo pela nossa pele enquanto eu a penetrava. Havia tanto desejo de estar dentro dela, que foi impossível raciocinar naquele momento. Otávio, meu pai... a nossa

NACIONAIS - ACHERON

discussão. Nada parecia ter importância. Cada beijo que deixei em sua boca, cada puxão de cabelo e gemido que escutei... foi com o desespero de quem sabe ser o último. Nós estávamos nos despedindo, e, eu juro, nunca imaginei que ao propor que ficássemos juntos eu veria o meu coração quebrado de novo. Essa merda nunca passou pela minha cabeça.

Soquei os azulejos molhados, sentindo-a me apertar com suas coxas enquanto eu me enterrava profundamente nela.

— Vince — Maitê gemeu meu nome, olhando-me sôfrega.

— O que foi, amor?

Seus longos e úmidos cílios piscaram diante da minha atenção. Deslizei meu olhar para a sua boca entreaberta e senti cada parte do meu corpo doer por dentro. Eram as feridas causadas pelos malditos cortes que nunca consegui suturar.

— Acabou, não é? — Eu a encarei. Não sei por quanto tempo, poderiam ter sido horas, dias. Eu apenas a encarei. Incapaz de responder. Maitê soluçou quando suas costas bateram no azulejo frio enquanto eu detinha as estocadas,

desejando apenas senti-la por dentro. O seu calor, a sua textura. Querendo gravar essa sensação e nunca mais esquecer.

Apertei-a contra a parede ao, finalmente, constatar a verdade.

Eu ainda amava essa mulher.

E esse era o motivo pelo qual era tão difícil perdoá-la.

O restante do dia passou como um borrão para nós dois. Maitê e eu nos despedimos dos Meireles, que se mostraram animados com a notícia a respeito da *possível* melhora de Otávio. Assim como o Sr. Moraes insistiu, e reconhecendo o estado crítico em que Maitê se encontrava, eu assumi a direção enquanto ela se alternava entre dormir e lançar olhares perdidos através do vidro da janela. De vez em quando, acordando assustada ao meu lado.

O que me deixou ainda mais preocupado.

— Esses pesadelos são recorrentes? — perguntei a certa altura, procurando manter uma conversa civilizada.

NACIONAIS - ACHERON

O silêncio me fazia agitado, e o único motivo pelo qual não havia perdido a cabeça ainda era porque havia assumido a direção.

— Não — respondeu lacônica. Seu dedo acompanhando algumas das gotas de chuva que escorriam pelo vidro ao seu lado.

Olhei rapidamente as suas pernas, revestidas por jeans e meias grossas nos pés, que se encontravam sobre o banco de couro do Rover. Maitê parecia uma criança com medo, pensei angustiado.

Conforme nos aproximávamos de São Paulo, a apreensão que ambos sentíamos se tornou um elefante branco entre nós dois. Um enorme e pesado elefante branco. Assim como o nervosismo dela, que cresceu substancialmente.

Tome-a para você... tome-a para você, era o que minha consciência dizia.

Torná-la minha talvez fosse algo impossível, àquela altura. Acabar com seu casamento, não.

Diminuí a velocidade ao chegarmos ao condomínio, e Maitê enrijeceu assim que abriu os seus olhos, surpresa por se dar conta de que já estávamos *em casa*. Estacionei o carro na

garagem externa, atrás da piscina, e apoiei as costas no banco de motorista. Contrariado, mas sem outra opção, eu retirei a sua aliança do bolso da minha calça e a coloquei sobre o painel do carro, presenciando a maneira horrorizada com que Maitê encarou a joia. Com as mãos tremendo, ela a recuperou e colocou em seu dedo, fitando-a com uma careta de desgosto em seu rosto.

— Abra a porta, Vince — sussurrou instantes depois, assim que percebeu que eu não havia destrancado o carro. — Nós já nos arriscamos muito, alguém pode nos ver.

— Isso é tudo o que te preocupa? Que alguém possa nos ver? — questionei. — Nós não estamos fazendo nada de errado aqui, Maitê, e você sabe! Ou vai me dizer que permanecer em seu carro, conversando, irá nos colocar em problemas?

— Abra a porta — voltou a pedir, dessa vez, olhando para longe.

Respirei fundo, odiando a distância em que nos encontrávamos. Não só física, quanto emocional. A *porra do elefante branco* permanecia entre nós dois.

— Você precisa deixar o meu irmão — insisti. — Esse

casamento tem que acabar.

Sem paciência, Maitê se inclinou no banco e destravou ela mesma o carro.

Antes de sair, porém, ela se virou uma última vez.

— Você, por acaso, já considerou a possibilidade de que eu possa ter tentado deixar o Otávio? Que o motivo de eu ainda estar com ele não é porque eu estou esperando a próxima surra, e sim porque... o filho da puta não me deixa sair deste casamento?

— Porra, Maitê! — Soquei o volante, transtornado.

Não era possível...

— Você precisa parar de inventar desculpas para me odiar, Vicente. Quando não é uma coisa, é outra, eu nunca estou certa, nunca estou dizendo a verdade. Você está tão decidido em ter a mim fora da sua vida que... não consegue enxergar o que está bem diante dos seus olhos.

Estive a ponto de chamá-la de volta, de pedir desculpas pelo meu rompante e garantir que tudo ficaria bem, mas o Sr. Moraes escolheu, justamente, esse momento para aparecer na garagem, interceptando Maitê, que o abraçou, como de costume.

Observei, ainda do carro, a interação entre os dois. A preocupação evidente de meu pai em relação à sua nora. Sem entender como ele foi relapso a ponto de não enxergar os sinais, como ignorou por tanto tempo o sofrimento de Maitê. O infeliz vivia em uma bolha.

— Merda! — Soquei outra vez o volante, querendo descontar a frustração em algo. Qualquer coisa.

O único problema... era que nada que eu socasse naquele momento conseguiria me acalmar. Havia uma só pessoa, um único rosto, que, se acertado, seria capaz de diminuir a minha raiva. E esse rosto era o de Otávio.

ÁGUA FRIA

A desilusão é uma das piores dores!

Herlber Chin Ku

MAITÊ

Entrei no hospital na manhã seguinte, acompanhada do meu sogro, que insistiu para que conversássemos com o neurocirurgião. Concordei, esgotada demais para entrar em uma batalha desnecessária com Homero. Desde o instante em que coloquei meus pés naquela casa, eu me sentia entorpecida. Presa em um transe. Tentei me convencer de que me fechar para o mundo exterior era melhor do que pensar em tudo que acontecia ao meu redor. E foi por essa razão que eu me obriguei a não pensar.

O esforço foi inútil, é claro. As marcas escuras abaixo dos meus olhos eram a prova de que a ausência de Vicente foi sentida a cada minuto da última noite. Meus lençóis estavam suados, revirados. E, assim como a minha vida, eu estava uma bagunça.

— Você está calada essa manhã, querida. Aconteceu algo que eu deveria saber? — Homero indagou, mostrando preocupação.

Observei-o, como se o enxergasse pela primeira vez. Incapaz de sentir uma emoção, que não raiva.

— Estou cansada, Sr. Moraes. A viagem foi... exaustiva.

Em tantos sentidos que eu não podia sequer explicar.

— Vicente se comportou? — Seu olhar foi inquiridor.

— Hum-hum — murmurei, apressando o passo.

Adiantei-me pelo corredor, desejando a liberdade de poder fugir pela primeira porta de emergência que encontrasse.

Como desconfiei, eu não estava em meu normal hoje.

— Agora que Otávio está prestes a acordar seria bom que você... e Vicente se afastassem, querida. E quando digo isso, eu também me refiro aos encontros tarde da noite na piscina.

— Estaquei ao escutá-lo. — Não gostaria de vê-la sair magoada dessa história. — Procurei pelo seu olhar, tendo a confirmação.

Não foi Verônica ou algum outro empregado da casa

quem nos flagrou juntos, foi Homero.

— O senhor... — Como ele podia se mostrar tão indiferente ao que presenciou?

— Seria bom esquecer tudo e, se possível, deixar essa viagem de vocês em segredo. Não quero que o meu filho se preocupe com bobagens. Você entende, não é?

Bobagens. Era assim que ele enxergava a minha traição: como uma bobagem.

Afastei-me revoltada, impondo espaço entre mim e meu sogro. Homero me permitiu ficar sozinha, mesmo que por poucos minutos. Quanto à sua preocupação a respeito de Otávio, eu tinha que admitir que ele estava certo. O melhor seria que meu marido não soubesse nada a sobre a viagem. Eu até preferia que fosse assim.

Pouco tempo depois, graças a Deus, o neurologista apareceu e nos acompanhou até a sua sala.

— Podemos nos sentar? — o doutor sugeriu. — Como devem imaginar, Otávio está passando por exames neurológicos agora, tais como tomografia, ressonância magnética do encéfalo e uma angiografia. O resultado desses exames é que irá nos dizer como proceder com o tratamento

dele daqui em diante. — Ele fez uma pausa, deixando em aberto para que tirássemos alguma dúvida. Quando isso não aconteceu, o médico prosseguiu. — A diminuição do inchaço cerebral de Otávio nas últimas 48 horas foi fundamental para que obtivéssemos uma resposta neurológica dele.

— Isso significa que ele irá acordar em breve — meu sogro repetiu o que havia sido dito no dia anterior.

— Não podemos garantir nada, Sr. Moraes, mas eu e a equipe médica responsável pelo caso do seu filho estamos muito otimistas. Tanto que conversamos com o senhor ontem — ele o lembrou. — O único adendo é que precisamos estar preparados para o risco de uma reincidência e, claro, das possíveis sequelas.

— Reincidência? — meu sogro questionou.

— Nós não queremos descartar nenhuma possibilidade. O AVC do seu filho não foi um dos mais simples, Sr. Moraes, foi um hemorrágico, que é considerado um dos mais graves. Minha equipe está preparada para prestar a assistência necessária ao Otávio durante a recuperação, e isso inclui antever possíveis complicações. — Homero assentiu, em silêncio.

— Façam o que tiver que ser feito — disse, após algum tempo. — O que desejo é que o meu filho sobreviva.

O médico lhe deu um sorriso plácido e pediu que não nos preocupássemos, pois o pior havia passado e o mais provável era que, em questão de horas, Otávio despertasse.

Após a conversa eu deixei meu sogro em casa, garantindo a ele que estaria atenta ao telefone. Assim que me vi sozinha, eu dirigi até o abrigo. A paz que sentia ao estar naquele lugar era o que eu precisava hoje. Então aproveitei que não estava sendo esperada na construtora até amanhã, já que, se a viagem tivesse saído como planejado, nós estaríamos de volta apenas essa tarde.

Um dia inteiro nos foi tirado, pensei consternada.

Assim que cheguei em frente à casa de arquitetura antiga, bem conservada, eu saí do carro e toquei a companhia. Torcendo para que Gabriel estivesse presente. Como sempre acontecia, fui recebida por uma das voluntárias do abrigo, que abriu um sorriso genuíno ao me ver. O Morada era mantido principalmente por doações feitas de empresas privadas e instituições financeiras, abrigando temporariamente mulheres vítimas de abuso que não tinham para onde ir. Hoje, o abrigo também trabalhava em parceria com o governo, o que o fazia

receber um número intenso de voluntários. Pessoas dispostas a ajudar e que se solidarizavam com os inúmeros casos que chegavam quase que diariamente.

Não era uma tarefa fácil prestar aconselhamento jurídico, psicológico e assistencial a todas essas mulheres e crianças. Mas Gabriel e os outros voluntários do projeto se esforçavam.

— O Gabriel está na sala dele — a moça me informou.

— Ele está com alguém? — procurei saber.

— Sim, uma... criança. Ele chegou há alguns dias com a mãe, ainda está um pouco assustado, sabe? — Sim, eu achava que sabia.

Fui deixada sozinha na antessala, ciente de que nesse horário as mulheres da casa deveriam estar todas ocupadas. Muitas participavam de cursos profissionalizantes que o abrigo oferecia durante o dia, outras ajudavam como podiam enquanto também eram ajudadas.

Chegando ao consultório do Gabriel, eu hesitei ao encontrar a porta aberta. Com anos de formação e uma especialização em psicologia infantil, Gabriel tinha um talento nato com crianças. Não querendo atrapalhar, eu me detive e acabei escutando, sem querer, parte da conversa dele

com o garotinho sentado à sua frente, que parecia nem um pouco à vontade.

Eu te entendo, pequeno, pensei ao cruzar os meus braços.

Serena dizia que era masoquismo da minha parte estar ali, escutando todos os relatos de mulheres que passavam pelo mesmo que eu. O que ela não entendia era que estar aqui me proporcionava força para continuar. Proporcionava-me paz. Um sentimento talvez egoísta de que eu não estava sozinha nesse mundo. Que outras pessoas sofriam tanto ou mais do que eu sofria. Não que fosse uma competição de traumas e dores. Porque não era.

Notando a minha presença, Gabriel abriu um sorriso comedido e me convidou a entrar. Minha aproximação foi lenta, o que chamou a atenção do garotinho, que não deveria ter mais do que seus seis anos. Como costumava fazer com todos por quem nutria algum carinho, eu beijei o rosto de Gabriel e sentei ao seu lado no sofá de dois lugares, olhando diretamente para os olhos amedrontados da criança.

— Diego, essa é a minha amiga, Maitê — Gabriel nos apresentou. — Maitê, esse é o Diego. — Pela maneira como olhou para mim, eu imaginei o quão complicado deveria ser o seu caso. — Você poderia fazer companhia a ele por um

NACIONAIS - ACHERON

segundo apenas? — pediu, e eu assenti.

— Você também precisa conversar? — o pequeno perguntou assim que nos vimos a sós.

— O quê?

— Conversar com o moço, você também precisa? — Era isso que ele acreditava que eu fazia aqui?

— Sim — disse, reconhecendo o fundo de verdade em minha resposta. Gabriel e eu pouco falávamos a respeito do meu casamento, mas eu achava que, no fundo, ele sabia. — Eu também preciso conversar com ele, e quer saber? É bom desabafar com alguém, pequeno. Dividir a nossa dor... faz bem ao coração. A torna menor — murmurei a última parte. Ignorando o quão hipócrita eu estava sendo por dizer isso a ele.

— Não sou eu que estou com dor... é a minha mãe. Eu não preciso conversar. — Ele pareceu não acreditar em mim e cruzou os bracinhos pequenos em frente ao corpo. Olhando-me sério, com visível desconfiança.

Encostei-me no sofá, arrasada. Enxergando nesse garotinho mais do que gostaria. O seu medo, a vontade de proteger a mãe dele e... não poder.

— Sua mamãe também vai conversar com alguém, Diego. E sabe o que mais? — Eu me aproximei, passando a mão em seu rosto. — Eu tenho certeza que tudo irá ficar bem, que você e ela serão muito felizes quando tudo *isso* acabar.

— Como você sabe?

— Eu sei porque acompanhei outros garotinhos como você, todos eles sentiam a mesma dor, pequeno. E ela passa.

O espertinho me encarou, procurando por sinais de mentira.

— Meu pai bateu na minha mãe — admitiu por fim. Os olhinhos cheios de lágrimas. — Bateu muito. Ela não acordava e eu... fiquei com medo. Comecei a chorar... eu não deveria ter chorado — ele se culpou, cortando o meu coração.

Sem pensar, eu abracei o seu pequeno corpo, confortando-o.

— Você não fez nada de errado, Diego. Qualquer outro garotinho em seu lugar teria chorado também. Você é apenas uma criança, não tem por que se culpar.

Foi assim que Gabriel me encontrou ao voltar para a sua sala. Ao contrário do que fiz antes, ele não entrou nem interrompeu o momento. Apenas me olhou, sorrindo

entristecido e se afastou, deixando a mim e Diego sozinhos novamente.

— Obrigado por acalmá-lo, Maitê. Eu não fui o único a tentar fazer com que ele conversasse, mas Diego tem se mostrado irredutível. — Gabriel explicou o caso dele enquanto caminhávamos até a cafeteria que ficava na quadra do Morada.

Apesar de tudo o que havia acontecido, estava um dia bonito. Ensolarado. O que fez com que escolhêssemos pegar uma das mesas externas localizadas na calçada.

— Não foi nada, ele só se abriu comigo porque pensou que eu estava ali para conversar também.

— Talvez ele tenha reconhecido o seu sofrimento. — Ignorei seu comentário.

— Diego sente culpa, Gabriel. Ele acha que deveria ter protegido a mãe — disse após receber o meu café, mexendo o açúcar dentro da xícara com a bebida quente.

— Muitos se sentem. As crianças demoram a aceitar que

NACIONAIS - ACHERON

não é função delas proteger a mãe, mas até chegarem a entender, a cabeça deles já está confusa. O abuso, físico ou psicológico, faz isso. Confunde a mente da vítima. Faz com que ela ache impossível sair dessa situação, com que sinta culpa. — Gabriel afastou o olhar dos movimentos que eu fazia em minha própria xícara e os fixou no meu rosto. — Quando irá se abrir comigo, Maitê? Me contar a sua história?

— Quando eu estiver pronta? — arrisquei.

— Então há mesmo uma história — disse, obtendo a confirmação que precisava. — Só quero que saiba que, quando esse momento chegar, eu estarei aqui para te ouvir, tudo bem? Não importa a hora ou o dia... só quero que saiba que pode contar comigo. — Balancei a cabeça e lhe dei um pequeno sorriso de agradecimento. Contento por saber que o tinha em minha vida.

Era fim de tarde quando peguei o caminho para casa, cantarolando baixinho a música em meu carro. Reconhecendo a maneira estranha como esses momentos me acalmavam. Talvez tenha sido por isso que não fiquei com traumas após o acidente, pelo menos não relacionados à direção.

*I've been losing my religion
Making trouble for myself
And these nights are getting longer
You know I just need your help
I keep running for you, baby
And it's eating me alive
I'll be dying for you, baby
'Till you'll bring me back to life⁵*

O breve instante de sossego foi interrompido pelo telefonema do meu sogro, reconhecido assim que o seu número surgiu no painel digital do Rover.

— Onde você está, Maitê? — Homero perguntou quando o atendi.

— Estou indo para casa. Por quê?

— Retorne e me encontre no hospital, querida. Otávio... ele acordou. — Senti-me golpeada, novamente. Outra e outra vez. Droga, eu iria vomitar. — Está me escutando, Maitê?

— Estou.

— Se precisar, pare o carro no acostamento e me ouça...

— Não, eu... estou bem. — Mentira, eu não estava bem.

Eu não estava nem perto disso.

— Querida?

— Eu estou bem, Homero... chego aí em poucos minutos.

Após encerrar a ligação, eu fiz como ele sugeriu e parei o carro no primeiro acostamento que encontrei. Não pensei duas vezes e saí do Rover, vomitando tudo na estrada, até sentir a garganta arranhar e o estômago protestar.

Os poucos minutos que prometi a ele se transformaram em duas horas. Chegar ao hospital não foi difícil. Difícil foi sair do carro. Convencer meus pés a entrarem e fingir estar feliz. Sem estômago para a farsa, eu permaneci por todo aquele tempo sentada em meu carro. Ignorando cada uma das ligações que recebi.

Serena, Homero... Vicente.

Eu não desejava falar com nenhum deles.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

A VERDADE MACHUCA

*Pouca sinceridade é uma coisa perigosa,
e muita sinceridade é absolutamente fatal.*

Oscar Wilde.

VICENTE

Andei através do extenso corredor do hospital, deparando-me de imediato com meu pai e Marcelo no final dele. Ansiando pelo maldito confronto com Otávio, eu consegui atravessar a cidade em menos tempo do que normalmente faria. Fervendo por dentro ante a perspectiva de colocar os meus olhos sobre o filho da puta do meu irmão. Miséria! Eu podia até mesmo imaginar os conselhos que Luiz daria caso me visse nesse momento, mas duvidava que o meu amigo teria uma reação diferente da minha, se estivesse em meu lugar.

— Maitê não está aqui? — perguntei, notando a sua ausência, que só podia significar duas coisas: ou ela já estava no quarto com o miserável, ou ainda não havia chegado. Uma

parte de mim rezou para que se tratasse da última opção, porque eu não a queria perto de Otávio.

— Quando telefonei, ela estava indo para casa. Mas isso faz mais de uma hora, acredito que ela tenha encontrado trânsito no caminho — meu pai explicou, o que me fez franzir o cenho. Não havia trânsito algum, eu cursei o mesmo caminho que ela teria que percorrer e podia garantir que não havia nada na estrada para justificar todo seu atraso.

“Você precisa parar de arrumar desculpas para me odiar, Vicente.”

As palavras de Maitê voltaram.

Era isso que eu vinha fazendo, não era? Procurando motivos para odiá-la, para mantê-la afastada. Sem perceber, surgiam desconfianças e acusações absurdas apenas para me convencer de que estava certo em tê-la deixado para trás.

— E Otávio, como ele está? — perguntei impaciente, querendo obter mais informações.

Sei que havia a possibilidade de ele acordar com sequelas, mas esperava, de verdade, que não fosse esse o caso. Não porque me encontrava preocupado, assolado por um instinto fraterno, e sim porque não suportaria adiar o

nosso confronto.

— Consciente. Os médicos acreditam que não houve sequelas severas, ele está se comunicando, apenas com um pouco de dificuldade de se mover. Mas isso é normal, dado o AVC. A equipe médica agora está à espera dos resultados dos exames, para que possam avaliá-lo melhor — Marcelo explicou, daquele jeito soberbo dele.

Fora o infeliz, aliás, quem me avisou a respeito do despertar de Otávio.

— Eu quero entrar — disse, olhando diretamente para o advogado.

Essa era a razão de eu estar em São Paulo, não era?

— Não acho que seja uma boa ideia, Vicente — meu pai interveio, sério. — A última coisa que seu irmão precisa no momento é se alterar, você pode não se preocupar com o bem-estar dele, ou até mesmo respeitá-lo, mas eu o faço.

Que merda era essa? Olhei furioso para o meu pai.

— Não vou lembrar ao senhor por que motivo eu não respeito o seu filho, Sr. Moraes. Percebi que é perda de tempo tentar convencê-lo a entender essa situação, mas se eu estou nessa maldita cidade é porque Otávio insistiu. Então, não, eu

não sairei daqui até conseguir falar com ele.

— Vicente. — O Sr. Moraes pronunciou o meu nome como um aviso, que eu, claro, ignorei.

— Deixe-o, Sr. Moraes. Vicente e Otávio precisam ter uma conversa — Marcelo interferiu. — Acredito que seus filhos precisem superar essa desavença... tenho certeza, aliás, de que o motivo pelo qual Otávio o chamou deve ser justamente esse: um entendimento.

Olhei incrédulo para o advogado, nem um pouco seguro quanto as reais intenções do meu irmão, e me afastei. Disposto, sim, a entrar naquele quarto. Otávio não se encontrava mais na UTI, e por isso tinha agora um horário de visitas mais maleável, por assim dizer. Deixando ambos para trás, eu cheguei ao meu destino, deparando-me com um homem bem mais magro do que estava há alguns dias.

Percebendo que o infame dormia, puxei uma das poltronas e me sentei ao seu lado. Observando-o, enquanto buscava entender o motivo que o levou a fazer o que fez, porque ferir a minha garota...

Porra! Maitê não era minha. Era dele.

Como se soubesse que já não estava mais sozinho, o

rosto que pendia para o outro lado do quarto se moveu, transformando-se em uma expressão característica que somente um homem irado teria. Os olhos castanhos, da mesma cor que os meus, reagiram à minha presença. E não de uma maneira positiva, o que mostrava que eu estava certo em desconfiar das palavras de Marcelo, porque Otávio não desejava perdão, sequer entendimento.

Era isso o que a minha intuição gritava em meus ouvidos.

— Então, você veio.

— Por que estou aqui, Otávio? — exige saber, inclinando-me para frente. Ainda sentado em meu lugar. — Por que me trazer de volta? — O infeliz permaneceu calado e eu decidi jogar a merda no ventilador. Indo na contramão da prudência. — Você queria que eu soubesse o que tem feito com a minha garota? É isso, seu filho da puta?

— Ela é minha. — Aí estava.

— E por ser sua, você se achou no direito de machucá-la? De bater na mulher que eu amei? Que merda você tem na cabeça, Otávio? — Levantei-me nervoso, ciente de que deveria me calar. — Juro que estou contando os minutos até

que você coloque o pé fora desse hospital. E quando isso acontecer, irmão, você vai ter desejado nunca ter saído. Porque eu irei acabar com você! — esbravejei, alterado.

— Maitê... mentiu.

— Mentiu? — Sacudi a cabeça, incrédulo. — O que são todas aquelas marcas no corpo dela, então? Eu vi, Otávio. Vi com meus próprios olhos. — Ele assimilou as implicações do que eu dizia, ficando irado a ponto de forçar o seu corpo. Um intuito claro de se levantar, quando, aparentemente, não podia.

A minha intenção sempre foi a de esfregar a *fraqueza de Maitê* na cara do maldito. Dar o troco na mesma fodida moeda. Mas a consciência dentro de mim sabia que, depois do que aconteceu no *resort*, eu não deveria dizer nada. Muito menos colocá-la na reta de fogo como estava fazendo. Só que eu não podia, pensei exasperado. Por mais que reconhecesse os sentimentos ainda vivos por aquela mulher, eu não podia me calar. O ressentimento que acumulei por tantos anos era um veneno velho, espalhado pelo corpo à espera do momento apropriado de fazer efeito.

E que Maitê me perdoasse, mas o momento era esse.

— Fique... longe dela! — o infeliz balbuciou. Seu rosto ficando vermelho.

Não faça isso, Vicente. Não o provoque mais... você vai ferrar com tudo.

— Tarde demais, Otávio — falei, silenciando as duas vozes. A do meu irmão e a da minha consciência. Otávio se revoltou sobre a cama, e eu tive certeza de que se o maldito tivesse força para tanto, ele me socaria. Porra, como eu desejava que ele o fizesse. Só assim eu poderia revidar. Deixá-lo na lona. — Você compreende, não é? Também não conseguiu ficar longe quando ela era minha. — Não havia prazer nenhum em revelar a verdade, e se a vingança era um prato que se comia frio, ela tinha um gosto terrível. Amargo. Seco. — Pelo menos agora nós estamos quites.

— Desgraçado!

— O único desgraçado aqui é você, irmão — rosnei, o amaldiçoando. — Se era para roubar a minha garota, que pelo menos tivesse cuidado dela. A amado, porra!

— Mas eu... a amo.

— Não, seu doente, você não ama! Você só a destruiu, ferrou com a cabeça dela!

— Você fez.

— Eu? Eu, Otávio? — cuspi, fervendo enquanto apertava o punho.

Afastando-me antes de cometer uma loucura, como, por exemplo, bater no filho da puta acamado.

— Si-sim. Você fez — disse, sem nenhum discernimento.

— Por que a machucou? — Não que fizesse diferença, motivo algum lhe daria razão. Eu só precisava saber. Obter as respostas que precisava e que ninguém parecia disposto a me dar. — Se você a ama como diz, por que a feriu? Maitê está quebrada, irmão.

Otávio me encarou, um brilho cínico atravessando o seu olhar. Eu o conhecia por toda a minha vida e nunca desconfiei desse seu lado. Nunca enxerguei o monstro dentro dele. Pensei em Maitê, em tudo o que ela teve que suportar sozinha... o desespero em que ficou quando revelei que teríamos que voltar. *Droga!*

— *Minha esposa...* pediu por isso. — Foi como levar um soco na boca do estômago. — Ela pediu que eu... fizesse tudo aquilo.

— Otávio. — Eu não podia acreditar que ele iria por esse caminho.

— Ela... gosta, Vicente.

— Cale a porra da sua boca! — Perdi a calma. — Deixe esse hospital e eu juro... que te faço voltar pior do que quando entrou! — Ele fez uma careta, mostrando-se nervoso por não ser capaz de falar sem perder o fôlego. — Eu nunca mais permitirei que volte a encostar o dedo nela. Nunca mais, Otávio. Essa loucura acaba aqui!

— Você sempre... foi um péssimo perdedor. Estava tão seguro do amor de minha esposa... chegou a comprar aquele anel... — disse em meio a uma tosse austera enquanto eu via tudo vermelho na minha frente. Odiando ser lembrado dos planos que fiz. — Só nunca imaginei que fosse tolo também, o tipo de homem que... esquece uma traição.

E eu não era.

— Você é? — questionei, aproximando-me dele. Minhas mãos inquietas, sentindo a necessidade de socar a cara do filho da puta. — Porque, Otávio, eu passei os últimos dias fazendo amor com a mulher que você chama de esposa. Tomando-a de maneiras imagináveis, matando toda a saudade

que eu senti. — Ele grunhiu sem se mover. — Eu posso não ter sido o suficiente para Maitê, mas, pelo visto... você também não foi. — Ri, sem humor. Sentindo a garganta arranhar por estar dizendo tudo isso. — E você está certo, eu não sou capaz de esquecer, mas acho que agora seremos dois, meu irmão.

Otávio grunhiu algo indiscernível, agitando-se sobre a cama.

— Afasta-se dele, senhor. — Olhei para a direção de onde vinha a voz e, além da enfermeira, deparei-me com os olhos cor de mel de Maitê. Vidrados em mim. Seus dedos seguravam o pingente que eu havia lhe dado, enquanto ela lutava contra as lágrimas.

Logo atrás dela, estavam Marcelo e o meu pai. Os três olhando-me como se tivessem escutado cada palavra que pronunciei.

— Eu quero que todos vocês deixem o quarto, agora — a enfermeira voltou a dizer, agora nervosa ao ver o estado alterado em que Otávio se encontrava.

Seguimos até o corredor, e a voz do miserável do Marcelo foi a primeira coisa que escutei.

— Você conseguiu, não é? — Eu não fazia ideia do que esse infeliz pensava que eu havia conseguido. Porque tudo o que conseguia enxergar era o rosto alarmado de Maitê. A decepção que parecia sentir. Eu a tinha humilhado, não foi minha intenção, mas eu tinha feito. — Pelo menos agora todos sabemos por que voltou. Não foi por estar preocupado, muito menos para perdoá-lo, não é? — Eu o encarei, prestes a perder a cabeça. — Admita, Vicente... tudo o que você queria era se vingar.

As palavras fizeram com que Maitê ofegasse, um som torturado escapando de sua boca, denunciando o seu choque.

— Otávio nunca desejou o meu perdão — rosnei, ainda preocupado com Maitê, que, assim que percebeu a minha intenção de ir até ela, recuou, se colocando sob a proteção do meu pai, que segurou seus ombros.

— Maitê... — eu a chamei com cuidado, querendo que ela me ouvisse. Mas tudo o que fez foi me encarar com aqueles olhos inundados de perplexidade.

— Se você não estivesse tão ansioso em esfregar na cara do seu irmão que dormiu com a esposa dele, saberia que ele desejava se entender com você — Marcelo continuou a falar. Colocando mais lenha na fogueira.

— Não me venha com essa merda, Marcelo! Você é tão filho da puta quanto Otávio e sabe melhor do que ninguém que fui chamado aqui porque o seu cliente pensou que fosse morrer. Eu não entendi, a princípio, mas agora compreendo.

Otávio era egoísta até à beira da morte. Eu não havia sido *solicitado* para que pudesse ouvir um pedido de desculpas, não. O que meu irmão desejava era reavivar a minha raiva. Garantir que eu não voltaria a tocar no que considerava como dele nem mesmo após a sua partida.

Mas o infeliz não havia partido, não é mesmo? E, agora, eu era uma ponta solta em seu plano. Uma ponta inconveniente, pelo que começava a perceber.

— Você foi baixo em arrastar a sua cunhada para a cama, Vicente. A coitada estava tão vulnerável... tão confusa. — Eu me coloquei na sua frente, sentindo asco pela Maitê ao ver a maneira diabólica com que ele a olhava. — Ela foi uma presa fácil, não foi? Aposto que foi a maneira mais rápida de você conseguir o que veio buscar...

Eu não pensei. Não usei a cabeça, caralho! E como não podia descontar o meu ódio no homem que destruiu a minha vida, eu o faria com um substituto à altura. Quando dei por mim, já havia levado Marcelo ao chão. Meu punho acertou a

NACIONAIS - ACHERON

sua cara por pelo menos três vezes, antes que um dos enfermeiros me segurasse. Olhei para o lado, vendo o rosto horrorizado de Maitê. Vulnerável. E me debati até ser solto. Ao seu lado, meu pai permanecia calado. Furioso comigo e com a bagunça que eu estava causando em um dia pelo qual ele tanto esperou.

Vozes foram escutadas ao redor, mas eu não fazia ideia de quem as emitia ou o que era dito. Minha atenção estava inteiramente voltada para a única pessoa que importava, *que sempre importaria* e que, por desgracia, havia acabado de dar as costas a toda a situação. Escapando por entre as enfermeiras e fugindo do alvoroço formado. Esse foi o momento que compreendi o tamanho do erro que cometi.

Maldição! Eu coloquei o meu orgulho na frente do amor que sentia por Maitê e começava a suspeitar de que não era a primeira vez que agia assim.

Sem olhar para ninguém, eu tentei passar. Ir atrás dela. Mas meu pai decidiu intervir e me deter.

— Deixa-a em paz, Vicente. Você já causou estrago demais por hoje.

Era só o que me faltava.

— Se você acha que o que eu fiz foi um estrago, espere até saber o que o seu filho fez com aquela mulher. — Apontei para a direção em que Maitê desapareceu.

— Não me diga que você acreditou nela... — Marcelo se intrometeu na conversa.

— Você ainda está falando, porra? — Eu me virei, fazendo-o se encolher como o covarde que era.

— Chega, Vicente.

Chega? Eu não havia nem começado.

— Como pôde não ver o que acontecia, pai? Em poucos dias dentro daquela casa eu percebi que havia algo de errado com Maitê, e você... por todos esses anos...

Eu esperava que o Sr. Moraes, realmente, não soubesse de nada. Que o *descaso* com o sofrimento de Maitê tenha sido gerado pela sua incapacidade de enxergar o verdadeiro caráter de Otávio. Já havia ressentimento demais entre nós dois, e vir a descobrir o contrário, que ele sabia sobre as agressões físicas, me faria perder a fé na humanidade definitivamente.

— Não há nada de errado com a minha nora! — protestou.

— Não? Os hematomas cobrindo o corpo dela são o que,
NACIONAIS - ACHERON

então, Sr. Moraes? Se isso não significa que há algo de errado, o que é preciso para convencê-lo?

— Não diga bobagens!

— Não são bobagens, pai. Como eu gostaria que fosse o contrário, dizer que o que eu vi não passa de uma grande mentira, mas não é. Os hematomas no corpo dela... são reais.

Observei o instante em que o meu pai deu um passo vacilante, atordoado demais com o que eu tinha acabado de revelar. Verônica, que esteve na surdina até então, apressou-se em segurá-lo. Mas, ainda nervoso, ele a afastou de maneira rude, alegando não precisar de ajuda. Apenas depois de se firmar e recuperar o equilíbrio foi que ele voltou a olhar para mim.

— Eu não acredito em você. Otávio seria incapaz de machucar a mulher que ele ama. Eu passei os últimos anos convivendo com os dois, vendo-o fazer de tudo pela esposa...

— Fez uma breve pausa. — Aí você retorna e em poucos dias põe tudo a perder. Veja os absurdos que disse ao seu irmão, Vicente... Veja o estado em que deixou a Maitê! Você não tinha o direito de voltar e interferir no casamento dos dois. Muito menos de se envolver com a esposa do seu irmão. Você é um homem, e como homem deveria ter pensado antes de

fazer a merda que fez...

— Não estou surpreso, eu não esperava mesmo que o senhor acreditasse em mim ou que ficasse do meu lado. — Ele me avaliou. — Mas assim como disse a Maitê, eu direi a você, pai. Não espere que eu permita que aquele miserável lá dentro ponha as mãos na minha garota outra vez. Porque isso não vai acontecer!

— Quando irá superar o passado, Vicente? Quando deixará que eles sejam felizes? Otávio precisa dela...

— Ele precisa? E quanto ao que Maitê precisa? Toda a mudança pela qual aquela mulher passou, o medo que tem de se abrir com alguém... Isso tudo é culpa do seu filho, Homero. Eu só espero que quando o senhor conseguir enxergar a verdade, não seja tarde demais.

Dei as costas aos dois após ser *aconselhado*, por uma das enfermeiras, a me retirar do hospital, antes que fosse necessária a intervenção dos seguranças. Não me importei de estar sendo expulso, não quando assistia à minha vida desmoronar pela segunda vez.

Dizer, então, que estava preocupado com Maitê seria pouco perto da verdade. Eu estava em pânico. Com medo de

que ela fizesse alguma estupidez como a do dia em que se jogou naquela piscina. Eu sei, ela jurou que não era essa a sua intenção, mas, ainda assim, eu não podia deixar de me preocupar.

Aquela mulher não fazia ideia, mas ela continuava sendo todo o meu mundo.

Pelo caminho até o estacionamento do hospital, a lembrança do seu rosto magoado me assombrou, fazendo-me sentir o pior dos homens. Minha impulsividade não iria ser usada como defesa, eu sabia que havia sido cruel ao revelar tudo a Otávio, naquela manhã. Mas aquele infeliz mereceu escutar cada palavra saída da minha boca, esfregar tudo aquilo na cara dele foi pouco, perto do que eu gostaria de ter feito.

Não, eu não estava arrependido por fazer o que fiz. Meu único arrependimento era por ter envolvido Maitê nessa história.

— Alguma notícia dela? — Joana perguntou horas

depois, trazendo para a sala uma xícara de café forte para que eu bebesse.

Desde o instante em que deixei o hospital, eu fiz inúmeras tentativas de entrar em contato com Maitê. A princípio o seu telefone chegou a tocar, depois, passou a ir direto para a caixa-postal. Aumentando o meu desespero. O Sr. Moraes não tardou a voltar para casa, mas se restringiu ao seu quarto, ignorando a mim e a Joana pelo restante do dia. Sei que o velho estava preocupado com a nora, ele podia ser cego, relapso, mas a preocupação que sentia era genuína.

Irrequieto, eu andei pelo cômodo, apreciando a presença de Joana ao meu lado. O dia de hoje poderia ser considerado um daqueles infernais... em que todo ser humano passa por pelo menos uma vez em sua existência. Para o meu azar, o mundo em que eu vivia girava rápido demais, obrigando-me a ter os *tais malditos dias* mais vezes do que poderia suportar.

— Nada — respondi a Joana, após dar um longo gole no café. — Serena contou que as duas conversaram essa manhã, mas que não voltou a falar com Maitê depois.

— Ela pode estar mentindo? — questionou, desconfiada.

A mesma desconfiança que me fez telefonar para a

Serena, em primeiro lugar.

— Não sei. — Dei de ombros, sem garantia de nada.

A conversa com a melhor amiga de Maitê fora rápida, Serena se mostrou preocupada, mas não tanto quanto deveria, o que, para mim, significava que a loira sabia o paradeiro de Maitê. A maneira como rapidamente encerrou o telefonema mostrou também que eu seria o último homem com quem ela compartilharia tal informação.

— O que me falou é verdade mesmo, não é, menino? — Joana se sentou em uma das poltronas, ainda assustada com tudo o que eu tinha revelado. Ela era a única pessoa nessa casa em quem eu sabia que podia confiar.

— Pior que é, Jô. Meu pai não acreditou em mim, mas eu vi as marcas no corpo da Maitê, vi o hematoma... — *Senti as cicatrizes, o terror em que minha garota estava...*

— Tente entender o seu pai, Vicente. Imagine o quanto deve estar sendo doloroso aceitar que algo terrível assim tenha acontecido debaixo do seu nariz — ela defendeu o comportamento do patrão, torcendo os dedos em seu colo.

E olha que eu tentei me colocar no lugar do Sr. Moraes, juro que tentei. Mas desisti ao perceber que o esforço seria

inútil. Porque vamos combinar, que homem, em sua consciência, escutava o que escutou de mim e continuava a agir da maneira que ele estava agindo?

— Ele sempre idolatrou o seu irmão, menino.

— Eu sei, Joana. *Eu sei.*

— Pense em como deve estar a cabeça dele agora...

— Sabe o que me deixa mais transtornado, Jô? É que essas agressões vêm acontecendo há anos, não foi apenas um tapa... uma única surra. Foram várias e... eu nunca estive aqui para proteger Maitê delas.

— Não se culpe, Vicente. Ninguém nessa casa percebeu, e, se isso vem acontecendo há tanto tempo, a culpa é toda nossa. Fomos nós que não enxergamos. Quando penso em todas as vezes que poderia ter forçado Maitê a falar comigo, obrigado aquela menina a se abrir... Mas eu nunca fiz. Sempre achei que ela estivesse triste por sentir a sua falta...

— Engoli seco, lembrando as acusações que Maitê me fez.

Você nunca voltou! Você se arrepende? Você destruiu a minha vida!

Maitê me culpava e, sendo bem sincero, eu começava a achar que ela estava certa.

— Eu quero que ela deixe essa casa, que peça o divórcio ao meu irmão. — Joana me encarou, concordando. — Não conseguiria ter paz sabendo que Maitê continua aqui...

— Vocês não irão... ficar juntos? — perguntou com uma ruga em sua testa.

— As coisas não são tão simples, Jô. Mas não tem nada que eu deseje mais nesse momento do que ficar com a Maitê.

Torná-la minha. Pedir desculpas. Fazer a coisa certa dessa vez.

Por isso eu precisava falar com ela, vê-la entrar por aquela maldita porta e me deixar explicar. Ouvir-me dizer que o passado já não importava. Nossos erros, os caminhos que tomamos. Foda-se tudo. No instante em que a vi se afastar, me dar as costas, eu percebi que não podia continuar nos infligindo dor. Otávio estava certo, eu não era um homem de esquecer... mas, pela minha garota, eu me esforçaria.

Ela só precisava me ouvir.

Fui deixado sozinho após alguns minutos, Joana também estava preocupada com meu pai, então se dividiu entre nós dois. Mesmo que o velho tenha deixado claro não querer interferência em seu *autoisolamento*.

Ainda que estivesse sendo atormentado pela minha própria mente, eu fui capaz de escutar o som da porta da frente sendo aberta e, em questão de segundos, me vi cara a cara com a razão do meu desespero. O rosto bonito da minha garota estava ilegível, apagado, e eu me odiei um pouco mais naquele momento.

— Você me preocupou... — disse em um rompante, aproximando-me dela, que recuou sem pestanejar.

— Foi tudo mentira, não foi? — Maitê inclinou o braço antes que eu chegasse perto. Alterando o seu tom de voz. — As conversas, os beijos... todos aqueles momentos no *resort*. Tudo. Uma. Mentira!

— Nem tudo foi uma mentira.

— Não? — Havia lágrimas escorrendo pela sua bochecha, lágrimas que eu desejava poder limpar. Arrancá-las do seu rosto. — Você me enganou desde o princípio, me usou, Vicente! Me usou! — Porra, se eu achava difícil apenas olhar para o seu rosto magoado, era porque não sabia como seria escutá-la dizer todas aquelas coisas. — Como pôde fazer isso comigo? — gritou nervosa. — Eu acreditei quando garantiu que eu não me machucaria mais... que podia confiar em você. E eu... eu aceitei *ser sua* durante aqueles dias.

Aceitei porque não aguentava sentir apenas dor, eu queria, eu precisava... me lembrar de como era... estar com um homem porque *eu* queria! — Aquilo ferrou comigo de vez. — O seu irmão não se contentou apenas em me surrar, Vicente. Não... o maldito fez o trabalho completo.

O silêncio terrível invadiu a sala após o desabafo de Maitê, que o quebrou com um grito, ao me ver socar a parede mais próxima. E não foi apenas uma vez.

— Pare! Pare de fazer isso! — ela pediu.

— Eu deveria ter imaginado... quando vi o seu hematoma, eu deveria ter ligado uma coisa à outra. Mas, Maitê... você me deixa tão louco que eu mal consigo pensar quando estamos perto um do outro. Então, por favor, me perdoe! Como delegado, eu deveria ter percebido tudo antes, se ao menos soubesse...

— Você, por acaso, teria desistido da vingança?

— Eu desisti! — Eu a segurei, vendo-a mover a cabeça.

— Desistiu? O que foi aquilo no hospital, então? Eu te pedi para não dizer nada, para não interferir na minha relação com Otávio, e o que você fez, Vicente? Você foi lá e contou tudo, me humilhou na frente de todos!

— Não era a minha intenção.

— Você está mentindo! — Maitê se debateu, o que me fez apertá-la contra a parede da sala, forçando-a a me escutar.

— No que diz respeito a você, eu não estou. Eu juro que assim que entrei naquele carro com você, soube que não conseguiria lhe fazer mal. Meu alvo era o Otávio, e quando ele me provocou essa manhã... eu...

— Você perdeu a cabeça, como sempre faz. Como eu disse, Vicente, você não pensa nas consequências, não percebe que esse seu temperamento machuca os outros. — Prendi a respiração, sabendo que ela estava certa. — Quando aceitei me deitar com você, tudo o que queria era diminuir a minha dor, mas aconteceu o contrário, e, agora... dói ainda mais.

Maitê mordeu a boca ao parar de falar, e eu não me controlei. Toquei o seu rosto, limpando o seu choro.

— Eu ferrei com tudo, não foi? — perguntei baixo, inclinando o seu queixo para que ela me olhasse.

— Tem ideia do quanto foi difícil... ir para a cama com você? Foram anos de abuso, e eu... passei por cima de todos eles para estar com você!

— Pequena...

— Não me chame assim, por favor. — Maitê afastou as minhas mãos, empurrando-me para longe dela. — Eu não quero o seu toque, não quero! Você e o seu irmão... me destruíram.

— Não me compare ao meu irmão. Não faça isso, merda!

— Você quer que eu te compare a quem? — indagou. — Me diga, Vicente!

— A qualquer um... menos a ele.

— Agora eu vejo que foi um erro não levar em consideração o que conheço a seu respeito. Você sempre foi tão implacável... incapaz de perdoar quem o feria — disse cheia de amargura. — E, na sua cabeça, eu o feri, não foi? Traí o *pobre garoto apaixonado* ao me deitar com outro homem. Meu Deus, Vicente! Como eu gostaria de ser essa mulher que você pintou por tantos anos, tenho certeza de que, se eu fosse, não estaria sofrendo como estou agora!

— Você quer dizer...

— Eu quero dizer que tudo o que você viu, ou acha que viu, não aconteceu. — Não podia ser, não tinha como. — Eu nunca o traí, Vicente, eu o amava, mas você não acreditou em

mim. Não me deu sequer a chance de explicar...

— Você não me traiu? — Ela manejou a cabeça, trêmula.
— O que eu vi...

— Foi armado. Seu irmão, ele... armou, planejou... eu não sei!

— Isso não é possível... eu passei todo esse tempo acreditando em uma mentira? — questionei, sem conseguir acreditar.

Destruído por dentro.

— Vocês podem me explicar que gritaria e essa? —
Perfeito!

— Não se meta, pai! Não nesse assunto — grunhi, emaranhado as mãos pelo meu cabelo nervosamente. — Maitê e eu ainda não terminamos essa conversa.

— Terminamos, sim — ela falou, sem rodeios. — Eu disse tudo o que precisava e acredito que você também tenha dito.

— Maitê...

— Pare de perturbá-la, filho!

— Está tudo sob controle, Homero — ela tentou acalmá-

lo.

— Não tem nada sob controle aqui! E vai continuar dessa maneira até que você tenha a coragem de contar a verdade ao meu pai. Dizer a ele que...

— Não faça isso! — pediu, em tom de ameaça.

— Você não vai contar, não é?

— Não sou fraco como imagina, querida — Homero interveio. Sua aparência mostrando o contrário. — Se isso for mesmo verdade, eu gostaria de saber.

Bem, ele me surpreendeu.

Acredito que a Maitê também, porque ela voltou a morder a boca, mantendo o lábio entre os dentes enquanto me lançava um olhar furioso.

— A minha intenção nunca foi vê-la mal, eu me afeiçoei a você de verdade — meu pai prosseguiu. — Nunca a julguei pela distância que causou aos meus filhos e, depois que aconteceu o acidente... eu apenas imaginei que essa era a razão pela qual você não conseguia ser feliz. E não porque...

Acidente?

— Está tudo bem, Homero. — Ela não queria que ele

continuasse, a entonação de sua voz a entregou.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? — o Sr.Moraes perguntou, ignorando a tentativa de Maitê de colocar panos quentes no assunto.

— Há alguns anos.

Meu pai trincou os dentes, abalado. Maitê e eu o observamos, temendo que ele não suportasse a verdade. Mas ele não só suportou, como também atravessou a sala e abraçou Maitê, afagando o seu cabelo castanho. O velho podia me odiar, querer me ver pelas costas, mas o seu amor por Maitê era algo real. Não restavam dúvidas.

— Eu sinto muito, querida — admitiu, aflito. — Sinto muito! Sempre acreditei que Otávio quisesse protegê-la, e por isso a manteve às cegas. Agora percebo que deveria ter prestado mais atenção em vocês dois, que foi um erro esconder o paradeiro de Vicente...

— O quê? — perguntou, em choque, o afastando na mesma hora.

— Eu achei que fosse o melhor para todos. Nunca pensei que a minha decisão nos levaria a isso, que a faria passar por todo esse sofrimento.

— O senhor sabia... — Não foi uma pergunta, foi uma afirmação. — Todo esse tempo, e o senhor sabia?

— Me desculpe.

— Eu perguntei... e o senhor jurou! Lembra?

Ignorei a sua raiva e a contive. Maitê não parecia bem, o corpo tremia inteiro e ela ofegava. Segurei-a pela cintura, sentindo-a se debater... incansavelmente.

— Eu só quis proteger o seu casamento. Meu filho a amava, e com a perda do meu neto...

Que. Porra. Era. Essa?

— Neto? — indaguei confuso, mas ninguém me respondeu.

Uma coisa era conhecer o desejo de meu pai em aumentar a família à custa de Maitê, outra era descobrir que ele perdeu um neto.

Céus, aquilo só ficava pior!

Sem qualquer controle, Maitê escapou dos meus braços, agora imóveis, tamanho o choque em que me encontrava. Ela, por sua vez, se afastou até ficar cara a cara com nós dois. Olhando-nos como se fôssemos os vilões da história. O

desespero manifestado em cada partícula do seu rosto.

— Eu não posso mais fazer isso — revelou, aflita. — Não posso continuar nessa casa e ter todos vocês mentindo para mim. — Ela se virou para o meu pai. — O senhor me viu chorar pelo Vicente, e não foi apenas uma vez. Foram várias! Como pôde me esconder o paradeiro dele? Como permitiu que eu sofresse tanto?

— Eu não imaginei, querida. Otávio disse tantas vezes que a sua tristeza era por conta do bebê que perderam, que você não conseguia superar... E eu acreditei, por que não o faria?

— Ele mentiu — ela disse ao secar os últimos resquícios de lágrimas em seu rosto. — Assim como vocês dois. E sabe o que é pior, Homero? Eu estou sangrando por dentro, tudo dói. Até respirar dói! Mas sinto que estou livre. Pela primeira vez, em anos, eu percebo que não há nada me prendendo a essa casa. Você era um dos motivos que me fizeram ficar, e agora...

— Querida, não pense isso... Essa casa é sua.

— Não é! E mesmo se fosse, o senhor acha que eu iria querer continuar aqui? Eu odeio esse lugar, odeio essas

paredes! Eu choro todas as noites, mal consigo dormir... e agora, mesmo arrasada, eu estou aliviada.

Meu pai e eu nos entreolhamos, ambos reconhecendo a gravidade da situação. Era como se Maitê estivesse escorrendo pelos nossos dedos.

— Me desculpe, por favor... — ele insistiu enquanto ela sacudia a cabeça.

— Você não foi o único culpado, Sr. Moraes. Há três homens nessa casa, e os três me feriram. Cada um à sua maneira. Então eu sinto muito pelo que irei dizer agora, mas eu não o perdoo. É meu direito sentir raiva!

Ela nos deu as costas, caminhando devagar como se não houvesse pressa. Eu, claro, a segui, fazendo-a virar no último instante, impedindo-a de subir os degraus da escada.

— Nós ainda temos que conversar.

Ela se virou, deixando-me baqueado.

— Não temos, não, — Comprimiu os lábios e, após um pequeno instante, continuou: — Eu quis tanto descobrir onde você esteve, fiz tantos planos para quando o encontrasse. Mas ninguém nunca me falou nada, eu fiquei no escuro por todos esses anos. Impedida de ir atrás de você, de pedir ajuda. —

Havia desistência em seus olhos. — Entende por que eu não posso insistir com isso? Você, o seu pai... o Otávio. Eu nunca imaginei que fosse dizer algo assim, mas eu quero esquecer o dia em que entrei nessa casa e os conheci. Quero poder acordar amanhã e fingir que sou outra pessoa, eu quero... uma nova vida, Vicente. Uma da qual nenhum de vocês faça parte.

Eu não podia culpá-la por nos querer longe, por querer recomeçar. Longe dessa casa e longe de mim. Mas isso não significava que iria desistir sem lutar.

— Eu te amo, Maitê — admiti, sentindo as palavras queimarem em minha garganta. Fazia tempo demais que eu não as dizia em voz alta.

Tempo demais.

— Não posso permitir que se afaste agora, não quando...

— Não pode? Você escutou o que eu acabei de dizer? Eu não consigo, Vicente, não... consigo.

Dei adeus à prudência e a puxei para os meus braços, apertando-a dentro deles com tanta força que Maitê gemeu. Pensei em todas as vezes que senti o aperto em meu peito, em que acordei no meio da madrugada pensando que fosse

morrer de saudade. Eu nunca dei o braço a torcer, nunca procurei saber nada sobre ela. Eu permiti que toda essa merda acontecesse à minha garota, fui obtuso, tão ou mais relapso do que o meu pai.

Eu ajudei a arruinar a mulher que eu amava.

— Me solte, por favor — ela pediu com a voz abafada, e eu não consegui dizer não. Para a minha surpresa, Maitê não se afastou de imediato, ela permaneceu em seu lugar, encarando-me fixamente. — Se você realmente me amasse, teria acreditado em mim. Teria pelo menos dado a chance de me explicar.

Eu a deixei se afastar quando ela se virou, obstinada, e subiu os degraus. Escapando para a segurança do seu quarto.

— Não a deixe sair dessa casa, Vicente. — A voz do meu pai soou atrás de mim.

— Mantê-la aqui seria crueldade.

— Este é o lar dela. — Eu o encarei, a fim de avaliá-lo.

— Não é. Acho que nunca foi. Deixe-a livre e não a faça sentir culpa por se libertar do monstro que o Otávio se tornou.

— Eu nunca desconfiei de nada, filho — ele tentou se explicar.

— Isso já não importa — rebati, cansado, passando a mão pelo cabelo enquanto pensava em tudo o que fora dito aqui nessa sala. Um pequeno detalhe chamando a minha atenção. — Pai... que história é essa de neto?

Inquietava-me imaginar Maitê grávida, e não era pouco. Imaginá-la perdendo essa criança, então, sofrendo ainda mais... *porra*, eu teria feito qualquer coisa para evitar que algo assim acontecesse a ela. Ninguém merecia sofrer uma perda como aquela, muito menos Maitê.

— Essa história não é minha para contar, filho — disse, sentando-se na poltrona.

— A porra que não é! — reagi, sem pensar. Querendo dar um basta definitivo a todo aquele mistério. — Alguém dentro desta casa tem que ser claro ao menos uma vez. Então me diga o que aconteceu, porque eu estou cansado dessa merda!

Meu pai pareceu pensar, decidir se valia ou não a pena manter mais esse segredo.

— Maitê sofreu um acidente... e perdeu o bebê que esperava.

— Que tipo de acidente?

— Carro, a pista estava molhada...

— Quando foi isso? — Meu pai hesitou. — Quando, pai?

— Faz tempo, Vicente. Mas eles já estavam casados. — Assenti, sem compreender a minha tristeza. Claro que eu tinha compaixão pela perda da minha garota, mas o aperto em meu peito ia além de compaixão. Era como se a dor dela... também fosse a minha.

— De quantos meses ela estava?

— Cinco. — *Cinco meses...* o bebê já chutava, àquela altura, não é? Semanas e semanas de exames, de espera... e ela o tinha perdido. — Isso a devastou, Vicente.

Eu tinha certeza que sim.

A VERDADE TAMBÉM CURA

*Se estou longe quero estar perto, se estou
perto é como se estivesse longe.*

Mércio Franklin.

MAITÊ

Não sei por quanto tempo permaneci de pé, escorada à parede ao lado da porta, apenas olhando para o homem deitado sobre a cama. Ainda incerta do motivo que me trouxe até o hospital essa manhã. Assim como no dia anterior, eu não me encontrava ansiosa para ver Otávio. Mas sentia que precisava. O que acontecera ontem, desde o momento em que me deparei com Vicente, nesse quarto, até a descoberta da mentira do meu sogro, aquilo foi a gota d'água para mim, a razão pela qual eu estava disposta a colocar uma pedra sobre essa história. E isso incluía terminar o meu casamento.

Finquei os olhos em meu marido, exausta, esforçando-me para manter as pálpebras abertas. Foi preciso me esquivar essa manhã, fugir de um possível encontro com Homero ou Vicente. Ambos homens que eu amava e que mentiram

descaradamente para mim. Manipulando-me da pior maneira, deixando-me uma bagunça sem rumo por dentro.

De uma só vez eu perdi o pouco de estabilidade que possuía. Além da última, mesmo que efêmera, esperança de que Vicente e eu pudéssemos nos acertar. Eu sabia que ele teria que voltar a Brasília em breve, deixar para trás toda essa confusão.

Viver a sua vida... como se nada do que aconteceu aqui importasse.

Eu ainda não tinha parado para analisar as palavras ditas por ele na noite passada, mas o instante em que *admitiu me amar* continuava a voltar à minha mente, uma e outra vez, martelando de forma insistente a ponto de fazer a minha cabeça doer. Depois de tudo o que passei, eu não sabia se conseguiria me apegar a promessas ou repentinas admissões da parte dele.

Agora era tarde demais.

— Maitê. — O chamado de Otávio trouxe-me de volta à realidade.

Enxerguei o brilho diabólico em seus olhos castanhos, idênticos ao do irmão. Olhos que se estreitaram ao me verem.

Não sei como Otávio estava reagindo ao tratamento, nem mesmo se ele era capaz de expressar a sua raiva em palavras. Mas ao olhar para ele eu percebi que não era preciso. Seu rosto dizia tudo.

Oscilei por conta do medo que sentia desse homem, mas ainda assim me aproximei, indo até a sua cama.

— Acho que eu nunca serei capaz de perdoá-lo, Otávio — disse em um murmúrio ressentido.

— Eu não quero... o seu perdão, sua tola.

— Claro que não — rebati, sentindo-o tatear a cama, à procura da minha mão.

— Você.... dormiu com ele. — Os dedos fracos apertaram os meus, não causando dor alguma.

Isso, ou eu me encontrava dormente. Incapaz de sentir dor física.

— Dormi... melhor dizendo, Otávio, eu transei com o seu irmão, fui para a cama com ele — respondi friamente, sem sentir o menor vestígio de culpa.

— Isso não vai ficar assim. — As palavras saíram arrastadas.

— Não vai mesmo. Porque eu não pretendo continuar casada com você, muito menos permanecer naquela casa. — Ele pareceu surpreso. Acho que Otávio sempre acreditou que eu seria incapaz de deixá-lo. O maldito acreditava que eu era realmente uma covarde. — Não importa que você ainda esteja preso a essa cama, porque para mim acabou.

O homem moveu a cabeça devagar. Um sorriso perverso se formando em seu rosto magro.

— Sua... vagabunda!

A ofensa me fez rir. Eu já a havia escutado tantas vezes.

— Você nunca mais vai me fazer sentir como lixo, Otávio. Nunca mais!

— O acidente, ouse me deixar que eu... revelarei tudo. — Eu também conhecia aquela ameaça. Foi ela que me manteve paralisada por todos esses anos.

Eu morria de medo da verdade, de descobrir que era mesmo a culpada pelo acidente que causou a morte do meu bebê. Mas, naquele momento, o medo de permanecer presa àquele casamento era maior.

— O acidente é tudo o que tem contra mim, não é? — Ele não respondeu a minha pergunta.

— Se você acha que... o meu irmão irá te perdoar por matar o filho dele, está muito enganada. Vicente não é um homem misericordioso...

Não, ele não era mesmo.

— Não podemos... esquecer o meu pai.

Será quem nem doente esse monstro deixava de ser cruel?

— Eu não me importo. — Mesmo se importasse, eu não o deixaria saber.

Meu sofrimento alimentava algum prazer doentio dentro dele. Era assim que funcionava a mente dos psicopatas, não era?

Otávio me estudou, procurando por algum sinal de fraqueza, algum deslize em minha expressão apática.

— Nós vamos saber se está falando a verdade assim que Vicente ouvir o que eu tenho para dizer.

Com um manejar de cabeça, eu inclinei o meu corpo até estar próxima dele.

— E o que você pretende dizer? — questionei baixo, pensando no sonho que tive há algumas noites. — Eu me

lembrei do motivo que me fez pegar o carro, Otávio — revelei, fazendo-o se mover desconfortável. — Lembrei-me do tapa que me deu e... do desespero em que fiquei ao escapar. Eu estava assustada, com medo de você. E, ainda assim, não consigo me imaginar jogando aquele carro contra uma árvore. Tenho certeza de que nunca puniria o meu filho por temer você. Eu não seria tão fraca! — falei angustiada.

— Aquele bebê... nós nunca teríamos sido felizes com ele. — Quis matá-lo por dizer algo tão cruel.

— *Aquele bebê*, como você tão friamente diz, não tinha culpa dos nossos erros. Ele era inocente. — *Era parte do que formava o meu mundo.*

— Eu imagino como deve ser terrível... não saber o que aconteceu. Isso deve deixá-la louca, não é?

Respirei fundo, esforçando-me a continuar.

— Marcelo disse que você tem o laudo pericial... Eu quero ver!

— Poupe seu tempo, Maitê. — Ele tossiu, segurando-se na cama. — Eu falei tudo o que você precisava saber, repeti cada palavra do que estava escrito naquele documento. Está na hora de você aceitar que provocou aquele acidente.

De repente eu senti as paredes ao meu redor girarem.

— Isso é mentira. — Ele segurou a minha mão, com um pouco mais de força dessa vez.

— Eu nunca mentiria sobre... esse assunto. — Mentir era tudo o que o desgraçado vinha fazendo para mim.

— Você nunca vai me perdoar por amar o seu irmão, não é? — Seus dedos enrijeceram. — Eu tentei, Otávio. Esforcei-me para fazer com que o nosso casamento desse certo, sei que... não foi fácil. Mas perder Vicente e o meu filho acabou comigo. Você estava lá, você viu. — Soltei o ar que prendia em meus pulmões. — Não sei como fará isso, mas eu espero do fundo do meu coração que você consiga seguir em frente. Que esqueça que eu existo, assim como eu tentarei esquecer todas as vezes em que você me bateu e deixou em carne viva. Você me matou um pouco mais a cada vez que me tocou e me obrigou a... — Senti náusea apenas por falar. — Eu desejei estar morta em todas as vezes. Rezei para que fosse um pesadelo, mas nunca era...

Assim que Otávio soltou a minha mão, eu a levei inconscientemente até o pequeno pássaro em meu pescoço, pensando nele como um amuleto.

— Eu não vou te dar o divórcio, Maitê, desista — foi o que o maldito disse.

Fechei os olhos por um momento, sentindo nojo dele. Raiva.

— Então nós lutaremos, porque eu estou decidida, Otávio. Nosso casamento, se é que podemos chamá-lo assim, acabou!

Arrastei a pesada mala escada abaixo, deixando Joana desesperada. Eu sabia que estava agindo feito uma covarde ao deixar essa casa logo após ver Vicente sair. Mas eu não tinha outra opção. A última coisa que desejava era lidar com ele e aqueles olhares intensos que me direcionava. Vicente era teimoso, cabeça dura e iria querer saber para onde eu iria, como iria. Por quanto tempo ficaria. Isso se não tomasse uma atitude mais drástica e acabasse por me seguir.

Como falei, eu conhecia o homem e o seu temperamento irascível.

— Não faça isso, menina. O Sr. Moraes ficará destruído

— Joana apelou, atrás de mim. Não que ela precisasse se preocupar com a reação de Homero, porque o seu patrão se encontrava no primeiro degrau da escada curva, presenciando toda a cena.

Continuei a arrastar a mala, ignorando o escrutínio do meu, muito em breve, ex-sogro. Verônica fora avisada para que não afastasse os olhos dele pelos próximos dias, vigiá-lo a cada segundo. Eu queria estar longe, mas não era desumana a ponto de não me preocupar com a saúde dele.

— Você não pode sair dessa maneira, Maitê. — Eu parei na metade do caminho, odiando o seu tom de voz. — Onde irá ficar?

— Eu ainda não sei.

Eu sabia, só não pretendia dizer a qualquer pessoa dessa casa. Serena insistiu para que eu fosse para o seu apartamento, tinha, inclusive, deixado as suas chaves comigo essa manhã. Segundo ela, *su* casa, era *mi* casa... e não se falava mais nisso. Deus, eu a amava por ser tão companheira.

Ignorando-o de propósito, eu coloquei a mala ao lado das outras. Cada uma delas empilhada no hall de entrada. Mais uma viagem e tudo o que era meu estaria fora dessa casa.

— Pense melhor, querida. Otávio não virá para casa tão cedo, você não precisa sair agora.

— Estar aqui é penoso, Sr. Moraes.

— Não faça isso... — Parei o que fazia e o estudei.

— O senhor mentiu, e agora percebo que eu teria acreditado em qualquer coisa que tivesse me dito. Então como posso saber quantas outras mentiras não contou? — Ele não disse nada. — Eu sempre irei me preocupar com o senhor, isso não vai mudar. Mas eu preciso seguir com a minha vida, compreende?

— E quanto ao meu filho? Ao que você ama? — Isso era baixo.

— O amor... acaba.

— Não esse tipo de amor, querida. Se você não esqueceu o Vicente em todos esses anos, eu duvido que o tenha feito de um dia para o outro.

Homero nunca iria entender. Nenhum deles iria.

— Meu filho também a ama, Maitê.

— Qual deles? — questionei amarga. — Porque eu não consigo enxergar amor nas atitudes de nenhum dos seus

filhos. E se mentir e machucar... for a maneira como eles sabem amar, eu não faço questão de ser amada! Eu mereço mais.

Os olhos enrugados se aquietaram e Joana o segurou pelo braço, o amparando. Ambos inconformados com a minha partida. Verônica foi a única que se ofereceu para me ajudar a levar as malas até o Rover. Não houve quaisquer comentários, ela foi e veio em silêncio. E se sentiu alguma satisfação em me ver sair dessa casa, não demonstrou.

Quando entrei em meu carro, meus dedos rodearam o volante. Não direcionei meu olhar à casa, não havia por que me despedir. E enquanto escutava o motor do meu Rover reverberar ao meu redor, eu senti como se as amarras que me mantiveram presa a este lugar por tanto tempo se desfizessem. Ao deixar o condomínio, eu tentei me convencer de que amar... nem sempre era o bastante.

Cheguei ao apartamento de Serena e coloquei as quatro malas em um canto vazio da sua pequena e bagunçada sala.

Não havia ninguém para me receber, então eu me reservei o direito de afundar no sofá enquanto repassava os últimos dias da minha vida. O retorno de Vicente, a viagem, Otávio... Todas as descobertas que fiz. Eu estive com os olhos vendados por tanto tempo que agora que conhecia a verdade, eu não sabia qual o próximo passo a ser dado.

Deitei a cabeça por alguns instantes no encosto do sofá e sorri fracamente ao ver o teto de Serena. Ela o havia enchido de estrelas fluorescentes. Como uma adolescente teria feito. Enquanto contava as estrelas no céu forjado, eu deixei que as lágrimas que estive mantendo desabassem. A voz de Vicente e Otávio confundindo-se em minha mente.

Como não percebi que tudo o que Vince queria era vingança? O pensamento me deixou enjoada. Zonza. Aquele homem não era o meu salvador, como Serena pensou, a princípio. O seu retorno pode ter acarretado a minha saída daquela casa, mas eu não saíra imune.

Saíra ferida... e de muitas maneiras.

Os minutos passaram e eu me vi obrigada a pensar com clareza. A resolver os pontos soltos da minha vida. A primeira coisa que percebi era que eu teria que abrir mão de muito mais, para poder recomeçar. O meu cargo na construtora seria

NACIONAIS - ACHERON

outra perda, mas que, pela minha liberdade, eu não pensaria duas vezes em superar.

Se fosse para arder, que ardesse de uma vez só. Como um *band aid* retirado com pressa.

Menos de uma hora depois o meu celular tocou. Vicente insistiu, suas tentativas indo todas para a caixa-postal. Quando percebeu que eu não iria atendê-lo, o homem apelou para as mensagens. E foi uma atrás da outra.

“Onde você está?”

“Atenda o seu telefone, pequena!”

“Sei que está chateada, que nesse momento me odeia. Mas, por favor, vamos conversar. Foram nove anos de enganos. Nós merecemos pelo menos tentar.”

“Sinto não ter estado aqui para te proteger.

Eu te amo, Maitê.”

Depois da última mensagem recebida eu desliguei o celular, incapaz de continuar lendo. De alguma maneira, acabei encolhida no sofá em posição fetal enquanto apertava com força o meu próprio corpo. A tarde passou, Serena chegou em casa e, assim que me viu, jogada em seu sofá,

inerte, ela sentou na beiradinha livre e me envolveu em um de seus abraços mágicos.

— Eu estou tão orgulhosa de você, Mah. Tão orgulhosa.

Ela sempre desejou que eu me visse livre das garras dos Moraes. Nunca me pressionou, mas sempre deixou claro o desgosto que sentia ao me ver sucumbir dentro daquela casa.

— O que eu farei agora? Eu nunca estive sozinha, Serena. Não sei como será...

— Agora você tem a mim e ao Gabriel. E nós nunca a deixaremos sozinha. — Ela afagou o meu cabelo com carinho.

— Eu fui tão... boba. Deixei que ele ficasse sob a minha pele de novo. — Eu não precisava dizer a quem me referia, porque minha amiga sabia quem era *ele*.

— Você não foi boba. Como nós poderíamos saber? Eu dei uma boa olhada naquele homem, amiga, e não enxerguei nada que revelasse quais eram as intenções dele.

— Eu quero arrancá-lo de dentro de mim. Todos eles. Eu quero... arrancar cada um deles. — Serena não disse nada a princípio, apenas assentiu quando percebeu que eu falava sério.

— Se for isso o que quer, eu irei te ajudar. Te prometo.
— Retirando os saltos altos, ela se deitou ao meu lado.
Ficando de frente com o meu rosto encharcado de lágrimas.
— Acabou, Maitê — ela disse, com um sorriso piedoso. —
Acabou.

Será que havia acabado mesmo?, questionei em silêncio.

O meu corpo estava ausente daquela casa, mas e o meu
coração?

ENFIM A VERDADE

*Toda despedida é dor... tão doce todavia, que eu
te diria boa noite até que amanhecesse o dia.*

William Shakespeare.

VICENTE

Após escutar a conversa ao telefone entre Maitê e Joana, com a primeira revelando que iria deixar a construtora Moraes, eu considerei a hipótese de estar perdendo o controle da situação. Não que alguma vez realmente o tenha tido. A cada minuto uma nova culpa era jogada sobre os meus ombros, apontando os meus erros. Esfregando-os na minha cara, como apenas o destino teria capacidade de fazer.

As últimas duas noites foram passadas em claro. Pensando, matutando. Repassando cada palavra dita por Maitê, que vinha se recusando veementemente a me escutar. Saber que nossas vidas foram alteradas por conta do meu mau temperamento me deixava doente. Agora eu sabia que tudo fora armado, cruelmente planejado. Ainda assim, não podia

deixar de me sentir responsável.

De pensar, e se eu tivesse ficado e ouvido Maitê? Se a tivesse deixado explicar, como tentou desesperadamente?

Maitê estava certa, havia bem mais do que um culpado na história.

Cabisbaixo eu passei pelo posto de enfermaria do andar de internação, fazendo o meu melhor para não ser notado, e entrei no quarto de Otávio. Dois dias haviam se passado desde que Maitê deixou a casa de meu pai e a situação não parecia perto de ser solucionada. Pelo menos não a minha situação com ela. Quanto ao Otávio, fiz o que achei que seria o melhor. Eu procurei a delegacia especializada em atendimento à mulher mais próxima e o denunciei.

Algo assim não aconteceria agora, mas não desejava correr riscos e permitir que Maitê se visse sob a mira de Otávio outra vez. Essa era a razão de estar correndo contra o tempo. Eu queria garantir que, quando o infeliz deixasse aquele hospital, uma medida protetiva já teria sido acionada, impedindo-o de se aproximar dela.

Além do meu visível esforço em fazer Otávio pagar, eu também passei cada hora do meu dia remoendo a verdade que

Maitê me empurrou goela abaixo. Tentei, inclusive, contatar Marcelo a fim de descobrir algum outro podre sobre o meu irmão, mas o filho da mãe peçonhento se encontrava incomunicável. A desculpa de sua secretária era a de que ele estava em uma *breve viagem a trabalho*. Nesse meio tempo, eu procurei me convencer de que confrontar Otávio seria outra perda de tempo. Havia algo naquele desgraçado, na maneira como falou comigo na última vez, que me trazia à tona o meu pior. Ou seja, estar de volta a esse hospital era um risco. Um que poderia arruinar a minha carreira federal.

Não sei o que senti ao olhar para Otávio após tudo o que descobri. Eu estava com raiva, e dessa vez ela era densa. Verifiquei o estado em que se encontrava, repassando a informação que obtive através de Joana a respeito das sequelas do AVC, todas elas eram passíveis de tratamento. Sua coordenação motora e equilíbrio eram as maiores limitações, no momento, mas com tratamento fisioterápico se veriam reduzidas em questão de meses.

— O que deseja hoje, Vicente? — Otávio perguntou ao notar a minha presença.

O corpo coberto pelo lençol branco endireitou-se sobre a cama.

— Eu preciso fazer algumas perguntas. — Ele me avaliou, agora em silêncio. — Descobrir como você teve coragem de armar para me separar de Maitê quando sabia que eu estava prestes a pedi-la em casamento! Eu contei a você, Otávio. Mostrei o anel que escolhi... você me deu os parabéns, porra! Que tipo de doente faz isso?

— Então Maitê decidiu ser sincera? O que mais será que ela te contou? — A dificuldade em sua fala ainda existia.

— Ela contou o suficiente! Fazendo-me acreditar que você só pode ter algum problema...

Ele bufou.

— Não acho que Maitê tenha contado tudo, irmão — Otávio disse, a voz soando fria. — Mas antes de expor o que ela ainda te esconde, eu gostaria de saber o que você teria feito em meu lugar. Eu sempre fui louco pela Maitê, passei anos vendo vocês dois serem amigos, namorarem... esfregarem essa maldita felicidade na minha cara! Eu tinha que tomar uma decisão antes que fosse tarde demais!

Infeliz!

— Será que valeu a pena arruinar a vida dela dessa maneira? Nós dois somos homens, Otávio. Podemos lidar

com muita merda, mas Maitê, não. Ela precisava de apoio, de alguém que a amasse, e não de um louco obsessivo em seu encalço!

— Ela... contou sobre o bebê? — Congelei, e minhas entranhas retorceram. Era assim que ficava sempre que pensava no filho que eles perderam. — Não foi um acidente, como o nosso pai acredita, ou como ela gosta de chamar. Foi... de propósito. Maitê poderia ter freado na curva, estava chovendo muito, mas os laudos dizem que ela poderia ter evitado. — Ele não podia estar falando sério.

A piscina, Vicente... a piscina.

Sacudi a porra da minha cabeça, afastando o pensamento.

— Foi ela quem provocou o acidente que... matou a filha de vocês.

Não sei como permaneci de pé. Porque o baque foi grande.

Recuei, batendo as costas na parede enquanto o ar parecia ser sugado do quarto. Sufocando-me. A boca de Otávio continuou a se mover, mas eu não o escutava.

Não podia ser verdade. Essa deveria ser outra armação dele. Não tinha como.

— ... Maitê descobriu semanas após a sua partida. Ela ficou desesperada, você precisava ver... Nós nos casamos, eu prometi cuidar dela e da sua filha. E eu teria feito, se Maitê não tivesse jogado o carro contra aquela árvore. — *Minha filha*. Como doía pensar nesse bebê como meu.

— Como posso saber que não está mentindo? Que tudo isso não é outra armação sua? — exigi saber.

— É simples, irmão. Pergunte a ela.

MAITÊ

Olhei para cada canto do meu escritório, despedindo-me dele com tristeza. Serena concordou comigo quando sugeri o meu afastamento, reconhecendo que era um passo fundamental para encerrar esse ciclo da minha vida. Entregar uma carta de demissão ao Sr. Álvares dois dias após a minha saída de casa foi algo que surpreendeu a todos. O sócio da Moraes, é claro, não compreendeu nada, e eu fiz o possível para não revelar além do que o necessário. Mesmo que a minha decisão fosse, praticamente, o mesmo que afirmar o fim do meu casamento.

NACIONAIS - ACHERON

No telefonema que recebi de Joana, esta manhã, eu contei o que pretendia fazer. E assim que as palavras saíram de minha boca, escutei a voz alterada de Vicente ao fundo. O que me fez perceber que a ligação estava no *viva-voz* e que, possivelmente, fora um pedido *do seu menino*. Chateada, eu encerrei a chamada na mesma hora. Não que culpasse Joana, qualquer um podia ver o quanto Vicente era teimoso, quando colocava algo na cabeça.

Horas se passaram após o telefonema, e agora eu estava aqui. Dando adeus a seis anos da minha carreira. Abrindo mão de vários projetos iniciados, mas levando comigo uma baita experiência. Suspirei pelos cantos, outra vez, e continuei a enrolar as plantas que teria que entregar ao engenheiro supervisor. Os tubos de metal amontoavam-se sobre a mesa enquanto eu fechava um a um. Sem pressa, fazendo tudo em meu próprio tempo.

— Então você pretende mesmo deixar a construtora. — Estaquei ao reconhecer a voz. Meu corpo inteiro reagindo à presença *dele*.

Ao virar, me deparei com o homem que vinha assombrando cada minuto do meu dia. Um homem tão ou mais desestabilizado do que eu. Amassei sem me dar conta o

papel em minhas mãos, enquanto tentava respirar sem demonstrar o meu abalo. Mas havia *algo*... algo nos olhos de Vicente que me fez recuar. Foi instintivo.

— Você escutou a conversa... sabe que sim — disse, mal reconhecendo a minha voz.

— Eu estive no hospital essa manhã. — Eu havia dado as costas a ele, mas congelei no instante em que falou.

— Você não me contou tudo, não foi? — perguntou enfurecido. — Escondeu de mim... a parte mais importante. Escondeu que estava grávida quando eu parti!

Procurei pelo apoio da mesa, sem coragem de me virar. Eu sabia que Otávio diria, só não imaginei que fosse ser tão rápido. O desgraçado estava no hospital, merda! Será que não podia me dar um pouco de paz? Deixar para ferrar comigo de vez quando saísse?

— Esse é um assunto que eu...

— Não venha me dizer que é um assunto proibido. Porque eu estou cansado, Maitê! O que mais eu tenho que descobrir? Quando os segredos irão terminar? Eu não suporto mais, caralho!

— E você acha que eu aguento? — Virei-me,
NACIONAIS - ACHERON

encontrando-o mais perto do que esperava. — Acha que sinto prazer em manter em segredo a perda... do *nosso bebê*? Eu não contei porque... não consigo sequer pensar nela, Vicente!

Ele afastou o cabelo com as duas mãos, movendo-se inquieto ao meu redor como um animal baleado.

— Não acho que haja mais alguma coisa a ser dita. Tudo foi revelado.

— Nem tudo, Maitê. Há a história do acidente... Otávio contou que... — Sacudi a cabeça, consternada.

— Você acreditou nele? — Ele não respondeu, por isso insisti. — Você acreditou, Vicente? — Não, ele não precisava dizer. Eu podia enxergar a dúvida em seus olhos. O que prova que eu estava certa, outra vez. Nada mudou.

— Maitê... — Ele veio em minha direção.

— Ninguém suportaria viver dessa maneira, Vicente. Sempre sendo julgada, tendo que estar na defensiva porque o homem que diz me amar não é capaz de colocar o dedo no fogo por mim.

— Eu só estou tentando entender.

— Entender o que, se você já decidiu em quem acreditar?
— eu gritei, empurrando-o quando ele ousou encostar em
NACIONAIS - ACHERON

mim.

— O que aconteceu aquele dia? Isso é tudo o que quero saber. — Ele parecia torturado, mas que ficasse. Eu queria vê-lo sangrar.

— Otávio já não contou a versão dele? Me admira que você esteja aqui para ouvir mais alguma coisa, que não tenha fugido ainda... Porque é isso que você faz melhor, não é? Dá as costas quando não consegue lidar com a dor. Não sou eu a covarde aqui. Sempre foi você!

— Me diga... o que aconteceu!

— Eu não sei — falei, inconformada. — Não consigo lembrar! Tudo o que sei sobre aquela noite é o que o seu irmão insiste em dizer. — Seus olhos se estreitaram, e eu achei melhor abrir o jogo. — Há alguns dias, quando estávamos no *resort*, eu tive... um sonho. Fiquei em dúvida, a princípio, porque eu sempre tenho esses malditos pesadelos com o seu irmão, mas dessa vez foi diferente. Algo em meu coração dizia que foi uma lembrança. Mas nada disso importa, porque o que você está querendo saber é se eu fui capaz de jogar o meu carro naquela curva, não é? O que é uma pena... porque eu não tenho a resposta para essa pergunta.

— Qual foi o sonho? — perguntou com a voz branda.

— Otávio... ele havia chegado em casa e me encontrado no seu quarto. Aquela não tinha sido a primeira vez, e me ver chorando por você... sempre o enfurecia. Porém, até então, ele nunca tinha levantado a voz para mim. Aquele foi a primeira vez... ele me bateu e eu fiquei assustada. Lembro-me de ter saído de casa, chovia muito, mas, além disso, eu não consigo lembrar, Vicente. Está tudo em branco.

Ali estava, a dúvida em forma de silêncio. O maldito não disse nada por longos instantes, não disse porque tinha dúvidas. O pior era que a incerteza que ele sentia era a mesma que me corroía por dentro dia após dia.

— Saia! — disse ressentida. Odiando-o por não ter fé em mim.

Odiando-o enquanto o meu corpo lutava contra o que eu sentia.

Quantas vezes mais eu teria que dar adeus a esse sentimento? A esse homem?

— Que reação esperava de mim, Maitê? — perguntou, ferido. — Eu acabo de descobrir que você esteve grávida de um filho meu. *Um pedaço de mim!* E que nós o perdemos... o

que você esperava?

— Você acha que a culpa foi minha — constatei, igualmente ferida.

— Eu não sei o que pensar, este é o problema. Desde que cheguei a São Paulo, estou sendo bombardeado por toda essa bagunça em que Otávio nos colocou, não consigo ver nada à minha frente, porque... a minha concentração está toda em você!

Ele fazia parecer que o problema era eu.

— Nós não temos mais nada a falar um com o outro — sussurrei.

— Não é você quem decide.

— Não? — Eu me revoltei. — Será que você vai dar uma de Otávio agora e tomar decisões por mim? — Isso o irritou. Profundamente. — Eu não vou me livrar de um controlador doente para cair nas garras de outro. — Sei que era injusto acusá-lo de algo assim, mas eu estava aborrecida.

— É isso o que você pensa a meu respeito? De verdade, Maitê? — ele pressionou e, quando estendeu o braço com intenção de me tocar, um toque que o meu corpo inteiro ansiava, eu me encolhi de propósito.

Isso o fez oscilar. Eu sabia que o faria.

Vicente nunca ultrapassaria os limites se percebesse que eu estava com medo.

Olhando-me como se quisesse dizer algo mais, ele voltou a sacudir a cabeça. Transtornado demais para ser capaz de colocar em palavras o que o torturava. Meu próprio equilíbrio vacilou quando o homem se inclinou e beijou a minha testa. Foi rápido. *Rápido demais.*

— Nossas vidas podem estar uma bagunça Maitê. Nada faz sentido, mas tem uma coisa da qual eu tenho certeza. Uma única coisa, e essa certeza... é a de que eu te amo.

Ele hesitou antes de se afastar, fazendo um enorme esforço para tal ato. Foi necessário me apoiar na mesa fria de madeira para não correr o risco de cair. E com um esforço descomunal, eu contive as lágrimas que se amontoaram em meus olhos. E mais ainda, a vontade de dizer a esse homem o quanto eu o amava. Mas não iria fazer isso.

Não depois do que aconteceu e das mentiras que escutei.

— Ah, minha querida. — Serena entrou no escritório, instantes depois. — O que aconteceu aqui? — indagou aflita.

— Otávio disse a ele... disse tudo. — Mal consegui

falar. — Vicente não acredita em mim, Serena. Ele não acredita!

— Maitê...

— A dúvida de Vicente me fez pensar... e se o Otávio estiver mesmo certo? E se eu realmente fiz aquilo, Serena? — Eu a olhei em pânico.

— Nunca mais cogite esse absurdo. Nós duas sabemos que você seria incapaz de algo assim. Você é forte, amiga. Resistente. Aguentou por tantos anos a crueldade de Otávio... acho impossível que possa ter jogado com a vida do seu bebê dessa maneira.

Rezei para que Serena estivesse certa, porque, naquele momento, eu desconfiava de mim mesma.

NÃO ACABOU

Fim de tarde, começo da noite.

Início de expectativas.

Ana Carolina.

MAITÊ

— *Onde está o seu irmão? — perguntei ao encontrar Otávio no quarto do Vince. Eu havia acabado de chegar da faculdade e, assim que me deparei com a sua moto estacionada em frente à casa, corri para o andar superior. Ansiosa para estar com ele.*

— *No chuveiro — Otávio respondeu, girando uma pequena caixinha de prata em sua mão. — Vocês irão sair? — Desviei o meu olhar do objeto que foi jogado de qualquer maneira dentro da gaveta ao lado da poltrona, perguntando-me por que essa era a primeira vez que punha meus olhos naquela caixa.*

— *Sim, ele vai entregar um trabalho na faculdade e depois nós iremos ao cinema. — Otávio sorriu, estudando-me*

com interesse enquanto eu olhava para o interior da gaveta. Morrendo de curiosidade.

Otávio, porém, a fechou, colocando um ponto final à minha indiscrição.

— E você? — questionei, sem outra opção.

— Bom, a espertinha da minha companheira não estará em casa essa noite, então acho que ficarei lendo algum livro. Um filme, talvez. — Ele se referiu a mim e às longas conversas que tínhamos sempre que Vicente voltava para o seu apartamento.

Otávio era inteligente, nós tínhamos bastante em comum e ele adorava falar sobre engenharia. E, após a morte da Sra. Moraes, nós dois havíamos nos aproximado. Vicente pareceu não se importar com a nossa amizade, ainda assim, às vezes, eu sentia que esconder dele essas tais conversas não era algo que eu devesse fazer.

— Você precisa arrumar uma namorada, Otávio — brinquei, deixando-o carrancudo.

— Isso é o que eu vivo repetindo para ele, meu amor. Mas Otávio não me escuta. — A voz de Vicente não me preparou para o instante em que ele me agarrou com um

único braço por trás e tascou um beijo molhado em meu rosto. — Te amo, pequena, estava com saudades — ele falou em meu ouvido, ignorando o irmão, que assistia a tudo.

Revirei os olhos, me desculpando pela atitude impensada de Vicente, mas acabei cedendo quando ele me virou e beijou.

— Eu também senti, Vince. Muita!

— Em que está pensando? — Serena me trouxe à realidade, fazendo-me engolir o nó preso instalado em minha garganta.

Não era comum me render à lembranças de Otávio, mas nos últimos dias era algo que vinha acontecendo com frequência. Tanto que me peguei indagando Joana a respeito do seu estado clínico. Ela se mostrava preocupada, não apenas com Otávio, que muito em breve teria que passar por outra cirurgia após a descoberta de um aneurisma delicado, mas com o meu sogro também, que mal se alimentava e pouco falava. Jô tinha muito cuidado ao falar comigo sobre todos eles, principalmente sobre Vicente.

No fundo, eu sentia que ela estava me escondendo algo. Eu só não fazia ideia do que poderia ser.

— Otávio — respondi, alongando o meu corpo no tapete de *yoga* depois de passar a última meia hora repetindo os seus gestos à procura do *tal* equilíbrio entre o corpo e a mente. Que eu, é claro, não encontrei.

Serena continuou com os movimentos, ela possuía anos de prática e fazia certos malabarismos com o corpo elástico.

— Estive me perguntando como eu não enxerguei os sinais, Serena — revelei com cuidado. — A maneira como ele me olhava foi sempre tão invasiva. A insistência em aparecer no meu quarto tarde da noite, as desculpas que usava para me tocar... Eu não fui apenas ingênua, fui burra também.

— Não diga isso — ela murmurou com dificuldade, sem interromper o exercício.

— Olhando para trás agora, eu vejo que estava tudo lá. Todos os alertas de que havia algo de errado com ele. Vicente e eu apenas ignoramos, sabe?

— Por falar em Vicente... — ela sondou.

— Não comece! — eu a alertei antes que perguntasse pela centésima vez se eu continuaria a ignorá-lo. — Eu tomei uma decisão, Serena, e não pretendo voltar atrás.

— Mah, você tem todo o direito de estar furiosa...

— Eu sei! E é assim que pretendo continuar. Agora chega, entendeu? — avisei, passando por cima do seu tapete, o que a fez se desequilibrar e cair lindamente com a bunda no chão.

Sorri ao ser acertada por uma das almofadas do sofá, enquanto ela bufava irritada.

— Está vendo o que acontece quando o nome dele é dito? Alguém sempre quebra a cara, ou pior... cai de bunda no chão!

Ela me olhou horrorizada.

— Não posso acreditar que está fazendo piada sobre isso!

Nem eu, Serena. Nem eu.

Era final de tarde quando me dirigi ao abrigo. Por fora, eu aparentava controle sobre a minha *nova vida*. Mas, por dentro, continuava perdida. Serena me convidou a permanecer em sua casa pelo tempo que fosse necessário, enquanto eu... bem, eu adiava dizer a ela que não conseguiria recomeçar nessa cidade, que, no instante em que Otávio deixasse o

NACIONAIS - ACHERON

hospital, a minha paz acabaria. Marcelo deixou isso bem claro quando nos falamos ao telefone dias atrás. O filho da puta ainda insistiu para que eu reconsiderasse a minha decisão de me separar de seu cliente.

A resposta que lhe dei foi o encerramento da ligação e, logo depois, o bloqueio definitivo do seu número. Se Otávio ou ele quisessem entrar em contato comigo, daqui em diante, teria que ser através do meu advogado. Um que eu ainda planejava contratar.

Afastando os pensamentos ruins para longe, eu transformei a expressão aflita em meu rosto em uma mais tranquila assim que coloquei os olhos em Diego. O garotinho de quem fiquei bastante próxima. Ele era a razão dos meus sorrisos nos últimos dias. Sua inocência me encantava, dava-me esperanças. E nesse momento esperança era tudo o que eu necessitava.

— Você demorou — o pequeno falou, segurando a barra da minha saia enquanto me seguia pelos corredores do abrigo.
— Pensei que não viesse mais. O Gabriel também pensou.

— Mesmo? — indaguei, bagunçando o seu cabelo.

— Sim. — Caminhei até onde sabia que encontraria o

Gabriel. — Ele disse que vocês conversaram, que você está melhor. É verdade? — questionou preocupado, e isso me cativou.

— É verdade, sim.

Segundo o Gabriel, Diego passou a insistir para que ele conversasse comigo também. O que eu fiz. Não no primeiro dia, não no segundo e nem no terceiro. Ainda assim, eu fiz. Conteí aos poucos ao Gabriel tudo o que passei com meu marido, toda a dolorosa história da minha vida. E, não, ele não prometeu que as coisas ficariam bem. Não mentiu ao dizer que seria fácil esquecer ou que eu superaria tudo o que passei. Gabriel não era *esse tipo* de conselheiro.

Seus conselhos foram sinceros, crus. Ele revelou que iria doer, que em alguns momentos eu não suportaria. Não escondeu de mim que seria difícil. Gabriel disse que eu ainda choraria e gritaria muito. E que apenas quando o meu corpo, alma e coração estivessem esgotados é que eu começaria a me curar. Tudo a seu tempo.

Meu respeito por ele cresceu naquele momento.

— Podemos entrar? — perguntei, o interrompendo em sua sala.

— Precisa perguntar?

Diego, animado, passou correndo por mim e se juntou a ele.

— Não é, tio Gabriel, que você achou que ela não fosse mais vir? — ele pediu a confirmação.

— É verdade. Você demorou.

— Foi o trânsito — revelei.

O pequeno se juntou a nós dois, contando um pouco sobre o seu dia. Mas em seguida se afastou, indo brincar com as outras crianças na sala recreativa. O que era um alívio, porque, quando chegou ao Morada, ele não se comunicava com ninguém além da mãe.

— Como está hoje? — Gabriel quis saber, assim que nos vimos a sós.

— Esse é o amigo ou o psicólogo perguntando? — rebati.

— O amigo.

— Então a resposta é bem.

— E se fosse o psicólogo? — Ele arqueou a sobrancelha.

— Então eu diria que estou mal. — Dei de ombros e,
NACIONAIS - ACHERON

após ajudá-lo a organizar as pastas dos seus pacientes, me juntei às crianças. Passando o restante da tarde contando histórias e as ouvindo desabafar à sua maneira. Cada uma do seu jeitinho.

— Tia, o seu telefone está tocando. — Diego, a minha pequena sombra, me entregou o aparelho.

Prendi a respiração ao ver o número de Vicente na tela. Essa era a primeira vez em dias que ele entrava em contato comigo. Atordoada demais para atender, o telefone tocou até desligar. Voltando a tocar uma segunda vez. Pressentindo o pior, eu deslizei o dedo pela tela e o atendi.

— O que aconteceu?

Algo havia acontecido, eu sentia isso em meu coração.

— O meu irmão, Maitê, ele... não resistiu à cirurgia.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

SUPERANDO

Dizer adeus é dar boas-vindas ao recomeço.

Gasparetto

VICENTE

Maitê não compareceu. Não no hospital. E não no velório.

O pior era que ninguém podia culpá-la por querer distância de nossa família. Após o *breve* telefonema ocorrido há menos de 24 horas, nós não voltamos a nos falar. Eu sabia que tinha de fazer algo, não estava disposto a deixá-la outra vez. O problema era que eu também sabia que tinha compromissos urgentes a cumprir na minha superintendência. Obrigações a resolver antes de estar inteiramente livre para lutar pela minha garota. Porque era isso o que eu faria.

Olhando para trás agora, para os dias que se passaram, eu percebi que castigo maior do que a morte não haveria para o Otávio. Sei que deveria ter compaixão, mas nunca fui esse tipo de homem. E isso não mudou. Meu irmão, o cara em que

NACIONAIS - ACHERON

confiei e que tinha o mesmo sangue que corria em minhas veias, morreu sozinho. Meu pai e aquele advogado de merda eram os únicos a lhe visitarem. E, ainda assim, eu suspeitava de que o meu pai o fazia por obrigação. Nós mal conversávamos, porém, eu podia sentir a raiva e a culpa corroendo-o por dentro. Se o Sr. Moraes tivesse olhado, realmente olhado para o filho com mais atenção, ele poderia ter evitado muito sofrimento.

Então, sim, Otávio provavelmente recebeu o que merecia. Essa era *a tal* justiça divina se fazendo presente, tenho certeza de que Maitê pensaria dessa maneira. Quanto ao Marcelo... digamos que eu tinha dois investigadores na cola dele nesse momento. Algo não cheirava bem naquele cara, e se minhas suspeitas se confirmassem, eu conseguiria colocá-lo atrás das grades por acusações de fraude em cumplicidade com seus clientes. Ele poderia sair, pagar fiança, mas até isso acontecer, a sua reputação no meio jurídico teria perdido a credibilidade.

Assim que Luiz descobriu que eu andava revirando os arquivos federais em busca de informações e antigos casos de crimes financeiros, voltou a insistir com veemência para que eu voltasse o quanto antes para a Brasília. Sei que a sua

intenção era a das melhores e que ele desejava apenas evitar que eu me metesse em problemas que poderiam prejudicar a minha carreira. O que o meu superintendente não fazia ideia era de que, assim que eu voltasse, nós dois teríamos uma longa conversa. Uma que mudaria tudo.

Decidido, olhei para o meu lado e presenciei a dor de meu pai, amparado por Verônica. Coloquei-me no lugar de Maitê e tentei imaginar o fardo que deve ter sido para ela passar por uma perda dessa magnitude sozinha. E se o aperto esmagador em meu peito, agora, fosse metade do que ela sentiu naquela época, eu tinha que admirá-la ainda mais por ser tão forte. Por ter continuado e se tornado a mulher que era hoje. Minha pequena passou por essa perda, anos atrás, e sobreviveu. Mas eu duvidava que em algum momento ela tenha sido capaz de esquecer ou de deixar de sentir essa dor.

Sentindo os primeiros respingos de chuva molharem a terra sob meus sapatos, percebi que as pessoas ao redor começavam a se dissipar. Acenei para Verônica, que permanecia ao lado do meu pai, e fiz um gesto deixando claro que estava em nossa hora. Nós três precisávamos chegar ao carro antes que a tempestade anunciada essa manhã caísse sobre nossas cabeças, e foi com esse intuito que marchei até o

lado de fora do cemitério.

O Sr. Moraes manteve-se em silêncio, assim como vinha fazendo há dias. A maneira como me olhava às vezes, no entanto, me passava a ideia de que ele poderia me considerar responsável pelas tragédias dos últimos dias. E mesmo que estivesse errado, eu desconfiava de que ele preferiria que eu fosse único o culpado.

Ter a quem culpar era sempre mais fácil, não era?

Cheguei ao SUV e abri a porta para que Verônica e ele entrassem, o velho, porém, começou a apalpar o terno à procura do seu lenço, recusando-se a sair até que o encontrasse. Olhei para a enfermeira, que deu de ombros, já no conforto do carro, e saí à procura do bendito lenço, percorrendo todo o caminho de volta.

Percebi, tarde demais, que não conseguia sequer me concentrar em encontrar algo tão insignificante. A chuva aumentou, é claro, e eu teria retornado, se não fosse a mulher que avistei imóvel no local onde até pouco tempo acontecia o enterro de Otávio.

Porra, era ela! Não acho que algum dia eu teria uma

reação diferente a essa mulher. Ela mexia comigo, bagunçava a minha vida. Confundia as minhas certezas. Mas eu a amava!

Observei-a enquanto me aproximava. As mãos enfiadas nos bolsos dianteiros do meu casaco, sentindo como se um ímã invisível me arrastasse em sua direção. Detive-me ao vê-la se abaixar, no alto de seus saltos pretos, e jogar uma flor branca sobre o caixão no fundo da cova. Ao se levantar e virar, Maitê se deparou comigo. Os olhos por detrás das armações escuras dos óculos, impedindo-me de decifrá-la. Tudo o que podia ver, da distância em que estava, eram os seus lábios cheios. Trêmulos de nervoso.

Entreolhamo-nos por um minuto inteiro. Até que eliminei o espaço que nos separava ao me dar conta de que essa seria a última chance de estar com ela.

— Não faça isso. — Maitê ainda tentou me deter, mas eu a segurei pelos ombros.

— Apenas me ouça. — *Nós não tínhamos tempo.*

— Não, eu... — Abafei o que ela estava prestes a dizer com a minha boca, que não suportou a distância e a beijou. — Vicente! — chiou baixinho, empurrando-me com seus pulsos, mas sua resistência cedeu no instante em que as nossas

línguas se encontraram. Apertei o seu rosto entre as minhas mãos, certo de que sentiria a falta dela. — Pare! — pediu, sôfrega, enquanto eu lambia meus próprios lábios.

Tomando para mim o seu gosto. Mantendo-o por mais tempo em minha boca.

— Me desculpe por isso... mas eu não poderia partir sem antes beijar você.

Ela enrijeceu, os dentes brancos apertando o lábio marcado.

— Você vai voltar para Brasília. — Ela se esforçou para soar indiferente.

— Meu voo sai esta noite.

— É claro... — Maitê virou o rosto, olhando na direção do SUV, e depois voltou a me encarar. Enquanto ela podia enxergar a minha alma, eu não tinha acesso a nada. Nem mesmo aos olhos escondidos atrás da armação de seus óculos.

— Não ache que eu estou fugindo porque não sei lidar com meus problemas, ou com a dor que sinto. — Ela abriu a boca, mas eu a cortei. — Você está errada — disse antes que confirmasse o seu pensamento. — Eu estou voltando porque tenho obrigações a cumprir e...

— Não me interessa — disse, ao dar de ombros. — A vida é sua, Vicente. — Nós dois ficamos em silêncio por um tempo, um olhando para o outro, até que ela se encheu de coragem e falou: — Eu sei que agora já não tem importância, Otávio está morto, mas... obrigada por fazer a denúncia. O delegado me telefonou esta manhã, acredito que ele não sabia sobre...

— A morte do meu irmão.

— Sim. — Assentiu nervosa, pousando a mão sobre o meu casaco em um gesto natural. Sem malícia. Seus dedos alcançando o meu coração. — Só... obrigada.

No momento em que tapei a sua mão com a minha, ela a afastou, passando por mim sem olhar para trás. Fechei os olhos por um instante, sabendo que precisava deixá-la ir. Só conseguindo me mover quando escutei de longe o som do seu Rover partindo. Voltei para onde o meu pai e Verônica me esperavam e bati a porta do carro com força, ao me sentar no banco do motorista.

— Você não o encontrou, não é? — meu pai perguntou, olhando para o lado de fora da janela.

— Não, pai, eu não encontrei.

— Desculpe a demora... — Serena sacudiu o casaco molhado, acho que de propósito, e sentou na cadeira à minha frente. Encharcada pela chuva que pegou no caminho até a cafeteria onde combinamos de nos encontrar.

— Como ela está? — indaguei rapidamente. Sem conseguir afastar da cabeça o encontro de mais cedo. *O beijo roubado... e a maneira como Maitê resistiu.*

— Passou a tarde trancada no quarto, aconteceu algo que eu deva saber? — Serena semicerrou os olhos azuis, desconfiada.

— Eu contei a ela que viajo para Brasília essa noite. — Olhei para a janela da cafeteria, verificando o tempo. Torcendo para que o meu voo não fosse cancelado ou sofresse atraso. Eu não tinha paciência para ficar horas seguidas em um local fechado, que dirá um local lotado de pessoas.

— Você vai embora? — perguntou perplexa.

— Não por muito tempo, e esse é o motivo pelo qual a chamei aqui. Eu irei explicar tudo o que você precisa saber,

mas quero que prometa que cuidará de Maitê.

— Chega a ser uma ofensa você me pedir algo assim. — Ela cruzou os braços, enviesada. — Maitê é a minha melhor amiga, eu a amo como uma irmã. Então é claro que eu cuidarei dela. Principalmente... porque você está prestes a abandoná-la de novo.

— Não irei abandonar ninguém, Serena. Mas eu tenho deveres a cumprir, respondo à minha superintendência e, até conseguir resolver as minhas pendências, eu não posso prometer nada a Maitê. A minha licença acabou, eu estou sendo pressionado a voltar... mas sei o que fazer. Não pretendo abrir mão da minha garota dessa vez, entende? — Ela assentiu, parecendo satisfeita com a resposta. — Eu vou lutar pela Maitê, fazer com que ela entenda que é, e sempre será, a mulher da minha vida.

Isso a fez sorrir e se inclinar sobre a mesa.

— Você disse isso tudo à minha amiga? — Neguei, fazendo-a revirar os olhos.

— Sabe... eu não sei se ela vai aceitar a sua partida muito bem. A coitadinha deve estar agora mesmo imaginando que você nunca mais irá voltar. — Serena sacudiu a cabeça,

dramaticamente, enquanto franzia os lábios.

Sério, onde Maitê arrumou essa peça?

— E se você não conseguir, hum... resolver as suas pendências? — indagou, avaliando-me.

— Eu vou resolver.

— Mas e se, por acaso... não conseguir? O que vai ser da minha amiga?

— Serena, eu vou voltar! Isso não entra em discussão. Eu amo a Maitê! E nada fará com que eu desista dela.

Ela relaxou, apoiando as costas na cadeira.

— Eu sempre soube que você era dos meus, Vicente. Agora me diga, além de cuidar dela, o que mais você quer eu faça?

Serena pediu uma garrafa de água e a bebeu inteira enquanto eu explicava o que esperava que fizesse por mim. Concordando em me manter atualizado, ela sorriu e pegou o bilhete que pedi que entregasse a Maitê assim que chegasse em casa, lendo-o antes, sem nem ao menos pedir a minha permissão. O que estava escrito no papel deve tê-la agradado, porque o seu sorriso se intensificou.

Antes de nos despedirmos, no entanto, a maluca me parou no meio da calçada e me deu um último aviso.

— Eu juro, Vicente, que se você estragar as coisas dessa vez, eu pego o primeiro avião até Brasília e capô o seu pau! Pior do que ter a raiva de uma mulher com o coração quebrado, é ter a raiva da melhor amiga dela. Escutou?

Sorri diante de sua ameaça, entendendo por que Maitê e ela eram tão unidas. Ainda assim, não pude deixar de considerar que Serena era realmente capaz de cometer um atentado contra o meu... *membro*, caso eu estragasse tudo. Soprando o ar frio da tarde, eu me afastei pela calçada enquanto pensava no quanto eu sentiria falta do clima paulistano.

E, mais ainda, de minha garota.

Será por pouco tempo, pequena. Eu prometo.

MAITÊ

Meu voo sai esta noite.

Desviei o olhar do relógio ao lado da cama, encolhendo-me sobre o colchão enquanto escutava a voz de Vicente em

NACIONAIS - ACHERON

minha cabeça. *Será que ele já teria partido, a essa altura?*, questionei em silêncio, virando para o outro lado. Recusando-me a ver os ponteiros se mexerem. Sabia que precisava me levantar, tomar banho e comer algo. Mas desde que cheguei do enterro de Otávio, eu não conseguia me mover. Eu estava decepcionada e muito... irritada! Eu não tinha o direito de cobrar nada de Vicente, eu o tinha mantido afastado por todos esses dias, mas ainda assim não podia afastar a sensação de que estava sendo abandonada de novo. Deixada para trás.

Irritada comigo mesmo, eu limpei com severidade as lágrimas que desciam pelo meu rosto. Não, eu não iria me afogar em tristeza, como fiz anos atrás. Naquela época, eu quase me destruí. Chorei por meses, fechei-me para o mundo. Mas isso não voltaria a acontecer. Eu não permitiria.

A porta do quarto de visitas do apartamento de Serena rangeu, e ela apareceu diante de mim. A expressão genuinamente preocupada fez-me perceber que eu não podia continuar assim. Eu precisava fazer algo e faria agora.

— Ele não está te deixando para trás dessa vez, Mah. Você reconhece, não é? — ela perguntou ao me ver levantar. Deus, eu nem ao menos tinha sido capaz de me vestir depois que cheguei da rua. Sem dizer nada, eu peguei o roupão sobre

a cômoda e o transpassei pelos ombros, amarrando o nó na frente. — Isso é para você. — Serena estendeu um bilhete dobrado em minha direção.

— O que é? — indaguei, olhando para o papel como se ele fosse pular sobre mim a qualquer instante.

— Leia. — Ela sorriu daquele jeito meio irritante, que me assustava, às vezes.

Desdobrei o papel, curiosa, considerando-a um pouco mais louca naquele momento. Mas assim que pus os meus olhos sobre a letra de Vicente, o meu corpo inteiro estremeceu. A sensação se intensificando após ler as quatro palavras rubricadas.

“Eu acredito em você.”

— Serena... — Levantei o meu rosto, procurando entender.

— Vicente sabe que você seria incapaz de provocar aquele acidente, amiga. Assim como eu, ele também sabe.

Apertei o papel entre os meus dedos, certa de que o leria

NACIONAIS - ACHERON

todos os dias daqui para frente.

— Ele já... partiu, não foi? — Serena hesitou antes de assentir e, quando o fez, eu fui a única a pedir por um de seus abraços.

FÔLEGO

*Você nunca sabe a força que tem.
Até que a sua única alternativa é ser forte.*
Johnny Depp.

Dois meses depois

VICENTE

— Qual é o seu problema, Vicente? — Luiz entrou furioso em minha sala, batendo com força a porta, metade madeira, metade vidro.

Não que a *precaução* fosse impedir que os agentes lotando a superintendência hoje nos escutasse. Porque eles iriam. O lugar estava uma zona, e tudo porque estávamos em meio a uma investigação, que, se tivesse sucesso, acarretaria na prisão de um traficante escorregadio que vínhamos investigando há mais de um ano. O filho da mãe estava envolvido com tráfico de armas e drogas, além de uma lavagem de dinheiro tenebrosa.

Desconfortável por causa da dor que sentia, eu me movi no assento reclinável e encarei Luiz enquanto engolia dois

NACIONAIS - ACHERON

analgésicos fortes receitados pela paramédica que suturou o meu braço após o tiro de raspão que levei essa manhã. Havia sido imprudência comandar um mandado de busca importante como este sem ter dormido uma hora que fosse durante a noite. Havia sido imprudência, também, não ouvir meu superintendente quando ele me *aconselhou* a controlar o meu temperamento, que andava mais explosivo do que o normal, desde que voltei.

Minha vida tinha virado uma bagunça, essa era a verdade. Luiz conhecia a razão de eu andar disperso e, mesmo contra a minha decisão de ser remanejado para o departamento federal de São Paulo, prometeu fazer o possível para agilizar a burocracia da transferência.

— Quer saber, Vicente? Vá para casa, desligue a porra do seu telefone e durma por pelo menos dez horas seguidas. Não apareça na minha frente antes de três dias ou juro que serei obrigado a afastá-lo.

Essa era uma ameaça que vinha se tornando recorrente. Não só pelo meu constante mau humor, como também pela falta de atenção em que me encontrava. Eu andava disperso, desinteressado. E meu comportamento atípico vinha interferindo em meu trabalho, sempre tão enaltecido pela

equipe.

— Eu não vou para casa. — Não havia tido um dia sequer desde que voltei a Brasília que não tenha me ocupado com trabalho. Quando não estava sobrecarregado com as investigações e papeladas da repartição, eu me mantinha ocupado em meu apartamento.

Sofrendo por conta da necessidade de manter a cabeça atravancada, porque deixá-la vazia significava pensar em Maitê e em tudo o que ficou em São Paulo. Pensar, ultimamente, não era algo que eu desejasse fazer. Um minuto com a guarda baixa e eu me via castigado pelas consequências dos erros que cometi. O pior era que a dor rasgando o meu peito nem mesmo poderia ser chamada de saudade. Ela já ia além desse sentimento.

Falar com Serena, de tempos em tempos, também não ajudava. A melhor amiga de Maitê parecia ter prazer em me fazer sentir culpado. Quando não esfregava na minha cara a presença constante de um tal Gabriel, a loira dos infernos vinha com o interrogatório de sempre. *Quando estará de volta? O que o está prendendo aí ainda?*

A pressão que ela fazia era daí para pior. Serena não tinha clemência.

NACIONAIS - ACHERON

E quanto mais dias se passavam sem resposta sobre o meu pedido de transferência, mais alucinado eu ficava. O amor fazia isso com um homem: o deixava maluco, sem estribeiras. Eu era a prova.

Tanto que mal conseguia dormir, e as poucas horas a que me acostumei, ao longo dos anos, já não existiam. Tinham sido extintas enquanto eu passava boa parte da madrugada rondando o apartamento à procura de sossego. Não que funcionasse. Porque eu andava, realmente, intratável. Por várias vezes pensei em telefonar para Maitê, dizer a ela o quanto sentia a sua falta, mas, por alguma razão, eu sempre desistia. A verdade era que eu tinha planos para nós dois, planos que não envolviam fazê-la sofrer mais do que fiz ao longo do tempo que passamos separados.

— Vicente. — O homem se aproximou, falando baixo agora. — A sua merda tem interferido no meu trabalho. É meu dever cuidar para que os agentes dessa superintendência estejam focados. Você levou um tiro essa manhã, foi descuidado. Seu trabalho era entrar, entregar a porcaria do mandado e sair. Como isso se transformou em dois dos meus homens sendo baleados, eu não tenho ideia.

— Nós fomos pegos de surpresa. — O infeliz do

traficante partiu para cima da minha equipe antes que pudéssemos reagir. Tudo bem que eu estava exausto, cansado para caralho, mas não conseguia enxergar a cena desta manhã tendo outro final, que não o de dois agentes baleados e o miserável que procurávamos atrás das grades. Luiz deveria estar feliz por termos feito nosso trabalho, e não estar enchendo a paciência e me dando sermão como se eu fosse um maldito garoto.

— Vá para casa, Vicente. E só apareça daqui a três dias — ordenou, antes de deixar a minha sala. Vários dos meus agentes passaram em frente à porta, a fim de verificar a extensão do tiro de raspão que levei, alguns parabenizando-me pela prisão. Outros achando graça por eu ter sido pego com as *calças arqueadas*, o que, veja, nunca aconteceu comigo antes. E alguns apenas acenaram. Cientes de que os riscos que corríamos, quase que diariamente, fazia parte do trabalho ao qual nos destinamos a fazer.

Sem escolha, reuni parte do meu material sobre a mesa e deixei a superintendência, prevendo o terror que seriam os próximos dias. Enquanto dirigia até o apartamento, que ficava no centro da cidade, comecei a pensar na última vez em que havia conversado com meu pai. Parecia menos tempo, mas,

agora, ao fazer as contas, eu percebi que foi há três semanas. O Sr. Moraes andava recluso nos últimos tempos e, de acordo com a Joana, ele pouco saía de casa, e quando o fazia quase sempre era para resolver questões da EMC e da sua saúde. Como consultas e *check-ups*. Não acho que a perda de Otávio tenha nos tornado próximos, mas, talvez, tenha nos *forçado* a conviver um com o outro. Mesmo que em esporádicas conversas por telefone.

Joana, por sua vez, era um pouco mais insistente do que o Sr. Moraes, e ligava regularmente, a fim de me verificar. Acredito que ela fazia o mesmo com Maitê, e o pouco que era falado a respeito da minha garota punha-me nervoso. Depois de algum tempo, ao perceber o quanto conversar sobre ela me fazia mal, Jô parou de forçar o assunto, limitando-se a responder ao final de cada ligação a mesma pergunta que sempre escapava da minha boca.

Ela está bem? E, para a minha paz de espírito, a resposta quase sempre era sim.

Chegando ao prédio em que morava, eu estacionei o meu carro na garagem interna. Esbravejando como um velho resmungão ao sentir a dor intensa no meu braço. Passei rapidamente pela portaria, pegando as correspondências do

dia anterior, e subi. Os analgésicos começaram a fazer efeito assim que pisei em meu apartamento. Exausto, eu deposei as correspondências e chaves sobre a mesa ao lado do sofá e me joguei nele, retirando os sapatos e arrancado a camisa preta que vestia. Meu colete havia ficado no carro, assim como o distintivo, mas eu não me preocupei, já que não os usaria pelos próximos três malditos dias.

Porra, eu queria matar o Luiz por me obrigar a isso!

Desinteressado, eu zapeei os canais esportivos até encontrar um de meu interesse. O jogo do Milan tinha acabado de começar, a partida ainda estava 0x0, mas eu logo percebi que não era o suficiente para me manter distraído. Por isso peguei as correspondências sobre a mesa e comecei a folheá-las até chegar ao envelope grosso, enviado por um dos investigadores que estive na cola de Marcelo semanas atrás. Como previ, o infeliz tinha ficha suja, e após depoimentos de antigos clientes e funcionários, foi fácil reunir provas para incriminá-lo por sonegação fiscal. Lavei minhas mãos quanto ao que seria dele, satisfeito por tê-lo ao menos desmascarado e garantido que ele não voltaria a importunar Maitê.

Bem, isso foi resolvido há mais de um mês, então não fazia ideia de por que estava recebendo essa correspondência,

já que tudo o que me ligava ao investigador era o Marcelo.

Caro Vicente,

Recolhi esses documentos em uma das revistas ao escritório de Marcelo. Pensamos que poderia ser usado como prova, então os mantivemos por um tempo. Acho que você gostaria de dar uma olhada.

Era o bilhete anexado.

Sem entender, eu terminei de rasgar o envelope e me deparei com várias cartas. Incluindo outros documentos, alguns deles referentes até mesmo à construtora.

Verifiquei os papéis atrelados à EMC e percebi que ao longo dos anos Marcelo lucrou quase o dobro do que um advogado comum lucraria ao prestar seus serviços a uma empresa como a Moraes. Tudo graças à interferência de Otávio. Até aí eu não estava surpreso. Esse, aliás, foi um dos motivos que levaram o meu pai a afastá-lo após a morte de meu irmão. Desde então, a construtora vinha passando por diversas mudanças, agora, sob a gestão do filho mais novo do Sr. Álvares.

Atendo-me às cartas, eu levei um baque ao reconhecer a letra rabiscada na folha desgastada pelo tempo.

Sou eu de novo...

Hoje completa duas semanas desde que você deixou a cidade, e eu continuo sem ideia de onde possa estar. Não tenho notícias suas, minhas ligações caem todas na caixa-postal e a cada dia que passa se torna mais difícil acreditar que você vai voltar. Que irá colocar sua cabeça teimosa no lugar e perceber que eu nunca seria capaz de te trair. Você foi o meu primeiro, Vince, o primeiro que amei, o primeiro a quem me entreguei. Como poderia ir para cama com outro? Você deveria saber que eu te amo demais para fazer algo tão horrível.

Otávio não entende por que escrevo, mas acho que lá no fundo eu faço porque espero pelo dia em que você voltará e lerá todas as minhas cartas. Espero que, quando isso acontecer, tudo volte ao normal. Escrever tem sido a maneira que encontrei de colocar para fora o medo que estou sentindo sem você aqui comigo. Nunca pensei que um dia nos separaríamos, também nunca cogitei uma vida sem você. Então, por favor, Vicente, não me deixe aqui sozinha. Eu

nunca estive com tanto medo como estou agora.

Por favor, por favor... assim que ler essa carta, só volte.

Sua para sempre, Maitê.

Fechei os olhos por um maldito segundo. Meu cérebro sendo invadido por imagens da minha garota chorando enquanto escrevia essa carta. Porque não havia outra maneira de colocar essas palavras no papel sem desmoronar. Continuei a ler, anestesiado. Uma dormência que em nada tinha a ver com os analgésicos que tomei, e sim tudo a ver com o conteúdo das cartas.

Cada uma mais desoladora que a outra.

Chegando às últimas, eu já não tinha forças. Estava destroçado por dentro, mas, acima de tudo, arrependido. Procurei manter a calma e desdobrei outra folha, voltando a ler. Sem esperar que, dessa carta, viesse o golpe final. Aquele que me deixaria de joelhos.

Hoje eu descobri que estou grávida e não consigo parar de chorar desde então. Ninguém nessa casa entende o que está acontecendo comigo, nem eu mesma. Tudo o que sei é

que, agora, mais do que nunca, eu preciso de você.

Sua para sempre. Maitê.

— Porra! — esbravejei angustiado, levando a mão até o meu rosto em um ato de desespero. Afastei a carta, incerto se continuava. Faltava apenas uma agora, e confesso que me achava incapaz de sentir mais dor do que a que eu sentia no momento.

Eu estava errado.

Talvez essa seja a última carta que escrevo, eu não tenho certeza. Está tudo muito confuso para que eu seja coerente agora. Os últimos dias estão sendo os piores da minha vida. Se doeu te perder, doeu um milhão de vezes mais perder a nossa filha. Porque, Vince... ela era tudo o que eu tinha de você. Tudo. Hoje completa três dias que acordei em uma cama de hospital e recebi a notícia de que o nosso bebê se foi.

Por que você não está aqui? Por que ainda não voltou?

Não sei por que essas coisas continuam acontecendo. Por que Deus me tira todas as pessoas que eu amo. Eu já perdi tanto. Até quando isso vai continuar? Eu já não tenho

ninguém e eu sinto tanto, tanto a sua falta, que machuca. Me dilacera. Otávio anda nervoso. Agitado. Acho que ele também sentiu a perda da nossa filha, não tem outra explicação. Eu sinto que errei ao me casar com ele, Vicente. Achei que poderia fazê-lo feliz, mas eu não posso. E, agora, eu não sei o que fazer para sair desse casamento. Ele jura que irá ficar tudo bem, que com o tempo eu o aceitarei como marido, mas... eu não acho que isso vá acontecer. Só há um homem nessa vida que eu sou capaz de amar, e esse homem é você.

Mas talvez Otávio esteja certo, amar você tem feito mais mal do que bem. Então é isso, as cartas precisam parar, porque eu não posso mais continuar. Eu estou cansada de esperar por você e pedir para que volte.

Você desistiu da gente, e agora sou eu quem desiste de você.

— *Pequena* — chamei o seu nome em silêncio e me forcei a engolir o nó atracado à minha garganta enquanto lutava contra o iminente choro.

Miséria! Quando penso que todo esse sofrimento poderia ter sido evitado se eu apenas a tivesse escutado. Se não

NACIONAIS - ACHERON

tivesse sido tão cabeça dura! Essa não era a primeira vez que me ressentia das minhas escolhas, não, eu fiz isso muitas vezes, nos últimos meses. Tanto que a culpa se tornou a minha melhor amiga.

Com a cabeça baixa, eu permiti que as lágrimas vazassem, pensando que a última vez que eu as tinha sentido fora no enterro de minha mãe, com Maitê ao meu lado. Abraçada a mim. Depois daquele dia... as nossas vidas, o nosso amor, tudo pareceu desmoronar!

Eu queria tudo de volta: o nosso futuro, os planos que fizemos. Queria Maitê em minha vida... e dessa vez para sempre.

Dois dias após a leitura das cartas, Luiz apareceu em meu apartamento. Era tarde da noite, ele estava fora do plantão na delegacia e disposto a beber comigo. Flamenguista fanático e acostumado ao ambiente, a primeira coisa que fez foi ligar a TV de plasma e colocar no canal esportivo. Peguei para a gente duas *long necks* e me joguei no sofá, esperando que ele

disse a que veio. O que não aconteceu rapidamente.

— O que tem nessa pasta que você trouxe? — perguntei já quase no final do primeiro tempo. Começando a me irritar com o fato de que ele tinha *se convidado* a vir até o meu apartamento, estava bebendo das *minhas cervejas* e, aparentemente, não tinha falado nada de útil até o momento. Sua atenção estava inteira no jogo.

Talvez Luiz estivesse pensando que eu precisasse de companhia, que as explosões dos últimos tempos tenha se dado por me sentir sozinho. O que não era verdade. Tudo o que queria era a minha garota. E isso era algo que eu não sabia se Luiz era capaz de compreender. O cara era um lobo solitário, acostumado a essa vida desregrada.

— São os papéis do seu remanejamento — disse despreocupado.

— Porra, e você só diz isso agora? — Eu os peguei, procurando pela confirmação.

— Eu queria ter um último divertimento, Vicente. Você está nervoso desde que passei por aquela porta... não pude resistir. — Ele riu. — Agora você está oficialmente livre das obrigações com a minha superintendência. Depois do tiro que

levou, no começo dessa semana, eu percebi que, se não pressionasse os meus contatos, acabaria vendo você se matar. E, veja, eu não gostaria de ter esse peso em minhas costas.

— Eu já estava ficando louco com essa espera, Luiz — disse aliviado, quase não acreditando.

— A sua transferência iria acontecer mais cedo ou mais tarde, Vicente. Tudo o que fiz foi cobrar o favor a um amigo.

— E você não poderia ter feito isso antes?

— Claro que poderia. Mas eu precisava ter certeza de que você estava tomando essa decisão de cabeça fria. De que tinha absoluta certeza. Eu odiaria vê-lo deixando a vida que construiu aqui em Brasília por uma paixão do passado só para acabar arrependido depois.

— Luiz... porra! Você me deixou passar por toda essa merda sendo que podia ter intervindo antes?

— Eu te fiz um favor, amigo. Conheço o seu temperamento e, se tudo o que me disse for mesmo verdade, manter você aqui durante essas semanas foi a decisão mais acertada.

— É nisso que acredita? — Passei a mão pelo cabelo, sentindo a adrenalina voltar.

— Eu já fui como você, Vicente. Não pensava nas decisões que tomava, era explosivo e inquieto! Ora raiva, ora prazer. Cometi muitos erros nessa vida e não estava disposto a deixá-lo ir pelo mesmo caminho. — Ele deu de ombros. — Mas você provou que ama essa mulher, que está disposto a tudo por ela... não tenho por que mantê-lo aqui por mais tempo. Dentro de alguns dias eu receberei o delegado que irá ficar no seu lugar, acredito que você tenha até semana que vem para resolver a sua vida aqui no estado e ir atrás da sua mulher.

Seis dias depois da nossa conversa, eu voltei para São Paulo.

VIDA NOVA

Recomeça... se puderes.

Miguel Torga.

MAITÊ

Deixei o banheiro já vestida para a caminhada que pretendia fazer e mais do que pronta para tomar o meu café da manhã. Serena era uma madrugadora, assim como eu, e normalmente ia para a academia enquanto eu me aventurava pelas calçadas paulistanas. Eu nunca disse a ninguém, mas correr me fazia sentir próxima de Vicente. Além de ter o mesmo efeito calmante que a natação teve por tantos anos.

Vida nova, novos hábitos. Foi assim que me convenci a trocar as horas dentro de uma piscina pelas corridas ao ar livre.

Cheguei à cozinha e, para a minha surpresa, Serena já estava lá. Minha amiga andava misteriosa nesses últimos dias, olhando-me com mais atenção e frequência do que o normal. Fora as perguntas estranhas que vinha fazendo a respeito do *meu coração*. Querendo saber, principalmente, se ele ainda

NACIONAIS - ACHERON

estava partido.

Antes que ela viesse com ideias erradas e sugestões de encontros às escuras, que foi a primeira possibilidade em que pensei, eu deixei minha opinião bem clara. Eu não estava pronta para me envolver com ninguém de fora. Nada de encontros ou saídas ao acaso. Nada de homens. Serena não era boba e sabia o que os sintomas que vinham me acometendo poderiam significar. Nós duas sabíamos.

O que tornava o seu recente interrogatório ainda mais esquisito.

Quanto às minhas suspeitas... bem lá no fundo, eu morria de medo de que elas se mostrassem infundadas. Essa era a razão pela qual eu não havia feito nada até agora para dar fim à nossa desconfiança. Claro que havia alguns sinais aqui e ali, como os três quilos que ganhei, por exemplo, e que pareciam concentrados em meus seios e abdômen. O sono constante, a fome monstruosa. Além, é claro, de um forte mal-estar a cada vez que sentia o cheiro de café. Desde que o enjoo começou essa se tornou uma bebida proibida dentro desse apartamento.

Mesmo com todos os sinais torcendo a favor, eu vinha adiando o que não poderia ser adiado. Não por muito tempo.

NACIONAIS - ACHERON

— Bom dia, dorminhoca. — Serena sorriu assustadoramente, e eu fiz uma careta. — Acordou com algum desejo essa manhã? — provocou, balando o rabo de cavalo loiro conforme se movia pela cozinha.

— Não sei por que, Serena, mas acho que nos últimos dias você tem estado além da sua loucura habitual. Está me escondendo algo? — perguntei enquanto me servia de um pouco de suco, sentando-me na banquetta.

— O que eu poderia estar escondendo, amiga? — Ela se fez de sonsa, afastando o seu celular da mesa.

— Eu te conheço... e acho que está armando algo. — Eu a observei.

— São os hormônios, não são? Eu nunca estive nesse estado... você sabe... — A descarada apontou para a minha barriga. — Então não tenho como saber. Mas essa recém-mania de perseguição, hum... ela está me cheirando a hormônios descontrolados, Mah. — Se ela não fosse minha melhor amiga, eu já a teria matado. — Agora, me diga, senhorita... Deus eu amo te chamar assim... *senhorita*. Nada mais de senhora. Urgh! — Ela estremeceu. — Você pretende caminhar com esse tempo? Está o maior temporal lá fora.

Serena, às vezes, dava um nó em minha cabeça pela facilidade que tinha em dizer várias coisas ao mesmo tempo. Tudo em uma única expressão. Eu estava acostumada a ela? Estava, mas não em altas dosagens.

Revirando os olhos, eu verifiquei o tempo pela janela.

— Pingos não se enquadram no que poderíamos chamar de temporal, Serena.

— Tudo bem, não está chovendo *tanto* assim, mas não acho que seria prudente.

— Eu posso sobreviver a um chuvisco. Não seja exagerada.

Viver com Serena era assim. Estar constantemente sob vigilância. Ela se preocupava comigo, além de ser a minha maior incentivadora. Tanto que, assim que descobriu o meu plano de trabalhar como *freelancer*, pegando alguns projetos por conta própria, ela decidiu sair da Moraes e embarcou nessa loucura comigo. Quando comecei a procurar por apartamentos em que eu pudesse viver e montar o nosso escritório, ela ficou além de animada e, desde então, nós estávamos em uma busca incessante pelo imóvel que atenderia às nossas necessidades.

Sendo bem sincera, eu não sabia o que teria sido de mim sem o suporte que ela e Gabriel me deram nessas últimas semanas. Recordar o apoio que recebi deles fez meu pensamento voar até o Homero. Para ter a cura que buscava eu mantive distância do meu sogro. Em parte, por ainda estar magoada, mas também por precisar de espaço. Passei tempo demais colocando as necessidades do Sr. Moraes acima das minhas e não desejava fazer isso novamente. O único contato que eu tinha com aquela família era através de Joana, que me mantinha atualizada a respeito do estado de saúde do patrão, além das mudanças que vinham acontecendo na construtora.

— Quando tomará coragem, Maitê? — ela voltou a falar, empurrando uma maçã em minha direção como se eu fosse uma criança.

— Na hora certa eu tomarei coragem, ok? Enquanto isso... — Mordi a fruta, dando de ombros.

— Enquanto isso nós fingimos que você não está carregando um bebê aí dentro, certo?

Encarei-a, surpresa. Essa era a primeira vez Serena falava tão diretamente sobre a possibilidade de eu estar mesmo esperando um bebê. Minha amiga não fazia ideia do quão arrasada eu ficaria se não fosse verdade. E mesmo que

NACIONAIS - ACHERON

não tenha sido planejado, eu desejava esse bebê com todas as minhas forças. Foram anos me protegendo quase que rigorosamente, tudo porque a ideia de engravidar de Otávio me aterrorizava. Mas em algum momento entre a ida dele para o hospital e o retorno de Vicente, eu sabia que devia ter me esquecido de tomar uma ou outra pílula.

Após terminar o café, eu me despedi de Serena e saí. Os passos, que começaram lentos, foram tomando ritmo conforme as batidas da música se intensificaram em meu *iPod*. Percorri o caminho de sempre em menos de 15 minutos e passei a próxima hora intercalando a intensidade da minha corrida. Ora lenta, ora rápida.

Hoje, no entanto, eu me vi obrigada a pegar um pouco mais leve. Depois de perder o fôlego repetidas vezes e me pegar pensando no que Serena havia falado, eu encerrei a corrida e parei na primeira farmácia que encontrei no caminho de volta. Segurei o pacotinho contendo o rumo do meu futuro de maneira apreensiva, permitindo, pela primeira vez no dia, que a lembrança do tempo que passei com Vicente naquele *resort*, longe de tudo e trancados em nosso próprio mundo, viesse à tona.

Certa agora de que aqueles dias poderiam ter mudado

tudo.

Cruzei as pernas, sentando-me no chão enquanto observava as duas irmãs que haviam chegado ao abrigo essa semana. Depois das sessões, que, na verdade, nada mais eram do que longas conversas entre amigos, Gabriel considerou a possibilidade de que eu dedicasse o meu trabalho voluntário às crianças. Hoje eu participava das reuniões e grupos de apoio, só que agora não apenas como uma ouvinte.

Depois que percebi que o seu conselho poderia estar certo, eu passei a dedicar várias horas dos meus dias aos pequenos. Eu tinha verdadeira adoração por eles, e isso tornava a aproximação bem mais fácil. Diego, o primeiro pequeno por quem me apaixonei, havia seguido em frente com a sua vida, junto de sua mãe. Os dois mudaram de cidade e estavam recomeçando. Como toda família passando pelo mesmo tipo de situação deveria ter a oportunidade de fazer.

— Tia, você ouviu o que eu disse? — a garotinha tímida perguntou, tocando o meu cabelo com fascínio.

— Eu não ouvi, linda, você poderia repetir?

— Eu disse para minha irmãzinha que, quando crescer, eu quero ser médica. Eu vou cuidar das pessoas... vou sarar elas. — Sorri diante de tanta ternura.

Era bom ver crianças que chegavam ao abrigo assustadas, depois de sofrerem abuso psicológico, fazendo planos. Não se deixando abalar pela maldade dos adultos.

— Algo me diz que você será uma médica incrível. Mas para isso terá de estudar muito, ouviu?

— Eu vou estudar, tia. Vou estudar todos os dias, até crescer. — Peguei-me sorrindo para ela, que parecia alheia à bagunça em que eu me encontrava naquele momento.

Eu não havia feito o teste ainda, mas não conseguia deixar de pensar: *e se eu realmente estivesse grávida? Como eu diria a Vicente?*

Na manhã seguinte, depois de resolver questões no Morada e de me reunir com um cliente, eu decidi passar em um supermercado 24 horas, próximo ao apartamento de NACIONAIS - ACHERON

Serena, e repor o que precisávamos. Verduras, frutas e algumas besteiras que gostávamos de comer a noite. Durante toda a tarde, eu me senti ser observada, chegando a pensar que Serena poderia estar certa quanto a uma possível mania de perseguição, o problema era que eu tinha quase certeza de estar sendo mesmo vigiada.

O primeiro sinal foi o arrepio gelado percorrendo o meu corpo. O segundo, os passos que eu podia jurar escutar atrás de mim no estacionamento. Temi, a princípio, que pudesse ser Marcelo, eu nunca entendi direito como ele desapareceu tão facilmente do meu radar. Depois pensei se tratar de um assalto. Mas quem perseguiria alguém por tanto tempo apenas para roubar no final?

Não levei mais do que alguns segundos até chegar ao carro e, de tão nervosa, eu acabei me atrapalhando com as chaves e as deixei cair, o que fez com que a sacola de frutas também caísse e tudo se espalhasse. Ajoelhada, eu comecei a reunir o que não havia estragado e, ao conseguir, me levantei, sentindo as sacolas serem puxadas da minha mão. *Meu Deus! Era mesmo um assaltante*, pensei horrorizada.

— Shh... sou eu, pequena. — Travei, assim como o meu coração, que parou imediatamente de bater. Abri e fechei a

minha boca, até ter coragem de olhar para ele.

Para o Vicente.

— Quando... voltou? — Minha voz saiu trêmula, quase inaudível. — E por que estava me seguindo?

— Eu precisava te ver. Descobrir uma maneira de me aproximar, mas vejo agora que qualquer aproximação que eu fizesse a deixaria como está agora: assustada. — Claro que eu ficaria assustada! O homem tinha o hábito de entrar e sair da minha vida deixando sempre um rastro de dor pelo caminho.

Tentei assimilar o que Vicente disse em seguida, mas não fui capaz. Meus ouvidos zuniam alto. Zonza, eu me foquei em estudar os seus traços. O olhar obstinado parecia tão mais sério agora. As linhas finas ao redor dos seus olhos estavam mais acentuadas. Vicente não estava conseguindo dormir, isso ficou claro. Cedendo ao meu velho hábito, eu mordi o lábio, apreensiva.

— Há quanto... tempo está na cidade? — sussurrei, angustiada.

— Voltei ontem. — Assenti mecanicamente. — Pensei em te procurar antes, mas...

— Por quanto tempo? — eu o cortei, não querendo ouvir

suas desculpas.

Recusando-me a ter esperanças e a buscar por desculpas que justificassem a sua presença na cidade. Mas... por que me seguir? Droga, a cada vez que esse homem decidia desaparecer e depois voltar, assim, repentinamente, era atrás de mim que ele vinha. O que era difícil de entender por que ele nunca se mostrava disposto a ficar.

— Quanto tempo você pretende ficar? — repeti a pergunta.

Eu precisava saber, antes que fosse novamente atropelada por ele e sua tempestividade.

— Eu voltei para lutar por você, pequena, e, dessa vez, pretendo ficar para sempre.

VICENTE

Ela desmaiou. Simples assim.

As palavras tinham acabado de deixar a minha boca quando eu a peguei em meus braços. Meu corpo inteiro estava tenso após observá-la reconstruindo a sua vida... sem mim. Soaria egoísta, mas tive medo de que isso dificultasse a minha

NACIONAIS - ACHERON

aproximação. Um medo que logo foi substituído por alívio. Maitê estava bem e, segundo Serena, começava a se reerguer agora. Cabia a mim, então, convencê-la de que ainda podíamos e merecíamos nos dar outra chance.

Ao me aproximar, confesso que esperava por tudo. Que ela me mandasse à merda, batesse e gritasse. Mas o que Maitê fez? Desmaiou.

Sem pensar duas vezes, eu a coloquei no seu carro, peguei as chaves de sua mão, guardei as compras no banco de trás e me preparei para levá-la ao médico. No meio do caminho, porém, Maitê acordou, desorientada, e pediu que eu não fizesse isso, que a levasse para o apartamento de Serena, garantindo que já estava sentindo-se bem. Teimeei com ela, a princípio, preocupado, mas percebi que meu comportamento apenas a irritaria, então, cedi e fiz o que me pediu.

— O que você fez com a minha amiga? — Serena chiou em meu ouvido, de maneira aguda e contrariada, assim que me viu atravessar o batente da porta com uma mulher irritada em meus braços.

— Ela desmaiou, porra. Me ajude aqui! — Serena me levou até o quarto mais próximo, que logo descobrir ser o de Maitê. O cheiro dela estava impregnado em todo o cômodo.

— Eu pensei que você tivesse voltado para resolver tudo, e não para que a coitadinha desmaiasse — disse baixinho, para que a sua amiga, visivelmente zonza, não a escutasse. — O que você fez para causar isso?

Balancei a cabeça, ignorando seu mini ataque. Os olhos fixos na minha garota.

Puxei seu braço para sentir a pulsação e ela estava fraca. Não havia febre, eu conferi, os olhos não estavam dilatados nem apresentando qualquer anormalidade. Ainda assim, eu não podia deixar de me preocupar. Ninguém desmaiava à toa.

— Ela não quis ir ao hospital, mas acho que talvez fosse o melhor a fazer... — comentei atraindo a atenção das duas, vendo a expressão de Maitê se transformar em pânico. Mesmo que ela fizesse um enorme esforço em esconder.

— Você fez bem em trazê-la até aqui. — Serena deu duas batidinhas em minhas costas. — Agora, se não se importa, eu irei cuidar da minha amiga e...

— Eu não irei embora.

— O quê? — as duas falaram juntas, mas eu fiquei mesmo foi aliviado por ver minha garota reagindo. Ela tinha estado calada até agora. A boca carnuda da qual eu tanto senti

falta foi mordida pelo dente branco, em um aperto leve.

— Você quer ir ao médico? — perguntei diretamente a ela.

— Não... eu acho melhor não. — Ela virou o rosto, detendo-o no criado-mudo ao lado da cama. — Está tarde, eu agradeço que tenha me trazido para casa, mas acho melhor que vá embora.

Não mesmo.

— E eu... acho melhor passar a noite aqui.

— Vicente, não a pressione — Serena murmurou.

— Não estou pressionando ninguém, só estou preocupado. Pensem comigo, vocês duas. Imagine que o que tenha levado Maitê a desmaiar aconteça de novo. — Eu encarei a loira. — Você não teria forças para carregá-la, Serena. O que fariam? — As duas se entreolharam pensativas, analisando o meu ponto.

Maitê bateu as costas nos travesseiros altos sobre a cama, suspirando, exasperada, enquanto Serena tomava conta da situação.

— Ok, amigo. Você está certo, só que como essa é uma casa de respeito, você terá que fazer sua guarda lá do sofá,
NACIONAIS - ACHERON

tudo bem? Não admitirei safadezas debaixo do meu teto, então se despeça da minha amiga e venha me ajudar a preparar algo para que ela possa comer.

Com um olhar cúmplice, Serena olhou a sua amiga e partiu para a cozinha, deixando-nos a sós por um momento.

— Se você acha que eu vou aceitar que entre de novo na minha vida, arrase com tudo como fez da última vez e depois... — Eu me inclinei sobre a cama, afastando as mechas castanhas do seu cabelo, e beijei a sua testa, com carinho, fazendo suas palavras morrerem.

— Eu não voltei para arrasar com a sua vida, pelo menos não da maneira que está imaginando — disse baixo. — Agora descanse, sim?

Enquanto deixava o seu quarto, eu ainda a escutei bufar de maneira furiosa.

DESAFIO

Não há mal que dure para sempre.

Chico Xavier

MAITÊ

Acordei algum tempo depois, ouvindo o som de risadas vindas da cozinha. A porta do meu quarto permanecia aberta, e eu pude perceber que Serena parecia bastante à vontade com a presença do nosso convidado. A maneira como os dois cochichavam, antes, também não me passou despercebida, ponderei ao me levantar da cama. Eu sabia que ela nunca faria nada para me magoar, mas estava claro que Serena estava debandando para o lado do inimigo e, possivelmente, sendo conquistada pelo charme impetuoso de Vicente.

Eu não voltei para arrasar com a sua vida.

Não mesmo?, pensei sem acreditar em uma palavra do que ele disse.

Frustrada, eu me troquei com uma velocidade quase espantosa, vestindo um pijama confortável e seguro. Eu não

NACIONAIS - ACHERON

queria arriscar que Vicente notasse as mudanças do meu corpo, por mais sutis que elas fossem. Para a minha surpresa, encontrei-o de costas, cozinhando algo ao fogão enquanto a descarada da minha melhor amiga bebia uma taça de vinho. Ela não queria ajuda dele, queria pô-lo a trabalhar.

O cheiro gostoso da sopa fez meu estômago roncar, mesmo que o mal-estar predominasse. Admirei a maneira como seus ombros se revelavam sob a camisa, e os braços, movendo-se com extrema perícia. Uma cena familiar que causou uma pontada de dor em meu peito.

— Mah, o que está fazendo de pé? — Serena perguntou ao me ver, e eu franzi os olhos para ela de maneira séria. Se eu estava aqui, de pé em frente à cozinha e pensando na vida que deveria ter tido com esse homem, era por causa dela, que permitiu que ele ficasse.

— Suas risadas me acordaram — provoquei.

— Ah, amiga, se você tivesse escutado a história que Vicente contou teria achado graça também. Acredita que ele levou um tiro há poucos dias?

Gelei por dentro, olhando para ele.

— Tiro? — Mal consegui perguntar.

— Sim — Serena continuou enquanto o olhar de Vicente se chocava ao meu. Intenso, desejoso. Notei a maneira como me olhou dos pés à cabeça, sorrindo ao me ver inteira tapada. — Ele foi cumprir o mandado de busca e apreensão de um traficante, mas toda a equipe caiu em uma emboscada e ele foi acertado no braço.

— Foi de raspão — Vicente se adiantou em explicar, mas eu ainda estava entorpecida, pensando em todo o tipo de situação perigosa em que ele deveria se colocar todos os dias. Procurei pelo braço atingido e só aí consegui identificar o curativo por baixo da manga de sua camisa.

— Onde está a graça nisso? — perguntei, e ela pareceu analisar a situação. Dando de ombros em seguida.

— Teve graça quando ele contou. — Serena terminou de beber sua taça de vinho e se levantou, empurrando-me até a cadeira mais próxima. — Desfaça essa carinha preocupada e coma. Vicente acaba de me mostrar que tem... muitos talentos.

— Qual é o seu problema? — indaguei baixo quando Vicente riu, limpando a mão do avental que usava. Sem conseguir desviar meus olhos dele, eu assisti à maneira como a sua boca contornou a garrafa de cerveja que bebia. Senhor!

Esse fogo só podia ser causado pelos os hormônios, certo?

— Não sou eu que parece com problemas aqui, amiga.

— Você sabia que ele estava de volta, não sabia? —
Serena era uma péssima mentirosa, a descarada! — Por isso
todas aquelas perguntas?

Ela me ignorou, sorrindo como se tudo estivesse bem.
Fazendo um som exagerado ao provar a sopa preparada por
Vicente.

— Hum. Você já pode casar, amigão! Essa sopa está
deliciosa!

Serena só podia estar de brincadeira com a minha cara,
pensei frustrada.

VICENTE

— Posso entrar? — perguntei, minutos depois de Maitê
entrar em seu quarto.

Após o jantar ela tinha se levantado, alegando precisar
descansar, e desapareceu pelo corredor. Serena pediu que eu
tivesse paciência com a sua amiga, lembrando-me de que as

últimas semanas tinham sido complicadas e que, na cabeça de Maitê, eu realmente a tinha deixado. Ainda assim, ela pediu que eu mantivesse o pulso firme e que não a deixasse escapar. Segundo a loira, Maitê tinha um leve traço de teimosia que se fazia presente nos piores momentos, o que poderia dificultar, e muito, a minha vida, se eu não agisse logo

— Eu estou cansada, Vicente... não sei... — Fechei a porta do quarto, querendo ganhar alguma privacidade.

— Só vim te dar boa noite, pequena. Sei que está cansada e que o dia hoje... foi intenso. — Eu a tinha seguido durante o dia e não a vi parar por um minuto. — Mas eu não conseguiria dormir sem antes... fazer isso. — Meus dedos se emaranharam em seu cabelo, enquanto eu a beijava suavemente. Apenas tocando nossos lábios um no outro. Deixando que ela sentisse o roçar da minha boca e decidisse se continuava ou não com o carinho.

— Por que está fazendo isso comigo? Na última vez... — protestou em um sussurro, a boca se movendo sobre a minha.

— Na última vez eu estava cego pela raiva, Maitê. Não conseguia enxergar um palmo à frente. Tudo no que pensava era em vingança e em você. Mais em você... principalmente.

— E agora? — indagou, levantando o olhar, dando-me a chance de explicar.

— Agora eu só penso em você. Não há desejo de vingança, não há pretensão de ir embora. Meu mundo inteiro está girando ao seu redor, pequena. Preciso que saiba disso.

— E eu preciso que me dê espaço — ela falou de um jeito triste. Ainda magoado.

— Maitê...

— Se você realmente voltou por minha causa, fará as coisas do meu jeito, Vicente. E, nesse momento, eu quero que me deixe sozinha.

Eu a deixei.

Saí do seu quarto, fechando a porta sem fazer barulho, e me dirigi à sala, que foi onde encontrei Serena arrumando o sofá para que eu pudesse passar a noite.

— Ela não vai deixar as coisas tão fáceis para você, amigão. Não ouse desistir — a loira infernal resmungou.

— Eu não vou. — Enfiei as mãos nos bolsos da minha calça enquanto a observava. Serena era uma mulher bonita, bem-humorada, mas tinha algo nela que não se encaixa.

— O único motivo de você estar aqui, hoje, é porque eu amo a Maitê e quero muito que ela seja feliz. Por algum motivo, eu acho que isso só irá acontecer se você estiver ao lado dela. Vocês dois foram feitos um para o outro... são alma gêmeas, Vicente. E isso é raro.

Eu sabia disso tudo, porque sentia que minha felicidade também só seria possível com Maitê ao meu lado. Eu estive estragado para as outras mulheres desde o primeiro dia em que pus os meus olhos nela. Posso ter me deitado com outras pelo caminho, posso ter tentado esquecê-la, mas foi tudo um esforço inútil, porque no meu coração só havia espaço para Maitê.

— Qual é a sua história, loira? — Ela me encarou, surpresa.

— Não há mais história. Eu tive a minha chance... mas ela me foi arrancada. Não dei valor como deveria, sabe? Agora é tarde, eu não tenho como voltar atrás e fazer diferente. Mas vocês dois... vocês ainda podem consertar tudo.

MAITÊ

Lavei o rosto e escovei os dentes após outra irritante crise de vômitos. O mal-estar dessa manhã parecia mais intenso do que o dos últimos dias. Do espelho, eu olhei para a sacolinha de testes sobre a bancada e decidi acabar logo com aquela incerteza. Foram os cinco minutos mais longos da minha, devo confessar, e, ao sair do banheiro, após fazer quatro testes com todos eles apresentando o mesmo resultado, eu percebi que me encontrava sozinha. Era cedo, Serena já havia saído para a academia e não havia qualquer rastro de Vicente no apartamento. Seria impossível não sentir a sua presença, caso ele estivesse ali. Rondei os cômodos, distraída, até que me rendi e sentei no local em que o homem passou a noite.

Fechei os olhos como uma maníaca e inspirei o ar, o cheiro da colônia masculina ainda estava presente e isso me atingiu. Fez-me querer mais dela como apenas uma viciada desejaria. Com o estômago protestando de fome, eu preparei o café da manhã e escutei quando a porta da frente foi aberta por Serena. Minha amiga entrou suada e estranhamente calada.

— Está tudo bem? — perguntei, preocupada.

— Tudo ótimo. Só tive uma noite ruim.

— Por causa do Vicente?

— Não... por causa das lembranças. — Entendi tudo. — Não é uma ironia que ontem tenha sido o aniversário de morte dele? E eu... eu esqueci, Maitê. Estive tão absorta...

— Nos meus problemas — constatei.

— Não, os seus problemas são meus também. Não é essa a questão. É só que eu sempre lembro, e dessa vez eu esqueci. — Minha amiga estava aflita.

— Quer um abraço? — ofereci, já estendendo os meus braços ao seu redor.

— Eu estou suada, Mah.

— Não me importa. Por você eu me sujaria um milhão de vezes.

— Isso foi tocante — ela ironizou, rindo um pouquinho.

— Foi, não é? — falei, me recusando a soltá-la. Serena já havia me contado a história do seu noivado, e da morte do Carlos. Eu sabia de tudo. A princípio não entendia como ela conseguia ser tão otimista e amorosa após perder o homem que amava, mas com o tempo passei a entender que a perda

dele a fez valorizar ainda mais a própria vida. Serena tinha *fome de vida*. Ela não admitia tristeza, não a sua, pelo menos.

— Então, a senhorita irá me explicar qual foi o lance do desmaio?

— Vicente me assustou, primeiro, ao me seguir, e, depois, ao dizer que *voltou para ficar para sempre*. Dá para acreditar?

— O homem fez as suas pernas tremerem, não fez? Você não aguentou a visão daquele pedaço de mau caminho e desmaiou. Foi isso.

— E você está louca, se acha que eu deixarei que ele me magoe outra vez. Você esteve aqui, Serena, viu todo o meu sofrimento. Não pode esperar que...

— Que você seja feliz? — ela me cortou. — Porque é isso que irá acontecer, se você der uma chance a ele.

— Você não entende.

— Ah, eu entendo! Vicente te ama, amiga, isso nunca esteve em questão. O único problema aqui é que o gostoso do seu homem, por mais forte e decidido que seja, não sabe lidar com a dor. Essa é falha dele.

— E você acha que eu poso lidar com essa falha?

— Acho, porque aquele homem está tão cansado de sofrer quanto você! E quando ele souber desse bebezinho que você carrega, tudo irá mudar. Basta que você lhe dê uma chance.

— Não sei se tenho forças para dar a ele outra chance, Serena. Além disso, eu não sou mais a única que sofreria, se ele voltasse a me deixar.

— Você fez os testes e não me falou! — ela gritou após assimilar o que eu havia acabado de dizer.

— Foi há poucos minutos, ok? Todos deram positivo, então... eu estou mesmo grávida — respondi com uma careta em meu rosto.

— Claro que você está! Eu sempre soube que aí dentro tinha um barbudinho, mamãe! — Ela se levantou animada.

— Barbudinho?

— Sim, já imaginou um mini Vicente deixando você louca?

Se eu imaginei? Serena não fazia ideia de tudo o que já havia passado pela minha cabeça desde que as suspeitas começaram.

— E se for uma menina?

— Se for uma menina, ela é quem irá deixar o Vicente louco.

O pensamento me fez rir. O mais estranho era que, desde a primeira vez que pensei sobre esse bebê, eu o imaginei como uma menina. Uma linda garotinha de cabelos castanhos, olhos nublados como os de Vicente e um sorriso cativante em seu rostinho. Eu não iria dizer isso a Serena, era difícil, até mesmo para mim, admitir, mas eu daria qualquer coisa para que tudo fosse diferente e que o pai do meu bebê quisesse ficar com a gente de verdade. *Dessa vez para sempre.*

“Podemos nos encontrar? É importante.”

A mensagem veio horas depois, enquanto eu tentava me concentrar no projeto em que trabalhava atualmente. Mas quando não estava pensando na minha recém-descoberta gravidez, eu pensava no Vicente. Serena, ágil como era, havia cuidado de tudo. Marcou a minha primeira consulta, reagendou alguns dos meus horários e me fez jurar ficar calma. Garantindo que tudo daria certo.

Há cerca de meia hora ela deixou o *nosso escritório*, a fim de almoçar com um cliente. Era ela quem fazia as primeiras reuniões e decidia se o projeto em questão se encaixava no perfil do meu trabalho. Esse filtro fazia-me ganhar muito tempo. No final das contas, era Serena quem cuidava da minha vida, dos orçamentos e contatos. A mulher era mil em uma.

“Importante quanto? Eu estou um pouco ocupada aqui.”

“Passo na sua casa à noite então, vista algo quente.”

Digitei umas dez mensagens, mas não enviei nenhuma. A vontade que eu sentia era de mandá-lo ir à merda, ele e a sua arrogância. Mas o homem foi mais rápido.

Não pense tanto, ok? Você sabe que nós precisamos conversar e eu tenho algo a te mostrar. É realmente importante.”

“Estarei pronta às oito.”

“Estou ansioso.”

Serena e eu tínhamos concepções diferentes do que seria *vestir algo quente*. Ela achou que Vicente se referia a algo sexy, e eu, a algo que me mantivesse protegida do frio. Ela ainda empurrou um de seus vestidos para mim, que acabou ficando extremamente justo, e eu recusei, não querendo parecer uma mulher oferecida.

— Não acredito que não irá com o vestido que escolhi — disse ao entrar no meu quarto.

— Serena... ele gritava sexo. E eu duvido que essa noite termine com Vicente e eu sobre uma cama. — Ela sorriu maliciosa, e eu suspeitei da safadeza passando por sua cabeça.

Ainda assim, eu me olhei uma última vez no espelho. Insegura se o jeans, moletom e botas de montaria eram *quentes* o suficiente para o Vicente.

— Desculpe estar te deixando nervosa, você está linda. — Sorri através do reflexo do espelho e reuni toda a coragem que possuía ao receber o aviso do porteiro de que Vicente havia chegado.

— Você irá contar a ele sobre o bebê? — minha amiga perguntou antes que eu saísse.

— Eu vou. Só não sei se será essa noite.

Serena pareceu concordar com minha decisão e me desejou uma boa noite, prometendo estar em casa quando eu chegasse, acho que ela tinha medo que Vicente e eu acabássemos brigando e eu não tivesse ninguém com quem desabafar. Ainda que uma parte dela acreditasse que nós iríamos fazer sexo louco e suado após o jantar e que eu nem mesmo eu voltaria para a casa.

VICENTE

Observei Maitê sair do apartamento e mais do que depressa abri a porta do carro para ela. Tendo passado os últimos dias na casa de meu pai, resolvendo algumas questões, todas elas referentes ao meu futuro com Maitê e ao meu novo trabalho na repartição federal de São Paulo, eu acabei por pegar um dos seus carros emprestados. Apartamento, carro... tudo o que possuía em Brasília fora vendido. Havia também alguns investimentos antigos, feitos

logo após o falecimento de minha mãe, parte deles sendo usados para recomeçar a minha vida aqui, em São Paulo.

— Você está linda. — E essa era a verdade. Os cabelos de Maitê estavam perfumados, eu senti quando ela passou por mim. O jeans, que cabia perfeitamente nela, realçando as curvas do seu corpo. Ela tinha me escutado quando eu pedi que se agasalhasse, e isso era bom. Havia um restaurante ao ar livre fora de São Paulo e que, nessa época do ano, costumava esfriar mais do que o habitual. Nós fomos muitas vezes lá no passado, e acho que a conversa que teríamos que ter essa noite merecia um lugar assim. *Nosso*.

Foram semanas afastado, recebendo atualizações através de Serena, e, mesmo assim, nada me preparou para esse retorno. Para a loucura que era estar perto de Maitê. Eu queria dizer a ela que a amava, dizer tudo o que sentia. Mas sabia que fazer isso agora, apressar as coisas, a faria fugir assustada. Então eu estava tentando ir devagar. Ser paciente. E Deus sabe como era difícil.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou ao me ver entrar na rodovia. Quando sorri, negando a revelação, Maitê ligou os pontos. — Jura que aquele restaurante ainda existe? Eu nunca voltei lá...

— Ele existe — assenti. — Fiz a minha pesquisa essa manhã e descobri que são os mesmos donos, acredita? — Quando Maitê e eu íamos lá, quase sempre de moto, os donos já eram idosos. A essa altura, eu pensava que o lugar teria sido tomado por algum investidor ganancioso. Correndo o risco de ter o restaurante transformado em um negócio meramente lucrativo, perdendo o ambiente acolhedor e intimista que possuía.

— Eu vou adorar ver aqueles dois. Faz tanto tempo.

Sim, fazia tempo demais, pensei ao apreciar o sorriso alegre que se formou em seus lábios.

A surpresa que Maitê sentiu, os donos do restaurante também demonstraram. Eu esperava uma reação assim por parte de todos os envolvidos. Só não esperava que me sentiria tão afetado pelas recordações que possuía desse lugar. A saudade que me impregnou também perturbou a Maitê, deixando suas emoções bastante claras.

— Nós sempre desconfiamos que vocês acabariam se casando. Os dois formavam um casal tão bonitinho e se amavam tanto, já naquela idade. A relação de vocês lembrava muito a minha e a do Roger, quando éramos mais novos. — Nem Maitê nem eu tivemos coragem de corrigir a mulher. E

quando ela perguntou há quanto tempo estávamos casados, minha garota e eu respondemos juntos, dando-lhe a mesma resposta.

— *Nove anos.* — Esse era o tempo que ficamos separados.

Nós nos entreolhamos de maneira cúmplice, cientes da coincidência, e, assim que ficamos a sós, nos vimos sorrindo uma para o outro.

— Eu não tive coragem de dizer a verdade a ela, sinto muito.

— Eu também não tive — ela sussurrou de volta.

— Então acho que teremos que passar a noite fazendo com que ela acredite, não é? — Eu segurei sua mão e a levei até a minha boca, colando meu corpo ao lado do dela.

Esse lugar era diferente. *Especial.* E o banco curvado de madeira, com estofado antigo, permitia que ficássemos lado a lado.

— Você disse que era importante — ela me lembrou.

— E é. Eu só... gostaria que pudéssemos jantar primeiro. Conversar um pouco.

Ela assentiu, relaxando contra o encosto da cadeira. Permitindo que nossos braços se tocassem, como nos velhos tempos.

— Esse lugar continua o mesmo, Vince. É como se o tempo não tivesse passado.

Eu tinha o mesmo pensamento.

— Nós fomos felizes aqui, não fomos?

— Sim — admitiu de maneira suave. Havia uma tranquilidade em Maitê que não existia antes.

A tensão sempre presente em seu corpo fora eliminada. Ela sorria com mais facilidade agora, mesmo que estivesse lutando contra o que existia entre nós dois. Serena contou a respeito da terapia e da ajuda que Gabriel lhe deu ao longo das semanas. Eu ainda não havia conhecido o homem pessoalmente, mas confesso que nem precisava. Tudo o que tinha que saber a seu respeito foi descoberto através da extensa investigação que fiz sobre ele.

— Nós ainda podemos ser, Maitê. — Olhei para o seu rosto, que continuou fixado em algum ponto à nossa frente. — Não quero trazer a parte ruim do nosso passado à tona, não foi por isso que a trouxe aqui, mas sinto do fundo do meu

coração que... nós ainda podemos ser felizes.

— Como pode saber? — Ela me atingiu com aqueles olhos cor de mel. — Nós já nos magoamos demais, Vicente. Tanta coisa foi dita, tanta coisa foi feita...

— Não acho que a gente vá superar tudo o que aconteceu. Não sozinhos. Eu quero ser feliz, pequena. Tão feliz quanto fui na época em que vínhamos aqui. Quero essa felicidade de volta, quero *você* de volta! — falei exacerbado, e ela ficou em silêncio. Como se avaliasse cada uma de minhas palavras. — Não acha que também sinto medo?

Maitê inspirou fundo, encarando-me com atenção.

— Você foi embora, depois de tudo o que aconteceu... você só... se foi.

Sacudi a cabeça.

— Eu fui porque precisava. Por mais que quisesse ficar, eu tinha um dever a cumprir, Maitê. Mas agora terminou... e eu estou aqui.

Ela procurou pela mentira em meus olhos, mas eu não hesitei. Nunca tinha sido tão sincero em minha vida como ao revelar o meu desejo de estar com ela.

— Aqui está o jantar de vocês. Espero que gostem — a

NACIONAIS - ACHERON

senhora simpática e de olhos brilhantes interrompeu a conversa. — Qualquer coisa que precisarem, basta me chamar, tudo bem?

Assim como nos velhos tempos, o jantar esteve incrível. Simples e caseiro. A conversa entre mim e Maitê foi momentaneamente pausada. Nós apreciamos a comida, curtimos a companhia um do outro, e eu adiei de propósito a parte que não gostaria de trazer à tona nessa noite. Ainda naquela manhã, logo que saí do apartamento de Serena, eu continuei com a revista que vinha fazendo nos documentos de Otávio. Assim como as cartas que estiveram sob os cuidados de Marcelo, eu desconfiei de que pudesse haver outros documentos e informações que meu irmão possa ter mantido escondido de mim. Foi assim que encontrei o maldito cofre no escritório, que, para minha surpresa, era desconhecido por meu pai. Passei parte do dia dividido entre algumas decisões relacionadas a Maitê e a procura do código que o abriria. E foi só depois de descobrir, com a ajuda da empresa que o instalou, é que me dei por vencido.

Metade da papelada era burocrática, documentos da construtora agora sem nenhuma importância. Por sorte havia um documento entre eles que eu, realmente, esperava

encontrar, que era o laudo do acidente de Maitê. Deixei para entregá-lo a ela na volta para casa, não era um assunto que eu gostaria de ter que tratar, pelo menos não após o jantar maravilhoso que tivemos.

Mas era necessário, minha garota precisava ter a resposta da dúvida que tanto a atormentava.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

SEM CULPA

*Que o tempo nos permita alguns
reencontros sem culpas.*

Tati Bernardi.

MAITÊ

Vicente estacionou o carro em frente ao prédio de Serena, o que me levou a inspirar o ar como se estivesse prestes a perder o fôlego. O silêncio que se infiltrou no automóvel me levou a pensar em tudo o que Vicente disse durante a noite. Ele pareceu sincero e eu quis muito acreditar nele. Crer que ainda podíamos ser felizes. Encarei-o, notando que o homem parecia alheio ao que acontecia dentro de mim. Algo o estava deixando nervoso.

— Você não disse tudo ainda, não é? — perguntei em um tom de voz baixo.

— Não. — Ele soprou o ar, vapor morno escapando de sua boca.

Observei em silêncio enquanto ele retirava um documento do bolso do seu casaco e o estendia em minha

NACIONAIS - ACHERON

direção.

— Esse é o laudo pericial que Otávio manteve escondido de você.

— O... laudo? Tem certeza? — Eu não o peguei em um primeiro momento. Estava assustada demais com o que poderia encontrar naquele papel.

— Leia, Maitê. Faça isso. — Sua voz soou firme, e o meu coração saltou uma batida.

Com os dedos trêmulos eu segurei o papel e comecei a ler. Lágrimas deslizaram pelo meu rosto ao entender o significado das palavras contidas ali. Ergui os olhos, deparando-me com a aflição clara de Vicente, que estudava a minha reação. Pela primeira vez, em anos, eu senti o peso que Otávio me infligiu sendo... arrancado de minhas costas. Eu sabia que ele era um sádico doente, mas por que fazer isso comigo? Era muita crueldade.

Notando que eu tremia, em uma mistura de raiva e alívio, Vicente tomou a folha das minhas mãos e me apertou dentro de seus braços. Senti-me aquecida instantaneamente. Protegida do passado.

Eu queria tanto chorar, colocar para fora toda a dor que

senti em todos esses anos.

— Você não foi a culpada, pequena. Não foi.

— Quando você descobriu? — Eu tinha que perguntar.

— Essa manhã. O maldito papel esteve guardado esse tempo todo no cofre, Maitê.

— Que cofre? — perguntei espantada.

— O do escritório, havia um cofre escondido entre as prateleiras de livros.

Claro que teria, como não pensei nisso antes?

Fechei os olhos ao sentir o contato da boca de Vicente em minha testa, deixando-me levar por seu carinho. Os lábios entreabertos escorregaram pelo meu rosto devagar, como uma carícia feita com intuito de acalmar. Meu rosto foi erguido pelos dedos de Vicente, seus olhos tempestivos procurando pelos meus.

Pisquei, deixando as últimas lágrimas caírem, as quais foram, uma a uma, capturadas pela sua boca. A barba selvagem e áspera roçou a minha pele, fazendo cócegas. Entreabri os lábios pela sensação gostosa e Vicente escolheu esse momento para unir nossas bocas. Sua língua entrelaçando-se à minha, cheia de paixão e saudade. Uma

NACIONAIS - ACHERON

saudade tão instável que me fez derreter em seus braços, enquanto me esforçava para continuar respirando. Prazer dominou o meu corpo, incendiando a minha alma, que, depois de tantas semanas dormente, reviveu. O toque gelado de sua mão chegou ao meu rosto no momento em que ele aprofundou o beijo, deixando-me, zozza.

— Vince... — sussurrei contra os seus lábios, e ele não parou. Encheu-me de pequenos beijos. Vários deles. — Obrigada.

Agradei não só por ele me entregar o laudo, mas também por me fazer sentir. Por sempre me trazer de volta à vida.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você merecia saber a verdade. Otávio causou muito estrago, mas esse foi o último. Não há mais interferência dele em nossas vidas, você percebe? Nada que nos impeça de ficar juntos. — Eu abri a boca para contestar, mas fui calada com outro de seus beijos. — Se tem alguém aqui que precisa agradecer sou eu, pequena. Essa noite foi a melhor que tive em bastante tempo... e espero que a gente possa repeti-la.

Senti um formigamento em meu coração enquanto

assentia sem perceber. Certa de que gostaria de repetir cada minuto do *nosso encontro*.

Porque era isso que tinha sido, não era? Um encontro.

— Agora suba e descanse, pequena. Nós nos falamos amanhã.

E nós nos falamos. No dia seguinte e nos próximos cinco que vieram depois dele. Todos os dias, de alguma maneira, Vicente e eu saíamos para um local que no passado teve significado em nossas vidas. Ele foi me mostrando, da maneira mais óbvia, que nós podíamos criar novas lembranças. Que estar na companhia um do outro não seria doloroso. Vicente me seduziu, ou assim eu me senti. E em todas as vezes que me deixou em casa, fez questão de segurar o meu rosto, me encarar daquele seu jeito intenso e, depois, me beijar de uma maneira que fazia com que eu desejasse mais. Mas o *mais* nunca acontecia. Por mais profundo e abrasador que fosse o beijo, ele se controlava e o interrompia no último minuto.

Presenciar o esforço feito pelo homem para não me agarrar era algo que sempre me fazia sorrir ao bater na cama. Assim como sentir desejo. Eu passei as últimas noites

NACIONAIS - ACHERON

relembrando o tempo que passamos no Monte Alto. Trazendo à tona o seu toque, os seus beijos.

Foi como se estivéssemos recomeçando. E, dessa vez, com a maturidade que não possuíamos naquela época. Vicente e eu passamos por muita coisa até chegar a esse ponto específico de nossas vidas. Nós dois tínhamos consciência de que não seria fácil, mas ele parecia disposto a tentar... e eu, bem, eu estava começando a acreditar que valeria a pena arriscar o meu coração novamente.

O que me levava à questão: talvez eu estivesse começando a me curar, certo?

Gabriel sorriu enigmaticamente quando perguntei sua opinião a respeito. Mas como o bom amigo que era, me deixou sem resposta, dizendo que eu precisava descobrir essa verdade sozinha.

Respirei fundo ao chegar à calçada do apartamento, suando após a corrida de quarenta minutos que havia feito nas quadras adjacentes ao prédio. Correr ajudava a clarear a minha mente e quase sempre a tomar boas decisões. Acho, aliás, que esse era um dos motivos pelos quais Vicente também praticava essa atividade física. Com a garrafa recém-comprada de água em minha mão, eu hesitei ao me deparar

com as costas do senhor parado exatamente em frente ao prédio. Do outro lado, um pouco mais afastada, se encontrava a Verônica, que digitava algo em seu celular.

Meu sogro se virou de repente, seus olhos recaindo sobre mim. Percebi que ele pareceu surpreso, apesar de estar à minha espera. E, mais ainda, que Homero parecia a sombra do homem que um dia foi. Seu semblante estava carregado de tristeza, e o rosto, enrugado pela idade, exausto. Reprimi a culpa por não tê-lo deixado se aproximar, certa de que não fui a única a sofrer. Tomei a decisão que foi melhor para mim, naquele momento, e não deveria me sentir culpada por lutar por minha felicidade e paz de espírito. Até porque, ninguém era capaz de cuidar do próximo, abraçar o mundo, se não estivesse bem consigo mesmo. E naquela época eu não estava nem perto de estar bem.

— Nós podemos tomar um café? — Ele acenou para a quadra um pouco mais à frente, onde havia uma Starbucks. Sem ideia do que poderia querer comigo, assenti e caminhei ao seu lado. Apreciando o fato de Verônica não nos seguir.

Quinze minutos depois, nós já havíamos feito nossos pedidos. Ele, um expresso tradicional. E eu, um *muffin* e chocolate quente para levar. Sentei-me à mesa, o

acompanhando, e o aguardei dizer algo.

— Você e o meu filho têm se visto — afirmou, o que me levou a franzir o cenho. — Ele não tem dito nada, é claro. Mas eu posso reconhecer os sinais, ele... está feliz, Maitê.

— Ainda não sei o que é isso que Vicente e eu estamos fazendo — respondi com sinceridade.

— Vocês estão se dando outra chance.

Foi instantâneo. Meu estômago revirou quando a mesa ao nosso lado foi servida, o cheiro forte de café me deixou enjoada. Isso vinha acontecendo com frequência, alguns dias, sim, outros, não. Então, ao aceitar o pedido de Homero, eu torci internamente para que esse fosse um dos dias em que o mal-estar não se faria presente. Eu estava errada. Homero, com sua perspicácia, olhou na direção em que o cheiro vinha e depois voltou a olhar para mim. Para a minha surpresa, ele solicitou que nossos pedidos fossem entregues em outra mesa e cancelou o seu café.

— Por que decidiu me procurar, Homero? O que mudou?

— Eu teria feito isso antes, mas... tive medo. Além disso, Joana me fez entender que você precisava de espaço e foi o que tentei te dar, Maitê. Mas o meu filho voltou, está de

novo em sua vida e...

— E o senhor achou que eu o deixaria voltar também? —
Ele assentiu, em um misto de temor e esperança.

Gabriel e eu conversamos várias vezes sobre o perdão. Sobre o poder desse sentimento. Tanto para o lado positivo, quanto para o negativo. Perdoar libertava. Não perdoar... esmagava. Corroía-nos por dentro. Eu não sabia se aquele era o momento de perdoar Homero, mas sentia que era isso de que ele precisava. Um pouco de paz em meio à tempestade dos últimos meses.

— Eu não tenho nada contra o senhor. Não sei se perdoar é a palavra certa, mas estou disposta a esquecer o que me fez, Homero. Eu tenho feito terapia, participado de reuniões. Dessa vez... como vítima. Contando a minha história, dividindo tudo o que passei com outras mulheres. E se tem uma coisa que todas nós sabemos é que um dos primeiros passos para a cura... é o perdão. Então, se é isso que o senhor veio buscar...

O Sr. Moraes me surpreendeu, dessa vez, ao segurar a minha mão, mostrando através dos olhos, o seu agradecimento. Acho que tínhamos um longo caminho pela frente, se quiséssemos recuperar a relação de antes.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu sinto muito. Por tudo — ele disse com remorso, e eu acreditei.

Desconcertada, eu assenti e lhe dei um pequeno sorriso enquanto me sentia cada vez mais enjoada. Percebendo, agora, que eu não deveria ter aceitado o convite para vir justamente a uma cafeteria.

— Eu... espero que você e o Vicente consigam superar tudo, querida. Que vocês se acertem. — Era estranho escutá-lo dizer essas coisas, mas eu sentia, do fundo do meu coração, que ele estava sendo sincero.

— Eu espero que o mesmo aconteça a vocês dois, Sr. Moraes. — Vicente, por mais durão que fosse, precisava do apoio de Homero. Saber que alguém olhava por ele. Os dois nunca tiveram uma relação pai e filho, e eu sempre lamentei a distância por eles.

O pedido que fiz para levar para casa chegou e Homero entendeu aquilo como o fim de nossa conversa. Pelo menos, por enquanto. Torci o nariz de leve ao passar pela mesa de antes e o meu sogro sorriu. Caminhamos até o meu prédio, dizendo amenidades. Verônica se endireitou ao ver que nos aproximávamos, e, em vez de se juntar a ela, após nos despedirmos, Homero me encarou por alguns instantes e

NACIONAIS - ACHERON

perguntou:

— O meu filho sabe? — Entreabri a boca, sem entender a que ele se referia. — A aversão ao café — explicou. — Elizabeth me deu dois filhos, querida. Ambos a fizeram odiar uma de suas bebidas preferidas. Foi o mesmo quando... você engravidou — disse com cuidado. — Então, ele sabe?

— Não. — Eu não tinha conseguido dizer nada ainda.

— Pretende falar em breve? — Confirmei e o senti relaxar, com um sorriso alegre no rosto, que, até minutos atrás, esteve coberto de tensão.

— Fique em paz, querida. E cuide bem do meu neto.

Observei-o enquanto se afastava. Rezando em silêncio para que nada desandasse em minha vida, que essa repentina calma não fosse abalada por nenhum percalço do destino.

Isso aconteceu antes, mais vezes até do que pensei ser capaz de suportar.

— Serena, tem certeza de que não quer ir comigo? — Eu

a encarei, não levando muita fé em sua desculpa. Serena tossiu outra vez, encolhendo-se no cobertor que a cobria, e revirou os olhos tragicamente. Se eu não apreciasse tanto a sua amizade, acho que a incentivaria a seguir carreira de atriz. Não tanto pela sua capacidade de interpretar, mas pelo drama que fazia.

A verdade era que eu contava com a sua presença para ir ver o imóvel que a minha corretora, Roberta, desejava mostrar. Sei que a decisão caberia a mim no final, mas eu desejava a opinião sincera de Serena.

— Hum, não vai dar, Mah. Estou muito doente. — *Doente?*, duvidei ao sair do seu quarto, correndo contra o tempo para não me atrasar.

Era estranho que Roberta decidira me levar até o *tal* imóvel as 18h de uma quinta-feira, mas de acordo com ela a oportunidade era única e ela temia que eu o perdesse antes mesmo de colocar os meus olhos no local. Fui convencida por seu entusiasmo e confirmei o nosso encontro, que me deixou na posição de desmarcar os planos que Vicente fez para nós dois essa noite.

Cerca de trinta minutos depois, seguindo as coordenadas do GPS, eu diminuí a velocidade do Rover e estacionei em
NACIONAIS - ACHERON

frente a uma propriedade que em nada se assemelhava ao imóvel que Roberta descreveu. Observei por alguns instantes o alto muro gramado e os pinheiros selvagens cobrindo toda a entrada. Era... algo bonito de se ver. Residências como essas eram um verdadeiro achado nos dias de hoje. Quem as possuía não desejava vender, e quem as desejava se via obrigado a pagar um valor exorbitante. Afastado do centro, mas, ainda assim, acessível, o bairro em que estava parecia tranquilo.

Confusa, telefonei para a Roberta, que confirmou que eu estava no lugar certo. O portão eletrônico, inteiramente fechado, foi aberto e eu me vi dirigindo por um caminho de blocos íngreme, até parar em frente ao duplex. As janelas, assim como a porta de entrada, eram feitas de madeira maciça, constatei após uma boa olhada. O gramado era verde e natural, eu senti a maciez da terra ao caminhar com o salto grosso da minha bota. Fora o cheiro que esse lugar possuía. Uma mistura de folhas verdes, eucalipto e terra. Imagine acordar todas as manhãs e se deparar com o aroma?

Era como ter a sua floresta pessoal. Roberta tinha razão, o imóvel era único.

Só que não estava dentro de nenhuma das exigências que

fiz. Eu procurava um apartamento, no centro da cidade. E não uma casa, onde, possivelmente, a família que a adquirisse viria a ser feliz. Lamentei por um instante, senti até mesmo inveja, mas recuperei a razão assim que Roberta se aproximou com um largo sorriso em seu rosto.

— Entre, Maitê. — Ela me arrastou até o interior da casa. — Você precisa ver os cômodos por dentro. — Estava prestes a abrir a boca e perguntar a ela se, por acaso, não me confundiu com algum outro cliente. Mas fiquei ainda mais embaçada com o lado de dentro do imóvel...

Céus, eu queria essa casa para mim. Com todas as promessas que vinham com ela.

Não entendi ao certo por que havia a presença de alguns móveis. Não muitos, mas o suficiente para deixar claro que o antigo dono não fizera a mudança completa ainda. Até mesmo a lareira estava acesa, o que tornou a experiência mais real. Engoli em seco ao olhar para a Roberta e ver o brilho animado em seus olhos. A mulher sabia que havia me conquistado.

— Fique à vontade para olhar tudo, Maitê. Eu irei atender a essa ligação e já retorno. — Ela escapuliu pela porta de trás, que dava acesso à piscina, uma casa de árvore e um

NACIONAIS - ACHERON

jardim de rosas. Pensei na Elizabeth, que cultivou por anos o seu próprio jardim na estufa de sua casa, e senti como se estar aqui hoje fosse algum tipo de sinal meio louco.

Serena acreditava muito nisso: sinais, pressentimentos... *destino*. Conviver com ela meio que estava me fazendo acreditar também.

Seguindo a sugestão da corretora, eu me aventurei pelo andar superior, admirando a madeira escura que cobria parte da decoração e arquitetura do imóvel. Havia pelo menos uns quatro quartos no segundo andar, mas o mais impressionante deles era o principal, o que dava acesso à varanda. Passei pelos lençóis brancos no chão, certa de que eles teriam sido deixados ali por conta da mudança, e admirei a vista exterior. As árvores absurdamente altas rodeavam a varanda, que, por coincidência, ficava em frente ao cômodo.

Eu já podia me imaginar dormindo e acordando com essa vista exuberante.

— Você demorou. — A voz rouca, que eu reconheceria em qualquer lugar, ecoou pelo quarto vazio.

Não foram apenas as minhas pernas que bambearam, o meu coração também estremeceu. Se é que isso era possível.

Fechei os olhos, sem saber o que pensar. E antes que pudesse dizer algo, os dedos de Vicente, estranhamente gelados, afastaram o meu cabelo das costas. A respiração morna que vinha de sua boca soprou a minha nuca e ombros, me causando arrepios que apenas ele conseguia arrancar do meu corpo.

— Eu não entendo. O que está fazendo aqui?

— O mesmo que você, talvez. — Contorci-me por conta de sua barba, mas tive a cintura apertada ao menor sinal de movimento. Vicente me queria imóvel. Eu percebi. — A diferença é que eu cheguei primeiro.

Levei alguns instantes até compreender.

— Você... você comprou essa casa? — perguntei em um sussurro perplexo.

— Há alguns dias. — *O quê?*, pensei em silêncio, confusa por vê-lo me rodear e ficar cara a cara comigo. — Me diga, Maitê. Você consegue se lembrar das promessas que eu te fiz? — Assenti, consternada. Claro que lembrava. — Eu também. — Vicente roçou o polegar na minha boca suavemente, entreabrindo os meus lábios. Seus olhos estavam ferozes essa noite, cheios do desejo que eu ansiava presenciar.

Sentir. — Eu voltei para cumpri-las, amor. Cada uma delas.

Escutei o que ele disse. Escutei com todo o meu coração. Ainda assim, me vi incapaz de pronunciar uma palavra que fosse. Não dava, estavam todas elas entaladas em minha garganta, assim como estavam as lágrimas amontoando-se em meus olhos.

— Vince...

— Eu prometo te amar — ele continuou. — Cuidar de você. Protegê-la. Prometo torná-la a mãe dos meus filhos, encher essa casa de crianças. — Ele oscilou nessa parte, assim como eu teria feito. — Quero fazer de você... a mulher mais feliz desse mundo. — Engoli em seco, agora sem conseguir conter o choro. O passado e o presente se entrelaçaram em minha cabeça naquele mesmo instante. O velho e o novo Vicente. E um amor que nunca morreu, só se fortaleceu com o tempo. Pelo menos era assim que eu o sentia: *mais forte*. — Seja minha, Maitê. Aceite se casar comigo e... seja minha.

Meus lábios se separaram, em choque. Ele estava realmente me pedindo para ser a sua esposa?

— Você... está falando sério? — Eu precisava saber, o destino já havia nos pregado muitas peças.

— Sério como eu nunca falei antes em minha vida, pequena. E se não for suficiente... — Ele se ajoelhou, retirando um objeto de dentro do bolso interno do casaco. — Eu me ajoelho diante de você e faço do jeito certo.

Senti o baque não só pelo gesto, mas também porque reconheci a caixa.

— Eu conheço... essa caixinha — revelei, deixando-o surpreso. — Eu a vi na mão de Otávio, anos atrás. Vicente...

Não podia ser. Não!

— Meu pedido está nove anos atrasado, Maitê — ele disse com a voz embargada e um pequeno traço de fúria.

— Como?

Como Otávio pôde fazer isso? O maldito sabia que Vicente me pediria em casamento. Ele sabia!

— Esqueça o passado, amor. — Vince abriu a caixa de prata, afastando os pensamentos ruins da minha cabeça. O que eu vi naquele momento foi o anel mais lindo em que já pus meus olhos. Ele era único, era nosso. — E apenas me responda... você aceita se casar comigo?

Afastei os meus olhos do anel e os preendi no homem ajoelhado à minha frente. Certa de que depois de tudo o que

NACIONAIS - ACHERON

nos foi tirado, ele não merecia esperar pela resposta. Então eu me ajoelhei, ficando cara a cara com ele. Nós éramos iguais, sempre fomos, e se fosse para dizer *sim*, para dizer que aceitava ser a sua esposa, que fosse em pé de igualdade.

— Sei que parece que estou indo rápido demais, mas, Maitê, eu passei nove anos pensando em como nossas vidas teriam sido diferentes se eu tivesse feito esse pedido antes. É por isso que não desejo passar mais um dia que seja sem essa resposta.

— Eu aceito — respondi, livrando-o da tortura. — Você pode me perguntar isso mil vezes, que a resposta será a mesma. Eu aceito... E sempre irei aceitar, Vicente! Você é o amor da minha vida.

Eu o beijei enquanto segurava o seu rosto fortemente entre as minhas mãos. Afagando a barba com a ponta dos dedos e respirando o mesmo ar que o dele. Vicente não resistiu e agarrou o meu cabelo, sua mão se aventurando pela minha nuca enquanto aprofundávamos o beijo apaixonado. Em meio à vontade que sentíamos de estar juntos, a aliança encontrou o meu dedo quase que magicamente. Não havia diamantes nem pedras preciosas nela. Havia apenas uma única pena desenhada no anel e era isso que o tornava

especial. Saber, então, que Vicente o guardou por todo esse tempo, fez-me pensar na possibilidade de que, talvez, o homem à minha frente nunca tenha *realmente* desistido de nós dois.

O anel era a prova.

Ninguém guarda consigo aquilo do que se desiste. E Vicente, bem, ele guardou o nosso amor nessa caixinha.

— Eu te amo — falei, provando as palavras em minha boca após todos esses anos. — Amo para sempre, Vince.

VICENTE

Fechei os olhos ao escutar a declaração de Maitê. Reconhecendo o desejo quase insano que possuía de escutá-la dizer as palavras: *eu te amo*. Com a mão em volta da sua nuca, eu interrompi o beijo que se seguiu e a encarei, decifrando cada uma de suas emoções. Não pensei direito, quase nunca o fazia, mas sabia que pegá-la no colo e a levar para dentro era a coisa certa a fazer.

Com a boca novamente sobre a sua, eu a tomei em um beijo lascivo e exigente, e nos deitei sobre um dos cobertores

deixados para trás. Seu rosto se iluminou quando eu me afastei, vendo-a inteira. Os cabelos castanhos espalhados pelo chão, a boca já vermelha dos meus beijos, entreaberta. Clamando por mais. Deixei que o meu dedo deslizesse pela pele rubra do seu rosto, detendo-se em seus lábios.

E pensar no quanto sonhei com a sua boca. O gosto doce e provocante que só Maitê possuía. Eu era um homem perdido, porque me achava facilmente capaz de me perder entre os seus lábios como um marinheiro à deriva. A boca dela sendo todo o meu oceano. Forcei-me a ir devagar, a fim de não perder um segundo do seu prazer. Eu queria que Maitê se sentisse amada, que o sexo que estávamos prestes a fazer fosse além de desejo carnal.

Então, devagar, eu a absorvi. Primeiro com os meus olhos, depois com as mãos, que desceram vagarosamente pelo seu corpo. Puxei fora o seu suéter ao chegar à borda dele, arrancando-o e a deixando apenas de sutiã. Ergui também as suas pernas grossas e descí o zíper das botas que ela usava, retirando-as uma de cada vez. Com o fascínio que tinha pelo pé pequeno e delicado dessa mulher, eu o acariciei chegando até a tornozeleira dourada que ela usava sempre.

Louco de vontade de experimentá-la um pouco mais, eu

NACIONAIS - ACHERON

flexionei os meus braços ao seu redor e a beijei, sentindo os mamilos duros sob o seu sutiã me alfinetarem.

Agarrei ansioso o seu seio, espalmando a minha mão sobre o tecido de renda provocante. Maitê chiou, gemendo daquele jeito safado que só ela era capaz. Abafei o som com a minha boca, saqueando seu prazer ao mesmo tempo em que ela rodeava o meu quadril com as pernas. O corpo sob o meu estremeceu inteiro ao se chocar com a rigidez que eu mantinha por dentro da calça.

Abrimos os olhos no exato instante em que nossos sexos sentiram a proximidade um do outro, ambos ofegantes demais para pensar com clareza.

— Eu passei as últimas semanas imaginando como seria quando ficássemos juntos outra vez. Recriando em minha cabeça todos aqueles momentos — admiti. — Mas nada se compara a estar aqui agora, prestes a fazer amor você.

Maitê cravou o meu braço com as unhas compridas, causando-me uma dor tão alucinante quanto gostosa. Grunhi em sua boca e me afastei, dessa vez puxando a sua calça jeans pelas pernas, e logo após a calcinha, que ficou enganchada no meio de suas coxas, mantendo-a presa. Tudo o que eu podia enxergar eram os pelos escuros e aparados cobrindo a sua

NACIONAIS - ACHERON

boceta. E a pele cheirosa de sua virilha, brilhando diante dos meus olhos. Lambi a região interna, fazendo com que ela soluçasse e agarrasse o meu cabelo, tamanho o desespero. Fiz isso dos dois lados, evitando de propósito a fenda que Maitê praticamente esfregava em meu rosto. A barba roçou sua umidade, foi impossível evitar que algo assim acontecesse, e quanto mais forte o cheiro de sua excitação se tornava, mais difícil era resistir. Então, eu me rendi, e caí de boca em sua boceta encharcada.

Eu a lambi de cima para baixo, chegando quase ao seu cuzinho. O ponto enrugado que parecia nunca ter sido tocado. A parte mais ciumenta e protetora dentro de mim esperava *realmente* que não. Afastando o pensamento da cabeça, eu beijei o seu clitóris, o envolvendo com a língua enquanto deslizava dois dos meus dedos para dentro de sua boceta, que os sugou assim que os sentiu. O gosto de Maitê se espalhou por todos os lados, lambuzando tudo. Lambuzando-me. Seu quadril arqueou uma, duas, três vezes. Até que a mulher que eu mantinha presa ao chão gozou, ensandecida. Gritando seu prazer a quem desejasse escutar.

Fiz o caminho de volta até a sua boca, deixando pequenos beijos em sua pele agora quente. Dando-lhe tempo

para se acalmar e respirar. Quando nossos olhos voltaram a se encontrar, eu a beijei com vontade. Certo de que ela sentiria em minha boca o seu próprio gosto. Certo também de que ela o tomaria com o mesmo desejo que eu tomei. Beijar, aliás, era algo que Maitê parecia apreciar ainda mais nos dias de hoje.

A diferença era nítida. Como se ela precisasse dos beijos para ser preparada, para ser lembrada de que o homem que a tomaria não cometeria o erro e a imprudência de tomá-la de qualquer maneira ou contra a sua vontade. Maitê poderia estar se curando, mas os traumas causados pelas agressões e abusos que sofreu ainda podiam ser vistos nos pequenos detalhes que ela deixava escapar. Isso me enfurecia além da conta, porém também fazia crescer dentro de mim o desejo de protegê-la. De mostrar novamente como o sexo poderia ser bom.

Cortando o silêncio predominante no quarto, Maitê afastou a boca da minha e gemeu o meu nome. Sorrindo extasiada ao me ver arrancar o casaco e logo depois a camisa que eu usava. Observando atenta cada movimento que eu fazia. Seu olhar deslizou pelos músculos encobertos pela escuridão da noite, que agora envolvia o quarto. Seus dentes brancos morderam o lábio gordo quando ela me viu desafivelar o cinto, enquanto eu perdi a fala ao constatar que,

de alguma maneira, ela toda parecia ainda mais gostosa.

Seu corpo parecia mais... curvilíneo. Mesmo que nos lugares certos. Os seios, ainda cobertos pelo sutiã, estavam mais redondos, altivos. As coxas mais pesadas, assim como o seu traseiro, que eu havia notado estar maior. Meu pau latejou com ferocidade ao assimilar todas essas mudanças, protestando diante da tentação que essa mulher se mostrava ser.

— Você é uma visão deliciosa, amor. Eu a lamberia inteira, se não estivesse com tanta vontade de te sentir por dentro — murmurei, esfregando meu polegar em sua fenda molhada. Mais do que preparada para me receber.

Maitê choramingou, arqueando novamente o quadril guloso em direção ao meu dedo, querendo senti-lo mais uma vez.

Perdi as estribeiras ao reconhecer o olhar de súplica e o som das palavras *por favor* escapando de sua boca. Querendo dar a ela o que desejava, eu abaixei a boxer e segurei o meu pau, que saltou pesado. Grosso ao toque. Puxei a calcinha minúscula com a outra mão e posicionei a cabeça do meu membro em sua abertura, o empurrando devagar, sentindo o aperto ganancioso de sua boceta.

— Você... — Dei uma mordida em seu lábio inferior, puxando-o com os dentes. — É perfeita *pra* caralho. — Afundei o comprimento grosso em um único impulso. Os olhos cor de mel se arregalaram de choque, prazer e uma infinidade de outras sensações.

Afastei o quadril, retirando-me dela por inteiro, e voltei a penetrá-la. As estocadas tornando-se mais ávidas e selvagens conforme os arranhões se tornavam mais ardidos e profundos. Sei que acabaria marcado por suas pequenas mãos, e a ideia disso apenas me fez mais excitado. Enquanto sentia a fenda quente de Maitê me receber, eu a beijei cheio de tesão e necessidade. O desejo nunca diminuindo. Pelo contrário.

Crescia a cada minuto que eu passava dentro dela.

— Porra, amor! — gemi rouco, agarrando o seu cabelo pela nuca, indo cada vez mais fundo em sua boceta. — Como eu senti saudade de você!

Eu não sabia dizer qual dos dois gozou primeiro. Sabia apenas que, no final, éramos apenas gozo e transpiração. Os corações acelerados e a falta de ar eram a prova de que havíamos feito um amor gostoso. Meu sêmen escorreu de dentro dela enquanto eu assistia, maravilhado, à maneira como os seus seios, marcados pelos meus chupões, subiam e

NACIONAIS - ACHERON

desciam. Com ela de olhos fechados, deixei vários beijos em seu rosto: na ponta do nariz, nas bochechas coradas, na boca inchada. No pescoço...

Morrendo de vontade de fazer tudo de novo.

— Eu nunca mais irei ficar longe de você, amor — sussurrei contra a sua pele suada. — Escute bem o que estou dizendo, porque... eu não permitirei que nada nem ninguém atrapalhe a nossa felicidade. Seremos você e eu, contra o mundo.

SEGUNDA CHANCE

*Um homem esperto cria mais
oportunidades do que encontra.*

Francis Bacon.

VICENTE

Acordei antes de Maitê, na manhã seguinte, conseguindo, dessa maneira, um pouco de privacidade para poder ver a minha garota dormir. Foi difícil ignorar o fato de que eu tinha em meus braços uma mulher completamente nua e agarrada ao meu corpo. Uma de suas coxas estava entrelaçada à minha perna, o seu braço sobre o meu abdômen. Admirei, ainda perplexo, o anel em seu dedo, ainda sem acreditar que ela havia mesmo aceitado se casar comigo. Serena, assim como o meu coração, tinham certeza do amor de Maitê. Mas nada disso aplacou a insegurança que senti na noite anterior.

Só mesmo um homem muito apaixonado, louco de verdade, para temer receber um *não* da mulher amada. E, porra, como eu temi!

NACIONAIS - ACHERON

Inalei o perfume cheiroso que vinha do seu cabelo e pele e deslizei meu olhar pelo corpo de Maitê. Os seios apertados contra o meu tórax, a coxa grossa fazendo peso em meu quadril... Até mesmo a cintura estreita parecia exigir a minha atenção. E foi ali, naquele ponto do seu corpo, que eu detive o meu olhar. A suspeita, mesmo que remota, da noite passada voltou a me atingir com força.

A mudança era sutil, e até horas atrás poderia ser justificada como um pequeno aumento de peso. Só que, agora, à luz do dia, e sem a loucura do desejo deixando-me cego, a mudança se apresentava sob outra perspectiva. Como nunca estive com nenhuma mulher grávida antes, eu não tinha certeza se conseguiria notar a diferença. Mas o corpo de Maitê?

Creio que, quando se tratava dele, eu seria capaz de notar até mesmo a menor das alterações. E o pequeno inchaço, imperceptível com ela deitada de costas, era bem perceptível na posição em que se encontrava agora.

Perceptível demais.

Prendi a respiração por um momento e puxei a sua mão para a minha. Entrelaçando nossos dedos com força enquanto afastava qualquer pensamento contrário ao da certeza de que

NACIONAIS - ACHERON

esse filho *era meu*. Maitê deixou claro que ela e Otávio não faziam sexo há semanas antes da nossa viagem a Campos do Jordão, e eu acreditei e ainda acreditava na palavra dela. Na época, não havia motivos pelos quais ela mentir.

Dando-se conta da tensão tomando os meus músculos, Maitê abriu os olhos e me encarou daquele jeito doce e apaixonado... que teria facilmente me deixado de joelhos, se eu já não fosse um homem rendido. Completamente entregue a essa mulher.

— Bom dia — ela murmurou com a voz rouca, uma delícia de se ouvir, e em seguida perdeu a fala ao sentir o afago possessivo da minha mão em seu abdômen.

— Quando iria me contar? — perguntei, vendo-a piscar, alarmada.

Foi o que precisei para ter certeza!

A minha garota estava grávida.

— Como... descobriu? — Seus olhos deslizaram até a minha mão.

— Você é a minha garota, Maitê, e por mais louco que isso possa soar, eu conheço o seu corpo. Tenho ele inteiro gravado em minha mente, cada pedaço, dobra... e curva. —

Ela ofegou, como se fosse difícil respirar. — Além disso, você desmaiou em meus braços há alguns dias, e se eu for juntar as pistas com o fato de que você tem andado pálida e os seus seios estarem... maiores, fica fácil descobrir...

Um segundo inteiro se passou, até que ela disse:

— É seu. — Sorri, percebendo o seu nervosismo, e a beijei, tranquilizando-a.

— O contrário não passou pela minha cabeça, amor. Vocês *dois* são meus — afirmei, e a trouxe para o meu quadril. Meus dedos afagando as suas coxas enquanto ela se endireitava, fazendo o meu pau acordar, mesmo que não fosse essa a sua intenção. Não tinha jeito, o meu corpo respondia a ela sem qualquer esforço.

Maitê se inclinou, procurando pela minha boca, um sorriso sincero e aliviado cobrindo o seu rosto bonito. Quando se afastou, eu a vi tocar sua barriga com as mãos, envolver o montinho que em breve estaria inchado com o nosso filho. Formar uma família fazia parte dos meus planos e, mesmo que ainda não tivéssemos falado sobre o assunto, até porque eu havia acabado de pedi-la em casamento, eu não acho que teria demorado a sugerir uma gravidez. Eu sempre imaginei como seria vê-la carregando em seu ventre o fruto do nosso

amor.

— Essa é a vida nos dando uma segunda chance — falei ao unir fortemente a minha mão à dela. Certo de que não a soltaria nunca.

— Você também acredita? — ela perguntou em um tom de voz comedido, claramente emocionada.

— Com todo o meu coração, pequena.

MAITÊ

Vicente e eu fizemos amor outra vez, e outra depois dessa. Só paramos porque a fome falou mais alto e o meu estômago roncou de forma barulhenta e exagerada. Ele, preocupado comigo e com o bebê, fez uma rápida ligação e encomendou nosso café da manhã, que chegou em minutos. Enquanto beliscava entre as opções servidas, saciando a minha fome, eu lancei vários olhares a aliança em meu dedo. Sorrindo como uma boba ao lembrar o momento em que o anel foi colocado ali. Já não importavam as razões que o tenham feito demorar a chegar até o lugar a que ele pertencia, o importante agora era o que ele significava para Vicente e

NACIONAIS - ACHERON

para mim.

Do anel, eu olhei para o homem que o guardou por tanto tempo, pensando na sorte que tinha ao ver que o melhor de Vicente não fora arrancado dele, que ele continuava o mesmo romântico incurável de sempre.

Percebendo que era observado, ele me puxou para o seu colo e sussurrou em meu ouvido, logo após beijar a minha nuca, o ponto exato da minha tatuagem:

— Você ainda não me disse o que achou dessa casa...

Eu ainda não tinha parado para pensar, não a ponto de ligar os pontos.

— Ela é linda... toda ela é, Vince.

Ele sorriu contra a minha pele, satisfeito.

— Acha que nossos filhos irão gostar de crescer aqui?

Ai deles se não gostassem, pensei, olhando para a vista que tínhamos do que, com certeza, seria o nosso quarto. Eu já amava o lugar, fora amor à primeira vista. E tinha quase 100% de certeza de que se Vicente não tivesse cuidado de tudo, a comprado e feito essa surpresa, eu teria dado um jeito de mantê-la para mim.

A casa era como um ninho de amor escondido dentro da grande São Paulo. *Impossível ficar indiferente..*

— Eles vão. Eles têm que gostar... porque daqui eu não saio! — Deixei claro, o que o fez rir. O som rouco deliciando-me por dentro.

Céus, mais do que vê-lo sorrir, eu amava o som que os seus risos possuíam.

— Eu senti falta da gente, Vince — admiti, colando o meu rosto no dele, que me apertou um pouco mais em seus braços. — Senti falta da sua voz, do seu cheiro... pensei que nunca mais os sentiria. Achei que o tivesse perdido para sempre.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, era alívio por saber que estávamos juntos de novo. E medo, por temer que algum dia eu pudesse perdê-lo de vez.

— *Shhh*, amor, não chore. Nós estamos bem, e esse é só o começo. Eu te prometo.

— Seremos você, eu... e o nosso bebê... contra o mundo — repeti parte do que ele havia dito na noite anterior, acrescentando agora o nosso filho.

O ser pequenininho que eu carregava dentro de mim e
NACIONAIS - ACHERON

que era parte do homem que eu amava.

— Sim, amor. Seremos nós três contra o mundo.

Dias se passaram, Serena e eu começamos a cuidar dos preparativos do casamento, já que Vicente solicitou que nos casássemos o mais rapidamente possível, e minha conturbada vida pareceu entrar finalmente nos eixos. As manhãs eram gastas em meio aos projetos em andamento, os mais urgentes, que eu fazia questão de terminar antes da chegada do bebê. As tardes, no entanto, eu passava no Morada, ao lado do Gabriel. A minha terapia, assim como as reuniões semanais, continuaram. Eu ainda não me achava *inteiramente* pronta para caminhar sozinha, sem o apoio que recebia do abrigo. As noites, por sua vez, eram passadas fazendo amor com o meu futuro marido, que parecia cada dia mais louco e apaixonado por mim.

A mudança para a nossa nova casa andava a pleno vapor, e no tempo livre, que não era muito, eu me dedicava a cuidar da decoração e das alterações que gostaríamos de fazer no

projeto original da casa. O meu escritório, por exemplo, seria instalado no andar inferior e dividido em dois ambientes. Uma sala para que Serena pudesse trabalhar, e outra para que eu pudesse criar meus projetos sem a interferência externa.

A relação com o meu sogro era outro ponto da minha vida que parecia resolvido. *Ou quase*. Depois que Vicente e eu marcamos a data do nosso casamento, nós decidimos contar tudo ao Homero, que pareceu verdadeiramente feliz pela novidade. Ele até mesmo chorou, em parte pela emoção, e acho também que por remorso. Em uma conversa, apenas entre nós dois, eu deixei claro que já não o culpava por nada e que esse não era mais o momento de nos prendermos ao passado, e sim de pensar no futuro. No neto que em alguns meses eu daria a ele.

Com o corpo cansado, pedi licença a Serena e me afastei do cômodo que muito em breve se transformaria em nosso escritório. Carreguei comigo uma pequena caixa de papelão contendo alguns dos meus pertences, tais como fotos, cartas e lembranças. Eu não queria correr o risco de perder nada, então a levei para o andar superior comigo. Cheguei ao meu quarto e a primeira coisa que avistei foi a cama que Vicente e eu compramos. Ele insistiu que ela fosse o primeiro móvel a

adquirirmos juntos.

Olhei com saudade os lençóis bagunçados e me sentei no colchão enquanto verificava o meu celular. Há menos de uma hora eu enviara uma mensagem para Vicente, querendo saber a respeito da reunião que ele teria com o delegado responsável pela repartição a que seria remanejado. Ainda sem nenhuma resposta, eu me concentrei em vasculhar a caixa que trouxe comigo. Encontrando antigas fotos, minhas e de Vicente, das quais eu nem sequer me lembrava. Até mesmo imagens dele, ainda bebê, eu tinha guardadas nessa caixa. Sorri ao vê-lo tão novinho, cheio de dobras fofas e cabeludo, e separei algumas delas para espalhar pela casa assim que fosse possível.

Ignorei o aperto repentino que senti ao encontrar as fotos dos meus pais, e mais ainda ao me deparar com a imagem da última ultrassonografia que realizei antes de perder o meu bebê. Hesitei antes de pegá-la e, quando o fiz, não consegui conter a emoção que me invadiu. Não era apenas tristeza que eu sentia, era amor também.

— Você não tem ideia do quanto eu gostaria que estivesse aqui hoje comigo — falei baixinho, como se pudesse ser ouvida. — Tenho certeza de que nunca irei deixar

de te amar ou de pensar em você.

Não importava o amor que eu já sentia pelo bebê que carregava, eu sempre amaria o meu anjinho que se foi. Perdê-lo nunca deixaria de doer, esse era um tipo de dor que toda mãe carregaria para sempre. Mas eu estava aprendendo a lidar com ela, a aceitá-la na minha vida com um pouco mais de paz. E era isso que sentia agora ao olhar para a imagem: paz.

Como se o meu anjinho olhasse por mim de onde estivesse.

— Amor... — Vicente surgiu no quarto e olhou para a foto que eu segurava. — Não gosto de vê-la chorando, isso me corta o coração.

E cortava mesmo, nada mexia mais com esse homem do que a minha tristeza.

— Não estou chorando por estar triste, não inteiramente. Eu só... — Ele beijou a minha testa. Aquecendo-me com o seu calor. — Já não dói tanto, eu penso nela, mas é de um jeito diferente. — Vicente e eu já havíamos conversado sobre esse assunto, ele me entendia e um ajudava o outro.

— Nós recebemos uma nova chance, não foi? — Senti o leve roçar da sua boca na minha, um carinho bem-vindo. —

Tenho certeza de que faremos dar certo, pequena. O objetivo da minha vida é amar você e esse bebê que cresce em sua barriga.

— Eu te amo — disse em um rompante emocional, tendo sua boca colada novamente à minha.

— Agora... — Ele se afastou por um instante. — Respondendo à pergunta feita em sua mensagem: está tudo *ok*. Eu estou definitivamente no quadro da superintendência de São Paulo.

— Foi como você esperava?

— Foi melhor, pequena. Eu estou animado para começar.

Sorri alegre com a novidade. Vicente não falava muito sobre as prováveis possibilidades comigo, eu o conhecia e sabia que no fundo ele temia não se encaixar na nova repartição, ou pior, temia que o seu remanejamento levasse mais tempo do que o esperado. O que, com certeza, o deixaria louco. O homem amava o seu trabalho.

— Hoje será uma noite de comemoração, então? — provoquei, com segundas intenções.

— E todas as noites não são?

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

NÓS DOIS

*Aquilo que se faz por amor está
sempre além do bem e do mal.*

Friedrich Nietzsche

Epilogo I

Meses depois...

VICENTE

Despejei o café forte na caneca em minha mão e me inclinei sobre a bancada da cozinha enquanto observava o exterior da casa. Pensando que o canteiro de flores de que Maitê cuidava precisava ser podado, e a piscina, limpa. Era manhã de domingo, a empregada que contratamos para os cuidados da casa estava de folga, e cabia a mim preparar o café da manhã da minha agora esposa, que continuava a dormir no andar superior como se o sol não estivesse forte o suficiente para incomodá-la.

Ultimamente meus pensamentos pareciam seguir sempre a mesma ordem, Maitê e nossa filha. Nossa filha e Maitê.

Uma sempre puxava a outra. E agora, com a proximidade do nascimento, isso se tornava cada vez mais frequente. Em alguns momentos, eu mal podia acreditar no giro que a minha vida dera nesses últimos meses. Passei tantos anos sofrendo a perda de Maitê, que tinha noites em que eu acordava no meio da madrugada temendo que tudo não passasse de um sonho.

Nesses momentos eu procurava pela mulher ao meu lado, minha mão deslizando sempre em direção ao seu abdômen inchado e redondo. Só assim eu conseguia acalmar a minha respiração e dissipar o medo infundado. As duas garotas da minha vida não eram fruto de um sonho, eram reais.

Sacudi a cabeça, afastando o pensamento para longe, e terminei de tomar a bebida preta na caneca. Maitê não havia voltado a se acostumar com o cheiro, e eu tomava o maior cuidado para não afetá-la. Por isso, antes de subir, eu peguei o chiclete de canela que mantinha sempre ao alcance e o masquei, indo atrás da minha esposa.

Minha esposa.

O impacto que essas palavras ainda me causavam nunca iria diminuir. Nosso casamento, assim como insisti, aconteceu dois meses após o pedido. Maitê e eu nos unimos em frente a um juiz de paz, em uma cerimônia íntima, com menos de

NACIONAIS - ACHERON

vinte convidados e organizada, em sua maior parte, por Serena. Ainda hoje eu conseguia recordar com exatidão o instante em que o juiz nos declarou *marido e mulher*. Foi sem dúvida o dia mais emocionante da minha vida. Até agora, é claro. Porque algo me dizia que quando colocasse os olhos em nossa filha, eu estaria declaradamente perdido.

Hesitei por um instante, antes de entrar no quarto, parando no vão da porta e admirando a mulher linda sobre a cama. Maitê era quase que inteiramente barriga, e nossa filha, ao que parecia, seria alta como o pai. Fascinado e ainda mais apaixonado, eu fiz um esforço descomunal para não ficar excitado com a visão. O que foi praticamente impossível

Cortei a distância ao vê-la se mexer e me juntei a ela na cama. Beijando o seu pescoço enquanto a acordava com um sussurro dizendo o quanto eu a amava. Maitê sorriu, sentindo cócegas, e se aninhou ainda mais. Os olhos cor de mel me fitaram com adoração e eu me vi desejando que nossa filha os herdasse.

— Tem alguém aqui que não me deixa dormir, Vince — ela resmungou, levando a mão até a barriga.

— Amor... você dormiu por dez horas seguidas — eu informei, impressionado por ela ainda estar com sono.

Maitê havia adormecido ainda no carro, quando voltamos da casa do meu pai, na noite passada. A viagem de cerca de meia hora foi feita com ela apagada ao meu lado. Tanto que foi necessário levá-la para a cama em meus braços, quando chegamos.

E, sem coragem de acordá-la, eu a tinha deixado descansar desde então.

— Dez horas? — Ela mesma se assustou. — Você me deixou dormir por todo esse tempo?

— Deixei porque acho que precisa descansar, amor. — Beije a sua testa de leve. — Diminuir o ritmo, agora que estamos na reta final.

Durante a semana, ela e Serena trabalhavam no escritório no andar inferior. Maitê foi teimosa e continuou a pegar projetos nessa última fase de gestação. A diferença era que eles eram menores do que aqueles a que ela estava habituada. Três ou quatro vezes por semana ela ainda se dedicava às suas tardes no abrigo, ao lado de Gabriel, que passou a ser uma constante em nossa vida. Eu reconhecia o bem que ele fazia à minha esposa e era imensamente grato por ele ter entrado na vida dela.

— Eu vou diminuir, prometo. — Ela entrelaçou os dedos em meu pescoço e colou a boca na minha. Distraindo-me como sempre fazia quando eu tocava no assunto. — Agora me diga, marido, o que nós teremos de café da manhã, porque eu e a sua filha estamos famintas.

— Vince... começou de novo! — Maitê gritou da sala, e eu corri até ela. — Começou! Ai, meu Deus, como isso dói!

— Amor... você contou os segundos? — Minha esposa me lançou um olhar furioso, como se eu estivesse dizendo bobagens. O que, veja, não era o caso.

Somente na última semana nós tivemos dois alarmes falsos. E nos dois eu a levei para o hospital, dirigindo feito um louco. Escutando seus gritos de dor, sentindo-os como se fossem em mim mesmo. Apenas para chegar lá e descobrir que ainda não era o momento de a nossa filha vir ao mundo. Depois de ser medicada, Maitê ficava em observação por uma ou duas horas, e nós voltávamos para casa.

Na última vez, o médico pediu que contássemos os

segundos das contrações e o intervalo entre elas, garantindo que isso nos ajudaria a saber quando fosse, realmente, o momento de levar a minha esposa até o hospital.

— Dessa vez eu... acho que é para valer, Vicente — Maitê não falou, gritou.

Seu rosto estava vermelho, e eu teria que ser muito filho da puta para pedir que ela esperasse até a próxima contração para sabermos se era ou não o momento que tanto esperávamos. Rapidamente, eu peguei as suas bolsas, prontas e mantidas no andar de baixo, e a levei para o carro. Acomodando-a no banco da frente e transpassando o cinto em sua cintura estendida. Olhei para ela, que tinha o rosto assustado, e comecei a considerar a ideia de que, talvez, fosse mesmo o nosso momento.

— Vai ficar tudo bem, amor. Respire fundo — pedi, antes de dar a volta no carro e arrancar com ele da garagem. Encontrando um jeito de avisar a todos sobre a chegada da nossa filha pelo caminho.

Tivemos a confirmação assim que chegamos ao hospital e as enfermeiras escutaram os gritos de Maitê, o que me deixou ainda mais nervoso. Não preciso nem dizer que a próxima hora foi uma loucura, não é? Minha esposa foi

NACIONAIS - ACHERON

levada para a sala de parto, comigo a acompanhando, e, a todo instante, ela manteve a sua mão apertada à minha. Como se a possibilidade de que eu me afastasse, mesmo que por um segundo, a deixasse apavorada.

Não me importei em vê-la se apoiando a mim como podia, porque suspeitava que a dor que me causava não chegava a um terço da que ela parecia sentir. Três enfermeiras e um obstetra entraram na sala quando os intervalos diminuíram, e os gritos, se possível, tornaram-se mais altos. Acho que eu nunca os esqueceria, *sério*.

A cada instante ela foi instruída sobre o que deveria fazer: respirar e empurrar, empurrar e respirar. Quando percebeu que o esforço que fazia não estava sendo o bastante, Maitê gritou para o médico que não conseguia, *que ou respirava ou empurrava*. Os dois, juntos, não dava.

Pude ver o sorriso se formar no rosto do médico por baixo da máscara, o que me fez relaxar... parcialmente. Merda! Eu havia participado de todas as consultas, escutado por pelo menos uma dezena de vezes como seria a minha participação, mas nada me preparou para o momento real. Foi apenas quando o choro estridente de nossa filha ecoou no quarto que eu fui capaz de me acalmar. Maitê procurou pelos

meus olhos, querendo a confirmação de que estava tudo bem, e eu assenti, emocionado, incapaz de dizer qualquer coisa. Certo de que os gritos que a minha garotinha dava eram perfeitamente normais.

Com cuidado, as enfermeiras a limpavam, trazendo-a até a gente embrulhada em uma manta aquecida. A pequena foi colocada no colo de Maitê, que não sabia se sorria ou chorava e, por não saber, acabou fazendo os dois.

— Ela é linda e... se parece tanto com você — Maitê comentou, não cabendo em si de tanta felicidade.

Quando a pequena nos foi tirada, um procedimento normal, eu beijei o rosto molhado da minha esposa. Grato pela vida que ela havia acabado de trazer ao mundo. Mas, acima de tudo, grato por me dar a oportunidade de passar por tudo isso ao lado dela.

— Vocês duas já são a minha vida, amor. Obrigado por esse presente — murmurei com a voz embargada. — Eu te amo.

— Para sempre — ela completou, e eu me peguei assentindo.

Sem a menor sombra de dúvidas.

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

NÓS DOIS... E ELA

A vida é maravilhosa se não se tem medo dela.

Charles Chaplin

Epilogo II

Anos depois...

MAITE

Atravessei a piscina com braçadas rápidas e a respiração constante. Tomando fôlego de tempos em tempos. Aos quatro meses de gestação, foi-me aconselhado diminuir o ritmo, a pedido do meu obstetra. Então eu me revezava entre o nado e as caminhadas. Manter meu corpo em movimento era o que me acalmava, quando necessário. Com todos os prazos que o meu trabalho exigia e as horas que eu passava enfurnada no escritório, ao lado de Serena e toda a sua loucura, esses instantes de tranquilidade eram mais do que essenciais.

Deixei a piscina cerca de dez minutos depois e subi rumo ao meu quarto enquanto me secava. Ao me aproximar, eu escutei as vozes das duas pessoas que mais amava nesse

NACIONAIS - ACHERON

mundo, o que me fez espreitar através do feixe da porta. Avistei de imediato o meu marido, gloriosamente estendido sobre a cama, com a nossa pequena Laura sentada em sua barriga. Fazendo umas das coisas prediletas dela: entrelaçar os dedinhos na barba do pai. Perto de completar quatro anos, Laura era o terror dessa casa. Deixava todos nós de cabelo em pé, até mesmo a Branca, a empregada que nos acompanhava já há alguns anos, sofria diante da tagarelice e desordem que a minha filha causava por onde passava.

— Amo a sua *baba*, papai — a voz aguda balbuciou, de maneira carinhosa. Aquecendo o meu coração.

Vicente e Laura tinham esse efeito em mim.

— Barba, Laura — ele a corrigiu, com um sorriso terno no rosto.

Meu marido era louco pela filha e a havia acostumado tão mal que, por vezes, ela só aceitava dormir se tivesse a *baba* dele para afagar.

— Isso, papai. A sua *baba*. — Escutei a risada da Laura quando ele começou a enchê-la de beijos. Esfregando a *baba* em seu pescoço enquanto ela gritava escandalosamente.

Essa era a nossa filha. Exagerada, audível, impossível de

não ser notada. Às vezes, bem às vezes mesmo, Vicente e eu achávamos que ela era mais filha de Serena do que nossa. A personalidade *expansiva* das duas combinava que era uma beleza. Se não fosse o bastante, Laura também era impulsiva e agitada como o pai. O que a tornava uma criança sapeca.

Quando os dois bagunceiros notaram a minha presença, eu fui *forçada* a me aproximar. Tendo meu pequeno canguruzinho de estimação se agarrando em meu pescoço, fugindo da tortura de beijos feita pelo pai.

— Tava na piscina, mamãezinha? — ela perguntou, passando a mão pequena no meu cabelo molhado.

— Sim, amor. E você? Pelo visto pulou da cama hoje, não foi? — Laura balançou a cabecinha empolgada.

— Hoje é dia de vê o vovô! — praticamente gritou enquanto eu e Vicente nos entreolhávamos.

Todo dia para a Laura era dia de ver o vovô dela. Eu sabia que amanhã teria que lidar com a mesma afirmação ou pergunta. O problema era que o dia de visitar Homero era apenas aos domingos, ou, então, quando ele vinha nos visitar no meio da semana. O que acontecia com bastante frequência.

— Ainda não, Laura. Só amanhã.

— Não mamãe, eu *acodei* cedo, então é dia de *vê* ele.

— Laura... — Não tive tempo de discordar, pois fui puxada pelo seu pai, que pelo visto havia acordado com vontade de esfregar a barba *hipster* dele em alguém.

— Não faça a menina ficar triste logo pela manhã, amor. Deixe-a acreditar que hoje é o dia de ver o vovô dela, sim?

— Vicente... da última vez que a deixamos acreditar nisso ela passou o dia arrastando a mochila pela casa. Não é justo.

— Eu não vou arrastar minha mochila, mamãe. — A esperta nos escutou, mesmo que tivéssemos cochichando. — Mas hoje é dia de *vê* o meu vovô! — Ela se jogou nos braços do pai, ainda mais animada. E nenhum de nós teve coragem de dizer que *não*, que não era o dia de ver o bendito vovô dela.

Mais tarde eu telefonaria para o Homero e pediria que ele viesse passar o fim de semana com a gente, isso com certeza a acalmaria.

— Eu vou ligar para o seu pai depois — movi os lábios, sem emitir som.

— Amo você, pequena — respondeu sem se preocupar

que nossa filha o escutasse.

— E eu, papai? Você não me ama mais? — Laura perguntou com a voz manhosa, acostumada a ouvir o mesmo todas as manhãs. Algumas pessoas se enganavam com essa carinha inocente dela, mas seu pai e eu, já não. Laura era travessa, gostava de ser o centro das atenções e conseguia essa proeza naturalmente.

Era impossível olhar para a nossa filha e não ficar encantado. Os olhos, com o mesmo tom castanho amarelados que os meus, eram enormes. Feito duas bolinhas de gude. O cabelo, enrolado, puxando os da minha família, era comprido e também castanho. O sorriso e a altura, no entanto, ela pareceu ter puxado do pai, o que a tornava uma mistura linda e engraçada de nós dois.

O resultado perfeito do nosso amor.

Vicente a puxou para o seu colo, dizendo o quanto amava o *canguruzinho* dele, mas não sem antes roçar a sua boca na minha. Trocamos olhares cúmplices, e eu me peguei questionando se a noite passada e tudo o que fizemos ainda estava em sua mente.

Vicente e eu nos amamos com tanta paixão, que eu ainda

era capaz de sentir a suavidade do seu toque em minha pele. As investidas... os sussurros. Desviei os olhos ao ver que um calor gostoso acendia o meu corpo e encarei a nossa pequena, que não parava de falar no vovô dela e no quanto sentia saudades. Tanta saudade que chegava a doer o seu coração, palavras da minha filha, não minhas.

— Sua mãe e eu veremos o que pode ser feito, Laura. Mas não prometo nada — Vicente negociou, sabendo que, se não desse uma resposta às suas queixas, ela não iria esquecer o assunto.

— Eu te amo, papai! — a espertinha disse, dando como certo que conseguiria ver o seu avô. Laura conhecia as fraquezas do pai, e sabia que ele era incapaz de negar o que fosse quando ela dizia que o amava.

Sorradeira, minha filha pulou da cama e correu para o seu quarto. As chances de que estivesse indo preparar a *tal* da mochila, eram grandes. Eu ainda pedi, pela centésima vez, para que não corresse, e andasse devagar como toda mocinha fazia, mas Laura não me escutou. Ela, dificilmente, escutava.

— A quem essa menina puxou, amor? — Vicente perguntou enquanto seguia os meus passos até o banheiro.

— A mim que não foi, Vince. O *agitado* dessa casa é você. — Fui abraçada por trás, enquanto ele me encarava através do reflexo do espelho à nossa frente, incapaz de esconder o desejo que sentia.

— Nós tivemos sorte, não foi? — Assenti, ciente de que a nossa pequena bagunceira significava tudo para nós dois. Assim como o pequeno Bento, que nem havia nascido, e já era o bebê mais paparicado do mundo. — Eu amo vocês três — meu marido sussurrou ao acariciar a minha barriga sobre o maiô que eu ainda vestia.

— Nós três te amamos mais. — Seus olhos brilharam pelo reflexo e a sua boca se curvou em um sorriso sedutor.

Vicente era um homão, mas um homão com o coração do tamanho do mundo. Nunca me arrependi de ter nos dado outra chance, assim como ele não se arrependeu de lutar pela gente. Pelo amor que nunca morreu. Hoje, quando olhava para trás, tudo o que conseguia sentir era... uma inexplicável serenidade. Algumas vezes ainda me perguntava se foi realmente necessário passar por tudo o que passei, lidar com todas aquelas perdas e decepções, mas já não havia ressentimentos.

Porque cada choro e ferida me trouxeram a esse
NACIONAIS - ACHERON

momento.

O momento em que eu olhava para o homem da minha vida, com a absoluta certeza de que nós fomos feitos para ficar juntos. Que o meu lugar era ao lado dele, o amando e sendo amada. Não foi fácil, não foi brando. Quebrou-me e rasgou antes de valer a pena. *Mas valeu.*

Antes de se afastar, Vicente roçou os lábios na minha nuca, como gostava sempre de fazer, e deu um tapa irritante no meu bumbum, fazendo-me revirar os olhos e apreciar todo ele. Inclusive, as três datas tatuadas em suas costas.

A data que ele me conheceu.

A que nos casamos.

E a que Laura nasceu.

— O próximo será você, meu pequeno — eu disse em um murmúrio, acariciando o meu abdômen inchado enquanto pensava no tanto de amor que carregava comigo.

FIM

PERIGOSAS

NACIONAIS - ACHERON

NOTA

Nunca desista do seu final feliz!

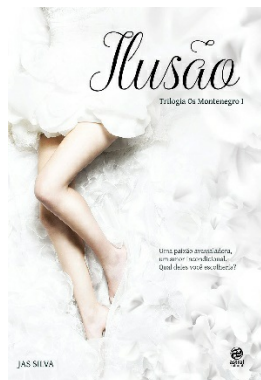
AGRADECIMENTOS

Eu não poderia terminar esse livro sem agradecer a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização desse projeto. Minhas leitoras, e o apoio incondicional que recebo de vocês todos os dias. (Muito) obrigada por embarcarem em minhas histórias.

As minhas amigas, Géssica Fernanda e Juliana Maria. Não sei o que seria de mim sem vocês duas. E claro, a minha agente Livia Martins pelas dicas e conselhos profissionais, e a minha amada revisora Evelyn Santana.

Cada uma de vocês tem um lugarzinho especial no meu coração.

OBRAS DA AUTORA



ILUSÃO

TRILOGIA OS MONTENEGRO I

(Lançado pela Astral Cultural)

[E-BOOK](#) / [FORMATO FÍSICO](#)

Mariana, a caçula da tradicional e rica família Montenegro, é uma jovem obstinada e competitiva que durante anos foi uma das amazonas mais promissoras de Santa Catarina. Até que, por uma reviravolta cruel do destino, ela se viu obrigada por seus irmãos, Marcos e Isadora, a deixar toda a sua vida para trás: seus sonhos, planos para o futuro e até mesmo Henrique, o homem por quem sempre foi apaixonada.

Depois de cinco anos vivendo em Portugal, Mariana fica sabendo que Henrique está noivo da última pessoa que ela poderia imaginar: sua irmã. Após essa descoberta, a jovem decide voltar ao país em uma última tentativa de conquistar o homem que ama e revelar um pequeno segredo.

As coisas, porém, não saem como planejado e ela se vê envolvida em um jogo sórdido de mentiras e escândalos. Mariana é forte, mas

muito impulsiva. Por sorte, ela tem ao seu lado Guilherme, um amigo de infância que sempre fez de tudo para protegê-la.

Traições, segredos desvendados e descobertas inesperadas. Ilusão nos prende do começo ao fim com seus personagens intensos e cenas ardentes.



ACONTECEU VOCÊ

Aconteceu você conta a história de Helena, uma estudante de dezenove anos que se tornou garota de programa para poder fugir do seu passado. Cansada dos abusos e humilhações que passou na infância, ela acabou descobrindo que essa seria a melhor maneira de se distanciar da sua família e sobreviver.

Do outro lado da cidade está David, um advogado bem-sucedido e ambicioso, que, aos trinta e seis anos, está prestes a assumir o controle de um dos maiores escritórios de advocacia de Londres. Orgulhoso, autoritário e arrogante, David não sabe o que é ser contrariado, por isso quando Helena rejeita a sua *estranha* proposta, ele promete não deixar por menos e a chantageia, não lhe deixando outra alternativa a não ser ceder.

E mesmo com a atração explosiva entre eles, os dois irão lutar

arduamente para não se deixar queimar por todo esse fogo e desejo que os envolve.

David e Helena sabem que é um risco insistir e que, no final, um dos dois sairá perdendo. O que eles ainda não sabem é que já é tarde demais para voltar atrás.



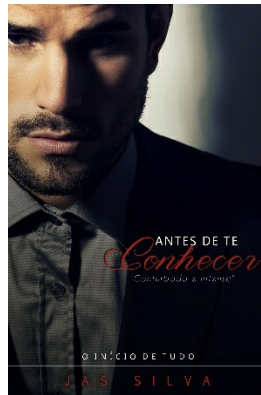
EU PERTENÇO A VOCÊ

Uma noite é o suficiente para fazer Matheus e Jéssica se envolverem em um acordo fadado ao fracasso.

Matheus é um fotógrafo de 27 anos que foge do estereótipo de CEO poderoso. Porém, não pode negar que é um mulherengo. Dono de um estúdio fotográfico, ele está acostumado a sair com as mais belas modelos e não vê o menor problema nisso. Só que depois de uma única noite com Jéssica, seu controle e suas regras são jogados para o alto e uma paixão avassaladora surge. Matheus se vê envolvido pela baixinha teimosa que, por sinal, é sua assistente recém-contratada.

Jéssica é uma garota independente, divertida e muito talentosa. Após sofrer uma grande decepção amorosa, ela decide que está na hora de seguir em frente, mas não esperava terminar a noite na cama do próprio chefe...

Será que Jéssica abrirá seu coração para um novo amor? E Matheus, por trás do seu jeito conquistador, mostrará que pode se tornar um homem apaixonado, intenso e disposto a tudo para proteger a mulher que ama?



ANTES DE TE CONHECER

Conturbado e intenso...

Antes de te conhecer é um conto sob a perspectiva de David Hudhman, que revela todos os detalhes mais sombrios do momento em que ele conheceu e seduziu Amanda, sua primeira esposa — e ex-namorada do seu primo Eduardo Hudhman.

Esse é um pequeno presente para aqueles que leram o livro Aconteceu Você e que sempre tiveram curiosidade de saber como a rivalidade entre os dois primos começou, e até mesmo, conhecer um pouco mais a respeito da mulher que fez nosso mocinho-vilão se apaixonar pela primeira vez.

PERIGOSAS



DUOLOGIA IMPRUDENTE

[Sem Limites](#) / [Sem Controle](#)

NACIONAIS - ACHERON

JAS SILVA

Capricorniana, viciada em livros e séries.

Apaixonada pelo que faz!

Entre em contato com a autora

jassilva.escritora@gmail.com

Gostou do livro?

Compartilhe o seu comentário nas redes sociais e na **Amazon**,
indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Notas

[←1]

Empreendimento Moraes Construtora

PERIGOSAS

[←2]

Avenida da cidade de São Paulo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

[←3]
DRE

NACIONAIS - ACHERON

[←4]

*Esta é a minha voz / Esse é o meu sermão / Me dê seu coração / Dê-me a sua dor / Dê-me sua carga / Pois eu posso tomar qualquer coisa que você me der / Perdoar tudo que você fez / Estas são as minhas palavras / Esta é a minha voz / Esse é o meu sermão. **Música: Sermon.***

[←5]

Eu tenho perdido minha religião / Criando problemas para mim / E
estas noites estão ficando mais longas / Você sabe que eu só preciso
de sua ajuda / Eu continuo correndo por você, baby / E isso está me
comendo vivo / Eu vou estar morrendo por você, baby / Até que
você me traga de volta à vida.